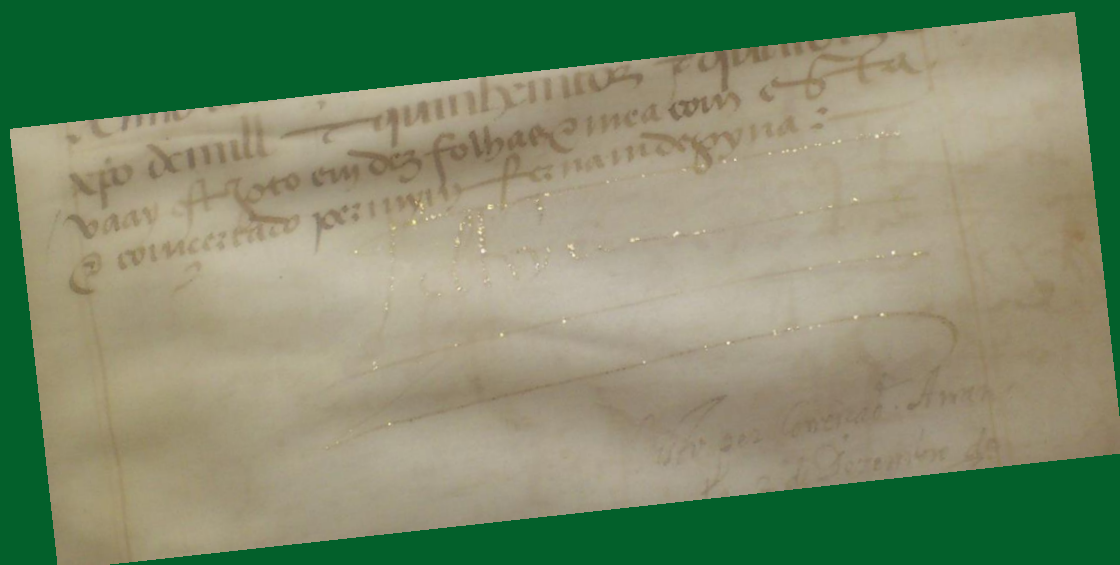




FRAGMENTA HISTORICA 2

REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



FICHA TÉCNICA

Título

Fragmenta Historica – História, Paleografia e Diplomática

ISSN

1647-6344

Editor

Centro de Estudos Históricos

(financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia)

Director

João José Alves Dias

Conselho Editorial

João Costa: Licenciado em História pela FCSH/NOVA. Mestre em História Medieval pela FCSH/NOVA. Doutorando em História Medieval na FCSH/NOVA

José Jorge Gonçalves: Licenciado em História pela FCSH-NOVA. Mestre em História Moderna pela FCSH/NOVA. Doutor em História Moderna pela FCSH/NOVA

Pedro Pinto: Licenciado em História pela FCSH/NOVA

Conselho Científico

Fernando Augusto de Figueiredo (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Gerhard Sailler (Diplomatische Akademie Wien)

Helga Maria Jüsten (CEH-NOVA)

Helmut Siepmann (U. Köln)

Iria Vicente Gonçalves (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

João José Alves Dias (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Jorge Pereira de Sampaio (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

José Jorge Gonçalves (CEH-NOVA; CHAM – FCSH/NOVA-UAç)

Julián Martín Abad (Biblioteca Nacional de España)

Maria Ângela Godinho Vieira Rocha Beirante (CEH-NOVA)

Maria de Fátima Mendes Vieira Botão Salvador (CEH-NOVA; IEM – FCSH/NOVA)

Design Gráfico

João Carlos Timóteo

Índices

João Costa

Imagem de capa

Assinatura régia autógrafa de D. Manuel I, Foral de Vouga, Lisboa, [Colecção Particular], 1514.03.18.



SUMÁRIO

Imagem da capa: A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o Rei, p. 7

João Alves Dias

ESTUDOS

Algumas Achegas sobre o Material Tipográfico da Oficina de Germão Galharde e de sua Viúva (1519-1565), p. 11

Helga Jüsten

Património, Casa e Patrocínio: Uma Aproximação ao Senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534), p. 39

Hélder Carvalhal

MONUMENTA HISTORICA

Carlos Silva Moura, João Costa, José Jorge Gonçalves, Nunziatella Alessandrini, Pedro Pinto, Roger Lee de Jesus, Tiago Machado de Castro

Escambo de uma casa na Rua das Alcáçovas em Évora por uma vinha em Xarrama (1307), p. 69

Venda de um quarto de casas junto à Alcáçova de Évora (1312), p. 71

Treslado em pública-forma de um contrato de aforamento de um pardieiro na cidade de Évora feito por João César e Constança Vasques a Domingos Bueiro e Constança Eanes (1322|1376), p. 73

Pública-forma de carta régia de D. Afonso IV sobre o cumprimento de uma verba do testamento de D. Dinis (1336), p. 77

Testamento de Vasco Afonso, morador em Évora (1346), p. 81

LISBOA

2014

Emprazamento de pardieiro em Évora a Mestre João, físico de Córdoba (1374), p. 85

Instrumento de tomada de posse de Estêvão Vasques de Góis da Quintã de Pedra Alçada, Monsaraz (1375), p. 87

Instrumento público de partilha dos bens de João Tomé (1383), p. 91

Partilha de herança de Nicolau Joanes, de Évora (1385), p. 95

Aforamento de vinhas no Calhariz (Lisboa, 1390), p. 97

Venda de herdade em Redondo (1397), p. 99

Encampação de vinha no Calhariz de Lisboa a João Eanes, pedreiro e mestre das obras do concelho (1405), p. 101

Encampação de pardieiro no Redondo pertencente a Leonor Gonçalves da Silveira (1414), p. 105

Venda de uma herdade em Évora-Monte (1423), p. 107

Sentença de D. Afonso V num pleito entre o Cabido da Igreja de Santa Maria de Guimarães e Fernão Vasques da Cunha (1438), p. 109

Inventário de todos os bens móveis e de raiz pertencentes à igreja de Nossa Senhora, matriz da vila de Góis (1552), p. 117

Certidão da artilharia das fortalezas do Estado da Índia (1553), p. 129

Tombo de capelas instituídas na vila de Castelo Branco e seu termo (s.d.), p. 139

Testamento de Bartolomeu Ginori, homem de negócios em Lisboa e provedor da irmandade da igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa (1723), p. 151

Relação do Forte Real de S. Filipe na Ilha de Santiago, Cabo Verde (1750), p. 159

ÍNDICES

Índice cronológico dos documentos publicados neste número, p. 174

Índice antroponímico e toponímico deste número, p. 175

EDITORIAL

Por vezes os *milagres* acontecem! Por isso podem ser classificadas de *milagres* as surpresas extraordinárias e agradáveis que a vida vai proporcionando, depois de se perderem as esperanças. Como pode um texto impresso revelar-se como inédito se já era édito desde que fora publicado? Existem muitos preconceitos na História. Alguns historiadores defendem que só os documentos manuscritos e que ainda se conservam inéditos podem revelar factos inteiramente desconhecidos ao Homem hodierno. Entendem que o manuscrito revela uma comunicação pessoal (que nem sempre é escrita para um destinatário – caso de um diário) e por isso até uma simples carta enviada a outro, embora passe a ser propriedade do destinatário, não pode ser divulgada sem autorização do signatário, nem o seu autor (a quem pertence a *propriedade intelectual*) a pode divulgar sem a autorização do destinatário.

Todo o interessado conhece a *estória de muy noble Vespasiano emperador de Roma* (um dos raros livros impressos em Lisboa no ano de 1496) e as vicissitudes por que a edição passou por, aparentemente, só ter sobrevivido um exemplar e mesmo esse se encontrar incompleto, dado lhe faltarem os primeiros três fólhos. O texto e a história são conhecidos a partir de outras fontes. O que se tinha como desconhecido, e por isso inédito, eram as gravuras que acompanhavam os dois primeiros capítulos e possivelmente a portada. Na época todos os interessados as viram mas depressa passaram para o mundo do desconhecimento.

Uma investigadora do Centro de Estudos Históricos olhou *com um outro olhar* – para um outro livro, também não inédito *Cronica llamada el triumpho de los nueve preciados da la fama* (Lisboa, Germão Galharde, 1530) – e viu o que os outros até então não tinham identificado: uma das gravuras perdidas (e que se julgavam desconhecidas para sempre) daquelas duas ou três que faltavam na obra impressa mais de três décadas antes. Parafraseando Lavoisier: *nada se perde tudo se transforma!*

O outro milagre é a continuação da *Fragmenta Historica*. O Conselho Editorial recebeu vários artigos mas nem de todos foi possível fazer a edição. Recorde-se que *Fragmenta Historica* não é apenas mais uma revista de divulgação de trabalhos de História. Como diz o Editorial do primeiro número: *a sua base para os seus estudos é (e procuraremos que seja sempre a constante do futuro) o documento: puro, duro, sólido e concreto*. Os textos em língua estrangeira encontram-se limitados a investigadores para quem a língua portuguesa não seja a sua língua materna e oficial e, mesmo esses, têm forçosamente de ter como base o documento. Depois disso, todos os artigos são sujeitos a arbitragem científica externa – e isto é uma injustiça para com os três jovens que constituem o Conselho Editorial pois, eticamente, encontram-se impedidos de escrever artigos para uma revista onde seriam eles próprios a escolher a equipa da arbitragem. Assim, a sua colaboração, como a do Diretor da Revista, está *limitada* à divulgação de documentos, ao editorial, à escolha do documento que ilustre a capa e à sua explicação e, tarefa difícil mas fundamental e importante: a elaboração de um índice analítico. Mas são uma equipa que sabe conjugar Fraternidade, porque acreditam na História e no Homem.

João Alves Dias

IMAGEM DA CAPA

A assinatura régia: a tinta-ouro escreve o Rei

João José Alves Dias

Quase tudo já foi dito, redito e glosado (por vezes com erros grosseiros) quando se fala e escreve sobre a reforma dos forais que Fernão de Pina coordenou e produziu seguindo as diretivas dos reis a que serviu: D. João II e D. Manuel.

Analisada a documentação que sustentava a cobrança dos direitos reais¹ em cada unidade administrativa² independente³, Fernão de Pina propunha uma redação final de tudo quanto tinha sido apurado e – após a concordância do Chanceler Rui Boto – produziam-se dois documentos⁴ que eram

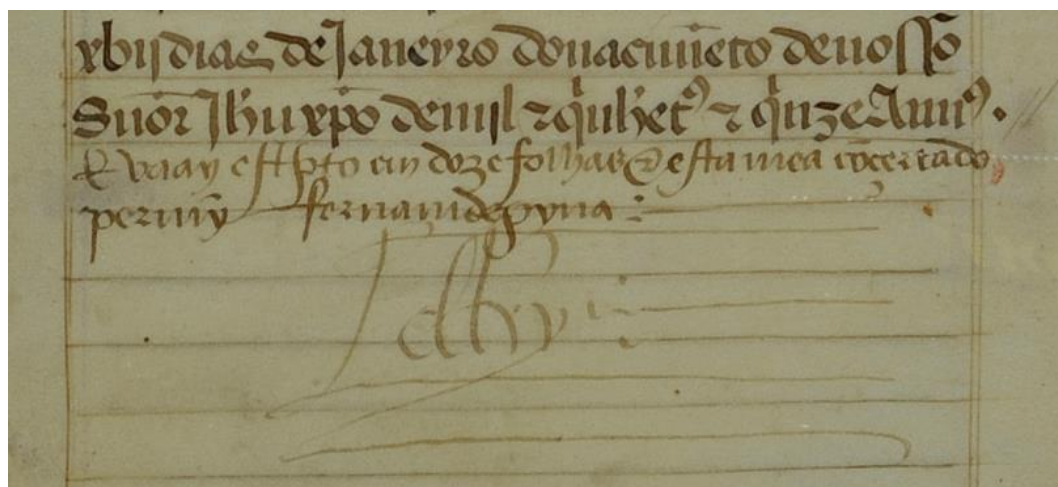
¹ A documentação tinha origem diferenciada: nuns casos, os forais dados até ao século XIV (alguns hoje desconhecidos); em outros, os foros – usos e costumes – estabelecidos e aceites pelo município (que por vezes se foram modificando e que nem sempre subsistiram); noutros, ainda, a documentação base foi produzida com a realização de inquéritos, de sentenças, de tombo e de contratos notariais produzidos entre os vizinhos de cada núcleo administrativo.

² As delimitações das unidades administrativas poderiam variar, embora em escala diminuta, e ter ou não independência territorial (separando-se, juntando-se ou autonomizando-se) em função das diferentes jurisdições: fiscais, administrativas, judiciais e até senhoriais. Os mapas não se sobrepõem conforme muitas vezes se tem dito, escrito e representado – tenha-se como exemplo a *terra* do Ribatejo no termo de Palmela (João José Alves Dias, *O Foral de Aldeia Galega de 1514*, Montijo, Câmara Municipal, 2014). Lembrem-se as variações registadas no preâmbulo (*protocolo*) da documentação aquando do endereço (*inscriptio*) na documentação (com origem diferente) enviada a uma mesma unidade administrativa.

³ Em função das diferentes Contadorias do Reino, porque era de direitos fiscais que se tratava. Por isso existirem “concelhos”, “vilas” ou outras unidades (com diferentes designações) que aparentemente não foram contemplados com forais. Luís Fernando de Carvalho Dias, no fim de cada um dos cinco volumes que publicou com o registo – ou memória – que a Torre do Tombo guardou da produção dos forais, chama a atenção para os “concelhos” existentes entre 1527-1532, que não têm o seu foral registado (o que não quer dizer que em um ou outro caso não tenha existido e que, por razões que hoje nos escapam ainda, tão somente não tivesse sido copiado no registo). Na maioria das vezes, a administração dos Direitos Reais – recorde-se mais uma vez que é disso que tratam os forais quinhentistas – dessas unidades, que aparentemente escaparam, não se colocava por terem espaços «em comum» com outra, ou outras, unidades territoriais.

⁴ Ao contrário, também, do que se tem dito e redito – e ao arrepio do que a documentação aparentemente possa induzir – não foram produzidos três forais idênticos (de um mesmo teor e aparência). Foram, sim, feitos, no máximo, três

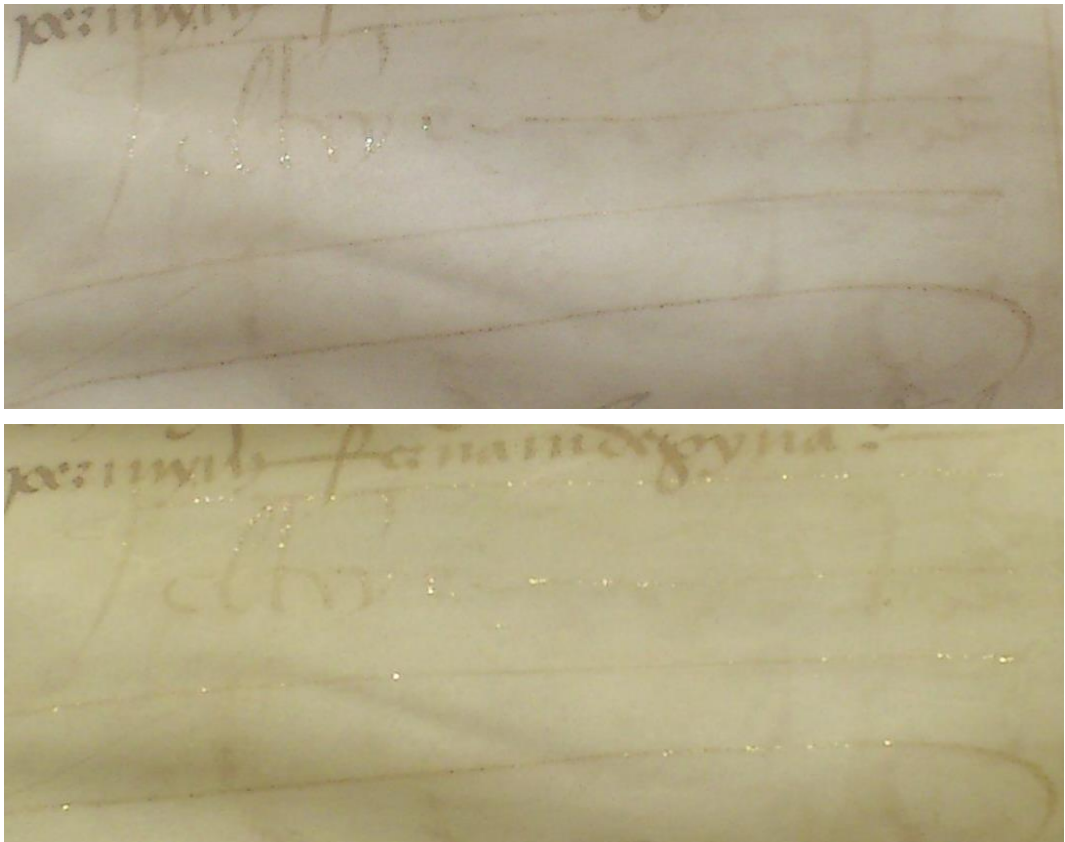
apresentados na Chancelaria Régia que os selava, validava e ao mesmo tempo fazia com que recebessem o sinal régio de autenticação⁵. Só depois desta confirmação régia é que Fernão de Pina autografava o auto de encerramento do foral. Antes esse auto ficava em aberto porque caso houvesse emendas ou acrescentos de última hora estes poderiam ser adicionados, mesmo depois da data. Se o Rei não tivesse deixado em branco um espaço suficiente para as duas ou três linhas do autógrafo de encerramento, Fernão de Pina não se coibia de o escrever no lugar certo mesmo que com isso tivesse de escrever e de assinar sobre a assinatura régia (recorde-se, entre muitos casos, o do foral assinado a 15.1.1515 para as vilas de Alcochete e Aldeia Galega).



Um dia, olhando num ângulo em que se via a luz solar rasante à assinatura régia que autenticava um foral, reparámos que a assinatura produzia reflexos desse mesmo raio, “ganhando” luz. Testado com mais uns quantos, foi com alegria que confirmámos que pelo menos os originais dos forais produzidos nos anos de catorze e quinze do século de quinhentos apresentavam todos – desde que não tivessem sido mal restaurados – os mesmos reflexos. O ouro tinha sido a substância metálica usada – na produção da tinta com que o monarca assinava – para dar à goma a fluidez e consistência necessárias.

documentos, ou melhor três versões ou formas do foral: uma, para a unidade administrativa; outra, para o senhor dos direitos reais (donatário); e uma terceira, que ficava na Coroa, como sede da administração central nos seus vários ramos (no caso presente a Fazenda e Contadoria) destinada à resolução de conflitos. Mas, no que respeita às unidades administrativas em que os direitos reais fossem exclusivamente régios só se produziam duas formas dessa documentação, uma para o «concelho» e outra para a Coroa. Mas (e existe sempre mais um mas, quer na História, quer nas *estórias*), em qualquer dos casos, a forma física do foral (aparência final e diplomática) que ficava para a Coroa não era idêntica à que era entregue à administração local e ao donatário; e, por vezes, poderia ainda haver diferenças, no que ao seu programa decorativo diz respeito, entre o foral do donatário e o da unidade administrativa. Existem, ainda, formas aparentes de forais coletivos, comuns a várias unidades administrativas, que apenas o foram na forma do donatário e coroa e que foram individualizados quando entregues ao local a que respeitavam. [Estamos, em conjunto com Pedro Pinto, a organizar um volume com toda a diplomática dos forais].

⁵ Face à doutrina exposta na nota anterior, muitas vezes, só existiu, de um mesmo foral, um exemplar completo dotado de assinatura régia.



A mesma assinatura régia com diferentes ângulos de incidência de raio solar.

A assinatura – sinal régio – que acompanha os forais originais é um autógrafo escrito pelo monarca, com uma tinta composta de ouro... A escrita apresenta-se-nos clara, como se de um fio de ouro se tratasse e, por isso, pouco se realça no pergaminho hoje amarelecido pelo consumo do tempo. Mas ao Sol o ouro ainda reluz!

Fontes

Foral de Alcochete e de Aldeia Galega do Ribatejo, 1515, Lisboa, Janeiro, 17 (Alcochete, Museu Municipal de Alcochete, Pergaminho 319).

Foral de Vouga, 1514, Lisboa, Março, 18 (Lisboa, [Coleção Particular]).

ALGUMAS ACHEGAS SOBRE O MATERIAL TIPOGRÁFICO DA OFICINA DE GERMÃO GALHARDE E DE SUA VIÚVA

(1519-1565)

Helga Jüsten

CEH – NOV

Resumo

O presente artigo pretende dar conta de uma investigação em curso sobre a oficina do impressor Germão Galharde.

Com base no seu material tipográfico usado entre 1519 a 1565, ou herdado dos seus antecessores Valentim Fernandes, João Pedro de Bonhomini, tem sido possível, por um lado, atestar a continuidade e longevidade dos tipos, das iniciais, das tarjas e das gravuras, como, por outro, demonstrar a inovação própria do impressor francês.

A base de dados do material tipográfico da oficina de Germão Galharde, em construção, tem permitido atribuir impressos *sine notis*, de que escolhemos dois casos porventura mais representativos de novos impressos que passaram a integrar a sua produção, em seu nome e de sua viúva.

Com efeito, sublinha-se a necessidade de haver um *corpus* documental digitalizado como ferramenta auxiliar na observação presencial, na análise e na descrição das espécies.

Palavras-chave

Germão Galharde, 1519-1565, Material Tipográfico, Tipografia Portuguesa, Impressos *sine notis*, *Corpus* documental

Abstract

The present article intends to summarize an ongoing research about the printing office of Germão Galharde.

Based on his printing material used between 1519 and 1565, inherited by the predecessors Valentim Fernandes, João Pedro de Bonhomini and Hermão de Campos, it has been possible, on one side, to prove the continuity and long life of the type, initials, borders and woodcuts, as well as to demonstrate the innovation of the french printer.

The data-base of the printing material used by Germão Galharde, being in progress, served to ascribe *sine notis* imprints, of which we choosed two representative editions that will integrate his production, printed in his own name or his widow.

The intention was, indeed, to stress the need of a digitized documentary *corpus* in order to serve as an auxiliary instrument during the observation, *in loco*, the analysis and the description of imprints.

Keywords

Germão Galharde, 1519-1565, Printing Material, Portuguese Typography, *sine notis* imprints, Documentary *corpus*

Artigo recebido em: 09.09.2014 | Artigo aceite para publicação em: 21.11.2014

No vasto universo de investigação sobre a História do Livro, em que diversas áreas de especialização se costumam cruzar, convém situar o que se pretende abordar nestas acheegas, sempre provisórias, sobre uma das oficinas tipográficas portuguesas em funcionamento entre 1519 e 1565.

A ausência de novos dados biográficos sobre o impressor Germão Galharde, francês, inviabiliza, por enquanto e à semelhança do que sucede com os seus predecessores no ofício, contributos inovadores que pudessem desenvolver informações anteriores relativas aos primeiros tipógrafos activos em Portugal⁶.

⁶ Numa perspectiva cronológica seguem algumas referências sobre os estudiosos da História do Livro e de bibliógrafos que, entre outros, se debruçaram sobre os primeiros impressores portugueses:

António Ribeiro dos Santos, “Memória sobre as Origens da Typographia em Portugal no Século XV”, in *Memórias de Litteratura Portuguesa*, Tomo VIII, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1856, 2ª ed.,.

Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e chronologica na qual se comprehende a notícia dos authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente* 4 vols., Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967, 3.ª ed.,.

Tito de Noronha, *A imprensa portuguesa durante o século XVI*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1874.

Venâncio Deslandes, *Documentos para a História da Tipografia Portuguesa nos Séculos XVI e XVII*, edição fac-similada, introdução de Artur Anselmo, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

J. J. Gomes de Brito, *Notícia de Livreiros e Impressores em Lisboa na 2ª Metade do Século XVI*, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, 1911.

Sousa Viterbo, *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.

António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, Lisboa, Bibliotheca Nacional, 1926.

José V. de Pina Martins, “Um opúsculo de medicina desconhecido pelos bibliógrafos: *Modus curandi cum balsamo*”, in *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 2ª série, vol. 2, nº 2, 1987, pp. 15-25.

Artur Anselmo, *Origens da Imprensa em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.

João José Alves Dias, *No Quinto Centenário da Vita Christi*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

Com efeito, e na sequência do nosso trabalho anterior⁷, optamos por seguir o percurso do impressor, desde o seu início até à década de 60 do século XVI, centrado nas obras que nos legou.

Deste modo, reunimos a área da bibliografia, com uma descrição detalhada dos impressos e das suas variantes, a tipografia, analisando o material tipográfico usado nas edições saídas de cada oficina, designando como **notícia tipobibliográfica** o resultado de cada espécie observada. O objectivo último, ou porventura o “último fim do homem”, centra-se na vontade de disponibilizar, em simultâneo, as descrições tipobibliográficas e um *corpus* documental digitalizado do material tipográfico usado, desde o início da tipografia portuguesa. Pretende-se, portanto, que o acervo em elaboração permita, numa sequência cronológica, analisar e comparar a “vida útil” dos tipos, das iniciais e restante iconografia dos impressos portugueses.⁸

Para este trabalho escolhemos alguns exemplos representativos de um fundo de investigação em curso, demonstrando curiosidades e evidenciando a utilidade de imagens digitalizadas do material tipográfico quando inseridas numa série cronológica.

Partindo, pois, do *corpus* documental publicado anteriormente, é possível atestar a herança tipográfica que os antecessores, designadamente Valentim Fernandes, mas também João Pedro de Bonhomini e Hermão de Campos, passaram para a oficina de Germão Galharde, que iniciou a sua actividade em 1519, seguramente com a edição firmada de o *Tratado d’Arismetica*, impressa em Lisboa.

⁷ Helga Maria Jüsten, *Incunábulo e Post-Incunábulo Portugueses, (ca. 1488-1518)*, (*Em Redor do Material Tipográfico dos Impressos Portugueses*), Lisboa, Centro de Estudos Históricos, Universidade Nova de Lisboa, 2009.

⁸ Como parênteses, serve para esclarecer que sempre excluímos do nosso objecto de investigação a imprensa em hebraico pelo facto de não dominarmos a língua, o que, por si só, inviabiliza o acesso à essência, i.e., à leitura dos textos a descrever.

1. – Descobertas – ou curiosidades – do parque gráfico anterior e que passou para a oficina de Germão Galharde e de sua viúva

1.a) [*Estoria do muy nobre Vespasiano imperador de Roma*], Lisboa, Valentim Fernandes, 1496

Quando analisámos, há quase uma década, os impressos de Valentim Fernandes, reparámos em dois aspectos que se gravaram na memória. O primeiro prende-se com o facto de faltarem os fólhos a_1 - a_3 ao único exemplar conhecido da edição da [*Estoria do muy nobre Vespasiano imperador de Roma*], Lisboa, Valentim Fernandes, 20.4.1496, (cf. Jüsten, 16).⁹ Sublinha-se que a experiência e o contacto com o livro antigo ensinam que fólhos iniciais são arrancados com frequência, nomeadamente quando apresentam gravuras, o que poderia ter acontecido à edição em apreço. Mas, até há bem pouco tempo, a possibilidade de encontrar outro impresso que usasse a série de 20 gravuras (cf. JAD. G. 10-29)¹⁰, introduzida por Valentim Fernandes em 1496, era apenas uma hipótese sem confirmação à vista, dado que a edição sobreviveu apenas como exemplar único à guarda da BNP. No entanto, as “alegrias” do bibliógrafo, como dizia Antonio Odriozola¹¹, embora pouco frequentes, representam momentos de estímulo e partilha intelectual. Com efeito, fica registada a descoberta de mais uma gravura da série acima mencionada e que, pela figura do Imperador em majestade, representando provavelmente Vespasiano, poderia ter constado da portada da edição de 1496, impressa por Valentim Fernandes.



Cronica llamada el triunfo de los nueve preciados de la fama (...), Lisboa, Germão Galharde, 1530,

4º Libro, folio lvi, recto [cópia digital do exemplar da BNP, Res. 3736 V; purl.pt. 14549]

Portanto, passados 34 anos, a gravura do Vespasiano em falta surge, então, na edição da *Cronica llamada el triunfo de los nueve preciados de la fama (...)*, impressa em Lisboa, por Germão Galharde em 26.6.1530. Com medidas [66 x 98 mm] idênticas às restantes gravuras da série inicial, a recém-descoberta junta-se, nesta Crónica e como se pode ver pelas imagens seguintes, às “irmãs” que, por herança, passaram a integrar, com o fim da actividade firmada pelos impressores Valentim Fernandes, João Pedro de Bonhomini e Hermão de Campos, o fundo iconográfico da oficina de Germão Galharde e de sua viúva.



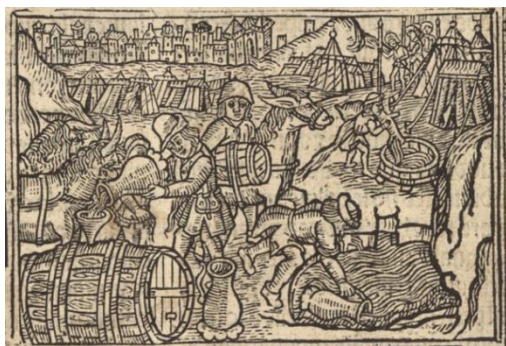
JAD, G. 20 »

Cronica llamada el triunfo de los nueve preciados de la fama (...), Lisboa, Germão Galharde, 1530,

⁹ Helga Maria Jüsten, *Incunábulo (...)*, pp. 183-186, 488-491.

¹⁰ João José Alves Dias, *No Quinto Centenário*, [pp. 110-116] e confrontar também Artur Anselmo, *História da Edição em Portugal. I. Das Origens até 1536*, Porto, Lello & Irmão, 1991, p. 169.

¹¹ Antonio Odriozola Pietas, “Alegrias y tristezas de la investigación sobre impresiones españolas de los siglos XV e XVI”, Separata de *Homenaje a Pedro Sainz Rodríguez*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1986, pp. 67-91.



JAD, G. 18 »

Cronica llamada el triumpho de los nueve preciados de la fama (...), Lisboa, Germão Galharde, 1530,

6º Libro, folio cxlviii, recto [cópia digital do exemplar da BNP, Res. 3736 V; purl.pt. 14549]

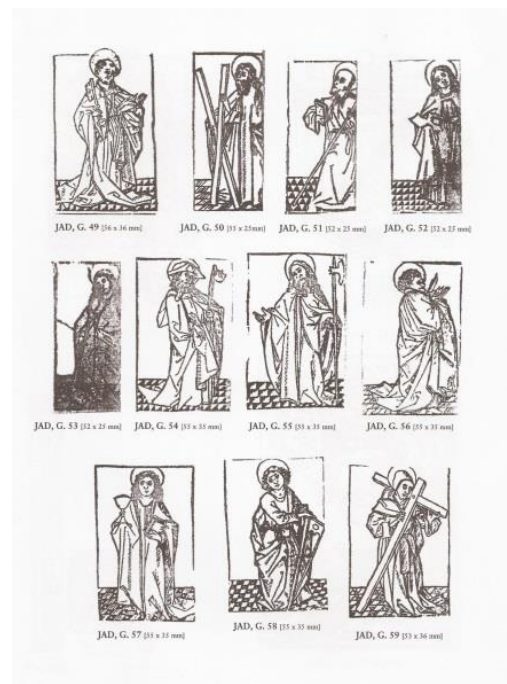
1.b) *O compromisso da confraria de Misericordia*, Lisboa, [Valentim Fernandes e Hermão de Campos], 20.12.1516

O segundo caso, motivo de uma perplexidade quase inexplicável durante muito tempo, prende-se com o facto de a edição de *O compromisso da confraria de Misericordia*, Lisboa, Valentim Fernandes e Hermão de Campos, 1516, (Jüsten, 35)¹² apresentar, no fl. 4r, as gravuras JAD, G.49 - G.59, i.e., as imagens de apenas 11 apóstolos. Na identificação dos apóstolos, e pelos símbolos normalmente atribuídos¹³, faltava a figura do apóstolo S. Filipe, segurando o báculo com a cruz e, na outra mão, um livro.

A ausência da 12ª imagem representando S. Filipe, numa edição de Valentim Fernandes e Hermão de Campos, de 1516, não era fácil de explicar, a não ser por qualquer incidente durante o processo de impressão. Aliás, contra a vontade dos investigadores que gostariam de ter um acesso documentado e pormenorizado ao universo da composição e impressão, acontecimentos estranhos continuam a esconder-se nesse “vasto mundo” do

funcionamento das primeiras oficinas tipográficas em Portugal.

Por isso, cabe-nos a grata tarefa de comunicar que a gravura do 12º apóstolo, ou seja, o apóstolo S. Filipe, afinal existia.



[cf. João José Alves Dias, *No Quinto Centenário da Vita Christi*, Lisboa,

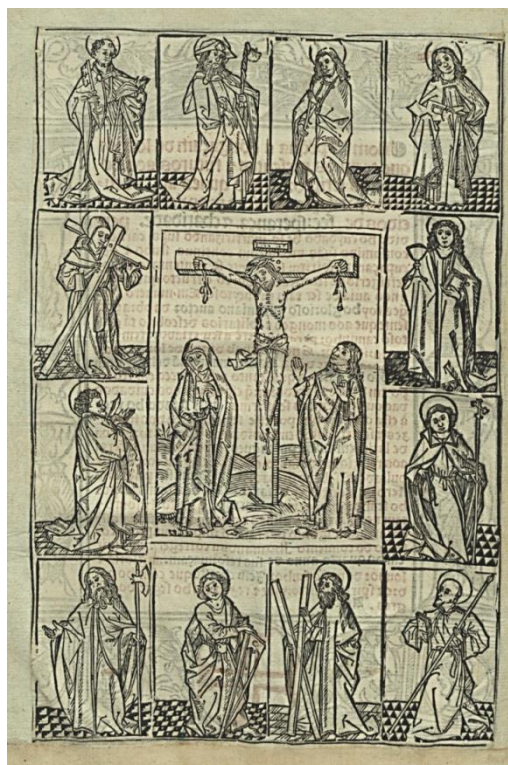
Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995, (p. 123-124)]

Com efeito, a gravura de S. Filipe surge, pela primeira vez, na edição da obra de Lourenço Iustianiano, [*Ho liuro da regra e perfeiçam da conversaçam dos monges*], Coimbra, Germão Galharde, 28.4.1531, aproximando-se das medidas [55 x 38 mm] quando comparadas com os restantes blocos de madeira, em boas condições de conservação, i.e.: JAD, G.49,54-59. Para além da dimensão do bloco de madeira, o desenho do chão da recém-descoberta gravura de S. Filipe é comparável à gravura JAD, G. 52. Neste impresso de Germão Galharde da obra de Lourenço Iustianiano, [*Ho liuro da regra e perfeiçam da conversaçam dos monges*], realizado em Coimbra, aos 28.4.1531, os 12 apóstolos enquadram-se, na perfeição, à volta

¹² Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)* pp. 255-259, 494 e João José Alves Dias, *No Quinto Centenário*, [pp. 123-124].

¹³ Otto Wimmer, *Kennzeichen und Attribute der Heiligen*, Innsbruck-Wien, Tyrolia-Verlag, 1983, pp. 13-14 e Klementine Lipfert, *Symbol-Fibel*, Kassel, Johannes Stauda-Verlag, 1956, p. 84.

de uma gravura do Calvário (cf. HMJ, G. 77)¹⁴, proveniente da oficina de João Pedro de Bonhomini e usada na impressão de *Este he o liuro e legenda dos santos martires*, Lisboa, João Pedro de Bonhomini, 17.8.1513.

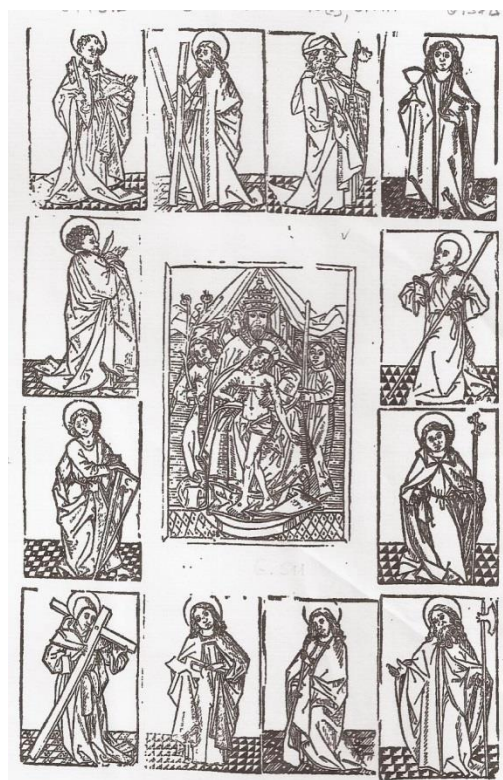


Loureno Iustiniano, [*Ho liuro da regra e perfeiçam da conversaçam dos monges*],

Coimbra, Germão Galharde, 28.4.1531, fl. 1v;

[BNP, Res. 166 A, purl.pt 16678]

Posteriormente, o mesmo conjunto de 12 apóstolos aparece ainda, embora com uma disposição diferente, na edição dos *Statutos e Constituicoes [sic] dos virtuosos e reuerendos padres Conegos azuys*, Lisboa, Germão Galharde, 25.8.1540.



Statutos e Constituicoes [sic] dos virtuosos e reuerendos padres Conegos azuys,

Lisboa, Germão Galharde, 25.8.1540,

fl. 4v; [BNP, Res. 106 A]

2. – O acervo gráfico – ou uma base de dados de imagens digitalizadas – uma ferramenta para a identificação de impressos *sine notis*

Um percurso por diversas obras de referência na descrição bibliográfica das espécies, sempre concentrado na tipografia portuguesa, e tanto no que se refere a coleções públicas como privadas, reflecte a preocupação em transmitir pormenores de cada exemplar, quando observado presencialmente. Assim, a metodologia adoptada por parte de bibliógrafos experientes, dedicados e pacientes, tem por objectivo identificar e individualizar o respectivo impresso – ou distingui-lo – quando comparado, ou comparável, com outras espécies em bibliotecas distantes.

Não restam dúvidas de que o apuramento na descrição gráfica dos impressos evoluiu com o

¹⁴ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, pp. 274-277, 501.

próprio aperfeiçoamento da análise bibliográfica, designadamente na segunda metade do século XX e numa área de investigação dedicada à tipobibliografia¹⁵.

Contudo, e apesar do esforço na descrição do material tipográfico das espécies observadas, o resultado da representação “visual” do respectivo impresso surge sempre de forma subjectiva, quer pela qualidade da formulação quer pelos pormenores seleccionados. Com efeito, a hipótese de transmissão objectiva do conjunto da memória visual acumulada ao longo da vida, por diferentes bibliógrafos, é, afinal, uma miragem se comparada com a riqueza que se perdeu, definitivamente, nos “túmulos dos bibliógrafos”, com prejuízos enormes para a investigação, se atentarmos na acumulação de saberes e na memória individual de pormenores que não se transmitiu aos vindouros.

Embora com as devidas cautelas relativamente à consulta digital dos impressos, disponibilizados electronicamente, é forçoso reconhecer que a consulta de imagens – em tempo real – contribuiu significativamente para uma investigação mais documentada do livro antigo. Sem substituir, de todo, a consulta presencial dos exemplares, uma base digital de impressos permite, contudo, voltar a ver e aferir pormenores que, numa primeira consulta ao vivo, escaparam à atenção do investigador, por motivos vários de carácter subjectivo da consulta.

Dito isto, e tendo em atenção o primeiro estudo em que procurámos transmitir um *corpus* documental restrito à primeira ocorrência do material tipográfico, sem atender à sua evolução

ao longo da sua vida útil na mesma oficina, entendemos que, nesta segunda fase de investigação, seria necessário documentar o conjunto do acervo gráfico que, ao longo do presente trabalho sobre a oficina de Germão Galharde, se nos gravou na memória visual. Trata-se, porventura, de um imperativo ético na transmissão, às futuras gerações de investigadores, de um manancial de imagens que, objectivamente e sem imodéstia, leva anos a construir de forma fidedigna e inteligível.

Apesar de a metodologia da análise bibliográfica definir regras para a observação das espécies, sucede que ela não anula a margem de subjectividade na descrição dos impressos, aconselhando-se o confronto com a realidade objectiva da imagem representada e, de preferência, digitalizada. Daí a necessidade de uma base de dados de acervos gráficos, promovendo a partilha continuada da memória individual, a fim de apoiar tanto a investigação presente como transmiti-la a futuras gerações de investigadores.

Com efeito, uma base de dados do acervo gráfico da tipografia portuguesa, acessível electronicamente, além de permitir o confronto na consulta de exemplares espalhados por bibliotecas diversas – nacionais, estrangeiras, públicas ou privadas – representa uma ferramenta elementar na identificação de impressos *sine notis*.

Como a riqueza da memória visual, atendendo à sua extensão, não exclui a subjectividade no momento em que se observa um novo exemplar, e sem as imagens de espécies anteriormente observadas em presença, sujeitamo-nos ao crivo da nossa capacidade individual – e subjectiva – ao pretender identificar todos os pormenores da espécie em apreço. Convenhamos que não é matéria infalível.

Mais difícil se torna no caso de impressos *sine notis*, em que é necessário o recurso a imagens do material de diversas oficinas tipográficas, em funcionamento numa determinada data, para uma determinação, sempre provisória, do local, do editor e da data de impressão.

¹⁵ Para os impressos no espaço ibérico salientamos as obras de:

João José Alves Dias, “Nova Forma da Transmissão do «Verbo» - A Imprensa”, in *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, coord. de João José Alves Dias, vol. V da *Nova História de Portugal*, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 489-504 e *No Quinto Centenário da Vita Christi*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

Julián Martín Abad, *Post-Incunables Ibéricos*, Madrid, Olleros & Ramos, 2001.

John Frederick Norton, *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal (1501-1520)*, Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

Seleccionamos dois casos para documentar o que se acabou de afirmar.

2.a) *A muyto deuota oraçam da Empardeada*¹⁶ [OE]

Formato: 16º

Colaço: a-b⁸, 16 fl. [32 p.]; Errata na assinatura e_{ij} [= a₃]

Proposta de identificação para o impresso sine notis:

[Lisboa, Germão Galharde, entre 1537 e 1540]

Repertório:

ES – Badajoz, Biblioteca de Extremadura, Biblioteca da Barcarrota†

[exemplar adquirido, em 1995, após a descoberta, em 1992, durante a reabilitação de um imóvel em Barcarrota]

A referência bibliográfica abreviada, colocada à cabeça, serve para a desenvolver, de seguida, explicitando as várias etapas que nos levaram a formular a proposta de identificação da OE [sigla para: *A muyto deuota oraçam da Empardeada*]. Da notícia sobre a descoberta da OE tivemos conhecimento em finais da década de 90 do século passado, ficando o registo na memória sem haver, na altura, disponibilidade e investigação suficiente para observar o

impresso. Apenas recentemente, e como tem sucedido com outros apoios recebidos ao longo da nossa investigação graças a partilhas científicas fraternas, deslocámo-nos à Biblioteca de Extremadura, em Badajoz, iniciando, com base na edição fac-similada da OE, o percurso de identificação do impresso.

Relativamente ao conteúdo do impresso convém esclarecer que a obra intitulada *A muyto deuota oraçam da Empardeada. Em lingoagem portugues*, em diante identificada com a sigla OE, é constituída por quatro partes e se inicia com o aparecimento de Jesu Cristo a uma mulher empardeada, “a qual fazia muyto santa vida e cobiçaua muyto saber quantas foram as chagas que nosso senhor Iesu christo recebeo em seu corpo...”. Segue-se a oração propriamente dita e que contém, pela diversidade de benesses “outorgadas” àqueles que a rezem ou “fezer rezar. se nam souber ler: ou a trazer consigo rezando estes .xv. pater noses [sic] ...”, matéria contrária à doutrina da Igreja, o que explica o registo da OE no primeiro Rol, i.e., *Este he o rol dos liuros defesos*, impresso por Germão Galharde em Lisboa no ano de 1551.

Na terceira parte surge “hum milagre [que] aconteceu logo como esta oraçam foy reuelada” a um “jrmítam” que estava naquela montanha, onde se encontrava a “sancta empardeada”. O impresso termina com “as indulgencias e perdões [do] sancto padre nicolao papa .v.”.

Portanto, a estrutura do texto segue “Ha muy sancta e deuota oraçam da empardeada”, inserida nas *Horas de nossa Senhora segundo costume Romaano*¹⁷, com algumas variações na ortografia e pequenas alterações na parte das indulgências, coincidindo a divisão do texto, quase na totalidade, com os parágrafos assinalados por iniciais de alfabeto lombardo de 2 linhas, tanto num como noutro impresso.

¹⁶ Bibliografia sumária da notícia sobre o impresso:

La muy devota Oración de la Emparedada, ed., trad, y notas de Juan Manuel Carrasco González; estudio preliminar de María Cruz García de Enterría, «Una devoción prohibida: la Oración de la Emparedada», Badajoz, Junta de Extremadura (La Biblioteca de Barcarrota, 2), 1997; {58 p.}.

Juan M. Carrasco González, “Portugal en la Biblioteca de Barcarrota: «La Oración de la Emparedada»”, in *Anuario de Estudios Filológicos*, vol. XXVIII, Cáceres, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, Año 2005, pp. 21-34.

Arthur Askins, «Notes on Three Prayers in Late 15th Century Portuguese (the *Oração da Empardeada*, the *Oração de S. Leão*, *Papa* and the *Justo Juiz*): Text History and Inquisitorial Interdictions», in *Península, Revista de Estudos Iberoicos*, 4, 2007, pp. 235-266, consultado em 2012 na página: [http://ler.letras.up/uploads/ficheiros/4206.pdf].

¹⁷ cf. João José Alves Dias, *Rezar em Português. Introdução ao Livro de Horas de Nossa Senhora segundo costume Romano ...*, vol. II, Lisboa, BNP, 2009, pp. 222-239 e Francisco Leite de Faria, “O Primeiro Livro em Português Impresso na França: As Horas de Nossa Senhora por Frei João Claro”, in *Colóquio sobre o Livro Antigo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1992, pp. 93-112.

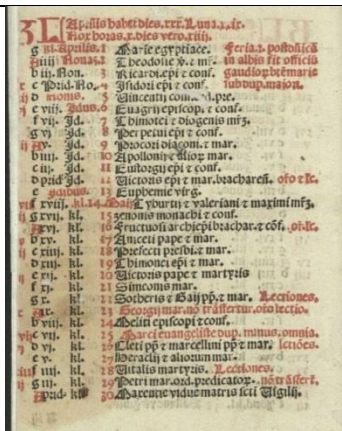
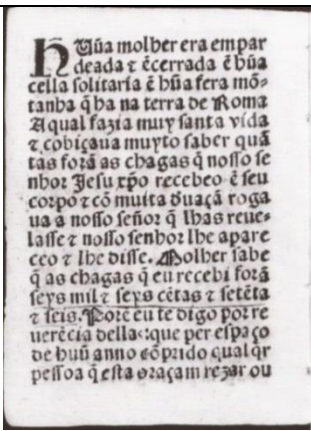
Com efeito, não se confirmam as conclusões de Carrasco González¹⁸ quando diz que nas “Horas de Nossa Senhora falta la parte «c», es decir, el episodio del ermitaño” e, no confronto das duas orações, concluir que “non son en todo coincidentes, lo que prueba un origen diferente para cada una y, en cierta medida, apoya nuestra idea de que ésta última fue traducida del español”.

No que diz respeito ao material tipográfico usado na impressão da OE, voltamos a insistir na utilidade de dispor, para cada oficina tipográfica, de um corpus documental – em forma de base de dados – como ferramenta de trabalho. Para o caso em apreço não havia, em finais dos anos 90 do século passado e da nossa parte, investigação suficiente sobre o material tipográfico da oficina de Germão Galharde, com imagens digitalizadas, que permitisse situar cronológica global da sua produção, um recém-descoberto impresso *sine notis* como foi o caso da OE. Recordei-me, na altura, de uma máxima

de Julián M. Abad, que reza mais ou menos assim: “a pressa é o maior inimigo do bibliógrafo”. A precipitação circunscreve a base documental a um universo restrito que, frequentemente, se revela impreciso quando comparado com as possibilidades de atribuição de um impresso *sine notis* e que, pela natureza dedutiva, se considera sempre provisória.

Com efeito, a oficina tipográfica de Germão Galharde, activa entre 1519 e 1565 em seu nome e da sua viúva, reunia o material tipográfico que se observa na impressão da OE, a saber, os tipos, as iniciais, o friso de tarjas e, ainda, gravuras com desenho semelhante à imagem da portada da OE.

Para os tipos usados na impressão do folheto da OE, da família gótica rotunda, 83/85 G, encontram-se caixas semelhantes a partir de 1537, nomeadamente na edição do *Calendarium Romanum*, como se pode observar pelo confronto das imagens seguintes, facto que levou à atribuição de uma data *a quo* próxima de 1537.

<i>Calendarium Romanum</i> , 1537 ¹⁹	OE [ca. 1537 a 1540]
 <p>fl. 3v [BNP, Res. 1759 V, (inc.), purl.pt 23151]</p>	 <p>fl. 1v [Biblioteca de Extremadura, Biblioteca da Barcarrota, Badajoz]</p>

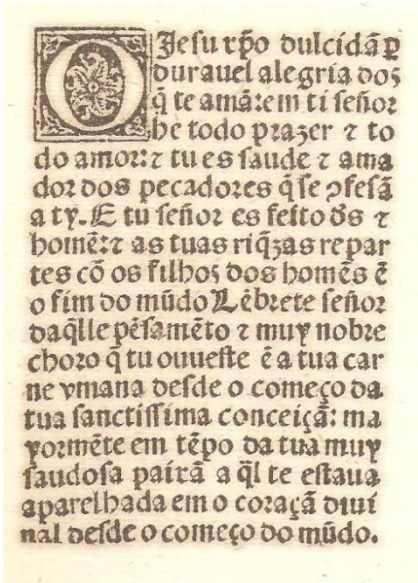




¹⁸ Juan M. Carrasco González, “Portugal en la Biblioteca de Barcarrota: «La Oración de la Emparedada»”, p. 32.

¹⁹ A data do impresso foi estabelecida com base no exemplar, completo, da Biblioteca do Vaticano, BAV, Stamp, Barb, C.III, 46, fl. 66v, ass. g₁₀, recto.

Quando olhámos, pela primeira vez, para o fac-símile do impresso, sucede que identificámos, de imediato, uma inicial xilográfica que nos era conhecida, ou seja, a letra O, ocupando quatro linhas na OE. De uma série de impressos em que a inicial xilográfica x⁴ – O [18 x 18 mm] foi usada na oficina de Germão Galharde, escolhemos algumas ocorrências anteriores como posteriores a fim de documentar a sua presença, não ocasional mas contínua, e com especial incidência na década de 30 do século

XVI no universo das edições firmadas pelo impressor francês.

O facto de o duplo traço da moldura, do lado direito, da inicial da OE apresentar falhas, quando comparado com a mesma inicial impressa em 1538, poderá induzir-nos numa fase posterior de impressão para a OE como justificar uma execução deficiente nos prelos, circunstância que, aliás, se denota no conjunto do material tipográfico da *Oraçam*.

Inicial xilográfica, x ⁴ – O [18 x 18 mm]			
OE, [ca. 1537 - 1540]		Impressos da Oficina de Germão Galharde	
 <p>fl. 4v</p>		 <p><i>Breue doutrina</i>, 1525 fl. VIII, v [invertida]</p>	 <p><i>Breuiarium Stª Cruz</i>, 1531 fl. 366v</p>
		 <p><i>Calendarium Romanum</i>, 1537 fl. 48v [invertida]</p>	 <p><i>Missale Bracharense</i>, 1538 fl. 39v [invertida]</p>


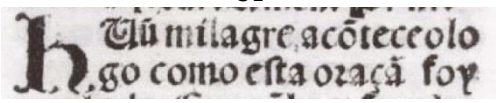




A presença, na edição da OE, de iniciais de alfabetos lombardos, com dois tamanhos e, sobretudo, com dois desenhos diferentes, H₁ e H₂, levou-nos a procurar, no conjunto da produção de Germão Galharde, os impressos com letras de tamanho idêntico, numa data aproximada e presumida da *Oraçam*, que apresentassem um traço idêntico para as iniciais do alfabeto lombardo.

Assim, as letras H₁ e H₂ ocupam duas linhas de

texto nas três obras referidas abaixo. Se assumirmos que, nos três impressos em que a letra H₁ aparece, a pressão nos prelos foi idêntica, poder-se-á concluir que a *Oraçam* foi impressa depois do CR, 1537 e antes da PA, 1540, dado que a haste vertical superior vai perdendo nitidez. Para a letra H₂ já não se verifica a mesma degradação da haste vertical superior entre o ano de 1537 e 1540, ficando por esclarecer o seu desgaste na impressão da OE. Como hipótese, pergunta-se se terá sido

usado um outro bloco com a letra H₂, eventualmente de refugo do material tipográfico da Oficina de Germão Galharde, em

que a haste já se encontrava partida e o bloco impróprio para o uso nos impressos autenticados?

Iniciais de alfabeto lombardo I ² – H	
<i>Calendarium Romanum</i> (CR), 1537, R. Mendes, <i>Practica dArismetica</i> , (PA), 1540	
H ₁	H ₂
<p>OE</p>  <p>H₁ fl. 1v</p>	<p>OE</p>  <p>H₂ fl. 13r e 16r</p>
<p>CR, 1537</p>  <p>H₁ fl. 17, v</p>	<p>CR, 1537</p>  <p>H₂ fl. 50, v</p>
<p>PA, 1540</p>  <p>H₁ fol. 96r</p>	<p>PA, 1540</p>  <p>H₂ fol. 95v</p>

Relativamente à tarja presente na portada da OE, ao lado da gravura, ela é constituída por dez pequenos blocos de madeira de folhas estilizadas. Ao confrontar o seu uso individual e observar a colocação diferente dos blocos tanto na edição de R. Mendes, *Practica dArismetica*, (PA), 1540, como no impresso *Breue Memorial* (BM), 1545, podemos concluir que existiam peças soltas que permitiam uma composição variada.

Aliás, se observarmos bem a fileira dos blocos

individuais, em número de 10, tanto na OE como no *[Missale Bracharense]* (MB), 1538, reparamos que a sua ordenação não é a mesma, embora muito semelhante.

A presença destes pequenos blocos de folhas estilizadas atesta-se, portanto, nas obras firmadas e saídas da Oficina de Germão Galharde desde o ano de 1538 até, pelo menos, ao ano de 1545 de acordo com o estado actual da nossa investigação, como demonstram as reproduções seguintes.



Tarjas

[*Missale Bracharense*], (MB), 1538, ex.: BNP, Res. 1633, purl.pt. 14877; R. Mendes, *Practica d'Arismetica*, (PA), 1540, ex.: BNP, Res. 278 V, purl.pt. 15193; *Breue Memorial*, (BM), 1545, ex.: BNP, Res. 92 P, purl.pt. 16741

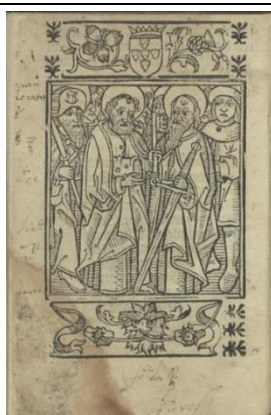
OE



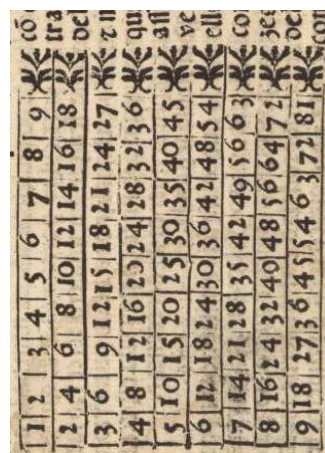
portada
[78x5 mm]



MB, 1538; fol. 85v



BM, 1545; fl. 16v



PA, 1540, fol. xiiij, v

Relativamente à gravura impressa na portada da OE não encontrámos, na Oficina de Germão Galharde, qualquer registo, anterior ou posterior, no conjunto da produção localizada até ao momento.

Contudo, e para uma avaliação mais documentada, aconselha a prudência recuar ao material tipográfico que Germão Galharde herdou dos seus antecessores, a saber, de Valentim Fernandes, João Pedro de Bonhomini e Hermão de Campos. Sucede que, para além dos tipos, iniciais e tarjas, as gravuras anteriores vão surgindo na produção de Germão Galharde como demonstram as imagens no anexo.

Com efeito, quando Carrasco González afirma que “[f]inalmente, también el grabado de la portada se corresponde muy bien con las características un poco toscas y arcaizantes de los primeros artistas portugueses usados por este editor”²⁰, remetendo para o impresso de *Modus curandi cum balsamo* e a respectiva introdução de J. V. de Pina Martins²¹, o autor do

²⁰ Juan M. Carrasco González, “Portugal en la Biblioteca de Barcarrota: «La Oración de la Emparedada»”, p. 27.

²¹ J.V.de Pina Martins, “Um opúsculo de medicina desconhecido pelos bibliógrafos editado em Lisboa por Germão Galharde: *Modus curandi cum balsamo*, Lisboa, c. 1530”, in *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 2, Jul.-Dez. de 1987, pp. 15-25.

estudo circunscreve, demasiado, o seu ângulo de visão e limita o campo de investigação.

No que se refere à iconografia dos impressos portugueses, desde a sua origem até mesmo a primeira metade do século XVI, parece-nos que o adjectivo genérico “tosco”, relativamente à execução das gravuras, adianta pouco sobre uma variedade de criação xilográfica que, até ao ano de 1518, registava 268 blocos de madeira diferentes²². Neste universo iconográfico coexistem traços de diversos artífices e artistas, anónimos na sua totalidade e com qualidades artísticas distintas, o que, por si só, requer uma investigação aprofundada e não realizada até ao momento.

Assim, e pelas gravuras introduzidas por Germão Galharde na sua produção entre 1519 e 1565, escolhemos aquelas que pudessem esclarecer, tanto pela sua representação como pelo traço de execução, algumas semelhanças pertinentes para a análise da gravura impressa na portada da OE.

Na Imagem 1 do Anexo reproduzimos a gravura da portada do *Modus curandi cum balsamo*, ca. 1530, pela coincidência na representação de um altar, embora, como julgamos, com uma execução por um artífice distinto, atendendo ao diferente tratamento da perspectiva tridimensional quando comparada com a gravura da OE (Imagem 3). Considerando que uma defeituosa perspectiva tridimensional poderá revelar algo sobre um artífice menos habilitado, juntamos, na Imagem 2, uma

gravura impressa na obra *Incipit Angeli custodis*, de 1544, saída dos prelos de Germão Galharde. Aos defeitos na noção da dimensão tridimensional associamos o tracejado, fino e curto, no preenchimento dos espaços em branco, característica que aproxima a iconografia do *Incipit Angeli custodis* da gravura da OE.

Por outro lado, e para documentar o que se afirmou acima sobre a proveniência anterior da iconografia de Germão Galharde, reproduzimos na Imagem 4 uma gravura proveniente da obra *Flos sanctorum*, impressa por Hermão de Campos em 1513, que poderá ter servido como modelo, tanto para a representação do altar como pela figura feminina ajoelhada.²³

Concluimos a reprodução das imagens com um exemplo de um impresso de Germão Galharde, de 1545, Imagem 5, colocando, ao lado, o bloco de madeira herdado de Hermão de Campos, usado na citada obra de 1513.²⁴

Com efeito, e considerando a iconografia da produção de Germão Galharde no seu conjunto, parece-nos que a gravura impressa na portada da OE se aproxima mais da execução, artesanal pela defeituosa noção tridimensional, do bloco de madeira do “anjo” saído dos seus prelos, porventura, em 1544, o que aproximava a datação dos dois impressos e indicia, eventualmente, a existência do mesmo artífice, na Oficina de Germão Galharde, num período compreendido entre os finais da década de trinta e inícios de quarenta do século XVI.

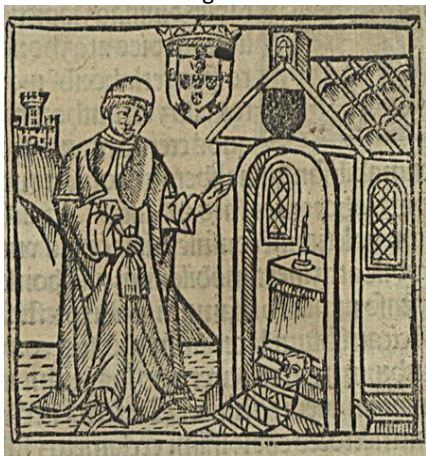
²² Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, pp. 478-520.

²³ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, p. 509.

²⁴ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, p. 507.

Gravuras

Imagem 1



Modus curandi cum balsamo, [ca. 1530], portada
[BNP, Res. 5561 P, purl.pt 14824]

Imagem 2



Incipit Angeli custodis, [1544], fl. 1v;
[BNP, Res. 82(2) A, purl.pt 22943]

Imagem 3



OE, portada
[67 x 46 mm]

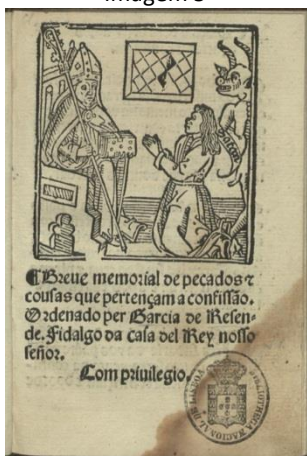
Imagem 4



[cf. com a gravura
« *Ho flos sanctorum*, Hermão de Campos
HMJ, G. 174]²⁵

²⁵ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, p. 509.

Imagem 5



Breue Memorial (BM), 1545, portada,
[BNP, Res. 92 P, purl.pt 16741]

Imagem 6



« [gravura, *Ho flos sanctorum*, Hermão de
Campos, 1513;
HMJ, G. 144 [76 x 70 mm]²⁶

Imagem 7



BPE, Inc. 3

Juntamos esta última gravura apenas para demonstrar que existem semelhanças entre os blocos de madeira usados, neste caso, pelos Cromberger, de Sevilha, e as Oficinas portuguesas referidas, sem, no entanto, haver identidade na execução.

²⁶ Helga Maria Jüsten, *Incunábulos* (...), p. 507.

Partindo, pois, do pressuposto de que as atribuições de qualquer impresso *sine notis* serão, sempre, provisórias, consideramos, contudo, que a pesquisa documentada do material tipográfico poderá circunscrever a execução, neste caso da *Oração da Empardeada* (OE), com recurso aos tipos, às iniciais e tarjas existentes na Oficina de Germão Galharde.

O facto de o impressor não assumir a paternidade da edição levanta, no entanto, uma série de interrogações, atendendo, nomeadamente, à época em que a OE foi, presumidamente, impressa, i.e., [entre 1537 e 1540]. A edição da OE, que ora conhecemos através do exemplar da Biblioteca de Extremadura, corresponderá àquela a que se referia João de Barros, na sua *Grammatica da Língua Portuguesa*, editada em Lisboa por Luís Rodrigues no ano de 1540, quando, no fólio, hiiij, recto dizia: “... nam sábem rezár huma óração per ella, e pela tiráda sam mais correntes que hum cego na óração da emparedáda.”?

Na segunda metade da década de 30 do século XVI circulava uma profusão de pequenos folhetos, numa estimativa provisória de cerca de 30, com material tipográfico da Oficina de Germão Galharde, uns, como o *Auto das regateyras*, identificado com uma tarja e inscrição de GERMAGALHA, outros, como o *Auto de Sancto Antonio*, impresso de forma clandestina, mas usando uma gravura da mesma oficina que tinha surgido, anteriormente, na edição de *Instituta ordinis beati Francisci*, Lisboa, Germam Galharte [sic], 1530.

Ocorre-nos como hipótese para o aumento de impressos clandestinos, na referida época, o agravamento das questões de ortodoxia religiosa, que conduziu, a partir de 1547, aos *Róis de Livros Proibidos*, o primeiro manuscrito e, em 1551, com o título *Este he o rol dos liuros defesos*, impresso por Germão Galharde.

A duvidosa ortodoxia religiosa da OE obrigaria, com efeito, a cuidados redobrados, embora o reduzido custo na impressão e um provável êxito de venda acenassem com o lucro fácil de um folheto de inegável popularidade como demonstram as palavras de João de Barros.

Por outro lado, a objectiva falta de apuro tipográfico dos folhetos clandestinos, e designadamente da OE, fez-nos lembrar uma observação pertinente de Eleutério Cerdeira, a propósito de outra contrafacção, quando chama a atenção para “a provável intranquilidade em que terá sido realizado este trabalho clandestino”.²⁷

2.b) Glosa famosissima

Formato: 4º

Colaço: A²⁰, 20 fl. {40 p.}

Proposta de identificação para o impresso *sine notis*:

[Lisboa, Germão Galharde, ca. 1541]

Repertório:

P - *BPMP, Y1-3-37 (3)+

jto com: *Castigos e enxemplos de Catom*, Lisboa, Germão Galharde, 1521; BPMP, Y1-3-37 (1);

Despertador de peccadores, Burgos, 1541; BPMP, Y1-3-37 (2):

Glosa famosa sobre las coplas de Don lorge Manrique, Valladolid, Sebastian Martinez, 1564; BPMP, Y1-3-37 (4)

Sobre a edição refere-se que o licenciado Alonso de Cervantes procedeu, entre finais de 1500 e inícios de 1501 à elaboração das suas glosas, designadas como “famosissimas”, baseando-se na obra maior de Jorge Manrique (1440? – 1479), i.e., as suas *Coplas* que “hizo sobre la muerte de su padre”.

As *Coplas* de Jorge Manrique eram, de facto, “famosas”, conhecidas e apreciadas em Portugal, designadamente pelo Rei D. João II que, conforme nos diz Garcia de Resende, na sua *Crónica de D. João II*, lhe “perguntou se sabia as trovas de dom lorge Manrique, que começão *Recuerde el alma dormida*” (...).²⁸

²⁷ Eleutério Cerdeira, *Duas Grandes Fraudes Camonianas*, Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1946, p. 57.

²⁸ Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991, Cap. CCI, p. 269.

De acordo com a referência no prólogo, a *Glosa famosissima* surge durante o desterro de Alonso de Cervantes “por espacio de tiempo de quatro anos (...) neste para mi tam estraño reyno de Portugal”, suplicando “muy humilmente esta obra (...) dirigida al muy ilustre (...) Señor don Aluaro de stuñiga”.²⁹

Do controlo bibliográfico efectuado sublinhamos que António Pérez y Gomez chama a atenção para esta edição *sine notis* da *Glosa famosissima* pelo facto de reproduzir a portada e, deste modo, fornecer alguns elementos do material tipográfico.³⁰

Anteriormente, Sousa Viterbo n’“A Litteratura Hespanhola em Portugal”³¹ fez menção do exemplar da BPMP, remetendo para a espécie com o número 757 no *Catálogo de la Biblioteca de Salvá*.³² Contudo, a informação relativa ao número 758 parece mais próxima da presente edição pelo facto de destacar que “ademas de la notable contraseña de llevar la presente edición el título *Glosa famosissima* en la **parte inferior** [sublinhado nosso] de la portada” e que Salvá situa “hácia el 1525” no que respeita à data da sua impressão.

Após o esclarecimento sobre a cota correcta do exemplar da BPMP, i.e. Y1-3-37 (3), foi possível iniciar, com base numa cópia integral e completada com uma observação presencial posterior, a análise com vista a uma atribuição provisória da edição à oficina de Germão Galharde.

A presente edição *sine notis* da *Glosa famosissima*, de Alonso de Cervantes, surgiu, pois, na sequência de uma primeira edição, em Portugal, impressa em Lisboa no ano de 1501

por Valentim Fernandes. Posteriormente, em 1559, publicou a Viúva de Germão Galharde uma outra edição, de glosador distinto, que se intitula *Glosa sobre la obra que hizo don George manrique, a la muerte do maestro de Sanctjago*. No entanto, apenas a primeira edição portuguesa, de 1501, e a presente *sine notis* apresentam a mesma sequência no texto das coplas e glosas, motivo pelo qual se julga ter o impresso anterior servido como base para uma nova edição. É de referir, também, que uma edição da *Glosa*, atribuída por Norton, 796³³ e ABAD, *Post-Incunables*, 985³⁴ ao impressor sevilhano Jacobo Cromberger, com uma data próxima de ca. 1508-1510, segue a mesma sequência de texto das duas edições portuguesas acima referidas, conforme a cópia digital do exemplar da BNE, R-4133.

Relativamente à atribuição provisória do impresso *sine notis* à oficina de Germão Galharde, apresentamos, abaixo, as imagens do material tipográfico. Com efeito, os alfabetos usados na impressão da presente edição faziam parte do material da oficina de Germão Galharde, havendo, para o tipo usado na impressão das coplas e glosas, uma primeira ocorrência na edição do *Calendarium Romanum*, com data de 1537, embora se registre a introdução de variantes para os tipos A, D e P.

A única inicial presente no fl. 1v do impresso da *Glosa*, representando a letra P e ocupando 8 linhas, encontra-se, em 1541, na edição do *Cerimonial da missa*, saída dos prelos da oficina de Germão Galharde em Lisboa, embora se encontre uma inicial D, da mesma série de iniciais xilográficas, na edição da *Ordem do juyzo*, Lisboa, Germão Galharde, 1539.

²⁹ Confrontar, igualmente, o estudo de Mário da Costa Roque, *Glosa Famosissima sobre las Coplas de Dñ Jorge Marrique*, Lisboa, Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1963, pp. 16-18.

³⁰ António Pérez y Gomez, *Glosas a las Coplas de Jorgue Manrique: Noticias Bibliográficas*, Cieza, 1963, nº 13, lámina 13.

³¹ Sousa Viterbo, *A Litteratura Hespanhola em Portugal*, in *Historia e Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, pp. 239-241.

³² *Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, Tomo I, Valencia, Imprenta de Ferrer de Orga, 1872, pp. 268-269; [consultado através da página archiv.org. – 08.2014].

³³ John Frederick Norton, *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal (1501-1520)*, Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

³⁴ Julián Martín Abad, *Post-Incunables Ibéricos*, Madrid, Olleros & Ramos, 2001.

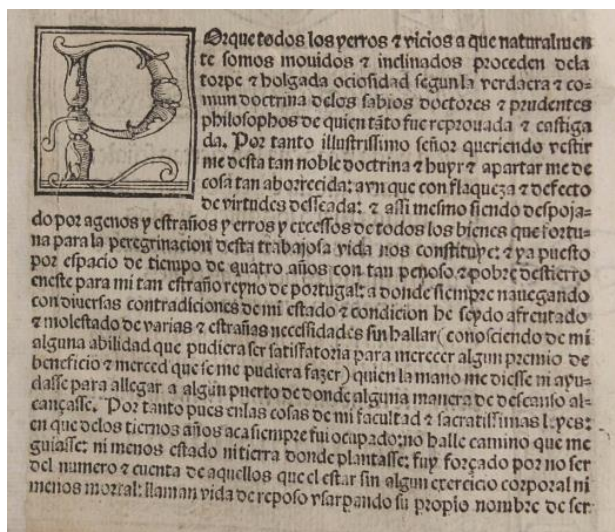
Título/Incipit: *Glosa famosissima*
 Lugar de Impressão: [Lisboa, Germão Galharde ?]
 Ano: [1537 (Tipos) – 1541? (Inicial)]



Portada, [BPMP, Y1-3-37(3)]



Portada, Lisboa, Valentim Fernandes,
1501³⁵



fl. 1v, tipo de texto e inicial; P⁸ [35 x 34 mm]



(P⁸) [35 x 35 mm]
Cerimonial da missa,
 1541
 [BPE, Res. 76]

³⁵ cf. Reprodução fac-similada, in *Glosa famosissima sobre las coplas de dō Jorge Marrique*, com um estudo de Mário da Costa Roque, Lisboa, Inspecção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1963, assim como Helga Maria Jüsten, *Incunábulos* (...), pp. 204-208, 529.

No entanto, e para desfazer dúvidas sobre uma eventual hipótese de o impresso *sine notis* poder ter saído da oficina de Luís Rodrigues, contemporânea na cidade de Lisboa desde

1539, juntamos as iniciais usadas pelo referido impressor que demonstram semelhanças entre os desenhos das letras, sem, contudo, conferir identidade.

Iniciais semelhantes, mas não idênticas





Vida de S. Bernardo, Lisboa, Luís Rodrigues,
1544
[BNP, Res. 161 A]



Vida de S. Bernardo, Lisboa, Luís Rodrigues,
1544
[BNP, Res. 161 A]

Foram, todavia, as tarjas na portada que chamaram a nossa atenção quando olhámos para as reproduções constantes da citada obra de A. Pérez y Gomez, já que eram, em parte, nossas conhecidas de edições saídas dos prelos de Germão Galharde, pelo menos desde o ano de 1523. Como se pode verificar pelas reproduções anexas, apenas uma das tarjas, *Glosa*, T.4, da parte inferior da portada, não foi possível, até ao momento, associar a um




impresso firmado por Germão Galharde. As tarjas com folhas estilizadas, *Glosa*, T. 6 e T.7, surgiram na oficina de Germão Galharde, em 1538, na impressão do *Missale Bracharense*, o que nos indicia uma data próxima para a impressão da *Glosa famosissima*. No entanto, preferimos uma datação de [ca. 1541], baseando-nos na primeira ocorrência da inicial P⁸, referida acima.

Tarjas				
 <p>HMJ[II], T. 125, Glosa, Tarja 1 [122x15 mm; cf. <i>Commentum in Plinij</i>, 1529; <i>Modus</i>, ca. 1530]</p>	 <p>HMJ[II], Glosa, Tarja 2 [140 x 7 mm] [cf. <i>Portada</i>, <i>Ordenações</i>, 1533, Livro 3º, TRBC, LA 002 C; <i>Tractado Canto mensurable</i>, 1535]</p>	 <p>HMJ[II], T. 108, Glosa, Tarja 3 [84x18 mm; cf. <i>Manipulus</i>, 1523]</p>	 <p>HMJ[II], Glosa, Tarja 4 [12 x 105 mm]</p>	 <p>HMJ[II], Glosa, Tarja 5 [16 x 148] [cf. <i>Portada</i>, <i>Ordenações</i>, 1533, Livros 1º e 3º, TRBC, LA 002 C]</p>
 <p>HMJ[II], Glosa, Tarja 6 [cf. <i>Missale Bracharense</i>, 1538]</p>		 <p>HMJ[II], Glosa, Tarja 7 [cf. <i>Missale Bracharense</i>, 1538]</p>		



Das três gravuras presentes na portada conseguimos identificar, até ao momento, apenas a gravura, *Glosa*, G.3, num impresso, igualmente *sine notis*, mas com recurso ao mesmo alfabeto de texto como na *Glosa*

famosissima, que se intitula *Glosa nueuamente hecha por Pedro Daguiar* (...), e pode ser consultado através da cópia digital da BNP, Res. 218-9-V, purl.pt 6963.

Gravuras		
		
portada HMJ[II], <i>Glosa</i> , G.1 [com falha na reprodução] [56 x 41 mm]	portada HMJ[II], <i>Glosa</i> , G.2 [52 x 18 mm]	portada HMJ[II], <i>Glosa</i> , G.3 [48 x 21 mm] [cf. gravura na portada de: <i>Glosa nueuamente hecha por Pedro Daguiar</i> , s.l., s.e., s.d; BNP, Res. 218-9V, purl.pt 6963]

Com efeito, consideramos que a análise do material tipográfico usado na impressão da presente *Glosa famosissima* permite uma atribuição provisória à oficina de Germão Galharde, numa data próxima de [ca. 1541], atendendo aos tipos, às iniciais e um número considerável de tarjas usados em impressos firmados pelo impressor francês.

3. – O acervo gráfico como ferramenta na identificação de fragmentos e variantes, assim como para documentar o desgaste do Material Tipográfico

3.a) A Identificação de Fragmentos

Durante a observação presencial das espécies sucede, com alguma frequência, que as pastas das encadernações escondem fragmentos de outras edições, nem sempre fáceis de identificar por diversos motivos, para além da presença de folhas impressas em documentação manuscrita.

O caso porventura mais significativo foi a presença de fragmentos contidos na pasta de encadernação do *Breue Memorial*, impresso por Germão Galharde em Lisboa no ano de 1521, que detectámos, em 2006, no exemplar da BNP,

Res. 91 P. Na altura, e com base no *corpus* documental anteriormente elaborado³⁶, reparámos nos tipos e numa inicial que eram semelhantes ao material tipográfico das oficinas anteriores de Valentim Fernandes e de João Pedro de Bonhomini. A partilha da descoberta permitiu a João José Alves Dias³⁷ desenvolver o estudo dos fragmentos e, assim, esclarecer e estabelecer uma nova sistematização na edição das *Ordenações Manuelinas* impressas por Valentim Fernandes e João Pedro de Bonhomini.



Contudo, o caso em apreço serve para sublinhar a importância de um acervo gráfico digitalizado como apoio à memória visual do material tipográfico, designadamente para fundamentar, numa fase inicial de investigação, uma possível atribuição de fragmentos. Semelhante ferramenta ainda se revela de maior utilidade quando as espécies em análise pertencem a acervos diferentes, circunstância em que não é

possível colocá-las lado ao lado numa observação presencial.

3.b) A Identificação de variantes

Com efeito, a dispersão de exemplares por bibliotecas diferentes leva, frequentemente, a uma identificação imprecisa de edições, nomeadamente quando a memória visual nos atraiça na detecção de pormenores que, afinal, correspondem a diferentes estados na impressão das espécies.

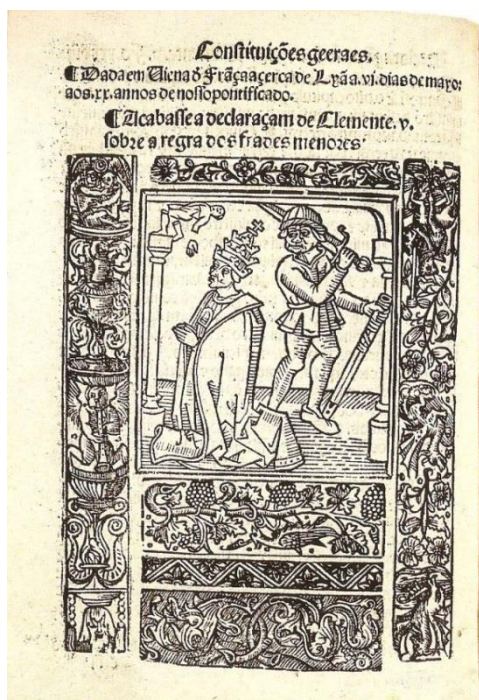
Não sendo caso único no conjunto da produção de Germão Galharde, pretendemos destacar, neste momento, apenas o caso do impresso *Instituta ordinis beati Francisci*, saído em Lisboa a 9.9.1530.

Na observação presencial de um dos exemplares existentes no país, a saber, o do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, verificámos a notória presença, na oficina de Germão Galharde, do material tipográfico dos predecessores. No entanto, apenas o confronto, inicialmente com base em cópias, permitiu corrigir a memória visual que identificou, e bem, uma tarja conhecida da oficina de Valentim Fernandes. No entanto, a posição da referida tarja, JAD, T. 36,³⁸ é diferente quando comparamos o exemplar da SCML, cota L.A., XVI, 58² com o da Biblioteca de D. Manuel II, em Vila Viçosa, como demonstram as seguintes imagens.

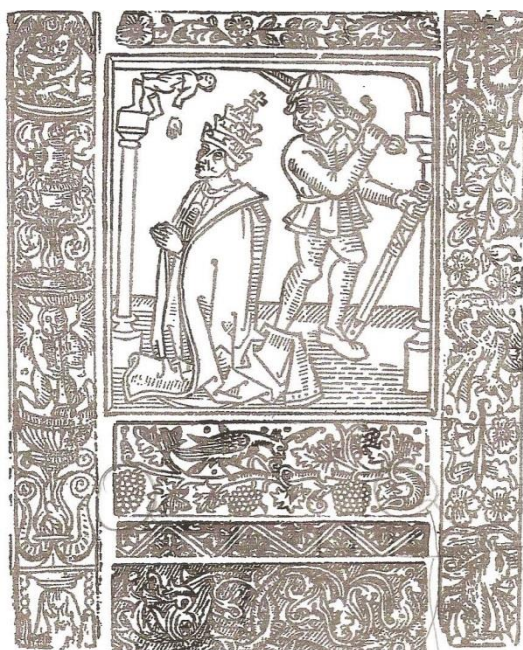
³⁶ Posteriormente publicado: Helga Maria Jüsten, *Incunábulos e Post-Incunábulos Portugueses, (ca. 1488-1518), (Em Redor do Material Tipográfico dos Impressos Portugueses)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2009.

³⁷ João José Alves Dias, *Ordenações Manuelinas 500 anos depois: Os dois primeiros sistemas (1512-1519)*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2012.

³⁸ Cf. Helga Maria Jüsten, *Incunábulos (...)*, p. 466 e João José Alves Dias, *No Quinto Centenário*, p. 106.



[SCML, cota LA. XVI, 58²], fl. 35v



BDMII, PDVV, fl. 35v,
Livros Antigos Portugueses (...) ³⁹, p. 440
Inversão da Tarja T. 36 = Variante

A identificação desta variante, seguida de uma investigação mais aprofundada da edição da *Instituta ordinis beati Francisci*, permitiu, ainda, localizar um exemplar nos EUA, bem como confrontar as duas espécies pertencentes a acervos nacionais com o outro exemplar existente em França, aguardando-se a publicação dos resultados da análise efectuada.⁴⁰

3.c) Documentar o desgaste do material tipográfico

³⁹ MANUEL II, (D.), *Livros antigos portugueses: 1489-1600 da biblioteca de Sua Magestade Fidelíssima*, 3 vols., Braga, Oficinas da APPACDM, 1995.

⁴⁰ Helga Maria Jüsten, "Um Impresso do Século XVI no Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa: *Instituta ordinis beati Francisci*, Lisboa, German Galharde, 9.9.1530", in *Cidade Solidária*, nº (...), Lisboa, SCML, 2014, em publicação.

A observação do conjunto da produção de Germão Galharde entre 1519 e 1565, e desde 1559 em nome da viúva, com base nos exemplares até ao momento localizados, permite, certamente, avaliar não apenas o desgaste normal do material tipográfico como a introdução de novas caixas de tipos – ou pequenas alterações nas preexistentes – como de novas iniciais e molduras de tarjas e gravuras.

Por um lado, o registo documental cronológico com base em imagens digitalizadas dos impressos, pese embora o enorme dispêndio de tempo na construção dessa base de dados, proporciona uma visão de conjunto da oficina de Germão Galharde e a consequente formulação de hipóteses sobre o seu funcionamento. Por outro, o acervo digital fornece dados que levam a interrogações sobre a validade de determinadas informações sobre os impressos, colhidas com base em cólofons, ou seja, de edições – aparentemente – firmadas. Surgem, frequentemente, dúvidas quando



observamos o desgaste do material tipográfico – numa perspectiva diacrónica – e a data constante de uma edição firmada. Por ora, fixemo-nos apenas nos casos em que o desgaste do material tipográfico, presente nas portadas de determinados impressos, sugere uma data diferente da impressa no cólofon. Convém lembrar a esse propósito que o primeiro caderno era sempre o último a ser impresso, para além de casos em que determinados exemplares, que chegaram até nós, se constituíram com recurso a cadernos de tiragens diferentes. Portanto, a substituição parcial de cadernos não inviabilizava a manutenção da data inicial da impressão constante do cólofon.

Seguindo a metodologia exemplificada, por João José Alves Dias, num Colóquio, realizado em Maio de 2011 na Fundação Calouste Gulbenkian,

dedicados à “Iconografia do Livro Impresso (Marcas Tipográficas e Filigranas de Papel)”, reintroduzimos, com base no nosso acervo digitalizado, os casos então apresentados. Documenta-se, assim, a evolução de uma tarja com a inscrição de GERMAM GALHARD que, a partir de 1523, começa a surgir nos impressos saídos da sua oficina. Não se trata, por enquanto, de uma recolha exaustiva, nem de apresentar conclusões definitivas sobre a datação de determinados impressos, aparentemente firmadas. Por ora, ficam apenas as interrogações, sublinhando-se a necessidade de comprovar qualquer afirmação com base numa consulta do maior número possível dos diversos exemplares existentes, a fim de excluir “ruídos” indevidos e provenientes de cópias eventualmente imperfeitas.



Contra os Juyzos, 7.3.1523 [19x114 mm]; fac-símile do ex. da BGUC, R-14-10



desgaste no *Liber scholastica*, 1532 [João José Alves Dias, post. a 1534]; ex. da BNP, Res. 4645 P, purl.pt 15298



Oratio, 1.10.1534; ex. da BPE, Séc. XVI, Res. 6108



Tractado de canto llano, 1533; fac-símile do ex. da BL [João José Alves Dias, post. a 1535]



Tractado de canto mensurable, 4.9.1535; ex. da BPE, Res. 402-A



F. Oliveira, *Grammatica*, 27.1.1536; ex. da BNP, Res. 274 V, purl.pt 120

4. – O “Fecho da Abóbada”

Não pode haver, como julgamos, melhor exemplo da longevidade do material tipográfico da oficina de Germão Galharde do que o último impresso, em nome da sua viúva, localizado até ao momento, ou seja, a edição de *Nao sam Paulo*, saída dos seus prelos, em Lisboa, a 8.4.1565.

A portada da referida edição, para além de atestar o uso continuado dos tipos da família gótica rotunda, fecha a “abóbada” por recuperar, ainda, uma gravura do conjunto da série com que começamos as nossas acheegas. A gravura JAD, G. 11, proveniente da oficina de Valentim Fernandes e da edição da *Estória do muy nobre Vespasiano imperador de Roma*, começou a sua vida útil em 1496 e aqui fica para testemunhar a longevidade do material tipográfico dos primeiros impressores portugueses.





Fontes e Bibliografia

1. Fontes Impressas

(ordenadas cronologicamente)

[*Estoria do muy nobre Vespasiano imperador de Roma*]. Lisboa, Valentin Fernandes, 20.4.1496;

P – BNP, Inc. 571; purl.pt 22002.

O compromisso da confraria de Misericórdia, Lisboa, Valentym Fernandez e Hermam de campos, 20.12.1516;

P – SCML, LA XVI, 114.

Breue memorial dos pecados e cousas que pertencem ha confissam (...), Lisboa, Germão Gaillarde, 25.2.1521;

P – BNP, Res. 91 P; purl.pt 109.

Beja, Frei António de, *Contra os juyzos dos astrologos*, Lisboa, Germam Galharde, 7.3.1523;

P – BGUC, R-14-10.

Beja, Frei António de, *Breue doutrina e ensinança de principes* (...), Lisboa, Germam Galharde, 15.7.1525;

E – BNE, R-12331†

Edição fac-similada: Frei António de Beja, *Breve Doutrina e Ensinança de Príncipes*, Reprodução fac-similada da edição de 1525, Introdução de Mário Tavares Dias, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1965.

¶ *Incipit officium angeli custodis* (...), Lisboa, Germanum Galharde, Die sexto Decembri, 1529;

P – BNP, Res. 82 (2) P, purl.pt 22943.

Cronica llamada el triunpho de / los nueue preciados de la fama: (...), Lisboa, German Galharde, 26.6.1530;

P – BNP, Res. 3736 V, purl.pt 14549.

Instituta ordinis beati Francisci, Lisboa, Germam Galharte, 9.9.1530;

P – SCMLx, L.A, XVI, 58², (incompleto);

P – Palácio Ducal, Vila Viçosa, BDMII, 67 (incompleto), Variante.

Modus curandi cum balsamo (...), [Lisboa, Germão Galharde, ca. 1530];

P – BNP, Res. 5561 P, purl.pt 14824.

Edição fac-similada, *Modus curandi cum Balsamo*, prefácio de José V. de Pina Martins, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988.

Breuiarium secundum vsum insignis monasterij sancte crucis colimbriensis ordinis diui augustini, Coimbra, Germanum galhardum, 8.4.1531 [sexto Idus Aprilis];

P – BGUC, R-3-16; [cópia digital em: almamater.uc.pt].

Lourenço Justiniano, Santo, [*Regra e perfeição da conversação dos monges*], *Incipit ¶ Nom he pequena a obrigaçam de louuor*, Coimbra, Germão Galharde, 28.4.1531;

P – BNP, Res. 166 A, purl.pt 16678.

Liber de scholastica disciplina (...), Lisboa, Germão Galharde, 1532 [?];

P – BPE, Res. 309;

P – BPE, Res. 411 (incompleto)

P – BNP, Res. 4645//2P, (incompleto); purl.pt 15298.

Aranda, Matheo de, *Tractado de canto llano nuevamente compuesto por Matheo de aranda maestro en musica*. (...), Lisboa, Germão Galharde, 26.9.1533 [?];

P – BPE, Res. 402, (junto com *Tratado de canto mensurable*)

Edição fac-similada: José Augusto de Alegria, *Mateus de Aranda, Tractado de câto llano (1533)*, ed. fac-similada com Introdução e Notas do Cônego Dr. José Augusto Alegria, Rei Musicae Portugaliae Monumenta II, Lisboa. Instituto de Alta Cultura, 1962.

Resende, L. André de, *Oratio pro rostris pronunciata, in Olisiponensi academia, calend. Octobrib.*, Lisboa, Germani Galliardi Galli [Germão Galharde], Mense Octobri. 1534;

P – BPE, Séc. XVI, 6108; cópia integral digitalizada e disponível através da página:

Biblioteca Digital do Alentejo
[www.bdalentejo.net]: ID 330;

Fac-símile reproduzindo UK - BL, C.62b.38:

Artur Moreira de Sá, *Oração de Sapiência*,
Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956.

Aranda, Matheo de, *Tractado de canto mensurable: y contrapuncto* (...), Lisboa, Germão Galharde, 4.9.1535;

P - BPE, Res. 402-A;

Edição fac-similada: *Tractado de Canto Mensurable*, intro. e Notas do Cônego José Augusto Alegria, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1978.

Oliveira, Fernão de, *Grammatica da lingoagem portuguesa*, Lisboa, Germão Galharde, 27.1.1536;

P - BNP, Res. 274 V; purl.pt 120,

Edição fac-similada: Fernão de Oliveira, *Grammatica da lingoagem portuguesa* Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988.

CALENDARIUM ROMANUM. IN quo plurimi festi dies sanctorum secundum consuetudinem Olisiponensis Ecclesie, Lisboa, Germão Galharde, 1537;

Cidade do Vaticano, BAV, MAG, call number Stamp.Barb.C.III.46 [com as folhas em falta no exemplar da BNP Res. 1759 P];

P - BNP, Res. 1759 P (incompleto), purl.pt 23151.

Missale iuxta antiquam almae bracharensis ecclesiae consuetudinem, Lisboa, Germanum galhart, 16.7.1538 [17 Kalendas Augusti];

P - BNP, Res. 1633 A (incompleto); purl.pt 14877.

Mendes, Rui, *Pratica darismetica nouamente agora composta pelo licenciado ruy mendez* (...), Lisboa, Germão Galharde, 16.3.1540;

P - BNP, Res. 278 V, purl.pt 15193.

Statutos e constituições [sic] dos virtuosos e rreuerendos padres Conegos azuys, Lisboa, Germão Galharde, 25.8.1540;

P - BNP, Res. 106 A.

A muyto deuota oraçam da Empardeada. Em lingoagem portugues, [Lisboa, Germão Galharde?, entre 1537 e 1540];

ES - Badajoz, Biblioteca de Extremadura, Biblioteca da Barcarrota.

Ortiz de Vilhegas, Diego, *Cerimonial da missa rezada segundo costume Romão: e se guarda na capella del rey de portugal dom loham terceyro deste nome* (...), Lisboa, Germão Galharde, 2.9.1541;

P - BPE, Res. 76.

Servantes [sic], Alonso de, *Glosa famosissim*, [Lisboa, Germão Galharde, ca. 1541]

P - BPMP, Y1-3-37(3).

Libro da vida e milagres do glorioso e bemauenturado são Bernardo, Lisboa, Luís Rodrigues, 8.8.1544;

P - BNP, Res. 161 A, purl.pt 14551.

Resende, Garcia de, *Breue memorial dos pecados e cousas que pertençam a confissão*. (...), Lisboa, Germão Galharde, 15.3.1545;

P - BNP, Res. 92 P, purl.pt 16741.

Viagem & naufragio da Nao sam Paulo (...), [Lisboa], Viúva de Germão Galhard, 8.4.1565;

UK - National Maritime Museum, Greenwich, Londres, No. C4583,

Class. 656.61.085.3 Sam Paulo.094DIA.

2. Bibliografia

ANSELMO, António Joaquim, *Bibliografia das Bibliografias Portuguesas*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1923.

ANSELMO, Artur, *História da Edição em Portugal. I. Das Origens até 1536*, Porto, Lello & Irmão, 1991.

Origens da Imprensa em Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981.

“Relações Tipográficas entre a França e Portugal: A Edição das *Coplas de Mingo Revulgo* impressa por Germain Gaillard em

- Lisboa”, Separata de *Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France – Actes du Colloque, Paris, 11-16 Octobre, 1982*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983.
- ASKINS, Arthur, “Notes on Three Prayers in Late 15th Century Portuguese (the *Oração da Empardeada*, the *Oração de S. Leão*, *Papa* and the *Justo Juiz*): Text History and Inquisitorial Interdictions”, in *Península, Revista de Estudos Ibericos*, 4, 2007, pp. 235-266, consultado em 2012 na página: [http://ler.letras.up/uploads/ficheiros/4206.pdf].
- BRITO, J. J. Gomes, *Notícia de Livreiros e Impressores em Lisboa na Segunda Metade do Século XVI*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1911.
- CARRASCO GONZÁLEZ, Juan M., “Portugal en la Biblioteca de Barcarrota: «La Oración de la Emparedada»”, in *Anuario de Estudios Filológicos*, vol. XXVIII, Cáceres, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura, 2005.
- CARVALHO, Joaquim de, “O Livro «Contra os Juizos dos Astrólogos» de Fr. António de Beja”, in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XVI, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1944, pp. 180-290.
- Catálogo de la Biblioteca de Salvá*, Tomo I, Valencia, Imprenta de Ferrer de Orga, 1872 [consultado através da página: archiv.org. – 08.2014].
- CERDEIRA, Eleutério, *Duas Grandes Fraudes Camonianas*, Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1946.
- DESLANDES, Venâncio, *Documentos para a História da Tipografia Portuguesa nos Séculos XVI e XVII*, edição fac-similada, introdução de Artur Anselmo, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.
- DIAS, João José Alves, “Nova Forma da Transmissão do «Verbo» – A Imprensa”, in *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, coord. de João José Alves Dias, vol. V da *Nova História de Portugal*, dir. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, 1998.
- “Os Primeiros Impressores Alemães em Portugal”, in *No Quinto Centenário da Vita Christi*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.
- Ordenações Manuelinas. 500 Anos depois: Os dois primeiros sistemas (1512-1519)*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2012.
- Rezar em Português. Introdução ao Livro de Horas de Nossa Senhora segundo costume Romano ...*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2009.
- FARIA, Francisco Leite de, “O Primeiro Livro em Português Impresso na França: As Horas de Nossa Senhora por Frei João Claro”, in *Colóquio sobre o Livro Antigo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1992, pp. 93-112.
- JÜSTEN, Helga Maria, *Incunábulo e Post-Incunábulo Portugueses, (ca. 1488-1518), (Em Redor do Material Tipográfico dos Impressos Portugueses)*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos – Universidade Nova de Lisboa, 2009.
- LIPFFERT, Klementine, *Symbol-Fibel. Eine Hilfe zum Betrachten und Deuten mittelalterlicher Bildwerke*, Kassel, Johannes Stauda-Verlag, 1956.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana historica, critica e chronologica na qual se comprehende a notícia dos authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, 3.^a ed., 4 vols., Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967.
- MANUEL II, (D.), *Livros antigos portugueses: 1489-1600 da biblioteca de Sua Magestade Fidelíssima*, 3 vols., Braga, Oficinas da APPACDM, 1995.
- MARTIN ABAD, Julián, *Post-Incunables Ibéricos*, Madrid, Ollero & Ramos, Editores, 2001.
- MARTINS, José V. de Pina, “Um opúsculo de medicina desconhecido pelos bibliógrafos: *Modus curandi cum balsamo*”, in *Revista da*



Biblioteca Nacional, Lisboa, 2ª série, vol. 2, nº 2, 1987, pp. 15-25.

La muy devota Oración de la Emparedada, ed., trad, y notas de Juan Manuel Carrasco González; estudio preliminar de María Cruz García de Enterría, «Una devoción prohibida: la Oración de la Emparedada», Badajoz, Junta de Extremadura (La Biblioteca de Barcarotta, 2) 1997; {58 p.}.

NORONHA, Tito de, *A imprensa portuguesa durante o século XVI*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1874.

NORTON, Frederick John, *A descriptive catalogue of printing in Spain and Portugal (1501-1520)*, Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

ODRIOZOLA PIETAS, António, “Alegrías y tristezas de la investigación sobre impresiones españolas de los siglos XV y XVI”, Separata de *Homenaje a Pedro Sáinz Rodríguez. Tomo 1: Repertorios, textos y comentarios.*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1986, pp. 67-91.

PEREZ Y GOMEZ, Antonio, *Glosas de las Coplas de Jorge Manrique. Noticias bibliográficas*, Cieza, s.n., 1963.

RESENDE, Garcia de Resende, *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1991.

ROQUE, Mário da Costa, *Glosa Famosíssima sobre las Coplas de Dõ Jorge Manrique*, Lisboa, Inspeção Superior das Bibliotecas e Arquivos, 1963.

SANTOS, António Ribeiro dos, “Memória sobre as Origens da Typographia em Portugal no Século XV”, in *Memórias de Litteratura Portuguesa*, Tomo VIII, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1856, 2ª ed..

VITERBO, Sousa, “A Litteratura Hespanhola em Portugal”, in *Historia e Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915.

O movimento tipográfico em Portugal no século XVI, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924.

WIMMER, Otto, *Kennzeichen und Attribute der Heiligen*, Innsbruck-Wien, Tyrolia-Verlag, 1983.



PATRIMÓNIO, CASA E PATROCÍNIO: UMA APROXIMAÇÃO AO SENHORIO DO INFANTE D. FERNANDO (1530-1534)

Hélder Carvalhal

CIDEHUS – Universidade de Évora⁴¹

Resumo

O presente texto possui como objectivo principal discutir as políticas de patrocínio do Ducado da Guarda e do seu titular, o Infante D. Fernando (1507-1534), tendo em conta o contexto de criação deste senhorio face à política régia de controlo da alta nobreza. Numa primeira fase, a análise da forma como o património foi composto e administrado possibilitará a compreensão parcial do valor da casa enquanto unidade económica e a comparação com os demais senhorios coevos. Em seguida, partindo do conjunto de recursos reunido por esta plataforma de poder, proceder-se-á a uma estimativa do potencial de atracção que o senhorio poderia oferecer. Finalmente, tais valores serão, entre outras variáveis, interpretados com base nos mecanismos de recrutamento clientelar e nas práticas administrativas adoptadas neste caso de estudo.

Palavras-chave

Infante D. Fernando; património; casa senhorial; patrocínio; Ducado da Guarda; administração.

Abstract

The main objective of this paper is to discuss the political patronage of the Duchy of Guarda and its holder, *Infante* Fernando (1507-1534), having in account the context of creation of this lordship and the control of the high nobility promoted by the Crown. In a first stage, an analysis of the composition and administration of the patrimonial assets will allow a partial understanding of the lordship's value as an economical unit and provide its comparison with others seigniorial houses of the period. Then, the amount of resources gathered by this platform of power will generate an estimate of the attraction potential that this house could offer. Finally, these values, among other variables, will be interpreted based on the mechanisms that ensure clientele recruitment and administrative practices adopted in this case study.

Keywords

Infante Fernando; patrimony; seigniorial household; patronage; Duchy of Guarda; administration.

Artigo recebido em: 09.09.2014 | Artigo aceite para publicação em: 09.01.2015

© *Fragmenta Historica* 2 (2014), (39-67). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

⁴¹ Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto UID/HIS/00057/2013.

O autor agradece a Pedro Pinto pela generosa indicação de algumas fontes primárias relevantes para a elaboração deste artigo. Da mesma maneira, agradece a Mafalda Soares da Cunha, Isabel dos Guimarães Sá e a António Castro Henriques, pela leitura e comentários sobre uma primeira versão deste manuscrito.

“por me parecer cousa proveytosa nam soamente
pera elle mais pera o reyno...”⁴²

Introdução

Ao cumprir uma vontade vincada no testamento do Rei D. Manuel I, que teria já combinado o enlace matrimonial entre o Infante D. Fernando (1507-1534), seu filho, e D. Guiomar Coutinho (c. 1510-1534) - única herdeira da Casa de Marialva - D. João III fez com que um dos seus irmãos mais novos se visse na posse de extensos domínios fundiários e jurisdições. D. Francisco Coutinho era o conde mais rico de Portugal, detendo uma renda anual estimada em 4.800.000 reais⁴³. Tais bens, juntamente com as restantes mercês de que dispunha por ser membro da família real - entre as quais, se destacam as jurisdições inerentes ao Ducado da Guarda, de que foi titular, bem como o assentamento anual pago pela Coroa - aumentaram a riqueza e o poder deste infante, visível, de resto, no mecenato cultural que protagonizou, na paixão pela arte e pelas letras e na quantidade de criados da sua casa senhorial, apenas superada pelas cúrias do Duque de Bragança e do seu irmão, o Infante D. Luís⁴⁴.

O presente estudo, de carácter marcadamente exploratório, tem como objectivo discutir a capacidade de patrocínio do Ducado da Guarda e do seu titular, o Infante D. Fernando, partindo de uma análise inicial e parcelar ao património da sua casa senhorial e à forma como este foi composto e administrado. A hipótese em causa é entendida na medida em que a hierarquização social promovida pela Coroa se estende às benesses que ela própria confere. Por consequência, este senhorio assume-se como

uma mole de recursos com o poder de captar uma vasta clientela através de uma redistribuição das graças e mercês previamente concedidas pelo rei. Não obstante o falecimento precoce deste príncipe e da sua consorte D. Guiomar (ambos pereceram em 1534), a concentração de recursos que o Ducado da Guarda reuniu neste breve período assume-se como bastante significativa, tendo em conta o grupo restrito da alta nobreza, os respectivos patrimónios e as estruturas curiais que participavam na administração destes senhorios. O carácter político deste matrimónio tem vindo a ser destacado por vários autores como uma manobra hábil e astuta do monarca D. Manuel em, de uma só vez, acabar com um dos senhorios mais ricos do reino. De facto, a Casa de Marialva tornou-se, ao longo dos séculos anteriores, uma das casas mais ricas e apetecíveis do Reino, muitas vezes recorrendo a uma política expansionista agressiva com alto grau de conflituosidade⁴⁵. Como tal, não admira que à existência de uma única herdeira - D. Guiomar - este senhorio se tornasse altamente cobiçado tanto pela Coroa, como pelas principais casas nobiliárquicas.

A década de 1520-30 possui um papel fulcral para a compreensão do reordenamento da alta nobreza segundo as políticas joaninas. A Coroa sempre demonstrou especial apetência para controlar o potencial reprodutivo das casas cujas cabeças eram membros da família real. D. João III, enquanto monarca, actuou sempre com base em duas premissas bem vincadas: o respeito pelas vontades do seu antecessor e a gestão dos membros da família real a seu cargo, com especial relevância para o seu valor no mercado matrimonial. Se, por um lado, concluiu os matrimónios que tinham sido arrançados por seu pai, realce-se que, de acordo com a segunda premissa, demonstrou por vezes relutância em agilizar certas propostas matrimoniais que chegavam para os seus irmãos. Tal fenómeno, de controlo do destino dos infantes, sucedia por razões que essencialmente se prendiam com o equilíbrio do campo político da monarquia

⁴² Excerto retirado do codicilo ao testamento do rei D. Manuel. IAN/TT, *Gavetas*, gav. XVI, mc. 2, nº 2. Publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Lisboa, vol. VI, C.E.H.U., 1967, pp. 133-137.

⁴³ João Cordeiro Pereira, “A estrutura social e o seu devir”, in *Portugal na Era de Quinhentos. Estudos vários*, Cascais, Patrimonia Historica, 2003, p. 347.

⁴⁴ Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança 1560-1640. Práticas senhoriais e redes clientelares*, Lisboa, Estampa, 2000, p. 94.

⁴⁵ Luís Filipe Oliveira, *A Casa dos Coutinhos: Linhagem, Espaço e Poder (1360-1452)*, Cascais, Patrimonia Historica, 1999.

portuguesa.

Ao contrário do que aconteceu com alguns dos irmãos mais velhos, diga-se que o Infante D. Fernando não se importou de casar claramente abaixo do seu estatuto, olhando ao negócio que tinha já sido combinado pelo pai, D. Manuel. Contudo, não foi o único a consentir casar abaixo, visto que o Marquês de Torres Novas tentou igualmente abarcar a Casa de Marialva por via matrimonial. Ao ganhar o pleito que se arrastou por uma década, a Coroa conseguiu impor a sua vontade, que viria a deter um efeito triplo no referido campo político. A primeira grande implicação foi, de facto, ter acabado com o senhorio dos Marialva, um espaço rico e fronteiro, de difícil acesso, que agora se via novamente na esfera de influência régia. O segundo factor passa pela obstrução ao crescimento da Casa de Aveiro, algo que aconteceria se o Marquês tivesse levado a bom termo as suas intenções. Finalmente, a terceira implicação, decorrente das duas restantes, está relacionada com a disciplina imposta pela Coroa à alta nobreza, sobretudo às casas senhoriais cujo crescimento ameaça de alguma forma a estabilidade do Reino. Em boa verdade, ao longo do século XVI, a interferência régia chegou com alguma frequência às principais casas, procurando sempre casar um membro varão da Coroa com as herdeiras disponíveis, de modo a controlar o potencial de crescimento destes senhorios⁴⁶.

Todavia, a estratégia demonstrada pela linhagem de Avis em prover os infantes com senhorios de consideráveis dimensões não se encontrava livre de risco. A transferência de uma série de direitos jurídicos, fiscais e administrativos onde se incluía a nomeação de oficiais, a jurisdição cível e criminal e a cobrança de impostos poderia trazer problemas para a estabilidade política do Reino. Os acontecimentos do século passado deveriam

estar ainda bem frescos na memória, pelo que é legítimo assumir que o poder central estivesse bem ciente do grau de risco que uma medida destas implicava⁴⁷. Ainda assim, o monarca certamente que se apoiaria na fidelidade e na próxima ligação com o seu irmão para minimizar e acautelar a cedência de todo um conjunto de privilégios, cuja compensação advinha pelo putativo reforço de poder numa região fronteira, de difícil acesso e de réditos apreciáveis.

Em suma, saliente-se que estas casas senhoriais funcionavam efectivamente como um pólo de poder e influência concorrente ao próprio centro político, podendo coincidir ou divergir com este no processo de tomada de decisões. Como tal, assume-se como fulcral a compreensão do potencial de atracção desta casa senhorial com vista ao esclarecimento da sua relevância na correlação de forças patente na hierarquia aristocrática e no equilíbrio político da monarquia portuguesa.

A historiografia e o problema

Apesar dos esforços mais recentes, a historiografia portuguesa não se tem debruçado com grande frequência sobre o estudo das casas senhoriais quinhentistas e, por conseguinte, na compreensão da administração económica e patrimonial destas instituições, o que em parte pode ser explicado pelo (quase) desaparecimento dos respectivos arquivos senhoriais respeitantes a este período⁴⁸. Esta lacuna assume proporções especialmente relevantes no que toca ao estudo dos senhorios dos infantes manuelinos, que continua a ser

⁴⁶ Atente-se, como exemplo, no casamento de D. Duarte com D. Isabel de Bragança e na cedência do Ducado de Guimarães, algo que desagradaria profundamente ao Duque D. Jaime. Veja-se Mafalda Soares da Cunha, "Estratégias matrimoniais da Casa de Bragança e o casamento do Duque D. João II", in *Hispania*, vol. LXIV/1, nº 216, 2004, pp. 49-50.

⁴⁷ Humberto Baquero Moreno, *A Batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*, 2 vols., Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1979.

⁴⁸ João Paulo Salvado, "An Aristocratic Economy in Portugal in the First Half of the Seventeenth Century: The House of the Marquises of Castelo Rodrigo", in *E-Journal of Portuguese History*, vol. 9, nº 2, 2011, p. 36. Entre outros autores, diga-se que algumas das excepções à regra encontram eco na já citada obra de Mafalda Soares da Cunha e ainda em João Cordeiro Pereira, "A renda de uma Grande Casa Senhorial de Quinhentos", in *Portugal da Era de Quinhentos. Estudos Vários*, Cascais, Patrimonia Historica, 2003, pp. 235-260.

pautada, na melhor das hipóteses, por informações parcelares e dispersas em texto de propósitos distintos⁴⁹. Todavia, diga-se que tal rarefacção não se espelha na produção relativa aos domínios de cariz eclesiástico, encontrando-se um volume apreciável de trabalhos que abordam temáticas relacionadas com a delimitação e transmissão patrimonial, economia agrária e orgânica interna das referidas instituições⁵⁰. De igual modo, a produção existente sobre os senhorios laicos de finais do Antigo Regime assegura uma imagem nítida das especificidades inerentes a estas estruturas e do seu contexto⁵¹.

Por outro lado, as ideias vinculadas pela agenda da historiografia oitocentista – de que existiria um declínio da “monarquia agrária”, rivalizando com a emergência de uma economia mundial com base na expansão ultramarina – impediram, até certo ponto, a devida consideração do estudo das especificidades ligadas à produção e ao investimento senhorial⁵². Com efeito, desde cedo se partiu do pressuposto de que a grande porção dos ingressos destas casas senhoriais aparentadas com a Coroa eram constituídas, de facto, pelas anuidades pagas pelo erário régio que visavam assegurar o estado e a “alimentação” destes centros de poder. Daqui se aferiu a pouca preocupação, por parte da alta

⁴⁹ Não se centrando na casa enquanto esfera de poder económico, alguns exemplos excepcionais de trabalhos sobre estes séculos senhoriais podem-se encontrar em Felix Labrador Arroyo, *La Casa de la Emperatriz Isabel de Portugal (1526-1539)*, Madrid, Tese de licenciatura apresentada à Universidade Autónoma de Madrid (policopiada), 1999 ou ainda em Carla Alferes Pinto, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577). O mecenato de uma princesa renascentista*, Lisboa, Fundação Oriente, 1998, pp. 67-78.

⁵⁰ Entre outros trabalhos, vejam-se Maria Helena da Cruz Coelho, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, Lisboa, IN-CM, 1989; Iria Gonçalves, *O património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Lisboa, UNL-FCSH, 1989; Aurélio de Oliveira, *A Abadia de Tibães e o seu domínio (1630-1680). Estudo social e económico*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1974.

⁵¹ Nuno G. Monteiro, *O Crepúsculo dos Grandes: a casa e o património da aristocracia em Portugal 1750-1832*, Lisboa, IN-CM, 1998.

⁵² Rui Santos, “A sociedade rural”, in Diogo Ramada Curto (org.), *O Tempo de Vasco da Gama*, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 135-156.

nobreza, com questões administrativas e, consequentemente, uma vincada tendência para o despesismo⁵³.

Desde as últimas décadas do século passado, tal hipótese tem vindo a dar lugar a um enfoque que tenta compreender a existência de esforços levados a cabo por estes membros da nobreza no melhoramento da administração patrimonial dos seus domínios e jurisdições tendo em vista um conjunto de investimentos em áreas estratégicas. Obviamente, este novo olhar acarreta a emergência de inúmeras questões secundárias. Boa parte destas está relacionada com o que poderia ser considerado (ou não) como uma política de investimento, ao tempo, integrando esta questão num contexto onde a aparência era fonte de poder e estatuto. Outra via, mais direccionada para a administração *per se*, defende a premissa de que o endividamento aristocrático, em maior ou menor grau, não corresponde necessariamente à ausência de investimento e/ou de poder financeiro para a tomada de tais medidas⁵⁴.

De uma maneira geral, é legítimo afirmar que em certas partes do continente europeu tais esforços eram visíveis entre os séculos XVI-XVIII através de um aproveitamento mais eficiente dos bens e recursos então existentes (com grande evidência na produção agrícola, na mineração e no têxtil), ainda que por vezes o ordenamento jurídico não permitisse o envolvimento directo destes estratos sociais nos referidos negócios conduzindo a uma comparticipação indirecta⁵⁵.

Por outro lado, uma perspectiva bem conhecida reside nas empresas ligadas ao processo de

⁵³ A. de Sousa Costa Silva Lobo, *História da Sociedade em Portugal no século XV*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1903, pp. 442-469.

⁵⁴ Helen Nader, “Noble Income in Sixteenth-Century Castile: The Case of the Marquises of Mondéjar, 1480-1580”, in *The Economic History Review*, vol. 30, n.º 3, 1977, pp. 411-428.

⁵⁵ Patrick O’Brien, “Final Considerations: Aristocracies and Economic Progress under the Ancien Régime”, in Paul Janssens and Bartolomé Yún-Casalilla (eds.), *European Aristocracies and Colonial Elites. Patrimonial Management Strategies and Economic Development, 15th - 18th Centuries*, Aldershot, Ashgate, 2005, pp. 247-263.

expansão marítima, em parte recorrendo aos investimentos de particulares para financiar as respectivas armadas. No que concerne ao reino português – e talvez pela primazia no referido processo – desde cedo que alguns membros da alta nobreza, como os infantes e os titulares das casas aparentadas com a Coroa (Beja-Viseu, Bragança e Vila Real), participaram activamente nas actividades de conquista, povoamento e exploração de regiões africanas⁵⁶.

Ainda no plano interno, outro ponto de vista insuficientemente abordado no Portugal quinhentista, no que diz respeito ao investimento destes senhores, está relacionado com o patrocínio e clientelismo político. Como centros de poder cooperantes com a Coroa, as grandes casas aristocráticas beneficiaram com a vocação expansionista dos monarcas europeus deste período e da redistribuição de novos domínios e rendas, à medida que estes eram adquiridos⁵⁷. Os investimentos numa rede ampla de conexões, de onde fazem parte não só as famílias que circulavam na órbita da Coroa e das casas com ela aparentadas, mas também outras instituições e indivíduos ligados ao campo político da monarquia e à esfera eclesiástica, faziam do patrocínio um instrumento proeminente para o ganho de capital social com vista ao apoio político nas causas onde o senhorio estivesse envolvido.

A partir desta dinâmica e com base na economia da mercê que caracterizava este paradigma, torna-se facilmente compreensível a necessidade de avaliar os recursos destas esferas de poder de forma sistemática. Não se pretende apenas verificar o seu valor, de forma comparada, na hierarquia do regime. É também necessário perceber se esta capacidade de redistribuição poderia captar o apoio necessário à condução de determinadas políticas com base no patrocínio e clientelismo senhorial.

A criação do Ducado

O contrato de casamento como instrumento político e económico

A distribuição de rendimentos promovida pela Coroa durante a dinastia de Avis assegurava ao Infante D. Fernando um conjunto de ingressos substancialmente próximo dos restantes infantes manuelinos⁵⁸. Todavia, nunca excederia, por exemplo, os montantes da Rainha D. Catarina ou o do Infante D. Luís, já que estes ocupavam uma posição hierárquica superior, pela maior proximidade em relação ao monarca. A aceitação destas normas não era sempre pacífica, visto que algumas vicissitudes inerentes aos trajectos pessoais dos familiares régios tinham o condão de alterar esta redistribuição de mercês. No caso fernandino, é notória uma divergência sobre estes montantes pouco antes do casamento com D. Guiomar de Noronha, mantendo este infante uma negociação com o seu irmão, D. João III, procurando reavaliar aquele que seria um dos seus encaixes financeiros mais significativos. Entre outras reclamações, que se prendem com os moldes em que poderiam ser gastas as verbas de dote e arras à falta de descendência na morte de um dos consortes, D. Fernando pede ao rei para receber o mesmo assentamento que o Infante D. Luís (em 1527, a diferença entre ambos era de quase um conto de reais), tentando capitalizar o próprio acto político em si e a futura prole que daqui poderia advir⁵⁹. Contudo, o monarca nunca acedeu a este pedido, impedindo assim a abertura de um precedente nesta escala distributiva e, consequentemente, as hipotéticas complicações que daí surgiriam. Ainda assim, tal como o assentamento, os

⁵⁶ Leonor Freire Costa, Pedro Lains, Susana Münch Miranda, *História Económica de Portugal, 1143-2010*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011, pp. 64-72.

⁵⁷ Bartolomé Yún-Casalilla, *Marte contra Minerva. El precio del Imperio Español, c. 1450-1600*, Barcelona, Crítica, 2004, p. 100.

⁵⁸ Luís Filipe Oliveira, Miguel Jasmins Rodrigues, “Um processo de reestruturação do domínio social da nobreza: a titulação na 2ª dinastia”, in *Revista de História Económica e Social*, nº 22, 1988, pp. 77-114; Mafalda Soares da Cunha, “A nobreza portuguesa no início do século XV: renovação e continuidade”, in *Revista Portuguesa de História*, tomo 31, vol. II, 1996, pp. 219-252.

⁵⁹ IAN/TT, *Gavetas da Torre do Tombo*, gav. 20, mc. 13, nº 102; João Cordeiro Pereira, “O orçamento do Estado português no ano de 1527”, in *Portugal da Era de Quinhentos. Estudos Vários*, Cascais, Patrimonia Historica, 2003, p. 194.

réditos de proveniência régia outorgados a D. Fernando cresceriam substancialmente num período inferior dez anos, como se pode inferir pelos padrões de juro e tenças sucessivamente doadas pelo monarca, bem como pela herança e pelos negócios que a Coroa mantinha com o Conde de Marialva (mais à frente tratadas com pormenor).

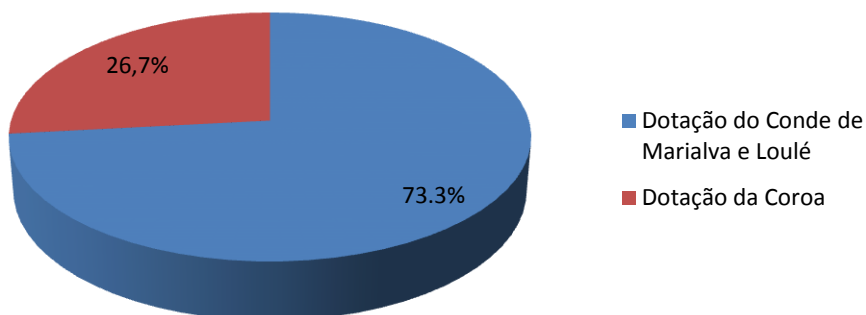
A principal razão para este acréscimo pode ser encontrada, de facto, na consumação do referido matrimónio, visto que as cláusulas patentes no contrato previamente efectuado garantiam um acréscimo da dotação anual destinada ao casal caso este cumprisse o

Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)

requisito relativo à sua descendência. Daqui resulta que a capacidade de reprodução constitui, neste caso, um regulador para o incremento do valor associado a este negócio.

Contudo, para uma verdadeira compreensão dos montantes envolvidos e do potencial económico deste consórcio, impõe-se uma análise aprofundada do contrato. Este permite compreender as dinâmicas de integração das distintas jurisdições, bens e mercês num novo senhorio, redimensionando por si só um novo espaço de poder, associando uma linhagem poderosa a um membro da família real, com as implicações que se discutem ao longo deste texto⁶⁰

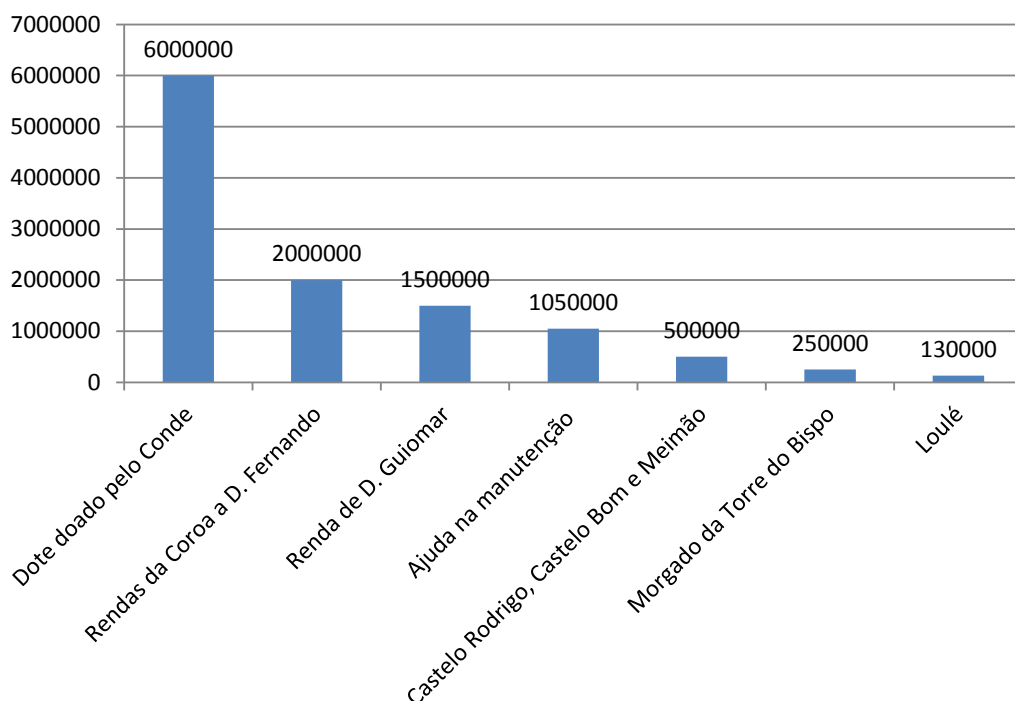
Gráfico nº 1: Proporção dos montantes envolvidos no contrato de casamento com vista à doação do “estado” (ano de 1522).



Fonte: António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Lisboa, Academia Real, Tomo II, 1724, pp. 572-580.

⁶⁰ No que concerne à importância das dotações femininas, veja-se Ana Maria Rodrigues, “For the Honor of Her Lineage and Body: The Dowries and Dowries of Some Late Medieval Queens of Portugal”, in *E-Journal of Portuguese History*, vol. 5, nº 1, 2007, pp. 1-13.

Gráfico nº 2: Montantes envolvidos no contrato de casamento entre o Infante D. Fernando e D. Guiomar (em reais).



Fonte: António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Lisboa, Academia Real, Tomo II, 1724, pp. 572-580.

O instrumento pelo qual ficou combinado o casamento entre o Infante D. Fernando e D. Guiomar Coutinho determinava com exactidão as benesses, oriundas por via da Casa de Marialva e Loulé e, de outra parte, pela Coroa, a conceder ao casal para a sustentação económica da casa e “estado”. Ao mesmo tempo, conferia um novo título e um vasto conjunto de prerrogativas dignas do estatuto dos príncipes em causa. Do ponto de vista do valor económico, as benesses dadas pelo Conde de Marialva são quase três vezes superiores às mercês da Coroa, tendo em conta as estimativas coevas (o contrato foi firmado em 1522) sobre o que valeriam as respectivas jurisdições sobre vilas, concelhos, lugares, as dotações em bens materiais e os padrões de juro a arrecadar. O facto de o Infante estar a casar muito abaixo do seu estatuto real, como já se aludiu, explica a grandeza dos montantes despendidos por D. Francisco Coutinho.

Com efeito, entre o dote de 15.000 cruzados doado ao Infante D. Fernando (6 milhões de reais) pelo Conde, as rendas de D. Guiomar (em padrões de juro), a jurisdição da vila de Loulé, o morgado da Torre do Bispo e as jurisdições de Castelo Rodrigo, Castelo Bom e lugar de Meimão, o valor dos montantes prometidos pela Casa ultrapassava ligeiramente os oito contos (8.380.000 reais). Por outro lado, a Coroa investia pouco mais de três milhões de reais. Entravam neste montante as rendas ao Infante D. Fernando (onde estavam incluídos o assentamento anual, e os réditos das vilas de Trancoso, Sabugal e Alfaiates) e uma ajuda de 1.050.000 reais na manutenção do respectivo “estado” enquanto o Conde de Marialva fosse vivo e D. Fernando não lhe pudesse suceder.

O montante relativo ao dote, de 6 milhões de reais, quando comparado com outros do mesmo período face ao estatuto dos nubentes, é consideravelmente alto. Lembre-se, a título de exemplo, os 4 milhões de reais doados a D.

Francisco de Melo, 2º Conde de Tentúgal, pelo seu consórcio com D. Eugénia, negociado em 1549 (ou seja, mais de 25 anos após o negócio dos Marialva). Mesmo uma comparação coeva (1536) com o montante doado por D. Teodósio ao Infante D. Duarte, pelo casamento com D. Isabel de Bragança (Vila e Ducado de Guimarães, com dois milhões de reais), serve para reforçar a ideia que o dote de D. Guiomar era extremamente elevado⁶¹.

Outro pormenor a mencionar passa pelas eventuais reordenações a este compromisso, levadas a cabo no caso de o casal gerar descendência (onde a renda anual de D. Guiomar passaria de 1,5 para 1,7 milhões de reais) ou de um dos conjugues sobreviver ao falecimento do outro. Em todo o caso, este tipo de reconfigurações, previstas e juridicamente sustentadas neste tipo de contrato, não tiveram efeito visto que os dois membros do casal faleceram ambos com um intervalo de tempo relativamente curto, bem como as duas crianças entretanto geradas, não accionando essas cláusulas de modo efectivo, gerando inclusive pleitos judiciais que se arrastariam pelas décadas seguintes⁶².

O contrato aqui analisado tem de ser perspectivado tendo em conta a década de intervalo entre o seu acerto e a consumação do respectivo matrimónio, graças ao processo interposto pelo Marquês de Torres Novas, D. João de Lencastre, que lhe valeria o afastamento da corte e consequente prisão. A conjuntura em causa criou certamente a necessidade de reavaliar estes montantes, dado o tempo decorrido e as transformações eventuais que teria acarretado nos valores iniciais. Não admira portanto que o Infante D. Fernando e a própria família real sentissem necessidade de se informar sobre estes novos domínios do Ducado da Guarda, confirmados paulatinamente por D.

⁶¹ Mafalda Soares da Cunha, "Estratégias matrimoniais...", p. 47; Fernando Palha, *O casamento do Infante D. Duarte com D. Isabel de Bragança*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, p. 54.

⁶² Mário Brandão, "Inácio de Moraes", in *Estudos vários*, vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1972, pp. 285-288.

Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)

João III entre os meses de Agosto e Outubro de 1530⁶³. A morte de D. Francisco Coutinho durante o início deste ano teve, obviamente, implicações na tomada deste estado, já que a excepção à *Lei Mental*, garantida pela Coroa a D. Guiomar, fez com que esta pudesse acumular toda a casa como herdeira única.

Partindo da consumação deste consórcio, o monarca viria a equiparar de forma paulatina os domínios do novo Ducado à nova dignidade, confirmando antigos privilégios já garantidos ao Conde de Marialva e atribuindo novas prerrogativas que advinham da condição de nascimento do novo senhor. Entre estas contavam-se, a título de exemplo, regalias fiscais aos rendeiros fernandinos, o facto dos corregedores régios não poderem penetrar nas suas terras, bem como outros direitos jurídicos, sobretudo nos privilégios dados ao seu ouvidor⁶⁴.

Para além das jurisdições previamente acordadas no contrato de casamento (Castelo Rodrigo, Castelo Bom, Loulé, lugar de Meimão, Trancoso, Sabugal, a vila de Alfaiates e o morgado da Torre do Bispo), o casal veria agora confirmadas as jurisdições das vilas de: Abrantes, Marialva, Penela e Póvoa da Beira, Trancoso, Mondim e Terra de Sever, Magueija, Vila Nova de Foz Côa, Cedovim, Fonte Arcada, Moimenta da Beira, Nagosa, Leomil, Sernancelhe, Casteição, Numão, Horta, Trevões, Paredes da Beira e Riodades, Chavões, S. Martinho de Mouros, Caria, Tavares, Aveloso, Souto, Penedono, Sendim, Barcos, Tabuaço, Parada de Ester, Arcos, Granja, São Cosmado, Goujoim, Longa e Soutosa⁶⁵. Estas dezenas de

⁶³ IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III*, Doações..., liv. 39, fls. 81-119.

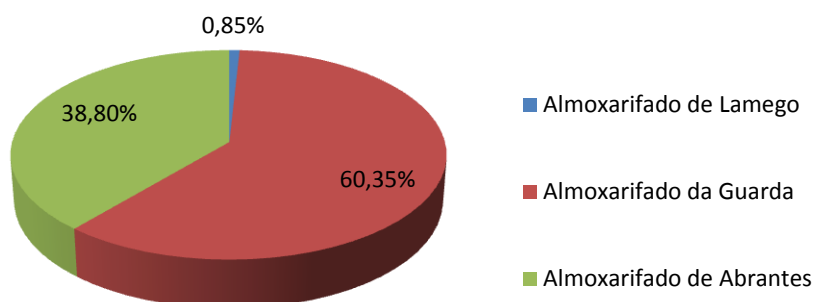
⁶⁴ IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III*, Doações..., liv. 39, fls. 82v-83, 107. Na prática, tais privilégios iam de encontro às *regalia* que a Coroa habitualmente transferia para as casas com ela aparentada, tais como as dos infantes ou a Casa de Bragança.

⁶⁵ Embora não dispense uma análise com os devidos cuidados, dada a ocasional confusão nos conceitos usados, as listagens apresentadas por Armando Castro fornecem uma listagem das jurisdições pertencentes a D. Fernando por comarca. Veja-se Armando Castro, *A Estrutura Dominial Portuguesa dos séculos XVI a XIX (1834)*, Lisboa, Caminho, 1992, pp. 162-165.

domínios, concentrados na região beirã, eram complementados por uma série de jurisdições e alçadas sobre os principais castelos da zona (frequentemente em cidades de maior população), evidenciando assim um apertado controlo sobre os efectivos militares e seu recrutamento. Exemplos desta faceta são encontrados nas doações sobre as jurisdições dos castelos de Lamego, Trancoso, Sabugal, Marialva ou Guarda, juntando a “dada” da alcaidaria-mor das respectivas fortificações e direitos adjacentes⁶⁶. Finalmente, deve-se também enunciar outro tipo de doações, que se prendiam com os locais demarcados para o exercício da caça (caso da coutada de Assentas, no termo de Beja) ou com domínios favoráveis à exploração agrícola (caso do Paul de Trava)⁶⁷.

Paralelamente a esta malha jurisdicional, concentrada sobretudo numa base regional beirã (exceptuando localizações pontuais na Estremadura, Entre Tejo e Odiana e Algarve), o monarca concedeu a ambos os membros do casal padrões de juro e tenças substanciais com base num duplo vector: as mercês deste tipo já concedidas ao Conde de Marialva, agora defunto, de que são herdeiros os Duques da Guarda e o acrescentamento do estado de D. Fernando, por via das cláusulas estabelecidas no contrato matrimonial. Um primeiro padrão, que viria a ter efeito a partir de Janeiro de 1531, garantia ao Infante D. Fernando um montante de 2 milhões de reais, nos quais entrariam as rendas das cidades de Trancoso, Sabugal e Alfaiates⁶⁸.

Gráfico nº 3: Participação dos almoxarifados da Guarda, Lamego e Abrantes no padrão de dois milhões de reais do Infante D. Fernando.



Fonte: IAN/TT, *Casa Real, Núcleo Antigo*, liv. 826, fls. 37v- 49.

⁶⁶ IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III, Doações...*, liv. 39, fls. 103-107

⁶⁷ IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III, Doações...*, liv. 39, fls. 92v, 94, 103v-104.

⁶⁸ IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III, Doações...*, liv. 39, fl. 93v.

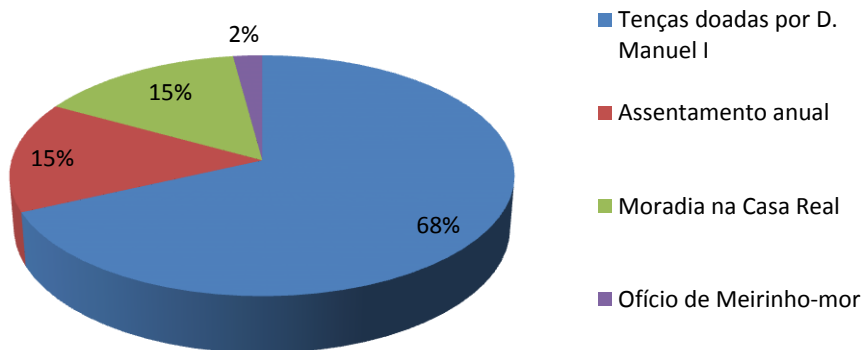
Não tendo a intenção de enveredar em demasia pelas estruturas de cobrança e circulação das rendas e direitos reais, atente-se no esclarecimento das seguintes benesses. Segundo os dados aferidos no gráfico nº 3, a maior porção destes réditos advinha do almoxarifado da Guarda, onde as sisas de Trancoso e da feira de São Bartolomeu (850 mil reais), juntamente com as do Sabugal (286 mil reais) e as de Vila Nova de Foz Côa (116 mil reais) totalizariam um montante pouco superior a um milhão e duzentos mil reais. O montante restante ficar-se-ia a dever ao

Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)

almoxarifado de Abrantes, que contribuiria com 776 mil reais retirados das sisas da vila, ao passo que uma pequena parte (17 mil reais) provinha do almoxarifado de Lamego graças às sisas da vila de Numão⁶⁹.

Um outro padrão de 692.308 reais, confirmado ao Infante D. Fernando por via das cláusulas matrimoniais, está relacionado com o dote prometido pelo Conde de Marialva e, de resto, umbilicalmente ligado aos privilégios e benesses que este detinha nos reinados anteriores.

Gráfico nº 4: Composição do padrão de tença de 692308 reais.



Fonte: IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III, Doações...*, liv. 39, fls. 109-111⁶⁹.

De facto, o Infante herdaria as duas tenças que o Conde de Marialva detinha ainda no reinado manuelino (68% do total, uma de 400.000 reais e outra de 72.000), o seu assentamento anual (15% do total, que tal como os outros condes, se

cifrava nos 102.862 reais), a respectiva moradia (cujo montante igualava o do assentamento, 15%) e, por fim, o ordenado relativo ao ofício de Meirinho-mor do Reino (2% do total, perfazendo 14.580 reais), cargo onde D. Fernando se viu

⁶⁹ IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III, Doações...*, liv. 39, fl. 93v.

⁷⁰ Publicado em António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, tomo IV, 1724, pp. 580-87.

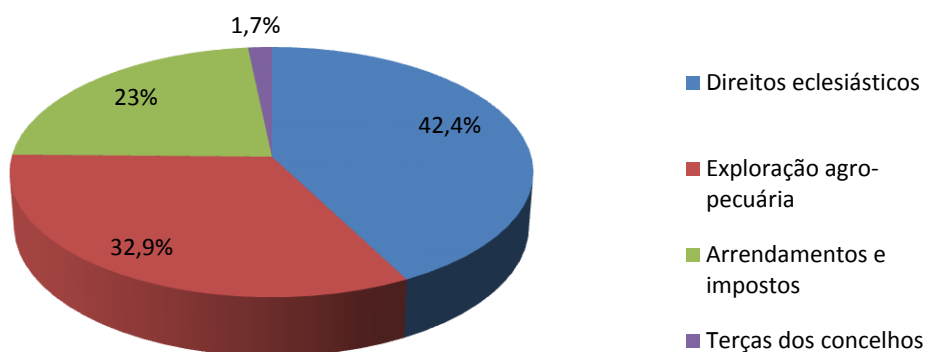
provido desde a morte do sogro⁷¹. Neste caso, o contributo dos respectivos almoxarifados era menos dividido, já que o almoxarifado da Guarda assegurava 630.000 reais pagos pelas sisas da vila de Castelo Rodrigo, enquanto que a pequena parte restante (62.308 reais) ficaria a cargo do almoxarifado de Lamego, mais uma vez através das sisas de vila de Numão.

Por fim, um padrão de juro de 625.000 reais que é negociado entre o Infante D. Fernando e o irmão D. João III está relacionado com um empréstimo anterior efectuado por D. Francisco Coutinho à Coroa no valor de 10 milhões de reais. O pagamento anual deste valor estaria dividido entre o almoxarifado de Abrantes (entraria com 425.000 reais) e o almoxarifado de Santarém (com os restantes 200.000 reais)⁷².

Como já foi anteriormente referido, o período de oito anos que medeia entre o acerto do

contrato matrimonial (1522) e a consumação do casamento (1530) desembocou numa necessidade de actualizar e redefinir a administração económica do “estado” a conceder ao casal, sobretudo pela morte do Conde de Marialva e pelo efeito de catalisador que esta deteve na equação. Em parte por força das cláusulas matrimoniais, as confirmações régias ao Infante e a D. Guiomar seriam decisivamente influenciadas pela inquirição que D. Fernando e o Infante D. Luís mandaram fazer às suas terras, nas regiões da Beira e Riba Côa em Maio de 1530. Apesar de esta fonte se encontrar truncada e da disparidade qualitativa de informações que revela, de concelho para concelho, denota-se que na mesma estão presentes sensivelmente metade das vilas que D. Fernando detinha nas ditas regiões, incluindo Lamego, Castelo Rodrigo, Penela, Moimenta da Beira, Marialva, Sernancelhe e Trancoso⁷³.

Gráfico nº 5: Origem dos réditos do Infante D. Fernando nas regiões da Beira e Riba Côa.



Fonte: IAN/TT, *Casa Real, Núcleo Antigo*, nº 488 (fólios não numerados).

⁷¹ IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III, Doações...*, liv. 39, fl. 115.

⁷² IAN/TT, *Casa Real, Núcleo Antigo*, nº 826, fls. 75v-85.

⁷³ IAN/TT, *Casa Real, Núcleo Antigo*, nº 488 (fólios não numerados). Segundo um pequeno apontamento nos fólios finais deste volume, existiriam dois cadernos distintos com informações sobre os réditos destes senhores na região, dos quais apenas se encontrou o presente volume que aqui se cita. Como tal, os dados aqui apresentados são necessariamente parcelares e funcionam como uma ordem de grandeza.

Apesar da disparidade de dados desta amostra, que tem de ser encarada com extrema cautela devido ao facto de as jurisdições não deterem o mesmo teor sobre a vila ou cidade onde incidem, o total dos réditos dispostos acima cifra-se aproximadamente nos três milhões e meio de reais. Numa primeira leitura, orientada para os efeitos desta dinâmica no patrocínio e clientelismo associados à casa senhorial, existem dois grandes aspectos a destacar nesta ordem de grandeza.

O primeiro prende-se com a importância dos direitos eclesiásticos (acima dos 40%, totalizando sensivelmente um milhão e meio de reais). O padroado da Casa de Marialva tem uma influência decisiva no rendimento das igrejas cujos direitos de apresentação residem, ao momento, sobre a jurisdição do casal. Como se verá mais à frente, este é um dos principais recursos à disposição do senhor para agraciar e atrair clientes para a sua esfera de influência. Não admira, portanto, a disputa que mais tarde ocorreu sobre eles entre vários membros da família real, considerando o potencial de remuneração que este tipo de direito oferece.

Noutra perspectiva, saliente-se o rendimento sobre quota de exploração directa sobre a propriedade jurisdicional do senhor (quase 33%, valorizando acima de um milhão de reais). A relevância deste tipo de resultado levanta questões legítimas não só sobre o funcionamento dos circuitos senhoriais de armazenamento, distribuição e venda dos bens cultivados (e criados, no caso da pecuária), mas também sobre o verdadeiro impacto das explorações senhoriais na redefinição de um mercado à escala local/regional. Tanto mais que o uso de certos direitos e prerrogativas nestas jurisdições (como o direito de relego, onde o senhor e/ou rendeiro deste detinha a primazia na venda dos bens, comparativamente com os restantes produtores) influenciava decisivamente a economia vigente e todas as variáveis associadas às transacções de bens no centro e na periferia (preços, colheitas, redistribuição de proveitos, entre outras).

Ainda assim, saliente-se que este modelo de exploração directa continua a ser minoritário, visto que a percentagem conjunta dos

arrendamentos (23%, ligeiramente acima dos 800.000 reais) e dos direitos eclesiásticos (visto que a maioria das igrejas são arrendadas, constituindo raras excepções aquelas que não o são) auguram que o arrendamento sobre as jurisdições e sobre os meios de produção é ainda uma das maiores fontes de rendimento deste senhorio.

Como já foi referido, a maior porção dos rendimentos desta casa senhorial advém da Coroa, à luz de uma hierarquia social estrita que classifica com minúcia as mercês distribuídas pelos distintos estratos da nobreza e pelos próprios membros da família real. De acordo com este paradigma, se este tipo de réditos é mais previsível, em função das políticas dinásticas e do quadro social da nobreza, o mesmo não acontece necessariamente com as restantes formas de rendimento – a terra – cuja origem se encontra dependente de um conjunto variado de factores. O montante previsto nestas receitas não depende apenas da quantidade e qualidade das colheitas anuais – dado que a produção agrária é um dos factores mais proeminentes desta equação – mas também da quantidade de contratos de arrendamento que a Casa consegue efectuar, atendendo ao grande número de jurisdições e direitos de que dispõe para o efeito.

Apesar do grande património da Casa de Marialva, formado por bens imóveis espalhados um pouco por todo o reino e de concentração elevada na zona da Beira interior, como bem atesta Braamcamp Freire, diga-se que a parca informação sobre estes activos não permite uma avaliação de conjunto que indique o valor patrimonial aproximado ao total. Portanto, o exercício efectuado nesta dimensão cingir-se-á ao trabalho sobre amostras e, quanto muito, estimativas para o esboço das grandezas associadas ao hipotético valor total⁷⁴.

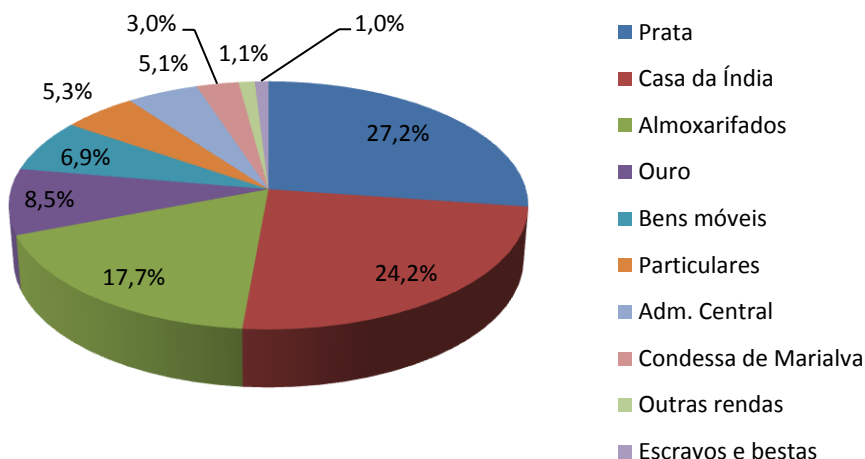
⁷⁴ Anselmo Braamcamp Freire, *Brasões da Sala de Sinta*, vol. III, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921, 2ª ed., p. 347. Muito deste património espalhado pelo Alentejo, Algarve, Minho, e Beiras resulta do legado proporcionado por D. Francisco Coutinho, 4º conde de Marialva e D. Beatriz de Meneses, 2ª condessa de Loulé.

De uma maneira geral são conhecidas propriedades fundiárias, solares, quintas, vinhas, casais e outras unidades de produção pertencentes a D. Fernando e D. Guiomar, pouco depois da morte deste casal. Parte destes bens, reclamados por D. Beatriz de Meneses, Condessa de Loulé, deveria certamente pertencer aos Marialva, o que não causa surpresa vista a avaliação que o embaixador castelhano Lope Hurtado transmite à Imperatriz Isabel, numa missiva datada de Fevereiro de 1530 (pouco depois do falecimento do Conde). Segundo este enviado, entre as dívidas, dinheiro

e bens materiais (incluindo jóias e pratas) que deixou a D. Beatriz de Meneses, o saldo positivo cifrar-se-ia nos 150.000 ducados (aproximadamente sessenta milhões de reais)⁷⁵.

Por outro lado, é sabido que, à morte de ambos os consortes, a fazenda do casal carregada pelo tesoureiro Luís Ribeiro registaria um valor ligeiramente superior a vinte contos, dividido por montantes de diferentes proveniências e agregando rendas, heranças, património imóvel, bem como lucros resultantes da venda de bens materiais.

Gráfico nº 6: Liquidação das verbas registadas na fazenda após o falecimento do casal (ano de 1540).



Fonte: IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III, Doações...*, liv. 50, fl. 213v.

Como se pode aferir pelo gráfico supracitado, a maior porção destes activos era oriunda das rendas de proveniência régia, vista a proporção emanada pelos órgãos centrais de redistribuição (quase metade do valor total da fazenda) e a sua relevância para o funcionamento da casa. Uma parte ligeiramente superior a um terço do montante presente na fazenda resultou da

venda de ouro e prata, tendo esta atingido pouco mais de sete milhões de reais. Os activos móveis a que antes se aludiu não possuem uma expressão muito significativa no contexto geral da fazenda, embora sejam ainda assim representantes de um montante próximo de 1.400.000 reais, certamente relativos ao património espalhado pelas comarcas já citadas,

⁷⁵ AGS, *Estado*, leg. 369, 19. Publicado em Aude Viaud (ed.), *Correspondance d'un ambassadeur castillan au Portugal dans les annees 1530: Lope Hurtado de Mendonza*, Lisboa e Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 390.

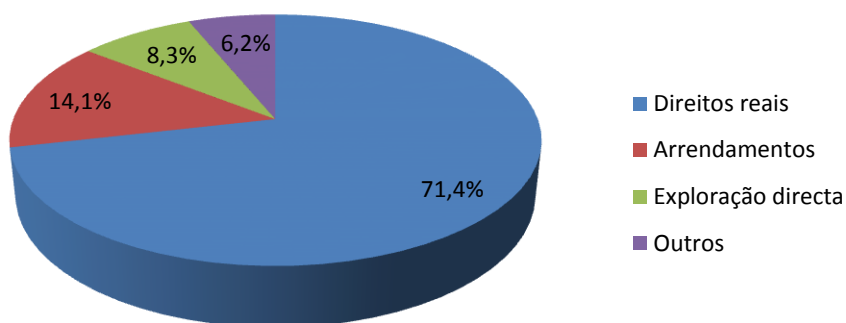
não se estranhando que a maior porção estivesse sediada na Beira e Riba Côa⁷⁶.

A parte reservada aos particulares – embora pequena no cômputo geral, totalizando pouco mais de um milhão de reais – possui influência directa ao nível da organização do senhorio. Tal verba encontra-se atribuída a oficiais com responsabilidades na fazenda da casa, designadamente indivíduos comprometidos com aquisição de bens para manutenção do *domus* ou com o circuito de transmissão de réditos oriundos das explorações directas. O reduzido montante desta verba não permite tirar grandes conclusões sobre o investimento directo do Infante no seu senhorio, visto que os montantes em causa não são indicativos dos eventuais fluxos monetários destinados a fins de patrocínio ou angariação clientelar. A única conclusão que parece ganhar forma é, de facto, a importância dos montantes doados pela Coroa naquilo que seria o orçamento anual deste senhorio.

Os proveitos agrários

Os dados apurados para o Paul de Trava, propriedade herdada pelo casal por via de D.

Gráfico nº 7: Proporção das modalidades que compõem o rendimento do Paul de Trava sobre trigo, milho e cevada (1534).



Fonte: IAN/TT, *Gavetas da Torre do Tombo*, gav. 9, mç. 10, nº 6.

Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)

Beatriz de Meneses e que mais tarde se manteria ligada à esfera da Coroa até o período contemporâneo, dão conta de um rendimento resultante de variáveis diferentes.

Os autores que se debruçaram sobre as questões relativas à produtividade agrária têm vindo a dar conta da natural disparidade da qualidade e quantidade dos proveitos e da sua oscilação regional e temporal. Muita desta disparidade encontra-se obviamente relacionada com uma série de factores que detêm influência directa na capacidade de produção das explorações senhoriais, como as intempéries, a escassez de meios técnicos e fertilizantes, a irrigação ou mesmo a própria inclinação dos solos. Esses factores permitem encontrar em domínios afectos ao mesmo senhor índices de produção distintos conforme a espécie – na maioria das vezes, o cereal e o vinho – de acordo com as condições do solo e do próprio meio físico⁷⁷. Tendo como base estas premissas, é possível afirmar que o número de dados rastreados com base nas explorações agrárias afectas ao Ducado da Guarda parece confirmar a tendência já aferida para o cultivo das referidas espécies.

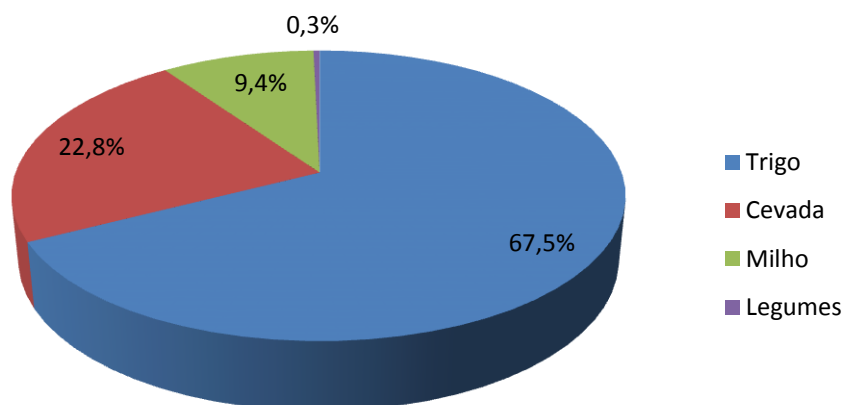
⁷⁶ IAN/TT, *Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 55, nº 90.

⁷⁷ Iria Gonçalves, *O património do Mosteiro...*, pp. 239-244.

O gráfico nº 7 dá conta das distintas proveniências do rendimento senhorial sobre produtos como o trigo, a cevada e o milho neste paul. A conclusão mais óbvia reside no facto dos direitos reais sobre a produção e transacção destes bens (de que são exemplos o terço e a jugada) deterem um peso maioritário nesta equação. Quando associados aos respectivos montantes do arrendamento e do pagamento de foros, é facilmente compreensível que a generalidade deste modelo favoreça a exploração da terra por terceiros, por oposição à exploração directa do senhor, existente numa proporção pouco significativa. Este paradigma

pode acarretar várias interpretações, não necessariamente divergentes. Uma hipotética procura elevada destas terras por parte de camponeses e lavradores (reconhecidas pela sua fertilidade) atenuaria os eventuais esforços do Infante para as aproveitar da melhor forma utilizando os recursos à sua disposição. Consequentemente, o investimento em recursos financeiros e humanos poupados nesta exploração permitiria abordar outras frentes de utilização, onde estes seriam à partida melhor rentabilizados, ou pelo menos com fins distintos (como se verá mais à frente neste texto).

Gráfico nº 8: Proporção das espécies agrícolas no rendimento do paul de Trava (1534)⁷⁷.



Fonte: IAN/TT, *Gavetas da Torre do Tombo*, gav. 9, mç. 10, nº 6.

Dos quase 16 mil alqueires (aprox. 267 moios) em géneros agrícolas que constituem o rendimento deste domínio no ano de 1534, saliente-se a primazia do montante pago em trigo (ligeiramente superior a 10.500 moios), ao passo que a cevada aparece como a segunda grande espécie (um pouco acima dos 3.600 moios), sobrando o milho e sobretudo os legumes (uma mistura de grão, chícharos e

lentilhas) com uma proporção mínima. Multiplicando as espécies por coeficientes conhecidos em função do período e do local de produção, após descontar os montantes devidos aos envolvidos na produção, diga-se que entre o trigo, a cevada e o milho, os rendimentos ultrapassam os 400 mil reais, pelo que uma estimativa dos réditos totais, incluindo as restantes espécies, deveria rondar o meio milhão de reais⁷⁹.

⁷⁸ Lembre-se que neste exercício apenas figuram as espécies que foi possível contabilizar. Logo, espécies como o linho – cuja contagem não foi elaborada – condicionam uma estimativa total do rendimento do paul.

⁷⁹ Utilizando os coeficientes de 30 reais por alqueire de trigo, 12 reais por alqueire de cevada e 25 reais por alqueire de milho. Veja-se Mário Viana, “Alguns preços de

Dos quase 16 mil alqueires (aprox. 267 moios) em géneros agrícolas que constituem o rendimento deste domínio no ano de 1534, saliente-se a primazia do montante pago em trigo (ligeiramente superior a 10.500 moios), ao passo que a cevada aparece como a segunda grande espécie (um pouco acima dos 3.600 moios), sobrando o milho e sobretudo os legumes (uma mistura de grão, chicharos e lentilhas) com uma proporção mínima. Multiplicando as espécies por coeficientes conhecidos em função do período e do local de produção, após descontar os montantes devidos aos envolvidos na produção, diga-se que entre o trigo, a cevada e o milho, os rendimentos ultrapassam os 400 mil reais, pelo que uma estimativa dos réditos totais, incluindo as restantes espécies, deveria rondar o meio milhão de reais⁸⁰.

Despesa, investimento e patrocínio

Uma faceta que permanece algo dúbia prende-se com as políticas de investimento do Infante D. Fernando e de D. Guiomar, admitindo que existiria interesse por parte destes em rentabilizar parte dos montantes gastos no incremento das estruturas de produção

cereais em Portugal (séculos XIII-XVI)", in *Arquipélago História*, 2ª série, XI-XII, 2007-2008, p. 244. Note-se que o uso destes coeficientes pode induzir em erro a estimativa total visto que o preço para estas espécies é altamente dispar de ano para ano devido a um conjunto de variáveis distintas, mesmo tendo em conta a proximidade regional e a produtividade agrícola anual. Como exemplo, lembre-se que em anos anteriores, o preço do trigo em regiões próximas poderia variar entre os 40 e os 70 reais (casos de Coimbra e Lisboa), o mesmo acontecendo com as restantes espécies.

⁸⁰ Utilizando os coeficientes de 30 reais por alqueire de trigo, 12 reais por alqueire de cevada e 25 reais por alqueire de milho. Veja-se Mário Viana, "Alguns preços de cereais em Portugal (séculos XIII-XVI)", in *Arquipélago História*, 2ª série, XI-XII, 2007-2008, p. 244. Note-se que o uso destes coeficientes pode induzir em erro a estimativa total visto que o preço para estas espécies é altamente dispar de ano para ano devido a um conjunto de variáveis distintas, mesmo tendo em conta a proximidade regional e a produtividade agrícola anual. Como exemplo, lembre-se que em anos anteriores, o preço do trigo em regiões próximas poderia variar entre os 40 e os 70 reais (casos de Coimbra e Lisboa), o mesmo acontecendo com as restantes espécies.

Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)

pertencentes ao senhorio ou mesmo em capitalizar a aquisição de bens imóveis com vista ao negócio com terceiros. Estas hipóteses, naturalmente, coexistem com outros tipos de investimento associados com maior frequência à aristocracia, que parte de certas especificidades como o mecenato cultural, o patrocínio religioso ou a predilecção pelos desportos de combate e pela caça⁸¹.

Neste particular, saliente-se que os indícios conhecidos não permitem avaliar de modo aprofundado a existência de uma política de investimento orientada para o crescimento do senhorio enquanto órgão de produção agrícola. Todavia, esta hipótese não pode ser colocada de parte, visto que as poucas informações disponíveis dão conta de uma estrutura construída em torno destas áreas e de um conjunto de preocupações com o estado das explorações, bem patente na troca epistolar entre os oficiais responsáveis pela comunicação sobre as colheitas e o Infante⁸².

Uma das despesas mais volumosas neste tipo de estrutura têm a ver com os gastos relativos à criadagem que desempenha funções em prol do senhorio, sejam estas situadas no plano doméstico, nas margens do senhorio, assegurando as comunicações entre a cúria ducal e os apêndices periféricos nos limites das respectivas jurisdições, ou mesmo no exterior, pugnando pelos interesses senhoriais junto de outras esferas de poder. A listagem dos criados de D. Fernando publicada por Caetano de Sousa serve de ponto de partida para uma avaliação dos montantes envolvidos na manutenção destes oficiais. Apesar de não se conhecerem róis de pagamentos relativos a estes moradores da casa, é possível efectuar uma estimativa da grandeza associada ao pagamento das moradias aos 216 indivíduos que compõem a respectiva cúria. Para tal, utilizar-se-á uma aproximação aos valores modais de cada foro de morador, atendendo ao facto de que a uniformização

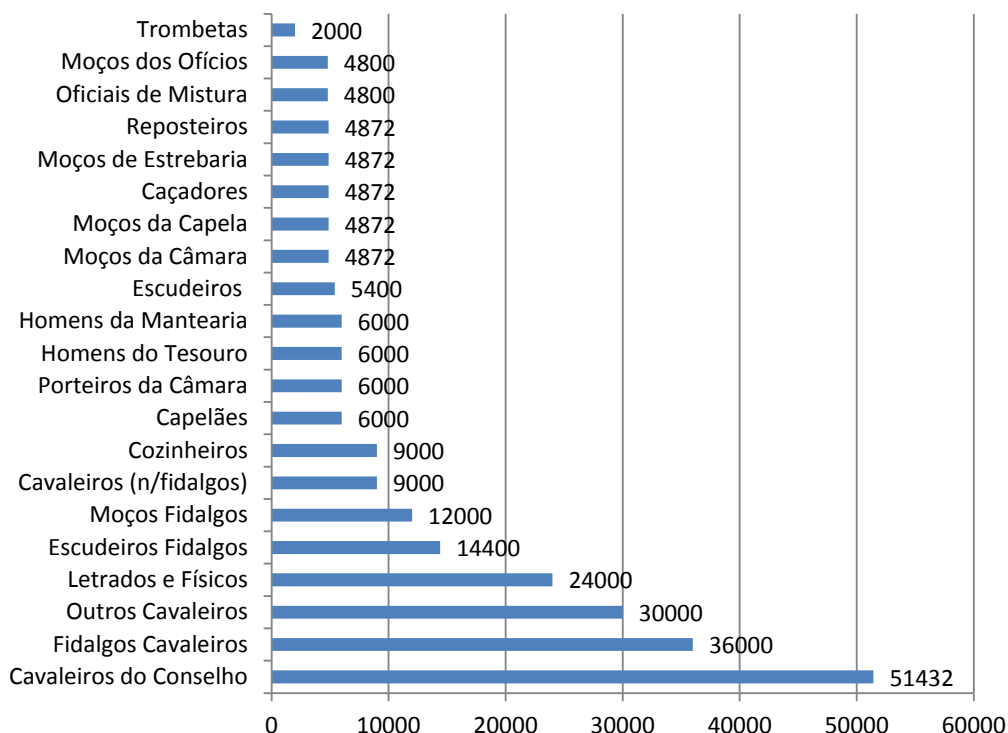
⁸¹ Martim de Albuquerque, João Paulo de Abreu Lima (int.), *A Genealogia do Infante Dom Fernando de Portugal / António de Holanda e Simão Bening*, Lisboa, Banco Borges & Irmão, 1984.

⁸² Como exemplo, veja-se IAN/TT, *Gavetas*, gav. 9, mc. 10, nº 6.

destes montantes é uma prática mais ou menos generalizada na Casa Real e nas casas dos

infantes.

Gráfico nº 9: Valores modais correspondentes à moradia anual por foro (em reais).



Fonte: António Caetano de Sousa, *Provas...*, tomo II, parte II, pp. 453-524; IAN/TT, Casa Real, Núcleo Antigo, livs. 177-186⁸².

Aplicando tais montantes aos indivíduos que se encontram classificados pelos respectivos foros, se a moradia fosse paga durante todo o ano e à totalidade dos homens, estima-se que o Infante D. Fernando gastaria pouco mais de 1.600.000

reais. Ao adicionar outro tipo de remunerações, como a cevada dada a quem possui cavalo, as rações, os ordenados ou os subsídios de acostamento, esta verba poderia facilmente ultrapassar os dois milhões de reais.

⁸³ Optou-se aqui por estabelecer a moda atendendo às moradias pagas na Casa Real e na casa do Infante D. Luís. Lembre-se que esta estimativa possui limitações consideráveis, visto que o estatuto dos próprios indivíduos pode inflacionar sobremaneira estes montantes.

Tabela nº 1: Despesas de D. Fernando com moradores, por foro (em reais).

Foro	Nº de indivíduos	Moradia anual (média em reais)	Total pago em Moradias por foro (em reais)	Porcentagem do total
Cavaleiros do Conselho	1	51432	51432	3,172
Fidalgos Cavaleiros	4	36000	144000	8,886
Outros Cavaleiros	6	30000	180000	11,107
Letrados e Físicos	5	24000	120000	7,405
Escudeiros Fidalgos	3	14400	43200	2,666
Moços Fidalgos	6	12000	72000	4,443
Cavaleiros (n/fidalgos)	10	9000	90000	5,554
Cozinheiros	3	9000	27000	1,666
Capelães	18	6000	108000	6,664
Porteiros da Câmara	8	6000	48000	2,962
Homens do Tesouro	2	6000	12000	0,74
Homens da Mantearia	1	6000	6000	0,37
Escudeiros	17	5400	91800	5,665
Moços da Capela	4	4872	19488	1,203
Moços da Câmara	64	4872	311808	19,24
Caçadores	3	4872	14616	0,902
Reposteiros	9	4872	43848	2,706
Moços de Estrebaria	25	4872	121800	7,516
Oficiais de Mistura	15	4800	72000	4,443
Moços dos Ofícios	7	4800	33600	2,073
Trombetas	5	2000	10000	0,617
Totais	216	n/a	1620592	100

Fonte: António Caetano de Sousa, *Provas...*, tomo II, p. 571⁸³.

Por outro lado, ao acrescentar o estudo do séquito de D. Guiomar, de que faziam parte cerca de 60 indivíduos, a despesa total do Ducado da Guarda com gastos da criadagem certamente cresceria para montantes que se podem estimar entre 2.800.000 e 3.200.000 reais. Mais uma vez recorrendo a importâncias

pagas segundo os respectivos foros nos séquitos femininos coevos, foi possível apurar que, só em moradias, a *entourage* de D. Guiomar custava ao Ducado cerca de 685.000 reais, assumindo que tais pagamentos fossem efectuados numa base mensal. Adicionando outras retribuições, tal como no caso de D. Fernando, é legítimo pensar na estimativa acima indicada e naquela que seria a grande despesa do senhorio fernandino.

⁸⁴ Efectuou-se o cálculo com recurso aos multiplicadores supracitados no gráfico nº 9



Tabela nº 2: Despesas de D. Guiomar com moradores, por foro (em reais).

Foro	Nº de indivíduos	Moradia anual (média em reais)	Total em Moradias (por foro)	Percentagem do total
Oficiais	1	100000	100000	14,6
Mulheres	2	60000	120000	17,5
Outros Oficiais	2	30000	60000	8,8
Físicos	1	20000	20000	2,9
Reposteiros de Camas	2	16000	32000	4,8
Moços Fidalgos	1	15000	15000	2,1
Porteiros das Damas	1	12000	12000	1,8
Mulher de Ofícios	1	12000	12000	1,8
Cozinheiros	4	12000	48000	7
Damas	5	10000	50000	7,3
Donas/Donzelas	3	10000	30000	4,4
Capelães	3	6000	18000	2,6
Moças da câmara	1	6000	6000	0,9
Porteiros da Câmara	1	6000	6000	0,9
Reposteiros do Estrado	3	4872	14616	2,1
Moços da Câmara	16	4872	77952	11,4
Moços da Capela	3	4872	14616	2,1
Moços	2	4872	9744	1,4
Moços de Estrebaria	4	4872	19488	2,8
Dispenseiros	4	4872	19488	2,8
Totais	60	n/a	684904	100

Fonte: António Caetano de Sousa, *Provas...*, tomo II, p. 572⁸⁴.

⁸⁵ Neste caso, utilizaram-se os valores modais dos pagamentos por foro das casas da Infante D. Maria e da rainha D. Catarina, publicados respectivamente em Carla Alferes Pinto, *O Mecenato da Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577)*, vol. II, Lisboa, Dissertação de Mestrado em História da Arte Moderna apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada), 1996, pp. 87-122 e Annemarie Jordan, *The Development of*

Catherine of Austria's Collection in the Queen's Household: its Character and Cost, Ann Arbor – Michigan, Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de História da Arte e Arquitectura da Universidade de Brown (policopiada), 1994, pp. 78-90.

Em termos historiográficos, não é de estranhar a ordem de grandeza destes montantes. De facto, os autores que se debruçaram sobre o estudo do funcionamento destas estruturas curiais são unânimes em sublinhar as importâncias com estes gastos. Lembre-se que, por exemplo, a casa ducal de D. Manuel (como Duque de Beja) gastaria um pouco mais de dez contos com despesas inerentes a seus criados (38% das despesas totais), de que faziam parte as respectivas moradias⁸⁶. Ao comparar tal paradigma com o panorama europeu, diga-se que a situação é deveras semelhante, visto que as moradias e outros subsídios que visavam manter diariamente os criados figuravam como as despesas mais elevadas que um senhor poderia ter⁸⁷.

O potencial para atrair certos indivíduos e, por vezes, uma parte substancial de determinada família para a órbita de poder destes senhorios constitui sem dúvida um dos veículos mais eficazes de obter algo em troca, no caso o capital social que daí advém com todas as implicações sociopolíticas que este tipo de aproximação acarreta. O patrocínio em causa pressupõe a cedência de uma mole variável de recursos em troca de prestação de serviços, confiança e fidelidade política, que por vezes se alastra do indivíduo em causa à família de onde é oriundo, dependendo da posição deste na hierarquia familiar e da substância do apoio em causa⁸⁸.

Uma parte considerável desta despesa reside no pagamento das hierarquias mais altas da casa – fidalgos, escudeiros e cavaleiros. O facto de o seu número ser menor, comparativamente a foros como os moços de câmara (64 indivíduos) ou os capelães (18 indivíduos) indica que, *per capita*, o serviço ao senhor afigura-se em grande medida como bastante oneroso, sendo frequente que tais indivíduos sejam bastante

Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)

próximos ao Infante. O desempenho destes serviços, na base da relação entre patrono e cliente, pode gerar contextos de competição, onde a fidelidade é testada conforme as ofertas de serviço de outras esferas de poder. Um bom exemplo desta dinâmica é encontrada no patrocínio que o Duque de Anjou levou a cabo durante um período de convulsão como aquele que se sentiu na França da segunda metade do século XVI. O facto de aumentar de forma paulatina as remunerações dos principais criados da sua casa, ao mesmo tempo que expandia a sua base de recrutamento, permitiu-lhe manter o poder e até cativar novas alianças num tempo de grande conflituosidade⁸⁹. No caso português, embora as circunstâncias fossem distintas, as razões que conduzem ao equilíbrio do campo político e ao controlo das ambições da alta nobreza podem precipitar práticas deste tipo com vista à captação do apoio de indivíduos e famílias proeminentes. A criação do Ducado e a possibilidade deste se reproduzir é um aspecto que pressupõe a existência de um risco, ainda que a situação das décadas de vinte e trinta seja distinta daquela patente nos anos quarenta, onde a escassez de herdeiros ao trono e as movimentações para uma eventual sucessão já se faziam sentir. Todavia, o contexto fernandino é de salientar, sobretudo ao comparar com situação do irmão mais velho, o Infante D. Luís, que não obstante ser Duque de Beja desde 1527, viu goradas pelo controlo régio muitas das possibilidades de se consorciar e, como tal, gerar descendência legítima.

Outro vector a explorar consiste, sem dúvida, no patrocínio exercido junto da esfera eclesiástica. Tais acções assumem especial preponderância num contexto em que tanto as ordens regulares como a Igreja secular detêm cada vez mais influência sobre os indivíduos com poder de decisão (não apenas o monarca, mas também os grandes titulares), dada a proximidade destes através do poder confessional⁹⁰. A tendência

⁸⁶ A. de Sousa Costa Silva Lobo, *História da Sociedade ...*, p. 456.

⁸⁷ Kate Mertes, *The English Noble Household, 1250-1600*, Oxford, Blackwell, 1988, p. 81.

⁸⁸ Mafalda Soares da Cunha, "Cortes senhoriais, corte régia e clientelismo. O caso da corte dos duques de Bragança", in Jesús Bravo Lozano (ed.), *Espacios de poder: Cortes, ciudades y villas (s. XVI-XVIII)*, vol. I, Madrid, Rústica, 2002, pp. 51-68.

⁸⁹ Mack P. Holt, "Patterns of Clientèle and Economic Opportunity at Court during the Wars of Religion: The Household of François, Duke of Anjou", in *French Historical Studies*, vol. 13, nº 3, 1984, pp. 305-322.

⁹⁰ Veja-se, a título de exemplo, João Francisco Marques, "Os Jesuítas confessores da Corte Portuguesa na época

para agraciar as distintas instituições eclesiásticas mantêm-se ao longo do período aqui estudado. D. Fernando, em especial, não foge à regra, doando um tributo anual no valor de 1% do rendimento do almoxarifado de Pinhel ao mosteiro de Santa Clara da Guarda. Um gesto que, para além dos fins relacionados com a salvação da alma, tem necessariamente de ser enquadrada numa perspectiva política de atracção de clientelas eclesiásticas para uma esfera de influência em desenvolvimento⁹¹.

Um dos recursos mais usados nestas operações está relacionado com a hierarquia eclesiástica e, mais concretamente, com o direito que o padroeiro possui de prover um indivíduo da sua confiança como vigário ou reitor de uma igreja onde o primeiro detém os seus direitos de apresentação⁹². Durante o período moderno uma parte substancial dos filhos segundos das famílias da pequena e média nobreza enveredaram por uma carreira que lhes pudesse permitir o sustento que a sua condição ditava, dada a impossibilidade de herdar a maior parte dos bens familiares normalmente reservada ao filho varão, ainda que no século XVI tal regra não seja maioritária vista a quantidade de casos que demonstram o oposto⁹³. Aparte a carreira militar nas praças africanas e asiáticas ou de um ofício nos órgãos de governo e administração da Coroa, o ingresso na estrutura eclesiástica afigurava-se como um trajecto provável para estes indivíduos, originando assim a uma dinâmica de competição em torno das esferas de poder que à partida possuíam melhores condições para garantir estes lugares. O crescimento do número de eclesiásticos durante o século XVI, tal como nos séculos

subsequentes, atesta bem este trajecto de mobilidade enquanto as principais casas aristocráticas convertiam o provimento nos lugares eclesiásticos numa mercê a atribuir como forma de remuneração de serviços.

No caso do Ducado da Guarda, grande parte dos direitos de apresentação eclesiástica provinha do padroado da Casa de Marialva, que acumulou durante décadas pouco mais de quarenta igrejas e capelas, espalhadas por diferentes comarcas do reino⁹⁴. Com as restantes apresentações, incluídas nas doações da Coroa – vilas e cidades de Trancoso, Sabugal, Alfaiates e Abrantes – D. Fernando viu-se detentor de uma fonte de recursos significativa, a partir da qual poderia agraciar membros eclesiásticos não apenas pertencentes à sua casa senhoria, mas também atrair indivíduos oriundos de esferas de poder próximas como os Bispados de Lamego, Guarda, Coimbra ou Porto. Um olhar mais atento pelos réditos de um destes templos dá conta daquilo que renderia um destes ofícios a prover pelo senhor, especialmente o rendimento que caberia ao abade, reitor, vigário, capelão ou cura em funções, normalmente pelo pagamento da cõngrua, do pé-de-altar, da censória e/ou de outro tributo adicional. Os moldes pelos quais estas formas de remuneração eram entregues não estão ainda bem definidos para o período aqui abordado, ao passo que no final do Antigo Regime o apuramento dos processos e, sobretudo, dos fins a que se deviam estas colectas estão já estudados⁹⁵.

Todavia, é sabido que, já no decorrer do século XVII, os direitos de padroado e apresentação eclesiástica constituíam uma das maiores fontes de rendimento das casas aristocráticas portuguesas, como é possível aferir a partir dos

barroca (1550-1700)", in *Revista da Faculdade de Letras: História*, série II, vol. 12, 1995, pp. 231-270.

⁹¹ IAN/TT, *Casa Real, Núcleo Antigo*, nº 826, fl. 43. Normalmente, este valor era pago em géneros, o que neste caso significava 170 alqueires de cereal e 4 alqueires de azeite.

⁹² António M. Hespanha, "Bens eclesiásticos na época moderna. Benefícios, padroados e comendas", in *Anais de História de Além-mar*, nº 1, 2000, pp. 59-76.

⁹³ James Boone, "Parental Investment and Elite Family Structure in Preindustrial States: A Case Study of Late Medieval-Early Modern Portuguese Genealogies", in *American Anthropologist*, vol. 88, nº 4, 1986, pp. 859-878.

⁹⁴ Luís Filipe Oliveira, "O Arquivo dos Condes de Marialva num inventário do século XVI", in Filipe Themudo Barata (ed.), *Elites e redes clientelares na Idade Média: problemas metodológicos. Actas do colóquio*, Lisboa e Évora, Edições Colibri/CIDEHUS-UE, 2001, pp. 221-260.

⁹⁵ Daniel Ribeiro Alves, *Os dízimos no final do Antigo Regime: aspectos sociais e económicos (Minho, 1820-1834)*, Lisboa, CEHR-UCP, 2012, pp. 13-26; Ana Mouta Faria, "Função da carreira eclesiástica na organização do tecido social do Antigo Regime", in *Ler História*, nº 11, 1987, pp. 29-46.

dados da Casa de Bragança, onde este vector representava pouco mais de 40% das rendas do ducado, possibilitando a maior redistribuição de rendas a terceiros (52% do total)⁹⁵. No caso do senhorio fernandino, a ausência de dados completos impede a percepção do verdadeiro impacto destes recursos sobre a totalidade dos rendimentos. Contudo, é possível levar a cabo um exercício de estimativa com base nos resultados parciais apresentados nas inquirições de 1530 (gráfico nº 5).

Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)

Tal como é referido, uma parte substancial dos réditos pertencentes à amostra estudada é oriunda dos direitos eclesiásticos, totalizando cerca de milhão e meio de reais. Não obstante a impossibilidade de avaliar a importância destes direitos na redistribuição de rendas a terceiros, o estudo isolado de um caso pode efectivamente dar uma ideia dos moldes em que o patrocínio se processava.

Tabela nº 3: Montantes relativos à renda da igreja de Casteijão, no bispado de Lamego (reais por anos).

Anos	1529	1534	1542
Renda (em reais)	60000	40000	80000

Fontes: IAN/TT, *Casa Real, Núcleo Antigo*, nº 488; *Gavetas*, gav. 9, mç. 7, nº 26; *Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 73, nº 11.

O exemplo da igreja de Casteijão (Bispado de Lamego) serve o dito propósito. Apesar de deter uma renda variável ao longo dos anos e dependente de uma série considerável de variáveis – com eventuais implicações práticas na fazenda senhorial ou para o rendeiro correspondente – o provimento dos cargos que a ela estariam adstritos garantia as benesses contratualizadas com os respectivos oficiais. Assim, em 1534, estando a dita igreja arrendada a João Fonseca (morador em Trancoso), apurou-se que o capelão receberia, a partir da renda anual, oitenta alqueires de cereal (dos quais dez são de trigo) e vinte almudes de vinho⁹⁷. Ao multiplicar estes coeficientes pelos preços da área, admitindo que os restantes alqueires de cereal seriam de cevada, a remuneração anual deste capelão rondaria os 5050 reais anuais⁹⁸. Tal montante estaria próximo a uma moradia anual de um capelão na casa do Infante, o que pode indicar

que, para estes, a possibilidade de reforçar consideravelmente o rendimento seria apelativo o suficiente para pedir uma mercê a D. Fernando. Noutra perspectiva, esta anuidade seria suficiente para atrair indivíduos não matriculados na casa senhorial e, possivelmente, oriundos de outras esferas de poder. Esta dinâmica, geradora de competição pelo favor do senhor, é convergente com o propósito que aqui se pretende discutir. De resto, ajuda também a explicar o tendencial aumento de eclesiásticos ao longo do século XVI e, de forma mais abrangente, durante o período moderno, já que as eventuais recompensas pela prossecução desta carreira estavam disponíveis não só no seio das instituições eclesiásticas, mas também nos espaços de teor laico, através do serviço prestado nas capelas e igrejas onde o padroeiro fosse detentor dos respectivos direitos⁹⁹.

Por outro lado, é de realçar o facto de D. Fernando querer, aparentemente, respeitar o legado da Casa de Marialva através da sua intervenção nas obras que D. Francisco Coutinho

⁹⁶ Mafalda Soares da Cunha, *A Casa de Bragança...*, pp. 334-335.

⁹⁷ IAN/TT, *Gavetas*, gav. 9, mç. 7, nº 26, fl. 1v.

⁹⁸ Os coeficientes aqui usados, com base nos preços de Sernancelhe: o almude de vinho a 65 reais; o alqueire de trigo a 60 reais; o alqueire de centeio a 45 reais. Veja-se IAN/TT, *Casa Real, Núcleo Antigo*, nº 488.

⁹⁹ Fernanda Olival, Nuno G. Monteiro, "Mobilidade social nas carreiras eclesiásticas em Portugal (1500-1832)", in *Análise Social*, vol. XXXVII, nº 165, 2003, pp. 1213-1239.

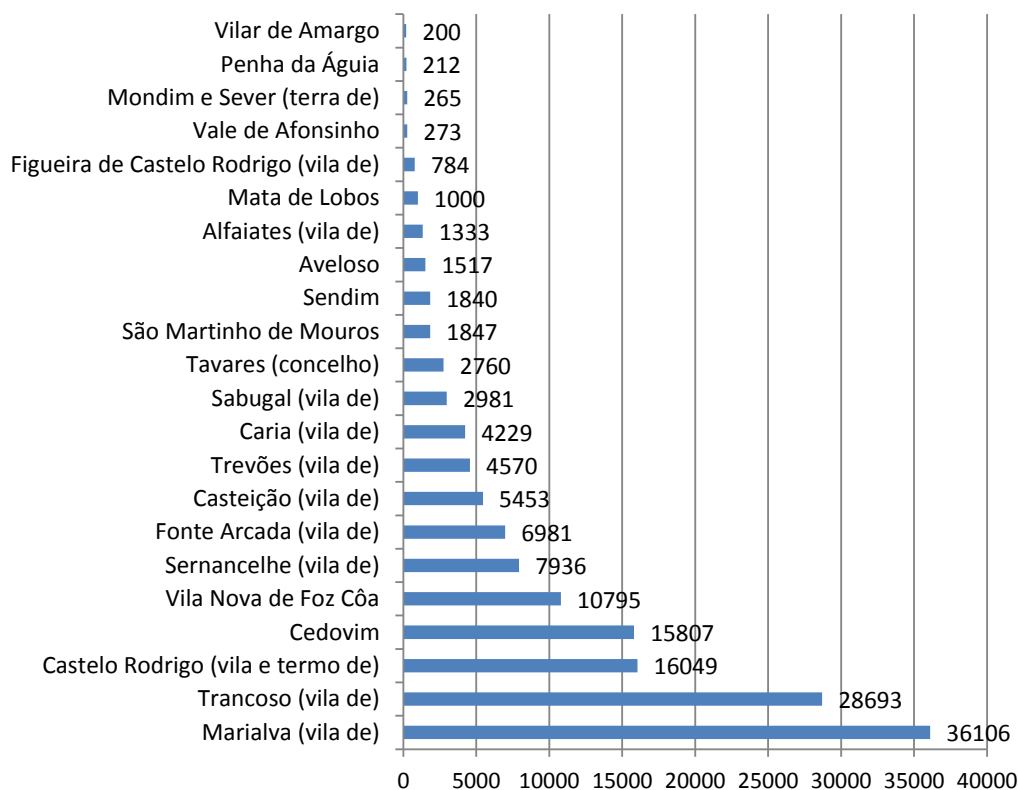


não conseguiu finalizar em vida. O caso dos paços mandados erguer por este último conde, próximos ao mosteiro de São António de Ferreira (Lamego), é talvez o melhor exemplo desta vertente de investimento ligada à preservação da memória e da linhagem. Tendo em conta a vontade de D. Francisco em ser sepultado neste local e o facto da fundação deste templo advir dos Condes de Marialva, não é de estranhar que o Infante quisesse assegurar a sua conclusão¹⁰⁰.

Outro montante que, à partida, estaria disponível para D. Fernando investir – num plano local – está relacionado com as terças angariadas por cada vila e concelho sobre a sua jurisdição. Ainda que, teoricamente, as verbas correspondentes estariam destinadas a

propósitos muito específicos relacionados com a manutenção de estruturas físicas afectas ao domínio público, atendendo em especial à segurança e protecção das populações (muralhas, baluartes, fortificações, entre outras), os montantes poderiam ser movimentados de vila para vila, desde que não ultrapassassem os limites da comarca em causa¹⁰¹. Contudo, a execução de tais obras estaria sempre dependente da vontade de D. Fernando, o que poderia originar hipoteticamente um conjunto de situações marcadas pelo favorecimento de uma elite próxima, assumindo que as oligarquias locais teriam algum poder de influência junto da corte deste príncipe e das esferas de poder intermédias com ela conectadas.

Gráfico nº 10: Rendimento das terças nas jurisdições do Infante D. Fernando espalhadas pela Beira e Riba Côa, ano de 1534 (em reais).



Fonte: IAN/TT, *Gavetas*, gav. 9, mç. 10, nº 5.

¹⁰⁰ Rui Fernandes, *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas [1531-1532]*, Amândio Morais Barros (ed.), Porto, Beira Douro-ADVD, 2001, p. 129.

¹⁰¹ IAN/TT, *Casa Real, Chancelaria de D. João III, Doações...*, liv. 39, fl. 106v.

Apesar do curto período de tempo que D. Fernando governa como Duque da Guarda, há que salientar a existência de pistas relevantes para o que seria um eventual programa de reconstrução e remodelação de um número apreciável de templos de cariz religioso, bem como de edifícios de teor militar, de que são exemplo os castelos beirões sobre a sua jurisdição. Neste patamar, o recurso a contratos de obras com propósitos muito claros é feito de maneira sistemática, captando os artífices locais e promovendo a colaboração entre estes e os oficiais ligados à casa responsáveis por estes empreendimentos.

Tal vontade é também usada em prol do aumento da população das vilas e cidades sobre as quais possui jurisdição. O caso que melhor exemplifica esta dinâmica residirá, porventura, na vila e termo de Loulé, onde D. Fernando possui um número apreciável de rendas, foros e tributos (incluindo a alcaldaria-mor do castelo) por via de D. Guiomar e da respectiva herança. Com efeito, o Infante criou as condições necessárias para a atracção de gente – sobretudo especializada na relação com o mar, como marinheiros, armadores e pescadores – e consequente repovoamento do lugar de Gondra, ao mandar erguer casas para habitação e propiciar melhores condições fiscais, com privilégios na captação do sal oriundo de Castela, empréstimo de bens primários (cereal e vinho) aos moradores, redução na dízima sobre o pescado, entre outras regalias¹⁰². Ainda que tais empreendimentos estivessem dependentes em grande medida do desempenho dos oficiais ligados à administração do Ducado e, sobretudo, das diligências levadas a cabo pelo rendeiro local – cujo arrendamento dos direitos e foros da vila o encarrega deste tipo de funções – a vontade aparentemente demonstrada por D. Fernando indica um grau razoável de compromisso com o desenvolvimento das terras sob seu controlo. No caso, a dúvida que se mantém reside apenas sobre quem seria o verdadeiro promotor e/ou ideólogo que originou a tomada de tais medidas. Apesar da referida vontade, não é certo que este desejo seja único num quadro de reestruturação e

Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)

aprendizagem a nível da comunicação entre o centro e a periferia. O contexto do governo joanino, marcado por uma dinâmica de aquisição de informação através de um conjunto de inquirições incidindo sobre aspectos populacionais, permite questionar a hipótese de tal vontade advir de uma convenção aceite por determinação régia.

A verificar-se esta tese, é legítimo pensar em duas hipóteses distintas que ajudam a explicar este fenómeno. Por um lado, tal dinâmica pode-se verificar pela circulação de ideias e conceitos que afectam os centros decisores – neste caso, o poder central – paralelamente alargando-se às restantes esferas cujo poder é exercido de forma mais periférica. Noutra perspectiva, de carácter mais institucional, pode significar que a autonomia e o controlo que D. Fernando teria sobre a sua casa e estado não seria tão efectivo como à primeira vista poderia parecer. A diferença entre a teoria e prática no direito pós-medieval era significativa, visto que ao dogma de uma eventual intervenção superior do monarca nas jurisdições doadas pela Coroa, contrapôs-se uma prática recorrente e reconhecida pelo poder judicial da disseminação de poderes pelos corpos donatários dos mesmos. A consequência desta dinâmica resultou paulatinamente na tácita irrevogabilidade dos privilégios concedidos, situação que se estendia aos senhorios laicos aqui tratados¹⁰³. Diga-se, no entanto, que nestes casos o cenário possível de intervenção central corresponderia a uma propositada protelação na confirmação das jurisdições senhoriais aos descendentes dos visados, de que existem exemplos claros durante todo este período.

Esta última hipótese poderia estar relacionada com a adequação de processos administrativos de pendor burocrático, bem como da transferência de oficiais e/ou aquisição de novas competências por parte destes, de acordo com o desempenho de funções relacionadas com o governo do senhorio. Não obstante este fenómeno, diga-se que a plausível acumulação de cargos e ofícios, por parte destes indivíduos,

¹⁰² IAN/TT, *Gavetas*, gav. 9, mc. 10, nº 13, fls. 5-5v.

¹⁰³ António M. Hespanha, *História das Instituições. Épocas medieval e moderna*, Coimbra, Livraria Almedina, 1982, pp. 215-220.

aliada a uma certa promiscuidade institucional entre a Coroa e as casas dos infantes favoreceria, de modo efectivo, a circulação de informação sobre os procedimentos adoptados na administração desta casa.

Conclusão

Com o esclarecimento cabal das hipóteses patentes na introdução deste texto, é chegado o momento de resumir as linhas de força que demonstram o patrocínio exercido através dos recursos que o Infante D. Fernando, enquanto cabeça do Ducado da Guarda, tinha à disposição. Tal resumo terá em conta a lógica de investimento fernandino em busca de um incremento de capital social, mas igualmente o equilíbrio político e a correlação de forças entre a Coroa e a alta nobreza. Diga-se, no entanto, que a exploração destes assuntos terá, porventura, fornecido mais dúvidas e inquietações, do que propriamente respostas.

Em primeiro lugar, reafirme-se que uma avaliação total daquilo que D. Fernando deteria para gastar em patrocínio afigura-se como difícil e incerta. O mesmo se pode dizer da renda total do Ducado da Guarda num ano. Não obstante, com base nos rendimentos aqui tratados, reunindo os montantes doados anualmente pela Coroa e uma amostra do que valeria parte do seu património e rendas, é legítimo conceber que a sua renda anual abrangeria um pouco menos do montante estimado para D. Jorge, Duque de Coimbra e Mestre de Santiago, em 1529 (quase onze milhões de reais)¹⁰⁴. Com esta estimativa, o Infante teria condições para efectivamente levar a cabo uma política de patrocínio e atracção de clientelas em torno da sua esfera política. Como já se apontou anteriormente, os gastos com criadagem evidenciam aquilo que pode ser uma política de patrocínio clientelar, com o propósito de atrair determinados indivíduos e/ou certas famílias. Por outro lado, também se observa, até certo ponto, algumas preocupações com o desenvolvimento dos locais controlados pelo Ducado, algo que também pode ser notado em

relação aos processos burocráticos e à administração fiscal de toda a estrutura.

No entanto, existe um conjunto de questões que se impõe, perante todo este quadro. Será que D. Fernando queria impor esse tipo de política? E de que forma? Cooperando com a Coroa e mantendo distância em relação aos restantes senhores? Os indícios de que dispõe dão conta de uma política que carece de explicação e que pode até parecer contraditória. Como já foi referido e aceite pela generalidade dos autores, os momentos de cooperação entre as casas senhoriais e a Coroa em espaços periféricos advém, entre outras razões, da necessidade em colmatar as carências administrativas face ao número de actores que participam na burocracia central¹⁰⁵. De acordo com esta perspectiva, as fidelidades políticas dos actores envolvidos na administração central e no contacto com os oficiais do Ducado poderiam fornecer uma resposta mais definida aos problemas supracitados.

Existe, todavia, a necessidade de compreender o grau de autonomia desta casa em relação ao poder central. A consumação do matrimónio e criação de um espaço juridicamente privilegiado assegurariam, teoricamente, uma certa distância da Coroa e criaria um risco para os últimos. Embora se saiba que em tempos remotos tal política teve os seus fracassos, crê-se que este não é um desses casos. Com efeito, existe um grau considerável de intervenção régia no governo deste senhorio, com base no parentesco familiar e na deposição de um território considerável num membro da família régia que não terá demonstrado tanta ambição como outros familiares seus (caso do Infante D. Luís). Ao permitir a criação desta casa senhorial, D. João III viu-se livre de alguns problemas, ao passo que o controlo deste espaço fronteiriço, de gestão difícil, permitiu inclusive que a Coroa redireccionasse esforços para outras questões

¹⁰⁴ João Cordeiro Pereira, “A renda de uma grande casa...”, p. 252.

¹⁰⁵ Miguel Jasmins Rodrigues, “As monarquias *centradas*: redes de poder nos séculos XV/XVI” in *Nobreza e Poderes: da Baixa Idade Média ao Império*, Cascais, Patrimonia Historica, 2005, pp. 70-73; António M. Hespanha, *As Vésperas do Leviathan. Instituições e Poder Político em Portugal. Século XVII*, Coimbra, Almedina, 1994, pp. 312-361.

pertinentes (a expansão ultramarina, como exemplo). De resto, a transferência de poderes e competências do aparelho burocrático régio para o corpo de oficiais do novo Ducado, muitos deles oriundos inclusive de um filhamento anterior com o poder central, asseguravam a necessária coordenação administrativa entre centro e periferia, resolvendo os problemas inerentes a um novo espaço de poder que necessitava de consolidação.

Muitas questões relacionadas com a competição senhorial ficam ainda por resolver. A promiscuidade institucional existente entre as camadas do oficialato régio e ducal, juntamente com as respectivas fidelidades políticas, podem ajudar a resolver o problema da gradação de autonomia entre o Ducado e a Coroa, bem como

Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)

a execução do controlo joanino sobre a alta nobreza. O papel do Infante D. Fernando, neste particular, reside numa hipotética cooperação com o poder central, limitando o poder senhorial, sempre que este se assume de forma mais vigorosa pelas tentativas de alargar os seus domínios. Nem tudo poderia correr desta forma. Contudo, o frágil destino não permitiu uma sobrevivência do senhorio, tendo este revertido pouco anos depois para a Coroa, vendo o seu património disperso entre o rei, alguns membros da família régia (sobretudo, o Infante D. Luís) e algumas instituições extra-monarquia (a Universidade, como exemplo). É também esta repartição que se pretende abordar futuramente, noutro trabalho.



Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Martim de, LIMA, João Paulo de Abreu (int.), *A Genealogia do Infante Dom Fernando de Portugal / António de Holanda e Simão Bening*, Lisboa, Banco Borges & Irmão, 1984.
- ALVES, Daniel Ribeiro, *Os dizimos no final do Antigo Regime: aspectos sociais e económicos (Minho, 1820-1834)*, Lisboa, CEHR-UCP, 2012.
- As Gavetas da Torre do Tombo*, Lisboa, vol. VI, C.E.H.U., 1967.
- BOONE, James, "Parental Investment and Elite Family Structure in Preindustrial States: A Case Study of Late Medieval-Early Modern Portuguese Genealogies", in *American Anthropologist*, vol. 88, nº 4, 1986, pp. 859-878.
- BRANDÃO, Mário, "Inácio de Moraes", in *Estudos vários*, Coimbra, Imprensa da Universidade, vol. I, 1972, pp. 285-288.
- CASTRO, Armando, *A Estrutura Dominial Portuguesa dos séculos XVI a XIX (1834)*, Lisboa, Caminho, 1992.
- COELHO, Maria Helena da Cruz, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, Lisboa, IN-CM, 1989.
- COSTA, Leonor Freire, LAINS, Pedro, MIRANDA, Susana Münch, *História Económica de Portugal, 1143-2010*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2011.
- CUNHA, Mafalda Soares da, "A nobreza portuguesa no início do século XV: renovação e continuidade", in *Revista Portuguesa de História*, tomo 31, vol. II, 1996, pp. 219-252.
- CUNHA, Mafalda Soares da, *A Casa de Bragança 1560-1640. Práticas senhoriais e redes clientelares*, Lisboa, Estampa, 2000.
- CUNHA, Mafalda Soares da, "Cortes senhoriais, corte régia e clientelismo. O caso da corte dos duques de Bragança", in Jesús Bravo Lozano (ed.), *Espacios de poder: Cortes, ciudades y villas (s. XVI-XVIII)*, vol. I, Madrid, Rústica, 2002, pp. 51-68.
- CUNHA, Mafalda Soares da, "Estratégias matrimoniais da Casa de Bragança e o casamento do Duque D. João II", in *Hispania*, vol. LXIV/1, nº 216, 2004, pp. 39-62.
- FARIA, Ana Mouta, "Função da carreira eclesiástica na organização do tecido social do Antigo Regime", in *Ler História*, nº 11, 1987, pp. 29-46.
- FERNANDES, Rui, *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas [1531-1532]*, Amândio Morais Barros (ed.), Porto, Beira Douro-ADVD, 2001.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sinta*, Coimbra, Imprensa da Universidade, vol. III, 1921, 2ª ed..
- GONÇALVES, Iria, *O património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Lisboa, UNL-FCSH, 1989.
- HESPANHA, António M., *As Vésperas do Leviathan. Instituições e Poder Político em Portugal. Século XVII*, Coimbra, Almedina, 1994.
- HESPANHA, António M., "Bens eclesiásticos na época moderna. Benefícios, padroados e comendas", in *Anais de História de Além-mar*, nº 1, 2000, pp. 59-76.
- HESPANHA, António M., *História das Instituições. Épocas medieval e moderna*, Coimbra, Livraria Almedina, 1982.
- HOLT, Mack P., "Patterns of Clientèle and Economic Opportunity at Court during the Wars of Religion: The Household of François, Duke of Anjou", in *French Historical Studies*, vol. 13, nº 3, 1984, pp. 305-322.
- JORDAN, Annemarie, *The Development of Catherine of Austria's Collection in the Queen's Household: its Character and Cost*, Ann Arbor – Michigan, Dissertação de Doutoramento apresentada ao Departamento de História da Arte e Arquitectura da Universidade de Brown (policopiada), 1994.
- LABRADOR ARROYO, Felix, *La Casa de la Emperatriz Isabel de Portugal (1526-1539)*, Madrid, Tese de licenciatura apresentada à

- Universidade Autónoma de Madrid (policopiada), 1999.
- LOBO, A. de Sousa Costa Silva, *História da Sociedade em Portugal no século XV*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1903.
- MARQUES, João Francisco, “Os Jesuítas confessores da Corte Portuguesa na época barroca (1550-1700)”, in *Revista da Faculdade de Letras: História*, série II, vol. 12, 1995, pp. 231-270.
- MERTES, Kate, *The English Noble Household, 1250-1600*, Oxford, Blackwell, 1988.
- MONTEIRO, Nuno G., *O Crepúsculo dos Grandes: a casa e o património da aristocracia em Portugal 1750-1832*, Lisboa, IN-CM, 1998.
- MORENO, Humberto Baquero, *A Batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 2 vols., 1979.
- NADER, Helen, “Noble Income in Sixteenth-Century Castile: The Case of the Marquises of Mondéjar, 1480-1580”, in *The Economic History Review*, vol. 30, nº 3, 1977, pp. 411-428.
- O'BRIEN, Patrick, “Final Considerations: Aristocracies and Economic Progress under the Ancien Régime”, in *European Aristocracies and Colonial Elites. Patrimonial Management Strategies and Economic Development, 15th- 18th Centuries*, Paul Janssens and Bartolomé Yun-Casalilla (eds.), Aldershot, Ashgate, 2005, pp. 247-263.
- OLIVAL, Fernanda e MONTEIRO, Nuno G., “Mobilidade social nas carreiras eclesiásticas em Portugal (1500-1832)”, in *Análise Social*, vol. XXXVII, nº 165, 2003, pp. 1213-1239.
- OLIVEIRA, Aurélio de, *A Abadia de Tibães e o seu domínio (1630-1680). Estudo social e económico*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1974.
- OLIVEIRA, Luís Filipe, *A Casa dos Coutinhos: Linhagem, Espaço e Poder (1360-1452)*, Cascais, Patrimonia Historica, 1999.
- OLIVEIRA, Luís Filipe, “O Arquivo dos Condes de Marialva num inventário do século XVI”, in *Património, Casa e Patrocínio: uma aproximação ao senhorio do Infante D. Fernando (1530-1534)*
- BARATA, Filipe Themudo (ed.), *Elites e redes clientelares na Idade Média: problemas metodológicos. Actas do colóquio*, Lisboa e Évora, Edições Colibri/CIDEHUS-UE, 2001, pp. 221-260.
- OLIVEIRA, Luís Filipe e RODRIGUES, Miguel Jasmins, “Um processo de reestruturação do domínio social da nobreza: a titulação na 2ª dinastia”, in *Revista de História Económica e Social*, nº 22, 1988, pp. 77-114.
- PALHA, Fernando, *O casamento do Infante D. Duarte com D. Isabel de Bragança*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881.
- PEREIRA, João Cordeiro, *Portugal na Era de Quinhentos. Estudos vários*, Cascais, Patrimonia Historica, 2003.
- PINTO, Carla Alferes, *O Mecenato da Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577)*, 2 vols., Lisboa, Dissertação de Mestrado em História da Arte Moderna apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiada), 1996.
- PINTO, Carla Alferes, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577). O mecenato de uma princesa renascentista*, Lisboa, Fundação Oriente, 1998.
- RODRIGUES, Ana Maria, “For the Honor of Her Lineage and Body: The Dowers and Dowries of Some Late Medieval Queens of Portugal”, in *E-Journal of Portuguese History*, vol. 5, nº 1, 2007, pp. 1-13.
- RODRIGUES, Miguel Jasmins, *Nobreza e Poderes: da Baixa Idade Média ao Império*, Cascais, Patrimonia Historica, 2005.
- SALVADO, João Paulo, “An Aristocratic Economy in Portugal in the First Half of the Seventeenth Century: The House of the Marquises of Castelo Rodrigo”, in *E-Journal of Portuguese History*, vol. 9, nº 2, 2011, pp. 35-67.
- SANTOS, Rui, “A sociedade rural”, in *O Tempo de Vasco da Gama*, Diogo Ramada Curto (org.), Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 135-156.



SOUSA, António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo II, Lisboa, Academia Real, 1724.

VIANA, Mário, “Alguns preços de cereais em Portugal (séculos XIII-XVI)”, in *Arquipélago História*, 2ª série, XI-XII, 2007-2008, pp. 207-280.

VIAUD, Aude (ed.), *Correspondance d'un ambassadeur castillan au Portugal dans les annees 1530: Lope Hurtado de Mendoza*, Lisboa e Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

YUN-CASALILLA, Bartolomé, *Marte contra Minerva. El precio del Imperio Español, c. 1450-1600*, Barcelona, Crítica, 2004.



ESCAMBO DE UMA CASA NA RUA DAS ALCÁÇOVAS EM ÉVORA POR UMA VINHA EM XARRAMA (1307)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1307 [E. 1345], Évora, Abril, 10

Instrumento de escambo de uma casa na Rua das Alcáçovas, em Évora, por uma vinha em Xarrama, realizado entre Dórdia Martins com João Eanes César e Constança Vasques.

Abstract

Deed of a exchange of a house in the Rua das Alcáçovas, at Évora, for a vineyard at Xarrama, carried out by Dórdia Martins with João Eanes César and Constança Vasques.

¹⁰⁶ Documento

Jn nomine dominj amen Eu Dordia martjnz ffilla em outro tempo de Migel do azinal de mha Liure voontade ffaço conuosco Joham eannes çezar E com vossa molher Costança vaasquez tal Escanbho E tal composiçom por todo senpre perdurauel dou a uos em escanbho hũa mha casa que eij na Rua d Alcaçoua dos ffrejires como parte com Gil nuniz E com vicente paez do Portel E com Rua en escanbho por hũa vinha vossa Eu Joham eannes Eu Costança vaasquez er [sic] damos a uos Dordia martjnz em escanbho pola dita casa huũ quarto da nossa vinha que iaz aalem de Xarrama o qual quarto da vinha iaz na Erança de vaasquo esteueez a qual parte com vinha de paay peyxeiro E com fillos de Saluado E com Lourenço uicente E com caminho

Este escanbho fazemos de nossas Liures voontades E mandamos E outorgamos que sse algem veer contra este escanbho da hũa ou doutra parte peite aa outra parte quinhentos soldos E hobligamos todos nossos beens auudos E por Auer a defender cada hũa das partes o dito escanbho E por esto firme E estauel mandamos ffazer duas cartas per abc partidos que cada hũa das partes tenhamos senllas ffectaas estas cartas per mão de mjm Duram martjnz tabelliom da Çidade d Euora dez dias d abril Era de mill E trezentos E quorenta E Cinco anos [sinal de tabelião]

Testimunhas Meestre paijo tabelliom Gonçallo martjnz scudeijro Martim uicente Gil esteuez Steuam martjnz E outros



¹⁰⁶ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

VENDA DE UM QUARTO DE CASAS JUNTO DA ALCÁÇOVA DE ÉVORA (1312)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1312 [E. 1350], Évora, Fevereiro, 22

Carta de venda do quarto de umas casas junto da alcáçova de Évora por Vasco Peres a João César e Constança Vasques

Abstract

Deed of a sale of a quarter of some houses near the *alcáçova* of Évora, by Vasco Peres to João César and Constança Vasques.

¹⁰⁷ Documento

Sabham quantos esta carta virem que eu vaasco perez filho de Pero de pauha uendo a uos Joham sazar E a uossa mulher Costança uaasquez o quarto dūas Casas que eu eij con o dicto meu Padre E com esparto perez meu hirmaão as quaaes Casas som em Euora a sso a Alçaçoua dos freires como *partem* conuosco compradores E com martim perez E com Paaij colcheiro E com Pero dominguez E per Rua E per azinhaga por vijnte E seis *maraujdis* E doze *soldos* com sa Reuora que de uos Recebij e de que soom bem pagado E oblige a uos quanto ora eij E *daqui* adeante ouuer pera defender a uos o dicto quarto de Casas de todo embargo E se o a uos en Concelho outorgar *nom quiser* ou defender *nom poder* entom seja *costraniudo* da Justia da tera que de a uos o dicto quarto de Casas dubrado E quanto for melhorado e ao Senhor da tera outro tanto

Testimunhas Pãe annes gauijam francisco steuez Priol de sam Mamede Diogo gonçaluiz dizimeiro Pero dominguez filho de Dona Belida Esparto perez filho de Pero de pauha

fecto vijnte E dous dias de Nouembro Era de Mil E trezentos E Cinquoenta anos Eu Marcos rodrigujz Tabelliom da Cidade d Euora e estas cousas presente fuij E esta carta screuij E em ela meu sinal pugij que tal [*sinal de tabelião*] he



¹⁰⁷ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

TRESLADO EM PÚBLICA-FORMA DE UM CONTRATO DE AFORAMENTO DE UM PARDIEIRO NA CIDADE DE ÉVORA FEITO POR JOÃO CÉSAR E CONSTANÇA VASQUES A DOMINGOS BUEIRO E CONSTANÇA EANES (1322 | 1376)

Transcrição de João Costa

IEM – FCSH/NOVA

CEH – NOVA

Resumo

1376 [E. 1414], Évora, Janeiro, 15

Inserere: 1322 [E. 1360], Évora, Junho, 21

Treslado em pública forma de um contrato de aforamento de um pardieiro na cidade de Évora feito por João César e Constança Vasques a Domingos Bueiro e Constança Eanes, pagando anualmente 40 soldos, 2 galinhas e 6 ovos.

Com a morte destes, Fernando Afonso herda a propriedade e o respectivo foro onde tinha já, juntamente com Gonçalo Domingos, construídas casas.

Abstract

Certified transcript of a tenure contract of a slum in the city of Évora, done by João César and Constança Vasques to Domingos Bueiro and Constança Eanes, paying annually 40 “soldos”, 2 chickens and 6 eggs.

After their death, Fernando Afonso inherits the property and its forum wherein he, along with Gonçalo Domingos, had already built houses.

Lisboa, Centro de Estudos Históricos, *Colecção de Pergaminhos*, Maço 1, nº 4, 1 *olim* Catálogo Silva's / Pedro de Azevedo, Leilão de 16-18 de Maio de 1994, N.º 541.



¹⁰⁸ Documento

¹⁰⁹ Sabham todos *que* na Era de mjl e quatrocentos catorze Anos quinze dias de laneiro na Cidade d Euora na praça da porta d Alconchel En presença de mjm loham lourenço tabeliom d El Rej na dicta Cidade e das *testemunhas* adeante scriptas Parecerom partes conuem a ssaber vicente anes scudeiro Criado d El Rej morador na villa do Redondo *genrro* [de] Gonçallo uaasquez da Salueijra da hũa parte ffernando affonssso ortelam Gonçalo domjnguez chacote moradores em a dicta Cidade Ao [Couçeyro] de villa noua da outra E pello dicto vicent eannes ffoy mostrada hũa carta de fforo scprita em purgamjnhõ da qual o teor tal he

Sabham todos quantos este stormento virem Como Eu loham cezar Caualeiro E eu Constança uaasquez ssa mulher damos A uos domjngos boeijro e a uossa mulher Constança anes hũ pardeeijro por quareenta ssoldos e duas galinhas e hũa duzia d ouos em cada huũ Ano por dia de Sam loham , Como parte o dicto pardeeijro com ho aurego de villa noua e com lourenço uicente e com lohanne e per azinhagaa e per Rua o qual pardeeijro uos damos assi como dicto he com o dicto fforo pera ssenpre ,

E eu dicto domjngos boeijro Et Constança anes ssa mulher nos obrigamos por nos e pelos que de nos veerem a uos ffazer o dicto fforo assi como dicto he

testemunhas Rodrigo tenrreyro loham perez domjngos perez Steue eannes Martjm gil clerigos Eu ffrancisco domjnguez tabeliom da Cidade d Euora este stromento partido per a b c screuj e em ele este meu ssinal pugue *que* tal he

Em testemunho de verdade . ffecto este stromento na dicta Cidade vijnte e huũ dias de lunho Era de mjl e trezentos e ssasseenta Anos ,

A qual carta assi mostrada logo *per* o dicto ffernando affomssso ffoy dicto *que* el *per* mortes dos dictos domjngos boeijro e Constança anes ssa mulher *que* fforom sseus ssogros padre e madre de Moor domjnguez ssa mulher herdara¹¹⁰ o dicto pardeeijro contheudo em a dicta carta em no qual ora ssom ffectas casas E *que* el esteuera de posse delas ata ora pouco tempo avia *que* nom dera parte del com encarrego do fforo de dez e ssete ssoldos e meo em cada huũ Ano Ao dicto Gonçalo domjnguez nom enbargando *que* em na carta da venda dello ,. ffaça mençom *que* lha daua com encarrego do fforo de dez ssoldos em cada huũ Ano

¹⁰⁸ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

Adoptou-se também o critério de colocar “j” nos casos em que existe já uma pontuação no jota à imagem do que acontece com os “ii”, onde se tomou a opção de indicar essa sinalização com “i”.

¹⁰⁹ Em letra diferente, no verso:

“Euora Maco 5 – Letra E – N 7”;

“trelado [Caualeiro] *que* [...] d hũa ffilha de gonçallo anes clerigo.

Item Catarina afomso ssa mulher *que* [nom ssabia]

Item [Constança] anes [malher [sic]] de A[...]nho martjnz”;

“Consta por este Instrumento *que* em 21 de lunho de 1360 deo de foro perpetuo loão correia Cavalleiro a Domingos Sueiro e sua Mulher constança Anes huns pardieiros em Evora por 10 <40> soldos, 2 galinhas e hua duzia de Ovos em cada hum anno pagos por dia de Natal”;

“Succedeo no dominio directo Vicente Anes por cabeça de sua Mulher Leonor Gonçalvez filha de Gonçalo Vaz da Silveira , e no util Fernão Affonso por cabeça de sua Mulher a qual vendeo parte do pardieiro a Gonçalo Domingues , dividindo entre si o foro e obrigando-se ambos a paga lo inteiramente ao directo Senhorio de *que* se fes este Instrumento com outorga do Senhorio em 15 de laneiro de 1414 Tabelião loão Lourenço da Cidade de Evora”.

¹¹⁰ Palavra emendada.



E que outrossi o dicto Gonçalo domjnguez tijnha outra Casa que ffora deste meesmo pardeeyro contheudo em a dicta carta e dos dictos quareenta ssoldos conuem a ssaber por ssete ssoldos e meo e hũa galinha em cada huũ Ano assi que ssom vijnte e cimquo ssoldos e hũa galinha

E que outrossi o dicto ffernando affomsso tijnha em este medes fforo outra casa que parte com o dicto Gonçalo domjnguez por quinze ssoldos e hũa galinha e hũa duzea d ouos assi que ssom as dictas casas todas ffectas em no dicto pardeeyro contheudo em a dicta carta e que ssom os dictos quareenta ssoldos ,

E logo os ssobredictos ffernando affomsso e Gonçallo domjnguez sse obrigarom por ssi e por todos sseus hereeos e ssubcessores que depos eles veerem a darem e pagarem o dicto fforo em cada huũ Ano ao dicto vicente annes e A leonor gonçalluez ssua molher ffilha do dicto Gonçallo uasquez e d Alda rrodriguez cmo [sic] o dicto fforo ffoy conuem a ssaber por dia e festa de Sam Iohanne baptista e começar de ffazer a primeira paga por este primeiro dia do Sam Ihoam ssegujnte e assi em cada huũ Ano pelo dicto dia

E outorgarom que nom deuem vender as dictas casas nem as enalhear A Egreia nem a Moesteiro nem A dona nem A Caualeiro nem A mouro nem a ludeu nem A outra nenhũa pessoa mals poderosa que os dictos vicente annes e ssa molher e sseus hereeos e ssubcessores que depos eles veerem E que sse os vender quiserem que lho ffezessem ssaber pera as eles auerem tanto por tanto ante que outrem E que sse os nom quisessem tanto por tanto ,. que entom os vendessem aa tal pessoa ou pessoas que bem e conpridamente ffezessem a eles e aos sseus hereeos e ssubcessores o dicto fforo pella guisa ssobredicta

E outorgarom que nom pagando o dicto fforo pella guisa que dicto he que o dicto vicente annes e sseus hereeos e ssubcessores os possam penhorar e costranger por o dicto fforo e uender os penhores ssem mandado e Autoridade nenhũa de lustiça ,

E o dicto vicente annes por ssi e por a dicta ssa molher e por todos sseus hereeos e ssubcessores que depos eles veerem sse obrigou a lhis deffender as dictas casas de toda demanda e embargo ssenom que corregesse Aas ssobredictas todas perdas e dāpnos que por a dicta rrazom Recebessem

E os dictos ffernando affomsso e Gonçalo domjnguez outorgarom as dictas cousas e cada hũa dellas e obrigarom sse anbos e cada huũ por ssi e por todos sseus hereeos e ssubcessores que depos eles veerem a conprir e manteer as dictas condições e cousas e cada hũa dellas E que nom o ffazendo assi que corregessem Ao dicto vicente annes e Aos dictos sseus hereeos e ssubcessores que depos eles veerem todas perdas e dāpnos que por a dicta rrazom Reçebesse e todavia pagar o dicto foro das quaees cousas o dicto vicente annes pedio este stromento ffecto día e mes e Era e logo suso scriptos

testemunhas Affomsso perez çapateiro e Martim ffernandez scripuam e Antonjnho lourenço e ffrancisco perez azeyteyro e Steuam uiçente e outras E eu dicto tabeliom que este stromento screpuy e em el meu ssinal fiz que tal he

[sinal]

quinze com Registo concertada



PÚBLICA-FORMA DE CARTA RÉGIA DE D. AFONSO IV SOBRE O CUMPRIMENTO DE UMA VERBA DO TESTAMENTO DE D. DINIS (1336)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1336 [E. 1374], Frielas, Maio, 15

Instrumento em pública-forma contendo uma carta régia de D. Afonso IV pela qual ordenava a Martim Gonçalves, seu almoxarife do reguengo de Frielas e Sacavém, que em virtude de uma carta que a sua mãe, D. Isabel, lhe escrevera pedindo que mandasse dar aos frades capelães do mosteiro de Odivelas a quantia de mil libras que seu marido lhes destinara em testamento para a compra de herdades para seu sustento, que essas mil libras fossem obtidas a partir da liquidação da dívida de Domingos Afonso à Coroa, que orçava nesse valor. Segue-se a tomada de posse por Frei Durão, capelão do rei, das vinhas e herdades que tinham pertencido a Domingos Afonso.

Abstract

Public certificate of a royal letter issued by D. Afonso IV through which he ordered Martim Gonçalves, his storekeeper of the royal properties of Frielas and Sacavém, on account of a letter of D. Isabel, his mother, through which she had asked him to give the friars chaplains of Odivelas' monastery the amount of 1,000 pounds her husband had destined to them in his will for the acquisition of lands for their sustenance, to obtain the said 1,000 pounds from the liquidation of the debt owed by Domingos Afonso to the Crown. Follows suit the deed of possession by Friar Durão, chaplain of the King, of the vineyards and lands that had belonged to Domingos Afonso.

Malveira, Coleção João Pereira, Doc. 5

¹¹¹Documento

Sabham todos *que* en a Era de mil e trezentos e Sateenta e quatro Anos Quinze días do mes de Mayo en freelas e no adro da J[greia] da dicta villa Em pressença de mjm Rodrigo anes publico Tabelljam de freelas e de Sacauem e das *testemunhas que* adeante sam escritas frei duram frade monge da ordem d alcoBaça e Capellam d el Reij Dom Denis e no moesteiro de sam Denis d oDiuellas mostrou leer fez per mjm sobredicto Tabelljam per dante martím gonçaluez Almoxarife e Gonçalo martjnz [...] escriuam do dicto senhor hũa carta de nosso senhor El Reij escrita em papel e seelada do seu uerdadeiro seelo e [...]s costas da dicta carta da qual carta o teor Atal he

Dom Affonso pela graça de deus Reij de portugual e do algarue A uos Martim gonçaluez almoxarife e Ao meu escriuam do meu Regueengo de freelas e de sacauem saude

Sabede *que* Reçebi hũa carta da Rainha mha madre en *que* mandou *que* eu dese aos frades Capelaães *que* cantam por El Reij meu padre no Moesteiro d oDiuelas Mil libras *que* lhos o dicto Reij leixou en seu Testamento *pera comprarem* erdades *pera* seu mantijmento E ora eses capelaães me pediram por merçee *que* lhis mandase dar as dictas mil libras así como era conthudo na carta da dicta Raynha Porem uos mando *que* entreguedes logo a eses frades capelaães ou [pesoa?] çerta rrecadar as vinhas e erdades *que* ora A mjm em esse logar de freelas forom rrematadas por mil libras em pago da deujda *que* me deuja Domingos affonso logo assi como todo he conthudo en huũ estromento *que* Joham martjnz sacador das deujdas *que* me deuem em esse Almoxarifado de mjm tem E uos auede desas vinhas e erdades *pera* mjm en cada hũ Ano todolos meus dereitos así como o daua o dicto Domjngo e como as eu de dereito deuo dar

Vnde al nom façaes

Dada en Lixboa doze días de Mayo El Reij o mandou per Joham viçente seu clerigo e per fernam gonçaluez Cogomjnho seu vasalo françisqu eanes a fez era de mil e Trezentos e sateenta e quatro anos

A qual carta leuda per dante o dicto almoxarife e per dante o dicto escriuam e per elles preuista o dicto almoxarife e escriuam diserom *que* elles *que* elles [sic] *que* faram mandado do dicto senhor e *que* compriam a dicta sa carta e todo aquilo *que* per ele era mandado

E logo o dicto almoxarife e o dicto escriuam com testemunhas d omeens boons adeante escritas E o dicto Frei Duram a todo presente forom entregar e meter de posse Ao dicto frei Duram a vinha *que* chamam dos Lameiros *que* el Reij auja no dicto Regueengo *que* fora de Domingos affonso seu deujdor A qual vinha fora rrematada ao dicto senhor por deujda *que* lhij o dicto Domingos afonso deuja E outrossí forom entregar ao dicto frei Duram e meter de posse pello poder da dicta carta o figueiredo e Coirela da erdade *que* Jaz antre vaasco furtado e Migell martjnz vazia *que* o dicto senhor Auja e lhi fora rrematada per Joham martjnz seu sacador per deujda *que* lhij outrossí deuja o dicto Domingos affonso A qual vinha dos Lameiros parte com Steu eanes e com Domjngos meendez e com viçente periz prego e com françisqu eanes e com Jenrro de Catalina furtada e com Joham gonçaluez e com camjnho o qual ffigueiredo Jaz Aalem da Azinhagaa do adro com a dicta Coirela d erdade e parte pello caminho Junto com *que* foi de barua de Reij e como parte com Martim gonçaluez com viçente anes bocarro e con os ereeos de Meem domjnguez e como parte con os ereeos de sueiro periz e como

¹¹¹ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.



parte com esteuam domjnguez e com Domingos castelaão e com vaasco furtado A qual vinha e figueiredo e Coirella d erdade o sobredicto almoxarife e escriuam apegarom e entregarom ao dicto frei duram em pessoa e hem nome dos capelaães d el Rej dom Denis que ora por elle cantam e no Moesteíro de sam Denis d oDiuelas em aquela comtia e hem preço das dictas Mil libras que en a dicta carta som contehudas e em que o dicto ssenhor rrecebeu as dictas erdades E o dicto frei duram em nome dos dictos capelaães e per ssí rregebeu as dictas erdades e se deo delas por bem entregue per terra E folha pera car[...]o d el Rej dom Denis E o dicto almoxarife e o dicto escriuam así lhe entregarom pois o dicto senhor así o a elles mandara e que do dicto Día en deante ffezessem das dictas erdades toda sa uontade como de sa propia posissom con ssas entradas e saidas e entradas e seus dereitos e perteenças

fecta a carta em freelas no día e mes e era e [...] sobredicto Testemunhas Sancho periz viçente martjnz marisco affonso filho de Catalina furtada affonso soarez Gonçal eanes sueíro Domingos esteueez homem da abadesa e o sobredicto Duram a esto pressente fuij e [...] do dicto frei Duram esta carta com mha mão escreuj e hem ella meu sinal puge que atal [he]

[sinal de tabelião]



TESTAMENTO DE VASCO AFONSO, MORADOR EM ÉVORA (1346)

Transcrição de João Costa

IEM – FCSH/NOVA

CEH – NOVA

Resumo

1346 [E. 1384], Évora, Janeiro, 28

Testamento de Vasco Afonso, casado com Mafalda Rodrigues, morador em Évora.

Determina que seja enterrado na Sé de Évora, e deixa legados pios a particulares e instituições.

Abstract

Testament of Vasco Afonso, married to Mafalda Rodrigues, resident in Evora.

Determines to be buried in the Cathedral of Évora, and let pious bequests to individuals and institutions.

Lisboa, Centro de Estudos Históricos, *Colecção de Pergaminhos*, Maço 1, nº 1 *olim* Catálogo Silva's / Pedro de Azevedo, Leilão de 16-18 de Maio de 1994, N.º 535.

¹¹²Documento¹¹³ Em nome de deus Amem

Esta he A manda *que* Eu Rodrig Affomssso Caualejro faço com meu siso e com meu entendijmento

primeiramente mando A alma A *deus* e A *ssancta* Maria sa madre e mando soterrar meu corpo na Seẽ d Euora Ante [o] Altar de *sancta* cruz Alij hu louuer vago E mando por esta sepultura dez libras pera a [...] ¹¹⁴quiser dar esta sepultura mando *que* me deitem em sam françisco no Cabidoo e dez [...] ¹¹⁵estas dez libras *que* Eu mandaua Aa obra por A coua e com o corpo por a dicta sepultura E se me deitarem em ssam françisco *comprem* huũ Auĩto em *que* me soterrem

Item mando por falhas A ssee quinze libras

Item per a mha ssepultura quinze libras

Item mando por huũ Anal de missas quareenta libras e mando *que* as cantem hu louuer o meu corpo E o *que* as cantar saija cada dia sobre mjm com agua beenta

Item mando pera me offertarem huũ Ano dez libras e dous quarteiros de trijgo E offertem hu louuer o meu corpo

Item mando A Giralda Ama[vAlda] e huũ pelote d arraĩz e dez libras em dinhejros *que* me leue A offerta

Item mando pera meu sabado quinze libras e tres quarteiros de trijgo

Item pera ssijnos tanger . quatro libras

Item mando Aos clerigos da ssee tres libras pera matijnas e pera Onrras e me dijgam hũa missa offezijada Alij hu me soterrarem

Item mando aos frades de sam françisco çijnqe [sic] libras pera hũa pitança e *que* me dijgam hũa missa offezijada o dija *que* me soterrarem

Item Aos frades de sam Domjngos tres libras *que* uenha A meu soterramento e me digam hũa Missa offezijada o dija *que* me soterrarem

Item mando oijto libras pera oijtauairo Alij hu me soterrarem

¹¹² Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

Adoptou-se também o critério de colocar “j” nos casos em que existe já uma pontuação no jota à imagem do que acontece com os “ii”, onde se tomou a opção de indicar essa sinalização com “i”.

¹¹³ Em letras diferentes, no verso:

“Maço – 33 – nº – 144”;

“Testamentos maço 2 n.º 36”;

“7-T-3”;

“testamento de Rodrigo afonso caualeiro filho d afonso [annez] caualeiro”;

“Testamento de Vasco afonso marido de Mafalda rodriguez morador em Euora ano de [1384] Euora”;

“1334”;

“escrituras *que* pertencem a euora”;

“Euora”;

“Testamento de Vasco <Aliás Rodrigo> Afonso cazado com Mafalda Rodriguez”;

“não contem nada”;

“Inutil”.

¹¹⁴ 4 palavras.

¹¹⁵ 1 palavra.

Item mando A totalas crozos [sic] da vila dez dez ssoldos

Item Aa obra da ssee dez ssoldos E aa de sam françisco dez ssoldos

Item Aa obra de sam Domijngos dez ssoldos

Item Aas albergarias da vila doos doos ssoldos E mando aas emparedeadas senhos ssoldos

Item mando Aos gaffos quinze ssoldos tam bem Aos que ham Raçam come Aos que a nom hãm

Item mando aas donas de castris quinze ssoldos

Item mando A meu Abade Martijm bernardez vijnte ssoldos

Item mando que saijam sobre mjm Açijma do mes os clerigos da See e dijgam Ante hũa Missa offezijada vijnte ssoldos

Item mando pera os Coonijgos que me venham fazer onrra A mha casa e esteuerem A mha sepultura çijnque çijnque ssoldos Aos que hij veherem

Item mando . Aos que me outrossij fforem ffazer onrra e esteuerem Aa missa Açijma do mes çijnque çinque ssoldos A cada huũ coonijgo

Item mando com meu corpo Aa ssee se me hij soterrarem tres libras

Item mando A Johann esteuez dez couedos de valençijna pera lhij tolherem o doo sse o ffilhar

Item A Domjngu eannes outros dez couedos de valençijna pera lhijs tolherem o doo se o ffilharem por mjm

Item mando vijnte libras por missas cantar por as Almas daqueles de que ouuij Algũas cousas como nom deuija

Item mando . que sse Alguũs mançebos veherem que seiam de boa uerdade e disserem per luramento Aos Auangelhos que lhis deuo Algũa Algũa [sic] cousa de soldadas e que me eles nom fezerem perda nenhũa mando que lhis dem A mha parte do que lhis deuer

Item mando A dous filhos de Rodrigo tenreiro que ssom meos Affilhados dez e dez ssoldos A cada huũ

Item mando A alda filha de vicente dominguez outrossij mha Affilhada vijnte ssoldos

Item mando que dijga A ama de Roij mendez per ssa uerdade quanto trijgo lhij deuo e que lho dem

Item mando Ao ffilho de Roij meendez meu Affilhado tres libras

Item mando A Roij vaasquez meu primo o meu Tabardo verde e dez libras em djnhejros

Item mando a lohann esteuez meu criado dez libras

Item mando Aos filhos de Nuno affomsso çijnque çijnque libras

Item mando Aos filho de Lopo Affomsso çijnque libras

Item Aos de Costanç Affomsso çijnque çijnque libras ssaluo A lopo que dem vijnte libras

Item Aa ffilha de Maria affonsso çijnque libras

Item mando A ffernando meu criado filho de Mafalda rodriguez Çijnquoenta libras E mando se peruentuira o dicto fernando quiser demandar mal A ssa madre aia A alda mha filha que lhij nom dem as dictas çijnquenta libras mais que sse defendam com elas da demanda que lhis fezer



Item mando pera Missas de carne Açijma do Ano quinze libras e dez quarteiros de trijgo E rrogo Nuno affomsso E lopo affomsso meos hermaãos e Maffalda rodriguez mha molher e vicente dominguez meu parente e meu compadre que seiam meos Testamenteiros e mando Aos dictos meos Irmãos por Affam que Aueram quinze quinze libras

Item A vicente dominguez quinze libras

Item mando A Meçij Affomsso quinze libras

Item A Mari Affomsso quinze libras

Item pera hũa Canpaã quinze libras

Item pera tirar catijuos quareenta ssoldos

Item mando que cantem por mjm huũ trijntaaio de sam Griigorio em que monta quatro libras e meija

Item mando pera probes vestijr de burel e de ljnho trinta libras

Item mando A affomsso vaasquiz o meu pelote e o Cerame de viado Anbos d huũ pano

Item a vasco ffilho de Roij uaasquez d eluas que he meu Affilhado . tres libras

Item a quem for por mjm a ssantijago de galijza mando que lhij dem o que virem que mereçer por hir Ala

Item mando A Maria uaasquez dez libras

Item mando A Moor uaasquez dez libras

Item mando que este meu testamento seia pagado Ata çijma do Ano

Item mando que meos testamenteiros obrem deste meu testamento Assij como em el he contehudo e façam prol da mha Alma E mando que bispos nem seos vigairos nom Aiam de ueer em este meu testamento nada

Item mando que paguem este meu testamento da mha terça do meu Auer E sse sobeiar da mha terça Algũa cousa dem A meijadade A alda mha filha daquelo que sobeia e A outra meijadade dem na meos Testamenteiros por mha Alma em probes vestir e em missas cantar pera virem que ssera prol de mha Alma e Reuogo todos outros testamento [sic] que eij fectos Ante deste mando que este valha Ata que o Eu desffaga com outro ca esta he A mha prostumeira vontade

ffecto o testamento na Cidade d Euora nas Casas do dicto Rodrig Affomsso vijnte e oijto dias de laneiro Era de mil e trezentos e oijteenta e quatro Anos testemunhas Lopo Affomsso caualeiro vasco martinz porrijnha Rodrig Airas d Açacar Gomez lourenco filho de lourenco steuez loham louçaaom Domjngos martinz das Aueenças vicente dominguez criado de lourenco steuez e outros E eu Affomsso dominguez Tabelliôm da dicta Cidade per outorgamento do dicto Rodrig Affomsso este testamento escreuij e meu sijnal aqui pugij que tal [sinal] he //



EMPRAZAMENTO DE PARDIEIRO EM ÉVORA A MESTRE JOÃO, FÍSICO DE CÓRDOBA (1374)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1374 [E. 1412], Évora, Abril, 7

Instrumento de empraçamento de Geraldo Martins e Beringária Eanes a Mestre João, castelhano de Córdoba, físico, de um pardieiro na freguesia de Santa Justa, em Évora.

Abstract

Deed of lease of a ruined house in the parish of Santa Justa, at Évora, by Geraldo Martins and Beringária Eanes to Master Juán, castilian from Córdoba, physician.

¹¹⁶Documento

¹¹⁷Em nome de deus Amem Sabham quantos Este estormento d enprazamento E outro tal virem Como Eu Giral martjnz Escudeiro E eu bringueira annes Sua mulher moradores *que* Somos na ¹¹⁸ Cjdade <d euora> Ao Ressio Enprazamos A uos Meestre Johanne Castellão de cordoua f físico morador na dicta Çidade de lixbõa Em bossa bjda E de duas pessoas quaaes bos nomeardes huũ pardieiro *que* nos Auemos na dicta Çidade na ffregujsia de Santa Justa o qual pardjeiro parte de hũa parte com lagares *que* uos dicto Meestre Johanne de nos tragedes Emprazados E da outra parte com Rua pubrica E da outra com a allbergarja dos trijgueiros E da outra com pardieiros *que* dizem *que* Som d estaça Annes,. Enprazamos A uos o dicto pardieiro So tal preito E condiçom *que* bos ffaçades do dicto pardieiro casa ou *qualquer* cousa *que* uos compra *que* majs entenderdes *que* ffezerdes bossa prol E dedes a nos E A todos nossos Susseissores em cada huum Ano d enprazamento do dicto pardjeiro por dja de Sam nhoane Bautista quareenta ssoldos E começar sse de ffazer A primeira paga deste Sam nhoane primeiro *que* bem a huũ Ano E dj em deante pagarem sse os dictos quareenta ssoldos Em cada huũ Ano polo dicto dja E acabado o tempo <da bjda> de uos dicto Meestre Johanne E das dictas duas pessoas *que* assj nomeardes deuedes de leixar o dicto pardieiro com toda Sa bemffejtorja A nos E aos Sussessores *que* depos <nos> beherem Sem contenda nenhuma com toda Sa benffejtorja E eu dicto Giral martjnz E eu bringueira annes Sua mulher obrigamos todos nossos beens Auudos E por Auer A uos ljuar E deffender o dicto pardjeiro de quem quer *que* uo llo demande ou embargue So pea de Custas E perdas E danos *que* bos pola dicta Razom ffezerdes E com dez ssoldos Em cada huum dja de pea E eu dicto Meestre Johanne A este presente como Em mjm o dicto pardieiro d emprazamento pola gujsa *que* dicto he com todallas clausulas E condjções Suso dictas E obrigo todos meus beens Auudos E por auer ¹¹⁹ a conprir E A manteer E a guardar o *que* dicto he E pagar os dictos quareenta ssoldos em cada huũ Ano polo dicto dja E nom conprindo En as dictas Clausas E cada huma dellas *que* as compra E pague a Saluo com as custas E perdas E danos *que* bos pola dicta Razom ffezerdes E com os dictos dez soldos em cada huum dja de pea

ffectos fforom desto dous estormentos na dicta Çidade nas casas de morada do dicto Giral martjnz Sete dias d abril Era de mjl E quatroÇentos E doze anos *testimunhas* Gil martjnz ffjlho do dicto Giral martjnz E Gonçallo perez homem do dicto Giral martjnz E Gil martjnz allfajate morador na dicta Çidade E outros E eu Martim annes tabaljom d el Rej na dicta Çidade *que* per outorgamento dos Sobredictos este estormento E outro tal Escreuj E este ha de teer o dicto Giral martjnz

o qual he antreljnhado hu diz de lixbõa Jtem hu djz da bjda A todo he uerdade E aqui meu Sinal fiz *que* tal he [sinal de tabelião] njhil



¹¹⁶ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

¹¹⁷ Riscado: “em”.

¹¹⁸ Riscado: “dicta”.

¹¹⁹ No verso: “Renembraça sseia *que* enprestej a Joham Affomso meu amo huũ tonel *que* tem na aduella d a par do bretom huum tal sinal *”; “Jtem deu a dona a cristo mas pera semente tres arteiros meos dous <[...]> alqueires Jtem de ceuada xxvij alqueire”; “Carta d emprazamento *que* fez giral martjnz a meestre Johane de cordoua de huũ pardeiro por quareenta soldos”.

INSTRUMENTO DE TOMADA DE POSSE DE ESTÊVÃO VASQUES DE GÓIS DA QUINTÃ DE PEDRA ALÇADA, MONSARAZ (1375)

Transcrição de João Costa

IEM – FCSH/NOVA

CEH – NOVA

Resumo

1375 [E. 1413], Beja, Fevereiro, 6

Insero: 1375 [E. 1413], Vila Viçosa, Janeiro, 3;
1375 [E. 1413] Redondo, Janeiro, 21

Instrumento de tomada de posse de Estêvão Vasques de Góis da quintã de Pedra Alçada, Monsaraz, tomada por revelia a Rui Gomes.

Abstract

Instrument of possession of Estêvão Vasques de Góis over the estate of Pedra Alçada, Monsaraz, taken by default from Rui Gomes.

Lisboa, Centro de Estudos Históricos, *Colecção de Pergaminhos*, Maço 1, nº 5, 1 *olim* Catálogo Silva's / Pedro de Azevedo, Leilão de 16-18 de Maio de 1994, N.º 539.

¹²⁰ Documento

¹²¹ Sabham todos que na Era de m̃jll e quatroçentos e treze annos sseis dias de feureĩro em beia no paço do Concelho per dante vasco perez escolar em direjto luz por El Rej na dicta vjlla seendo em Audjencia ouuijndo os fectos pareceu Simam uaasquez de goões scudeĩro moradõr na dicta vjlla ., E amostrou per dante o dicto luz hũa carta d El Rej estprita [Em] porgamjnho aberta e sseelada d huũ seelo Redondo de quinas do dicto ssenhor ssegundo em ella pareçia e fazia mençam da qual carta o theor Atal he

Dom fernando pella graça de deus Rej de por<tu>gal e do Algarue A uos vaasco perez luz por nos em beia e A outros quaeesquer luzes que em essa vjlla depois de uos forem saude

sabede que nos querendo fazer graça e merçee A Steuam uaasquez de goões escudeĩro nosso vassalo teemos por bem e damos uos per luz em todollos fectos que alghũas pessoas quaeesquer que sejam moradores em essa vjla em moura e em mourom e em monssaraz Aiam ou entendam d auer com o dicto Steuam uaasquez ou esse Steuam uaasquez com elles sobre quaeesquer cousas que sseiam

Porem uos mandamos que façades as partes perAnte uos ṽjnr e [ordeneçs] desenbargade os sobr esses fectos nom enbargando Artiguo fecto em Cortes em Contraĩro desto

Outrossj uos mandamos que sse Alghũas cartas ou sentenças tem em rrazom do trigo que lhe for tomado e rroubado em o dicto logo de moura que lhe nom forem conpridos que lhos façades conprir e lhe façades ẽjxuçaom por ellos segundo for djrecto e em essas cartas e sentenças for contheudo

vmde al nom façades .,

Dante em vjla vjçosa tres d̃jas de laneiro ., El Rej o mandou por Aluaro gonçaluez sseu vassalo e Corregedor na ssua corte Affomssso perez a ffez ., Era de m̃jll e quatroçentos e treze annos

Aluarus gonçaluez

A qual carta assij mostrada o dicto Steuam uaasquez djsse Ao dicto luz que El Rej dom fernando que deus mantenha lhe dera a el por luz em seus ffectos . ssegundo majs conpridamente . na dicta carta do dicto Senhor Rej era contheudo ., E que tĩj nha enprazado per dante el Roj gomez escudeĩro morador em monssaraz . per rrazom d hũa ssoma de djnheiros que djz̃ia que lhe tij nha tomados e outrossj per rrazom da quintaã da pedra alçada d enbargo que lhe ssobr ela poj nha ., E que o dicto Roj gomez ficara com el que a huũ d̃ia çerto pareçesse per dant el dicto vaasco perez pera Antr elles desenbargar o dicto fecto segundo djz̃ia que majs conpridamente era contheudo em huũ estormento probico que logo mostrou . fecto e assynado per vaasco domjngujz tabelijom do Redondo segundo em elle parecia e fazia mençom do qual estormento o theor Atal he

¹²⁰ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

Adoptou-se também o critério de colocar “j” nos casos em que existe já uma pontuação no jota à imagem do que acontece com os “i”, onde se tomou a opção de indicar essa sinalização com “i”.

¹²¹ Em letras diferentes, no verso:

“Estas Escrituras pertencem A dom uaasquez de ffreitas que fferom [sic] ffectas A sseu Padre”;

“Instrumento de posse que tomou Estevão vasquez da quintã de Pedra alçada ., 1403

Pedra alçada ., 1403”;

“Pedra alçada”;

“stormento de Reuelia per que tirou a posse da quintaam da pedra alçada Steuom uaasquez”;

“Estas scprituras todas perteeçem aa pedra alçada •”.

¶ Sabham todos *que* vijnte e huũ djas do mes de laneiro ., Era de m̃jll e quatroçentos e treze Annos na vjla do Redondo Ante cas [sic] d affonso perez per dante lourenço martjnz luzj pareceu Steuam uasquez de goões escudeiro E djsse *que* Roij gomez escudeiro morador de monssaraz *que* presente estaua lhe fforçara e tomara Cento e vijnte e duas libras *que* tijnha em monssaraz em guarda em cas gil vjçente e Albaatomjm . os quães *dinheiros* dzjá *que* o dicto Roj gomez tijnha aqui e pedía Ao dicto luzj *que* lhos mandasse tomar e pôer em guarda em mão da lustiça *que* os nom desbaratasse .,

E o dicto luzj fez pergunta Ao dicto Roj gomez *que* dzjá A esto E o dicto Roy gomez djsse *que* el per força *nem* contra djrecto lhe nom tomara *djnheiros* nenhuũs majs *que* o fecto fora tal *que* ljonor gonçalvez madre del dicto Roj gomez . çitara o dicto Steuam uaaásquez . por a ssa parte *que* auja na quintaã da pedra Alçada . per dante os luzjes de monssaraz . E porque o dicto Steuam uasquez nom parecera Ao dja *que* ouuera de parecer *que* o tirara por Reuel per dante vjçente domjnguez luzj E *que* per sentença do dicto luzj e pello porteiro lhe foram entregues Çem libras e majs nom A el dicto Roy gomez em nome da dicta ssa madre ., E a quintaã da pedra alçada e *que* tal ffora a uerdade ., E o dicto Steuam uasquez djsse *que* o dicto vjçente domjnguez nom era seu luzj *nem* Auja porque conhecer de sseus fectos per hũa carta d El Rej *que* tijnha ergo os luzjes de beia .,

E estando assy os sobredictos Steuam uasquez e Roy gomez de ssuas ljures uontades veerom A tal Aueença *que* d oie a quinze djas parecessem per dante vaasco perez luzj de beia . ou per dante outros quãesquer *que* dhj sejam luzjes en *que* se louuaram *que* fossem seus luzjes sobre a dicta Reuelja e ssobr ela Auçom della a poër e mostrar cada huũs o sseu *dereito* djrecto E *que* o dicto luzj ou luzjes os podessem ouuir e desenbargar cada huũ com sseu djrecto . das quaes cousas os ssobredictos pedirom A mjm vaasco domjnguiz tabeljom senhos estormentos d huũ theor

este tenha Steuam uasquez

fecto dja Era e logar suso dicto ., *testemunhas* Martim fagundez e loham goterrez e Affonso perez e domjngos çoudo e o dicto luzj e outros E eu sobredicto tabaljôm de nosso Senhor El Rej no dicto logo *que* este stormento e outro tal escriuj e meu ssjnal aqui fjz *que* tal he

O qual estormento assij mostrado o dicto Steuam uasquez djsse Ao dicto luzj *que* poĩs pella dicta carta sse mostraua *que* el era sseu luzj em sseus fectos E outrossj se mostraua pello dicto estormento *que* o dicto Roj gomez ouuera de parecer per dant el por as rrazões no dicto stormento contheudas A dja çerto ía passado e nom parecia per ssj *nem* per sseu procurador . *que* porem pedía Ao dicto luzj *que* lhe mandasse apregoar o dicto Roy gomez e lho lulgasse por Reuel e por ssa Reuelja mandasse tornar el dicto Steuam uasquez Aa posse da dicta saa quintaã da pedra Alçada e lhe sseiam entregues Cento e vijnte e duas libras de *que* o tijnham forçado . as quães dizia *que* lhe foram tomados de casa de Gil vjçente Albaatonjm hu os el tijnhã

E outrosj o mandasse meter em posse de tantos beens do dicto Roj gomez *que* ualijam quinhentas libras *que* dzjá *que* lhe fezerom fazer de custas e despesas sobre a dicta rrazom .

E o dicto luzj bjsta a dicta carta d El Rej . E o dicto estormento E o djzer e pedir do dicto Steuam uasquez mandou apregoar o dicto Roj gomez per loham affonso cuu de paadeira porteiro do Conçelho o qual porteiro deu fe *que* o apregoou e *que* o nom Achou quem outrem por el

Porem o dicto luzj o lulgou por Reuel e por sua Reuelja . o mandou *que* o dicto [sinal]¹²² Steuam uasquez . seia tornado Aa posse da dicta quintaã de pedra alçada e dos dictos *dinheiros* e das outras cousas *que* lhe assj ssom tomadas per a dicta Reuelja ., E *que* seia metudo em posse de tantos

¹²² Foi cosido um outro pergaminho ao pergaminho-base, dando-se imediata continuidade ao texto anterior.



beens do dicto Reuel que ualljam as dictas quinhentas libras que fez per luramento dos Auangelhos que lhe demandara por a dicta Razom „, Se o em luĵz víra „,

E por os beens que lhe . foram entregues mandou o luĵz que desse fiadores . E logo o dicto Steuam uasquez deu por fiador pera o que sobredicto he . loham affonso neto de branca domjnguĵz que presente ffora o qual ficou por fiador de todolos beens que fossem entregues Ao dicto Steuam uasquez per rrazom da dicta Reuelĵa „,

E o dicto Steuam uasquez pedĵo assij este stormento de sentenĵa de Reuelĵa fecto em beia . dĵa e mes e Era e logo sobredictos „,

[testemunhas] vasco lourenĵo testa e viĵente annes e affonso martjnz caluo tabelĵães e outros e Eu Affonso annes tabeljom d El Reĵ na dicta bjlla que o escreuj em huĵ Rool e este pedaĵo de porgamjnhu e em no luntamento delles e outrossj Aqui meu sinal fjz que tal [sinal] he

pagou desta escritura e do processo de que ssaĵo trinta doos soldos //

¹²³Sabham todos Como cjnquo de Marĵo da Era de Mil e quatroĵentos e treze annos em Monssarĵz no Adro de ssantĵ Maria Estando hj Meem gonĵaluez luĵz por El rrej na dicta villa pareĵerom fernam perez scudeiro d esteuam vaasquez Come sseu procurador que Era per huĵa procuraĵom ssefjcjentĕ por todĵllas coussas contehuĵdas Em esta ssentenĵa desta outra parte scrita que Eu tabeljom tĕnhu notada Em meu lĵuro „ E outrossi mostro Ao dicto juĵz huĵa carta de vaasco perez luĵz por El rrej Em beja scrita Em papel Aberta e sselada do sselo do dicto concĕlho de beja ssegundo Em ela pareĵa Em a qual enuijaua todallĵs justiĵas Rogar que comprissem e fizessem comprar Ao dicto Steuam vaasquez esta sentenĵa desta ante parte scrita E Metessĕm Em posse do que Em ela he contehudo „,

e logo o dicto luĵz vista a dicta ssentenĵa E a carta do dicto baasco perez A comprissem Rogo e dereito fazer mandou que o dicto Steuam vaasquez fosse Restetohĵdo Aos beens que foram Emtregĕs Ao dicto Roj gomĕz pella Reuelja que contra el ganhou E que a posse que o dicto Roj gomĕz per ela ouuera que a Auja por nenhuĵa como dicto he „,

E outrossij disse Ao dicto fernam perez procurador do dicto steuam vaasquez que porque lhj fezera ĵerto o Almoxaryfe que os beens do dicto Roj gomĕz Estaua [sic] tomados por huĵa ssoma de trigo que o dicto Roiĵ gomĕz deuja El rrej que lhj mostrasse bees [sic] desembargados do dicto Roj gomĕz e que nom steuessem Embargados pĕlla dcta [sic] dĵujda E que o meteria Em posse do que na dicta ssentenĵa he contehudo „,

E o dicto fernam perez disse que el juĵz ouuesse a posse que o dicto Roj gomĕz cobrara polla dca [sic] Reuelia por nenhuĵa que ouuesse o dicto <steuam vaasquez> por Restehido [sic] A posse dos dictos beens E o dicto juĵz A jssu mandou ssegundo he contehudo Em sta sentenĵa desta outra parte scrita e doutra gissa nom da qual coussa o dicto fernam perez pedĵo Este stormento

testemunhas lopo ssoarĕz e Martjm annes e gonĵalo gomĕz E outros Eu dicto tabeljom que ste screuj e Aqui meu Sĵnal fjz que tal he [sinal]

pagou iiij^o soldos



¹²³ No verso.

INSTRUMENTO PÚBLICO DE PARTILHA DOS BENS DE JOÃO TOMÉ, (1383)

Transcrição de João Costa

IEM – FCSH/NOVA

CEH – NOVA

Resumo

1383 [E. 1421], Évora, Abril, 19

1383 [E. 1421] [Évora], Junho, 6

Instrumento público de partilha dos bens de João Tomé, falecido, ficando metade dos bens para a viúva e a outra metade para familiares.

Os bens incluem propriedade urbana e rural.

Abstract

Public instrument of division of property of João Tomé, deceased, half the properties being ascribed to the widow and the other half to relatives.

The estates include urban and rural property.

Lisboa, Centro de Estudos Históricos, *Colecção de Pergaminhos*, Maço 1, nº 3, 1 *olim* Catálogo Silva's / Pedro de Azevedo, Leilão de 16-18 de Maio de 1994, N.º 544.

¹²⁴ Documento

¹²⁵ Sabham todos *que na Era de M̃il e quatroçentos e vjnte e huũ Annos dez e noue djãs d abril na Çidade d Euora na Rua de Malforo estando hij Gonçall eannes f̃ilho de Ihoam tome e ṽasco duraãez e Ihoam cabreyro lenrros do dicto Ihoam tome e moradores na dicta Çidade . En presença de mjm Ihoam eannes tabaljom d El Reỹ em essa meësma e das testemunhas . que adeante som scpritas . Os ssobredictos partȳrom Antre s̃y A mẽjadade dos beens das Rajzes que lhjs Acaeçera na partȳcom que fezerom com Marij affomso molher que foj do dicto Ihoam tome . os quaes partyrom antressy per esta gujsa .*

Primeiramente derom ao dicto Gonçall eannes . em seu quinhom as casas que som na dicta rrua de malforo que partem com Costança perez molher que foj de vaãsko martjnz enqueredor e com a loia que esta no Canto da trauesa que vaj pera ã Rua do Caldeyreyro

Item lhj derom A meyadade da ṽjnha de val Couo que parte com a dicta Marj afomso sua madre e com el dicto Gonçall eannes .

¶ Item derom Ao dicto vaãsko duraãez em sua parte e quinhom a dicta loia da dicta Rua de malforo que parte com as dictas Casas do dicto Gonçall eannes e per a dicta trauesa que vay pera a Rua do Caldeyreyro

Item lhj derom a meyadade da meyadade da ṽjnha que lhjs ACaeçeo em Motrouegas cõmo parte contra o zeĩjmoto .

¶ Item lhj derom Ao dicto Ihoam cabreyro em sseu quinhom As outras Casas que som na dicta Rua de malforo em que mora Andres gyaldez que partem com Ihoam gonçalluez caldellas

Item lhj derom Maỹs o pardeẽijro que he na dicta Rua que parte com Bertolameu Afomso e per a dicta trauesa

Item lhj derom maỹs o outro quarto da vjnhã de Motrouegas cõmo parte com o dicto vaãsko duraãez e com a dicta Marj afomso e com galotes . e o qual quarto da dicta ṽjnha e As dictas casas en que asij mora o dicto Andres gyaldez o dicto Ihoam cabreyro djse que la aṽja dadas Aos testamenteyros de Mar̃ja annes la passada que foy ssua molher e fjlha do dicto Ihoam tome en sua terça de sseus beens que el aṽja com a dicta Marija annes .

A qual partȳcom que era Assy Antre elles dictos erdeyros era declarada per a gujsa que ssuso dicto he djsserom que ía Avjam Antressy fecta aṽja sete Anos e majs E que cada huũ delles des entom aca estauam em posse dos dictos quinhões per A gujsa que suso he deuysado E que porque nom Avjam

¹²⁴ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

Adoptou-se também o critério de colocar “j” nos casos em que existe já uma pontuação no jota à imagem do que acontece com os “ii”, onde se tomou a opção de indicar essa sinalização com “i”.

¹²⁵ Em letras diferentes, no verso:

“Maço – 31 – n.º – 111”;

“estormento que fez gonçallo annes com vasco durães e com Ioham cabreiro”;

“Inutil”; “Partilhas que se fizerão por morte de Ião thome em que herdou Lionor gonçalvez da Siluejra ano de 1421”;

“Euora”; “Euora”;

“Partilhas dos bens de Ioham Thomé em que se adjudicou a saber

A Goncalo Annes humas Cazas na Rua de Malforo de Evora, e metade de huma vinha em Val covo, que partia com Maria Afonso sua May

A Vasco Durães hua loja na dita Rua e o 4.º de hua vinha em Outronegas E a Ião Cabreiro outras Cazas na mesma Rua e hũ quarto da dita vinha que partia com o outro acima, e com a dita Maria Afonso”.



fecta Antresij *scriptura* da dicta partjcom . que poreu a ffaziam ora e firmam e Avjam por ffirme e staujl pera senpre per a gujsa que suso dicto he ., E pedjrom A mjm tabeljom que lhj desse assy senhos stormentos

E fecto esto pareço hj Marj affonso molher que ora he do dicto lhoam cabreyro e djsse que outorgaua as dictas partjções da ssa parte per a gujsa que dicto he

testemunhas . Martim Affonso scpriuam d El Rey e Steuam martjnz porteyro d El Rej e pero fromoso e lourenço domjnguez lenro do gadanho e Martim annes criado de lhoam torrado e outros .,

¶ Item depojs desto tres djas de lunho da dicta Era presente mjm dicto tabeljom e As testemunhas adeante scpritas . leonor gonçalluez molher do dicto gonçall eannes e Crara annes molher do dicto vasco durañez djsserom que ellas outrosij outorgauam da sa parte As dictas partjções que os dictos seus marjdos assij fezerom dos dictos beens que fijcarom per morte do dicto lhoam tome tam bem as que fezerom com Marj afonso molher que ffoj do dicto lhoam tome come as que antresij fezerom os dictos erdejros do dicto lhoam tome e que as avjam por firmes e staujjs da sua parte pera senpre per a guysa que en ellas he conteudo

testemunhas . Rodrigo annes calça Alvaro nunez seu lenro lhoam gomez filho do Comendador da freijria e lhoam durañez Alfajate e vasco martjnz homem do dicto vasco durañez e outros E eu dicto Tabeljõm que per outorgamento das dictas partes . ste stormento pera o dicto gonçall eannes screuij e em el meu signal ffiz que tal [sinal] he .

¹²⁶ Sabham todos que na Era de mjl e quatroçentos e treze anos



¹²⁶ Em letras diferentes, no verso:

“Estas Escrituras pertencem A dom vaasquez de ffreitas que fferom [sic] ffectas A sseu Padre”;

“Instrumento de posse que tomou Estevão vasquez da quintã de Pedra alçada ., 1403

Pedra alçada ., 1403”;

“Pedra alçada”;

“stormento de Reuelia per que tirou a posse da quintaam da pedra alçada Steuom vaasquez”;

“Estas scpritas todas perteeçem aa pedra alçada •”.

PARTILHA DA HERANÇA DE NICOLAU JOANES, DE ÉVORA (1385)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1385 [E. 1423], Évora, Maio, 11

Instrumento de partilha da herança de Nicolau Joanes, de Évora.

Abstract

Deed of distribution of the estate of Nicolau Joanes, from Évora.

Malveira, Colecção João Pereira, Doc. 17

© *Fragmenta Historica* 2 (2014), (95-96). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

¹²⁷ Documento

Sabham todos como eu lourenço martjnz E eu esteuam dominguez testamentejros de njcollao Johannes E eu Maria esteuez molher que fuj do dicto nijcollao Johannes de nosos prazeres E de nosas ljures voontades partjmos os beens que fjarõm per morte do dicto pasado E aqueeço Ao dicto pasado A casa da morada E ujnha de louredo E outrosj Aqueeço A mjm Marja esteuez A casa em que nos fazjamos Adega E A ujnha de cancelhas E a casa que Aqueeço Ao dicto pasado parte com os fjlhos de Marja martjnz E netos de Marja pachequa E com a dicta Marja esteuez com A casa que A ella Aqueeço E a ujnha de louredo que Aqueeço Ao dicto pasado parte com esteuãm martjnz tabaljom per duas partes E per A rjbejra E per Azjnhagaa E a casa que Aqueeço A mjm Marja esteuez parte com Affomso dominguez que esta com Margarjda seca E com A casa que aqueeço Ao dicto pasado E a ujnha de cancelhas parte com A ujnha que ffoj de Joham lourenço trjejro E com afomso martjnz E com outros hereeos d aRedor E diserõm que por A melhorja que o dicto pasado leua na dicta partilha que elles dictos testamentejros fjcã perã tornar a dicta Marja esteuez vinte E Çinquo lliuras A qual partilha outorgarom E mandarõm que a dicta partilha seja fjrme perã sempre E que em nemhũ tenpo A nom posam contradjzer nem hir contra ella em parte nem en todo E qualquer que contra ella for que page A outra parte que per a dicta partilha esteuer dez lliuras E pagada a dicta pena ou nom pagada que a dicta partilha seja fjrme E estaujl perã senpre das quaees cousas as dictas partes pedjrom senhos estromentos

fectos forõm na Cjdade d Euora onze djas do mes de mayo Era de mjl E quatroçentos E vjnte E tres Anos testjmunhas Martjm Afomso E lourenço esteuez procurador E Roj canposa E lopo rrodriguez E Johãm Affomso E outros E eu martim rrodriguez tabaljom d El Rej na dicta Cjdade que A esto pressente ffuj E este estromento E outro tal escreuj E Aqui meu sjnal fjz que tal [sinal de tabelião] he

pagou iiij soldos

¹²⁸ Sabham todos que na Era de Ml e quatroçentos e vjnte e huũ Annos dez e noue djãs d abril na Çjdade d Euora na Rua de Malforo estando hij



¹²⁷ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

¹²⁸ Em letras diferentes, no verso:

“Maço – 31 – nº – 111”;

“estormento que fez gonçallo annes com vasco durães e com loham cabreiro”;

“Inutil”; “Partilhas que se fizeram por morte de loão thome em que herdou Lionor gonçaluez da Siluejra ano de 1421”;

“Euora”; “Euora”;

“Partilhas dos bens de loam Thomé em que se adjudicou a saber

A Goncalo Annes humas Cazas na Rua de Malforo de Evora, e metade de huma vinha em Val covo, que partia com Maria Afonso sua May

A Vasco Durães hua loja na dita Rua e o 4.º de hua vinha em Outronegas E a loão Cabreiro outras Cazas na mesma Rua e hũ quarto da dita vinha que partia com o outro acima, e com a dita Maria Afonso”.

AFORAMENTO DE VINHAS NO CALHARIZ (LISBOA, 1390)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1390 [E. 1428], Lisboa, Janeiro, 1

Instrumento de aforamento de vinhas no Calhariz (Lisboa) por Beringária Eanes a Estêvão Cristóvães e Inês Afonso.

Abstract

Deed of lease of vineyards at Calhariz (Lisbon) done by Beringária Eanes to Estêvão Cristóvães and Inês Afonso.



129 Documento

¹³⁰Sabhãm quantos esta carta E outra tal de foro virem Como eu bjringeria annes molher que fuy de giral martjnz de lemos escudeiro morador na cidade de lixboa por mjm E por meus filhos que tenho so meu poder, dou a foro pera uos steuom christoueeens E Ines Afomso vosa molher moradores ao tempo desa em calhariz termho da dicta çidade E pera todos vosos socesores pera senpre todas as vijnhas que en sa pose acaecerom aa dicta Ines afomso uosa molher E a sas filhas per morte de Steuom martjnz que foj seu marido que de nos tragia a foro Porque seendo vjuua a dicta Ines Afomso seendo viua por sij E por as dictas suas filhas que tjnha so seu poder vinhas encanpou, as quaes vjnhas som no dicto logo de calhariz E partem de todas partes com outros herdades mjnhas as quaes vos dou a foro Como dicto he com todas sas aruores E perteecas E entradas asj E pella gisa que aA [sic] dicta vosa molher acaecerom so tal preito E condiçom que uos E vossa molher E socesores em cada huũ ano adubedes as dictas vinhas descauar E cauar E amergulhar E podar E chancar todo a seus boos tempos e sazoas per guisa que seiam melhorados E nom peijorados E dedes a mjm E a meus socesores pera senpre en cada huum Ano, no nouo a quarta parte do nouo, que deus nas dictas vinhas der, o vjnho branco aa bica do meu lagar no dicto logo E acjma na Era E de foro em cada huũ Ano no ¹³¹nouo vjnte soldos de qualquer moeda que correr em este rrejno E começeides a dar a quarta parte do nouo E foro em este nouo primeiro que uem E asy de hy adeante em cada huũ Ano pera senpre, E eu obrigo os meus beens E dos dictos meus filhos, a uos liurar E defender as dictas vjnhas em todo o dicto tempo so pena de uos correger a perda E dapno que rreçeberdes E com dez soldos cada huũ dia de pena E que uos nem vossa molher nem socesores, nom auedes vender as dictas vinhas, nem dar nem doar nem escanbhar com egreya nem moesteiro nem frade nem clerigo, nem caualeiro, nem dona, nem judeu nem mouro, nem com outra pesoa das defesas em dereito E se as de uender ouuerdes deuede llo fazer saber a mjm, ou a meus socesores se os queremos de tanto por tanto E se as nom quisermos entom as venderdes, aa tal pesoa que seya da uossa condiçom, que a nos de a quarta parte do nouo E foro, pella gisa que uos sodes obrigados, E nom o fazendo uos assj nem conprindo ¹³²as dictas cousas nem pagando a dicta quarta parte E foro em cada huũ ano que de hij adeante, as conpredes E pagedes, a saluo com custas E despesas que por esto nos senhorjo fezermos E com dez soldos em cada huum dia de pena E seer çitados E responder E pagar E fazer de uos dereito perante os Juizes da dicta Çidade, E eu dicto Steuom Christoueeenz a esto presente por mjm E por a dicta mha molher E soçesores louuo E outorgo, todas as dictas, cousas E cada huma delas E tomo em mjm as dictas vjnhas ao quarto E foro, E obrigo todos meus bees moujs E rraiz, auidos E por auer, E da dicta mha molher E socesores, a os comprar E pagar so a dicta pena as quaes cousas louuamos E outorgamos E pedijmos a fernam perez tabeliom senhos stormentos fectos nas pousadas da dicta dona sete dias de Janeiro Era de mjl E quatroçentos E vjnte E ojto Anos testjmunhas rrodrigo Eannes E afomso galego Ruj gonçalues Joham dominguez criados da dicta dona, Eu fernam perez tabeliom que A esto duas cartas d huũ teor escreuj E aqui meu sijnal fiz que he tal [sinal de tabelião] he este he da dona



¹²⁹ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

¹³⁰ No verso: “nouenta [...] Carta de enprazamento que beringueria annes fez a enes affomso de vínhas que som em calhariz., ao quarto.,”; “esta deue de ser as do quarto de bemfiça mas so seram todas asi”; “Calhariz”; “Calhariz”; “Maço 13 nº 29 Emprazamento que fez Beringela anes a Ines afonso das ujnhas de calhariz pola reção aqui declarada., ano de 1438 Calhariz”.

¹³¹ Riscado: “vj”.

¹³² Riscado ilegível.

VENDA DE HERDADE EM REDONDO (1397)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1397 [E. 1435], Redondo, Agosto, 22

Instrumento de venda de parte de uma herdade que pertencera a João de Cabra no termo de Redondo a Gonçalo Eanes da Silveira e Leonor Gonçalves, sua mulher, e a Diogo Álvares e Mor Esteves, sua mulher.

Abstract

Deed of sale of part a property which had belonged to João de Cabra in the vicinity of Redondo made to Gonçalo Eanes da Silveira and Leonor Gonçalves, his wife, and to Diogo Álvares and Mor Esteves, his wife.

¹³³ Documento

Saybham quantos esta carta de venda e outra tal anbos d huũ Como Eu gomez lourenço tabaliom e morador na villa do rredondo testamenteiro de Joham de quabra ia ffjnado morador que ffoij outrossij no dicto logo do redondo per poder de sseu testamento que pera esto tenho vendo E outorgo A uos gonçallo Eannes da silueira escudeiro E A ljonor gonçaluez uossa molher E A uos djago Aluarez escudeiro e A Moor esteuez uossa molher todos moradores na Çidade d euora todo qjnhom E dereita parte que o dicto ffjnado Avija E de dereito djvija d auer em na herdade que ffoij de picastel que he termo do dicto llogo <a qual herdade o dicto ffnado erdou per morte de basco affomso clerjgo sseu sobrinho> que parte d huũ cabo com Joham viçente da torre E da outra com Steuom domjnguez E da outra com Joham reij E per outras djvissões per hu de dereito deue de partir A qual dereita parte da dicta herdade ffoij trayida em prazo per Joham moreno pregoeiro do dicto llogo do redondo E deu de ssij ffe que a trouuera em pregom dous messes E mais E nom Achou quem da dicta herdade mais desse que uos que destes per ella seisçentas E ssateenta libras das quaes me dou por entrege E pagado pera conprir o testamento do dicto ffjnado E porem em nome do dicto ffjnado mando E outorgo que Aiades uos dictos conpradores E todos sseçores [sic] E hereeos que pos uos veerem a dicta dereita parte da dicta herdade com todas ssuas entradas E ssaidas E dereitos E perteenças pella gissa que Ao dicto ffjnado Avija E de dereito divija d auer que ffaçades della E em ella o que A uos prouger como de uossa coussa propria possisom E pellas vontades do dicto ffnado me obrigo a uo lla deffender E ljure de todo embargo E per esta carta uos meto della de posse E propriadade E corporal possissom bem como ffosse per erua per terra

em testjmunho deste uos ffiz esta carta per mjnha mão ffecta na dicta villa do rredondo vijnte E dous dias d agosto Era de Mil E iiij^c E trinta E Çinco Anos

testjmunhas Affomso callonbo E Joham martjnz Junqueiro E Joham pauja [?] E Joham Requerido E outros E eu gomez Lourenço ssuso dicto tabaliom que esto escreveu E Aquij meu ssijnal ffiz que tal he [sinal de tabelião]

Esta tenha o dicto gonçallo Eannes

<nom Seia duvida na Antreljnha que diz a qual erdade o dicto ffjnado erdou per morte de basco affomso creligo sseu ssobrinho que eu dicto tabaliom a escreveu>



¹³³ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

ENCAMPAÇÃO DE VINHA NO CALHARIZ DE LISBOA A JOÃO EANES, PEDREIRO E MESTRE DAS OBRAS DO CONCELHO (1405)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1405 [E. 1443], Lisboa, Dezembro, 1

Instrumento de encampação de uma vinha em Calhariz (Lisboa), aforada por Beringária Eanes a João Domingos e Maria Eanes, a João Eanes, pedreiro e mestre das obras do concelho.

Abstract

Deed of revocation of a lease of a vineyard at Calhariz (Lisbon), formerly leased by Beringária Eanes to João Domingos and Maria Eanes, and now leased to João Eanes, stonemason and master of the works of the townhall.

Malveira, Colecção João Pereira, Doc. 21

© *Fragmenta Historica* 2 (2014), (101-103). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344



Em nome de deus sabham quantos este pubryco stormento d afforamento vyrem *que* na era de mjl e quatrocentos e quareenta e tres Annos primeyro dia do mes de dezenbro em A Çidade de Lixboa dentro nas Cassas de Morada de byringueyra eannes Molher de gyral martjnz Caualeyro ia ffynado em presença de mjm diego aluarez publico tabaliom d el Rey em a dicta Çidade e *testimunhas* adiante Scpritas stando no dicto logo a sobredicta byryngueyra eannes pareceo Johãm domjngos tenoeyro morador na dicta Çidade A ualuerde e Maria annes sua Molher, dizendo *que* elles traziam e tynham da dicta byryngueyra eannes *que* presente staua afforada, hũa bynha pera senpre *que* he em termho dessa meesma Ao logo *que* chamam, o porto de Calharyz *que* partya E parte de todas partes com bynhas da dicta byryngueyra eannes, por A qual lhe aujam de dar em cada huũ Anno, o terço do *que* deus em a dicta bynha desse *conuem* a ssaber o bynho branco no lagar E a cynca na Eyra, E *que* ora elles Eram Ja velhos e canssados *que* nom podiam nem podem adubar a dicta bynha Como Eram obrigados, E *que* emcampauam como logo emcanparom aa dicta byryngueyra eannes, com esta condiçom *que* a afforasse logo a Johan eannes pedreyro Meestre das obras do concelho da dicta Çidade *que* outrossy presente staua *que* Era homem mancebo E adubarya bem E rrepayrarya a dicta bynha daquello *que* lhe *conprisse* *conuem* a ssaber assy E pella gujssa *que* a elles traziam afforada Ao terço, E a dicta byryngueyra eannes *que* presente staua, disse *que* lhe prazia E rrecebya Como logo Reçebeco em ssy dos sobredictos a dicta emcanpaçom da dicta bynha, E a deu logo E afforou Ao dicto Johan eannes pedreyro *que* presente staua pera senpre *que* ouuesse E lograsse E possuyssse pera senpre elle E todos seus soccessores *que* depois elle beesse assy E pella gujssa *que* a trazia, o dicto Johan domjnguez e sua molher com esta condiçom *que* elle dicto Johan eannes E todos seus soccessores *que* depos elle beessem adubassem E rrepayrassem bem E ffyelmente a dicta bynha em cada huũ Anno de todos adubynos *que* lhe *conprissem* E mester ffezesse a seus tenpos E ssaoes aas suas proprias custas E despessas per gujssa *que* senpre fosse E seia melhorada E nom peiorada E desse E pagasse elle dicto Johan eannes E todos seus soccessores *que* depos elle beessem della dona byryngueyra eannes E a seus soccessores *que* depos ella beerem pera senpre, o terço do ffructo *que* deus der na dicta bynha em cada huũ Anno em paz a saluo *conuem* a ssaber o terço do bynho branco no lagar E o terço da cynca na Eyra E mais huũ par de galynhas de fforo em cada huũ Anno por dia de Natal boas E Recebondas E compeçar de pagar as dictas galynhas por o dicto dia de Natal *que* ha de byr da Era de mjl E quatrocentos E quareenta E quatro Annos E dy em diante em cada huũ Anno por o dicto dia, E *que* eelle dicto Johan eannes E seus ssocesores nom posam bender nem dar nem doar nem escanbar nem emalhear a dicta bynha a nenhũa pessoa sem o ffazendo primeyro saber A ella dicta byryngueyra eannes ou a seus soccessores se o querem por o preço *que* della ouerem dar de compra ou permudaçom E querendo a *que* a aJam por o dicto preço *que* ouerem della dar de compra ou permudaçom E nom a querendo *que* A entom A uendom, ou permudem A tal pessoa *que* pague o dicto preço E fforo Como dicto he E ha nom bendam nem permudem A nenhũa pessoa *que* o direito defende E obrigou todos seus bees moujs E de rraiz a lhes liurar E defender E emparar a dicta bynha A todo tempo de quem *quer* *que* lhes sobre ella qujsser poee alguũ embargo per qualquer gujssa *que* seia sso pena de lhe Correger com todas custas E perdas E dapnos *que* eelles dictos emphytiotas por ello ffezerem E rreceberem E com mais Cynquoenta libras em cada huũ dia por pena E em nome de dapnos E Jmteresse E lhes pagar quanto na dicta bynha ffor ffecto E milhorado E outro tanto Ao senhor da terra Como he de Custume, O dicto Johan eannes pedreyro A todo esto presente por ssy E por todos seus ssocesores E herdeyros tomou E Recebeo em ssy a dicta bynha de fforo E afforo pera senpre Como susso dicto he com todollas clausullas E condyções susso dictas E declaradas E sse obrigou per ssy E seus beens Mouys E de Raiz Auudas E por auer E a teer E

¹³⁴ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.



manteer E adubar E a pagar o dicto terço E fforo em cada huũ Anno Como susso dicto E declarado he so a dicta pena, E todo as dictas partes louuaram E outorgarom E pedyrom dello senhos stormentos E mais quantos lhes conprisem

testimunhas que presentes fforom affomso esteuez sogro do dicto Johan eannes e Joham domjngez manhaaes braceyro E Joham de lixboa braceyro E diego domjngez alffayate Moradores em val uerde da dicta Cidade E outros E Eu sobredicto diego aluarez tabaliom que per outorgamento E mandado das ssobredictas partes este stormento E outro tal Anbos de huũ teor scpreuy E em cada huũ meu sygnal ffiz que tal he [sinal de tabelião]



ENCAMPAÇÃO DE PARDIEIRO NO REDONDO PERTENCENTE A LEONOR GONÇALVES DA SILVEIRA (1414)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1414 [E. 1452], Redondo, Agosto, 15

Instrumento de encampação em Leonor Gonçalves da Silveira de uma casa em pardieiro no Redondo, que trazia João Gonçalves e Margarida Lourenço.

Abstract

Deed of revocation of a lease of a ruined house by Leonor Gonçalves da Silveira at Redondo previously leased to João Gonçalves and Margarida Lourenço.

Malveira, Coleção João Pereira, Doc. 22

¹³⁵ Documento

Sabham os *que* este estormento d encapaçam vyrem *que* na Era de mill e quatroçentos e çincoenta e dous anos quinze dias do mes de d agosto em na vylla do Redondo dentro em nas casas da morada d afomso eannes callenbo seendo hy lyonor *gonçalvez* da syllueira morador na Çidade d euora e logo per a dicta lyonor *gonçalvez* foy dicto a Joham *gonçalvez* e a margarida lourenço sua molher *que* presentes estauam *que* asy Era uerdade *que* elles tijnham em a dicta vylla huma casa em pardeeiro de *que* ella Requerya *que* ergese a dicta casa ¹³⁶ e Reparasem em tal gisa *que* ella pollo aazo della nom Reçebese dano em nas suas ou lhas encanpase e ella dicta lyonor *gonçalvez* a farya e nom a querendo elles dicto Joham *gonçalvez* e margaryda lourenço sua molher fazer nem eryger *que* ella protestaua *que* se se lhe alguma perda ou dano Recreçese pollo aazo della a lho corregerem elles sobredictos Joham *gonçalvez* e sua molher per seus beens e per os sobredictos Joham *gonçalvez* e margaryda lourenço sua molher foy dicto *que* elles lhe encanpauam o dicto pardeeiro *que* o ergese e *que* fezese delle o *que* quisese como de sua cousa propya *que* elles o nom podyam erger nem fazer e de como os sobredictos diziam *que* encanpauam o dicto pardeeiro e *que* o nom podyam fazer a dicta lyonor *gonçalvez* tomou a dicta encapaçam em sy e pedyo a sy huum estormento *testemunhas* *que* presentes estauam o dicto afomso eannes calenbo e martym de monçaraz e frausto fylho de Johãm franco e outros e eu lourenço eannes taballyam d El Rey em na dicta vylla do Redondo *que* a esto presente foy e este estormento escreuy e aqui meu synall fiz *que* tal he [sinal de tabelião]



¹³⁵ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987

¹³⁶ Riscado: "s".

VENDA DE UMA HERDADE EM ÉVORA-MONTE (1423)

Transcrição de Pedro Pinto

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1423, Évora-Monte, Janeiro, 9

Instrumento de venda de uma herdade em Évora-Monte por Gil Vicente e Catarina Eanes a Vasco Esteves e Catarina Martins.

Abstract

Deed of sale of a property at Évora-Monte made by Gil Vicente and Catarina Eanes to Vasco Esteves and Catarina Martins.

Malveira, Colecção João Pereira, Doc. 18

© *Fragmenta Historica* 2 (2014), (107-108). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

¹³⁷ Documento

Saibham os *que* Esta carta virem Como eu gil viçente *E* Eu cataljna annes, sua molher moradores em Euora monte vendemos a uos vasco esteuez *E* a uosa molher catallina martijnz moradores na çidade d euora huma Erdade *que* nos auemos em termho d Euora monte na Ribeira de figueira a *quall* foy d esteuainha Esteuez a *qual* nos ella vendeo como testementeiro *que* he *E* uendemos a uos a djta Erdade *per* onde *quer que* for achada *que* he de *dereito* da dita Esteuajinha Esteuez *porque* asy a compramos do djto testementeiro com todas suas Entradas *E* saidas *E* *dereitos* *E* *perteenças* *quanta* ha *E* de *dereito* deue d auer a saber he *per çerto que* nos dous vendedores de uos contamos *E* Reçebemos *E* somos bem pagados conuem a saber dous mjll *E* çem *Reaes* brancos moeda *que* ora corre *E* porem nos djtos vendedores mandamos *E* outorgamos *que* uos djtos conpradores ajades a djta Erdade pella guyssa *que* dito he deste dia *pera* todo senpre *E* todos vosos Erdeiros *que* depois de uos veerem *E* façades della *E* em Ella todo *Aquello que* uos aprouer asy Como de uoso Auer *propio* *E* de uosa *propia* cousa *E* uos obrigamos *per* nos *E* *per* nosos beens Auer Enfender [*sic*] a dita venda de *quallquer que* uo lla *queira* Enbargar em Jujzo *E* fora delle *E* se uo lla nos Em Jujzo outorgar nom *quisermos* *E* enfender nom podermos *que* uos Conponhamos a djta venda Como for *dereito*

E em testemunho desto todo vos mandamos asy seer facta Esta carta pella *quall* vos metemos Em posse *E* corporall possysom da dita Erdade

facta foy a djta carta Em a djta vjlla d Euora monte Aos noue dias do mes de Janeiro Era do Anno do naçimento do noso Senhor *E* saluador Jesu christo de mjll *E* *quatroçentos* *E* ujnte *E* *tres* Anños testemunhas gil Afomso *E* vasco Esteuez Anadall *E* Joham de ueiros *E* outros *E* Eu Aluaro *gonçalluez* taballiam por dom fernando em a djta vjlla *que* Esta carta Estpreuy *E* em Ella Meu synall fjz *que* tal he

[*sinal de tabelião*]

pagou xx *Reaes* com nota



¹³⁷ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

SENTENÇA DE D. AFONSO V NUM PLEITO ENTRE O CABIDO DA IGREJA DE SANTA MARIA DE GUIMARÃES E FERNÃO VASQUES DA CUNHA (1438)

Transcrição de Carlos Silva Moura

CEH – NOVA

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1438, Golegã, Novembro, 18

Sentença régia num pleito entre o cabido da Igreja de Santa Maria de Guimarães e Fernão Vasques da Cunha, senhor da terra de Basto, sobre a arrecadação dos direitos do vinho nos casais e quinta de Ribas.

Abstract

Royal sentence in a judicial case involving the chapter of the church of Santa Maria de Guimarães and Fernão Vasques da Cunha, lord of Basto, concerning the income of wine duties in the households and farm of Ribas.

Lisboa, Torre do Tombo, Colegiada de Guimarães, Documentos Régios, Maço 3, N.º 2

© *Fragmenta Historica* 2 (2014), (109-115). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344



+

*Sentença d ell rei Como os casaes de rribas de basto nom pagem sete allmudes de vinho ao Senhor da terra.,*¹³⁹

Dom afomso pella *graça* de deus Rey de portugall E do algarue E Senhor de çepa,

A bos Joham esteuez nosso almoxarife em gujmarães E a outros quaeesquer a que o conhecimento desto perteençer a que esta carta de *Sentença* for mostrada Saude

¹⁴⁰ sabede que dante diego martjnz seendo almoxarife em a dicta billa Aa nossa corte beo huū fecto per apellaçom que era antre o cabidoo da Jgreia de sancta maria de guimaraaes per diego afomso seu procurador da hũa parte E Joham de Roças da outra o quall premeiramente foi ordenado antre o dicto cabidoo E fernam uaasquez da cunha dizendo o chanre E cabidoo da dicta billa de gujmarães que teendo o dicto cabidoo E sua Jgreia na freguesia de Ribas terra de basto hũa sua quintaã que chamauom de Ribas com todas suas perteenças a quall era hisenta toda do dicto cabidoo sem fazendo feu nem foro a outra nenhũa pessoa que o dicto fernam uaasquez per sua força E autoridade sse fora aa dicta quintaã per sy E per seus homeens em huū dia dos meses do anno de iiij^c E xxxb E leuara <d>a dicta quintaã quoreenta almudes de ¹⁴¹ ujnho leuando o per tres uezes nom sabendo porque E porem pediom contra elle que lhe tornasse seu binho ou por elle oitoçentos Reaes brancos mais ou menos o que ueesse em boa uerdade segundo em sua petiçom mais conpridamente era contheudo

E da parte do dicto fernam uaasquez fora dicto que era uerdade que elle mandaua em cada huū anno tomar çerto ujnho em a dicta quintaã segundo era contheudo em huū Repartimento fecto pello dicto almoxarife do ujnho que nos aujamos d auer na freeguesia de uall de burro porque achara por enqueriçom que huū homem trouuera de mão do dicto cabidoo hũas ujnhas Regueengas que foram estimadas pera nos em cada huū anno sete almudes de ujnho E as leixara colher a monte E mandara que pellos beens do cabidoo ouuesemos em cada huū anno o dicto binho ou o senhor da terra segundo que llogo mostrara o dicto Repartimento fecto pello dicto almoxarife em o quall sse contijna que hũa ujnha de uall freosso que fora de uaasquo Eannes de Ribas que era do cabidoo de gujmarães E a trazia o dicto uaasquo Eannes da mão do dicto cabidoo E fora estimada a sete almudes de ujnho pera nos

E porem mandaua que o dicto cabidoo pagasse o dicto ujnho pois leuaua a pensom da dicta bijnha E a leixara perder dizendo sse da parte do dicto cabidoo que elles queriom prouar que trazendo as dictas binhas de mão do dicto baasquo Eanes huū Joham

¹³⁸ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

¹³⁹ Resumo do documento, inscrito no verso. Um outro resumo, mais antigo, apresenta pouca legibilidade. Outro resumo, mais tardio: "Sentença D el Rey como os cazaes De Ribas não paguem direittos ao senhor Da terra Era 1438 com mais quatro sentencas Em que entra hum Aluara pera notificar a Fernão da Cunha Coutinho que não queria obedecer as sentencas".

¹⁴⁰ Riscado: "p".

¹⁴¹ Riscado: "ujr".



figueiredo *que* o dicto fernam bassquez lhas mandara tomar como seu Regueengo porque lhe nom pagaua o foro dellas E as teuera por espaço de dous annos leuando delas ¹⁴² os frutos E em aquelles dous annos se daneficaron ¹⁴³ *entanto que nunca sse nenhuũ dellas mais enpachou e porem a dicta sua quintaã nom era tehuda a pagar o dicto ujnho E lhe deuja seer entregue o ujnho que o dicto fernam uasquez leuara*

E sseendo todo ujsto pello dicto almoxariffe mandou ao dicto cabidoo sse se quissese escusar de pagar o dicto ujnho *que* çitasse os herdeiros d afomso dominguez polinho E de basco gonçalluez testamenteiros *que* foram de afomso martjnz filho de martim dominguez ujnhatheiro uezinho de gujmarães os <quaes> seendo pera ello çitados da parte do dicto cabidoo fora dicto *que* pello dicto diego martjnz seendo almoxarife fora fecto çerto Repartimento de ujnho em terra de basto *que* aujom de pagar çertas pesoas moradores na freeguesia de Ribas E em outras freguesias dE fernam uasquez da cunha *que* era Senhor da dicta terra antre o quall Repartimento mandara *que* pellos beens do dicto cabidoo ouuesse o dicto fernam uasquez sete almudes de ujnho *porque* dizia *que* achara por *testemunhas que* uasquo eannes Ja finado morara na dicta quitaã [sic] de Ribas *que* era Jsenta do dicto cabidoo e trazia hũas ujnhas a *que* chamauom de uall freosso de mão do dicto cabidoo per as quaees o dicto cabidoo auja em cada huũ anno seis libras da moeda antiga E o dicto fernam uasquez mandara per seus homeens tomar na dicta quintaã xxbiiij^o almudes de ujnho *que* amontaua em quatro annos dizendo o dicto cabidoo per seu procurador *que* a dicta quintaã nom era theuda a pagar o dicto ujnho porquanto diziam *que* as dictas seis libras foram mandadas ao dicto cabidoo per martim dominguez ujnhatheiro morador *que* foy em a dicta ujlla de gujmarães per todas as suas herdades E cada hũa dellas

E o dicto uasquo Eanes conprara a meetade das dictas herdades *que* foram do dicto martim dominguez .s. a meetade da quitaã [sic] de soutalinho E paçoo a quall conpra fezera afomso dominguez polinho *que* ficara herdeiro E testamenteiro do dicto martim ¹⁴⁴ dominguez E o dicto uasquo Eanes se obrigara a pagar os carregos *que* aa dicta quintaã de paçoo perteençesem E as dictas seis libras ao dicto cabidoo E diziom *que* as dictas ujnhas de uall freosso Erom das perteeças [sic] da quitaã [sic] de soutalinho E de paçoo E nom da quitaã [sic] de Ribas E *que* o dicto uasquo Eanes sse ueera a finir E as sobredictas herdades ficaram a Joham de Roças E a outra meetade *que* ficara per morte de maria annes *que* fora herdeira do dicto martim dominguez as trazia todas Juntamente E pessoa o dicto Joham de rroças as quaees erom todas tehudas E obrigadas aos dictos sete almudes de ujnho E nom a dicta quitaã [sic] de Ribas *que* era hisenta do dicto cabidoo

E porem pediom *que* per Sentença asoluese a dicta quitaã [sic] de Ribas E chantre E cabidoo dos dictos sete almudes de ujnho E os mandase Restetoir ao ujnho *que* lhes asy della fo<ra> ¹⁴⁵ tomado E mandasse *constranger* o dicto Joham de Roças *que* o pagasse pois trazia as dictas herdades segundo em sua petiçom mais conpridamente era conhudo a quall foy Julgada *que* proçedia E mandado ao dicto Joham de Roças *que* contestasse E ante da dicta contestaçom da parte do dicto cabidoo fora dicto *que* afomso Eanes çego morador em Ribas moraua em hũa casa E trazia outras herdades *que* foram do dicto martim dominguez ¹⁴⁶ ujnhatheiro E *que* pois presente estaua *que* o libelo E

¹⁴² Riscado: "of".

¹⁴³ Riscado: "entand".

¹⁴⁴ Riscado: "doih".

¹⁴⁵ Palavra emendada. Primeiro, escreveu: "fosse".

¹⁴⁶ Riscado: "ujh".



petição que tijnhom dado *contra*¹⁴⁷ o dicto Joham de Roças que esse medes daua *contra* o dicto afomso Eanes çego dizendo o dicto afomso annes que a *erdade* que elle trazia Era dos crerigos de sam cremenço

E da parte do dicto Joham de Roças foy *contestada* a dicta petição dada pello dicto cabidoo *contra* elle della *per confisom* E della *per negaçom* E foy Julgado que *contestaua* que auondaua¹⁴⁸ E da parte do dicto cabidoo foram dados artigos os quaees foram Julgados por *perteençentes* E o dicto Joham de Roças <de>pos a elles por Juramento E sobre o negado foy tjrada enqueriçom A quall acabada aberta E pobricada E bista pello dicto almoxariffe Julgou que o dicto cabidoo prouaua tanto que os beens E herdades que foram do dicto martim dominguez¹⁴⁹ Erom obrigados ao dicto Regueengo E porem mandaua que fossem çitados afomso Eanes çego E Joham de figueiredo E maria uasquez molher que foy de uasquo Eanes pera dizerem se aujam algũas Razoões a enbargar a defenitiua Os quaees foram çitados

E seendo *per* elles Razoado cada huñ pella sua parte da parte da dicta maria uasquez foy dado huñ estormento em o quall fazia mençom que presente Joham bicente *procurador* do dicto cabidoo a dicta maria uasquez disera que ella trazia hũas herdades que foram do polinho que era no Julgado de çelorico de basto honde chamauom ladairo .s. hũa herdade que chamauom a ujnha da fonte dos sapos E outra que chamauom pella d orta E outra que chamauom o namorado E uall freosso as quaes herdades Ella E o dicto seu marido *conprarom* ao dicto polinho com todos seus encarregos e ellas pagauom ao dicto cabidoo em cada huñ anno seis libras da moda [sic] antiga E quando se o dicto seu marido finara que lhas leixra [sic] *per* manda E que pagasse as dictas seis libras ao dicto cabidoo E porquanto ella era uelha E cansada E nom podia aproueitar as dictas herdades *nem* pagar as dictas seis libras que porem ella de sua *propria* uontade as demetia ao dicto cabidoo pera senpre com todas suas *perteenças* E com todos os *direitos* que ella nas dictas herdades auja E o dicto Jom [sic] bicente como *procurador* que era do dicto cabidoo disera que elle Reçebia a dicta demjtiçom aa dicta maria uasquez asy E pella gujsa que o ella dezia *segundo* todo mais *conpridamente* no dicto estormento¹⁵⁰ era *contheudo*

E sseendo sobre ello Razoado da hũa parte E da outra E bisto pello dicto almoxariffe o dicto fecto E o que se *per* elle mostraua¹⁵¹ E como o dicto cabidoo nom podia auer as dictas herdades Regueengas pella lley d el Rey dom denjs E ujsto como a dicta quintaã de çima de Ribas *nem* outras herdades do dicto cabidoo nom erom obrigadas a nos *nem* ao dicto fernam uasquez pello dicto ujnho sobre que era a dicta *contenda* *per* Sentença defenjtiua asolueo o dicto cabidoo E suas herdades de pagar o dicto ujnho

E porque achara que as dictas herdades de uall freosso Regueengo sobre que era a dicta demanda erom das *perteenças* de paçoo E soutelinho que foram do dicto martim dominguez em a quall quitaã [sic] <de paaço> moraua o dicto Joham de Roças E na de soutelinho moraua afomso Eanes o çego¹⁵² as quaees quintaãs erom tehudas a pagar o dicto ujnho porquanto as herdades de uall freosso Jaziom hermas E despouoadas *per* as quaees se auja de pagar o dicto ujnho E ujsto como a dicta maria uasquez nom tinha

¹⁴⁷ Riscado: "d".

¹⁴⁸ Palavra emendada. Primeiro, escreveu: "auondad".

¹⁴⁹ Riscado: "que".

¹⁵⁰ Riscado: "mais conpridamente".

¹⁵¹ Riscado: "E as".

¹⁵² Riscado: "au".



beens E ujsto como pello dicto almoxariffe fora fecto huñ Repartimento das dictas herdades de uall freosso E lançara sete almudes ao cabidoo E tres aa dicta maria uaasquez E aos herdeiros de polinho pellas quaees elle nom achaua herdeiros do pollinho nem beens aa dicta maria uaasquez que porem mandaua que os dictos dez almudes de ujnho se pagasem a nos ou ao Senhor da terra .s. sete almudes pella quintaã de soutellino que trazia afomso Eanes o çego E dous que elle auja de pagar pello Repartimento E os tres almudes de ujnho pagasse Joham de Roças pella quintaã de paçoo E seis libras que lançara no rrepartimento porquanto a<s> dictas quitaãs [sic] forom do dicto martim dominguez que era tehudo de pagar o dicto ujnho do dicto Regueengo E fose sem custas da quall Sentença o dicto Joham de rroças pera nos apellou

E o dicto ¹⁵³ almoxarife lhe rreçebio a apellaçom a quall ujsta per nos em Rolaçom ante que em ella desemos liuramento mandamos ao dicto almoxarife que nos enujase dizer sse as dictas ujnhas de uall freosso que forom encanpadas ao dicto cabidoo de gujmarães per maria uaasquez sse erom as ujnhas que erom contehudas na Sentença de Joham pirez escollar que Jaziom no monte d ençoos E se esas fosem que soubesse parte sse pagarom dellas senpre o foro do ujnho das oito quartas a nos em cada huñ anno ou quanto tenpo auja que o nom pagarom E outrosy nos enujasse dizer sse erom daneficadas sse aproueitadas E sse deneficadas erom ¹⁵⁴ soubesem [sic] em cuio poder sse deneficarom E sse forom deneficadas depois que forom encanpadas a egreia de gujmarães sse ante E sse depois que encapadas [sic] forom ao dicto cabidoo se foy em posse dellas fernam uaasquez da cunha E sse as leixou denjficar E cando E outrosy soubesse se a dicta Jgreia de gujmarães estaua em posse das outras herdades que forom encanpadas per maria uaasquez .s. da herdade de ladairo E da herdade da fonte dos sapos E a outra que chamauom pella d orta que trazia afomso de fegueiredo E que esto sse fezese presente o procurador do dicto cabidoo E o dicto Joham de Roças E que asy no llo enujase todo per enqueriçom a quall enqueriçom foy sobre ello tirada E enujada

E seendo sobre ello Razoado pello procurador das dictas partes E pello procurador de dona branca mulher que foy do dicto fernam uaasquez da cunha E concrusso o dicto fecto E ujsto per nos em Rolaçom com os do nosso desenbargo presente o procurador do dicto cabidoo E aa rreueria das outras partes Acordamos que nom era bem Julgado pello dicto almoxariffe condanar o dicto afomso Eannes çego E o dicto Joham de Roças que pagasem os dictos sete almudes [de] ujnho que nos aujamos pellas ujnhas de uall freosso pellas quaees a egreia de gujmarães era penhorada na quintaã de Roças

E corregendo ujsto em como maria uaasquez molher que foy de uaasquo Eanes de çjma de de [sic] rribas encanpou as dictas ujnhas com outros beens ¹⁵⁵ ao dicto cabidoo da Jgreia de gujmarães pollas seis libras que lhe por ella[s] pagaua posto que per direito o nom podese fazer por sseerem ¹⁵⁶ no rregueengo a quall encanpaçom foy Reçebida pello procurador do cabidoo da dicta egreia de gujmarães E per aazo desto as ujnhas E beens sse deneficarom E ujsto en como fernam uaasquez da cunha per dous E tres annos leuou E uendimou o ujnho todo das dictas ujnhas de uall freosso nom auendo de auer delas mais que ¹⁵⁷ sete almudes de ujnho E por este aazo sse perderom E asy per aazo do procurador do cabidoo em rreçeber a encanpaçom E de fernam uaasquez da cunha em uendimar o ujnho das dictas ujnhas sse perderom de todo, porem uos mandamos que tomees logo tantos dos beens E rendas do dicto cabidoo E do dicto fernam uaasquez per

¹⁵³ Riscado: "s".

¹⁵⁴ Riscado: "se".

¹⁵⁵ Riscado: "E".

¹⁵⁶ Riscado: "nom".

¹⁵⁷ Riscado: "sete".



que as dictas ujnhas selohom [sic] logo fectas no dicto logar de uall freosso da pobricaç[om] desta Sentença atee quatro anos pagando sse o terço das despesas pellas Rendas do dicto cabidoo E as duas partes pellas¹⁵⁸ Rendas de fernam uasquez ujsto como foy em maior culpa <e> em este tenpo de quatro anos mandamos que nom seiom constringidos o dicto afomso Eanes çego E o dicto Joham de rroças que paguem os dictos sete almudes

E pasado o dicto tenpo E as ujnhas postas ujsto em como sse mostraua as dictas ujnhas de uall freosso sseerem das perteenças da quintaã de paçoo E soutellinho as quaees trazem o dicto afomso Eanes çego E o E o [sic] dicto Joham de rroças mandamos que elles E seus herdeiros¹⁵⁹ as adubem E aproueitem pagando os dictos sete almudes de ujnho a nos ou aaquell que a terra teuer em nosso nome E seia sem custas ujsto o que sse pello dicto fecto mostraua a quall Sentença foy pobricada em o cano estando hy os nossos desenbargadores¹⁶⁰ com a cassa aos xxix dias do mes de Julho da era alusso escrita E nom foy tirada pella parte

E fonmos depois Requerido da parte do dicto cabidoo da Jgreia de gujmaraães per seu procurador que lhe mandasemos dar a dicta Sentença E foy fecta pergunta ao nosso procurador se auja alguũ embargo a lhe nom seer dada E per elle foy dicto que nom auja embargo nenhuũ E ujsto per nos seu dizer lha mandamos dar, porem nos mandamos que a conprides E façades conprir E a guardar a dicta nossa Sentença pella gujssa que em ella per nos he Julgado E mandado,

bnde all nom façades

dante em a gollegaã xbiiijº dias de nonuenbro El Rey o mandou per diego gill ferreira seu uassallo E do seu desenbargo E Juz dos seus fectos Joham Eanes scpriuom em logo de Joham de lixboa a fez Era do naçjmento de nosso Senhor Jesu christo de mjll E iiijº E xxxbiiijº annos.,

E pagou Lx Reaes

a) Didacus

[Selo de cera]

[verso]

Porteiro da correioçom d antre doiro E mjnho

philipe ans [sic] Escollar Em djreito vasallo d el Rey E sseu Corregedor antre doiro E mjnho uos mando que ujsto ste aluara uaades a ffernam coutinho E lhe dizeey como ho cabijdoo de santa maria de gimarees sam çertos cassaes E erdades de que stam Em posse asy da propriadade como dos ffroitos E nouos delle per bem E uirtude de seerem sseus proprios ssegundo teem per sta Sentença desta outra parte scprita E que ssem Embargo della que o dicto ffernam coutynho per sua fforça lhes leuara os ffroitos E rren<das> do lugar que chamam Ribas ssem teer

¹⁵⁸ Palavra emendada. Primeiro, escreveu: “pellaas”.

¹⁵⁹ Carácter riscado. Impreciso e ilegível.

¹⁶⁰ Carácter riscado. Impreciso e ilegível.



causa nem rrazom E *que* me pidiam rremedio *com* djreito

E eu ueendo o *que* me assy diziam E pidiam E ujsta a dicta *Sentença* mando uos *que* chegees ao dicto ffernam coutinho E lhe rrequeiraas da parte d el Rey *que* Entregue logo ao dicto cabijdo o ¹⁶¹ *que* ffor achado [...] assy tomou despois da dicta *Sentença* su pena de mjl dobras E *que* En diante su a dicta pena nom lhes ffaça *daqui* Em diante fforça sobre o *contijudo* En sua *Sentença* E sse ouuer algua rrazom ao nom fazer *que* o uenha ¹⁶² ou mande perante mjm *mostrar* a *tres dias* E far lhe am djreito

E por sseerds [sic] certo asijney aos xb *dias* do mes Julho Era do naçementoo de mjl iiij^o Rix anos.,

a) *phelipus*



¹⁶¹ Respançado: “que”.

¹⁶² Riscado: “pera”.

INVENTÁRIO DE TODOS OS BENS MÓVEIS E DE RAIZ PERTENCENTES À IGREJA DE NOSSA SENHORA, MATRIZ DA VILA DE GÓIS (1552)

Transcrição de José Jorge Gonçalves

CHAM – FCSH/NOVA-UAç / CEH – NOVA

Resumo

1552, Góis, Setembro, 16

Inventário de todos os bens móveis e imóveis pertencentes à Igreja de Santa Maria de Góis (Coimbra).

Abstract

List of all the properties belonging to the Church of Santa Maria de Góis (Coimbra).

Lisboa, Centro de Estudos Históricos, Coleção Casa de Abrantes, n.º de inventário 631.

© *Fragmenta Historica* 2 (2014), (117-128). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

¹⁶³ Documento

¹⁶⁴ [fl. 1] Saibão quantos este Estromento de Certidão com o Treslado do Tombo de todos os bens e couzas, que são e pertencem à Igreja de Nossa Senhora Matriz da Villa de Goes dado per mandado e auctoridade de Justiça virem como em o Anno do Nascimento de Nosso Senhor JESVS Christo de mil quinhentos e cincoenta e dois annos aos dezaseis dias do mez de Setembro do dito anno em a Villa de Goes e nas Cazas moradas de Fernão Carvalho Escudeiro e Juiz Ordinario em a dita Villa em sua presença pareceo o Padre Manoel Luiz Beneficiado na Igreja da dita Villa e per elle foi apresentado ao dito Juiz hum livro de papel encadernado em pergaminho, em o qual estão escritos todos os bens de Raiz moveis Capellas e Couzas á dita Igreja obrigatorias dizendo ao dito Juiz que o Senhor Bispo mandára em suas Constituiçoens fazer o dito Tombo em todas as Igrejas de seu Bispado, e que delle lhe fosse enviado o Teslado em publico

e Requeria a elle Juiz em nome do Priol da dita Igreja e como seu Procurador bastante que era e assi por sua parte e dos mais Beneficiados da dita Igreja que com o Treslado do dito Tombo conforme a dita Constituição lhe mandasse dar hum / [fl. 1v.º] hum [sic] publico Estromento em modo que fizesse fé pera ser levado ao Cartorio da Sé do Bispado como sua Senhoria mandava e visto per o dito Juiz o dizer e requerer do dito Manoel Luiz mandou a mim Tabalião que com o Treslado do dito Tombo lhe passasse o Estromento que pedia pera o qual elle Juiz disse que dava e interpunha toda sua auctoridade e via ordinaria e mandava que se lhe desse inteira fé e credito onde quer que apresentado fosse como o proprio Original,

do qual Tombo o Treslado de Verbo a Verbo he o que se segue.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor JESVS Christo de mil e quinhentos e quarenta e sete annos aos dois dias do mez de Maio do dito Anno em a Villa de Goes e no Adro da Igreja Matriz da dita Villa estando hi Christovão Moreira Escudeiro e Juiz pela Ordenação em a dita Villa perante elle appareceu o Padre Manoel Luiz Beneficiado na dita Igreja,

e disse que por parte do Priol da dita Igreja e como seu Procurador lhe requeria lhe mandasse fazer Inventario de todos os Passaes e Ornamentos e couzas, que pertencem á dita Igreja assi de / [fol. 2] de [sic] moveis, como de raiz segundo forma da Constituição do Senhor Prelado,

e o Juiz visto seu requerimento mandou que lhe fosse feito pera o qual deo logo juramento dos Santos Avangelhos corporalmente tangidos a Fernam Carvalho Escudeiro e a Jorge Rodrigues Çapateiro moradores na dita Villa estes por serem homens antigos, e tambem por se o dito Manoel Luiz Beneficiado nelles Louvar com elle Juiz pelo qual juramento elle Juiz lhes mandou que dessem a Inventario todos os bens de raiz vareados e medidos e decrarados onde estavam, e com quem partiam e demarcavão segundo se na Constituição do Prelado conthem :

e tomado elles o juramento forão logo ver os Passaes e Cazas da Igreja e tomarão huma corda medida per huma vara de medir pela craveira e medirão nella quatro varas e com a dita corda de quatro varas de medir elles medirão as cazas e terras ao diante escritas que pertencem á dita Igreja e são dos seus Passaes

e por verdade eu Antonio Gomes Tabalião que o Escrevi =

¹⁶³ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

¹⁶⁴ No interior do primeiro caderno foi encontrada uma folha com uma nota manuscrita, em que se lê:

O Senhor Ricardo Joze Francisco me entregou dois mil oitocentos e oitenta, em que importou a Copia e leitura dos dois monumentos.

Coimbra 14 de 7br.º de 1799

a) Manoel Rozado Varella



Item primeiramente as Cazas sobradadas que estão unidas com a dita Jgreja, e se achou a Caza dianteira / [fol. 2v.⁹] dianteira [sic] sete varas de cumprido, e de largo quatro varas e quatro palmos =

Item outra Caza de dentro tem de cumpridam seis varas menos hum palmo, e de largo cinco varas e dois palmos =

Item outra Camera Caleira tem de cumpridam cinco varas, e de largo duas varas e dois palmos =

Item da redor [sic] das Cazas, duas Cazas terreas, e duas Cazas de tulha, onde se aRecolhe a renda da Jgreja as quaes se nom varearão por estarem dentro do Adro aRedor da Crasta e fica a Crasta no meio com huma Larangeira e figueira com a Jgreja todo cerrado ao redor com as ditas Cazas =

Item hum Cortinhal pegado com o Adro abaixo da fonte o qual parte com o dito Adro e caminho da fonte e parte das ilhargas com chaons de Manoel Luiz e com chão de Jorge Rodrigues, e com outro Chão da Jgreja que se chama o Chão das Colmeias o qual he cercado aRedor com alicerce de parede d altura que dará pelos joelhos, o qual foi medido e tem de cumprido nove cordas de quatro varas de medir de cinco palmos a vara e tem de largo dezasete varas e quatro palmos =

Item outro Serrado da Jgreja mais abaixo que se chama o chão das Colmeias cercado de redor com alicerce de pedra e silveira o qual parte com chão do dito / [fol. 3] do dito [sic] Manoel Luiz, e com o chão do Conselho do porto do moninho com a barreira que está sobre o caminho que vai ao longo do rio o qual foi medido, e tem de cumpridam doze cordas de quatro varas cada corda e de largo tem dez cordas e nove palmos =

Item se achou que tinha a dita Jgreja hum souto grande que está detraz as cazas digo detraz as ditas Cazas da tulha da Jgreja o qual parte de hum cabo do caminho da fonte até o Souto de Braz Gonçalves então parte com o dito Souto, e com chão de Balthazar Fernandes, e com chão de Jzabel da Costa e di pelo fio do comaro da barreira partindo com Jorge Rodrigues ao travez ate o Souto que está sobre São Vicente que he de Braz Gonçalves, e di torna a travessar pelo comaro dantre o dito Souto da Jgreja, e o da torrinha, que he do Senhor Dom Diogo, e vem descer á Caza da tulha o qual está todo daRedor tapado de parede e Vallor e pelo fio da barreira agua vertente pelas confrontações sobreditas o qual tem de cumpridam vinte e nove cordas de quatro varas cada huma, e de largura tem vinte e sete cordas menos hũa vara pelo meio arriba acima =

Item mais hum Souto bravio que está detraz a Capella que parte ao travez pelo Adro, e da banda de sima com o Souto da torrinha e tem de travez / [fol. 3v.⁹] de travez [sic] sete cordas de quatro varas menos dois palmos, e do Adro pera a torrinha tem quatro cordas =

Item derão ao Inventario outro Souto que está antre os Soutos do ribeiro, e parte da banda de baixo com o Souto de Joanna Annes da Luzenda e di vai atravessando ao Souto de João Velozo, e di vai pera sima partindo com Souto de Marcos Gomes e de Jzabel Fernandes até o mato partindo com Simão de Goes e da outra banda parte com Souto de Affonso Pires Ferreiro, e com Souto de Gil Fernandes até hir hir [sic] entestar no mato o qual foi variado e se achou que tinha de cumpridam do fundo do marco até o mato dezasete cordas, e seis palmos e de travez tem onze cordas e meia de quatro varas cada corda =

Item se deo a Inventario hum chão aos Linhares dizimo a Deos que parte de huma ilharga com chão de Fernão Carvalho, e com chão de Fernão de Annes dos Cazelhos, e da outra ilharga parte com chão dos herdeiros que forão de Jzabel Gonçalves do fundo da Villa e entesta d ambos os cabos com chãos de Francisco d'Araujo e foi medido e se achou que tinha de largo da banda de sima duas cordas menos quatro palmos e de cumpridam treze cordas de quatro / [fol. 4] de quatro [sic] varas cada corda, e no fundo de largura de marco a marco nove palmos e meio =

E por aqui se acabou de escrever a raiz e assignarão os sobreditos Fernam Carvalho e Jorge Rodrigues Eu Antonio Gomes Tabalião que o Escrevi e por Jorge Rodrigues se hir não assignou, e tambem por não ser necessario - // -

Titulo dos Ornamentos

Item primeiramente dois arcazes grandes de freixo, hum delles tem fechadura, e outro não =

Item outra Arca pequena de castanho velha =

Item huma Vestimenta de Damasco preta com Savastro de Veludo azul perfeita =

Item outra Vestimenta de Damasco branco com Savastro de Veludo brocado, e suas franjas perfeita =

Item hũa Vestimenta de Veludo alionado com Savastro de brocado uzada perfeita =

Item outra Vestimenta de Veludo azul com Savastros de brocado perfeita uzada =

Item hum frontal de Damasco com Savastro de veludo cramezim franjado novo =

Item outro frontal de Seda da India que tem huma cruz de frol de Lis franjado =

Item outro frontal de Seda da India que tem huma cruz d aspa =

Item mais hum frontal que serve de traz o altar de Nossa Senhora velho de Veludo brocado = /
[fol. 4v.⁹] Item mais hum frontal de Chamalote que he de bandas de brocado velho =

Item outro frontal de Setim amarello e encarnado velho =

Item outro frontal de Seda listrada de franjas d amarello e Vermelho uzado =

Item outro frontal de Veludo velho com Savastros de brocado e franjado =

Item hum alquisel da India com seus Cadilhos velho =

Item hum habito de Nossa Senhora de sitim verde barrado com trez barras de brocado per baixo com o saio do Menino Jezus forrado todo de seda branca =

Item outro saio de brocado de Nossa Senhora velho =

Item outro saio de Nossa Senhora novo de Damasco vermelho com o saio do Menino Jezus com fio d'ouro per baixo =

Item outro saio de Santa Margarida de sitim alionado velho =

Item outro saio de Nossa Senhora de sitim com hum saio do Menino Jezus de tafetá verde velho =

Item mais outro saio de chamalote preto pera Nossa Senhora com o saio do Menino Jezus velho =

Item mais hum frontal velho de pano que tem a figura de Sam Francisco =

Item mais duas vestimentas de fustão pintadas perfeitas velhas =

Item mais huma vestimenta de fustão branca perfeita velha =

Item mais hum manto de Veludo pardo velho =

Item mais quatorze / [fol. 5] quatorze [sic] almofadinhas de linho lavradas com hum de sitim com recheios de frouxel =

Item mais hum manto azul de sarja velho =

Item mais hum covado de tafetá novo =

Item mais hum saio alaranjado com o saio do Menino Jesus velho =

Item mais huas Cortinas da India que estão detraz de Nossa Senhora velhas =

Item outras cortinas de linho, que servem de traz de Nossa Senhora =

Item outras cortinas pintadas muito velhas que nom prestão =

Item sete peças de sarja pintadas de figuras pera estremar a Igreja velhas =

Item mais humas Cortinas de sarja Velhas =

Item mais sete panos de cubrir os Altares na Quaresma pretos de linho =

Item quatorze peças de toalhas entre boas e más pera os Altares =

Item sete mezas de mantens entre bons e máos pera os Altares =

Item cinco toalhas de linho já uzadas =

Item sete Alvas com seus amitos já uzadas =

Item dois ovos de Ema =

Item hum lavatorio de latão velho =

Item hũa Caldeirinha d'agua benta de cobre =

Item dois panos da India velhos pera a Estante =

Item hũa caixa de forro de Veludo preto cravejada de pelmazes com meis duzia de corporaes antre novos e uzados =

Item mais hũa Estola de Veludo preto velha =

Item sete Castiçaes antre novos e Velhos pera os Altares =

Item mais dois Castiçaes da / [fol. 5v.º] d arame [sic] compridos pera o Altar mor =

Item trez pares de Galhetas d'estanho boas, e mais huma galheta =

Item mais hũa alampeda d arame nova que serve na Capela mor =

Item hũa Campainha pera levar o Senhor aos enfermos.

Titulo dos Livros.

Item hum livro das Constituiçoens, e hum Caderno per'as Endoenças, e o livro que se chama Castelhana =

Item mais hum livro de Bautizador de quatro maons de papel =

Item outro livro pera escrever as Vezitaçoens novo =

Item mais huma caixa d'oleo =



Item dois Missaes misticos perfeitos =
Item mais hum Missal Romano encadernado =
Item hum Caderno da festa do Anjo =
Item trez livros do Coro scilicet, dois Santaes, e hum ferial =
Item hum Missal de Canto do Coro =
Item hum Caderno das Ladainhas =
Item trez Manuaes, scilicet, hum novo e dois velhos =
Item nove livros muito velhos antigos =
Item trez taboas das palavras da Consagração.

Titulo das joias e doutras peças

Item duas cruces d'ouro, que tem ambas dois cruzados =
Item hũa joia d'ouro pequena com hũa pedra no meio de rubi que deo Violante Barreda pera
Nossa Senhora =
Item trez / [fol. 6] trez [sic] olhos de prata brancos, que terá cada hum vinte reis =
Item mais hum Crucifixo de prata, que pezará trez vintens =
Item mais outra cruz de prata de feçoens de Comenda que pezará cincoenta reis =
Item mais huma Campainha de prata que pezará vinte reis =
Item mais hum fio de coraes com vinte e sete extremos de prata =
Item huma Crespina pera Nossa Senhora de fio de prata velha =
Item hũa caixa preta da India com grades de fio de latão que tem ora treze peças de beatilhas
velhas =
Item hũa Cruz d arame quebrada velha, e hum Crucifixo d arame pequeno =
Item hũa bandeira de pano de linho pintada do Anjo =
Item hum Sirio paschoal que pezou vinte oito arrates com sua tocheira de páo =
Item huma caixa com São Sebastião =
Item hũa Estante pera o Altar mor =
Item huma alentera de folha de flandes nova =
Item hũa caixa pera as hostias =
Item huma bacia d arame pera a offerta =
Item mais hũa bulla de perdoens da cruz =
Item duas Estantes de Coro =
Item mais duas tocheiras de páo novas =

Item mais hum pano velho pera o pulpito com humas arvores pintado =

Item huma tocheira pera os tronos velha =

Item duas Almaticas de Diacono, e Subdiacono, huma de seda, e outra de chamalote velhas, e algũas / [fol. 6v.º] algũas couzas forão mais achadas n'arca velha, e tam desbaratadas, que nom prestão pelo qual se nom escreveo.

Os quaes Ornamentos, e Vestimentas e joias e outras peças aqui decraradas forão dadas a Inventario per Fernando Thesoureiro na dita Jgreja em prezença do Padre Manoel Luiz Beneficiado pelo juramento dos Santos Evangelhos que lhe pera isso foi dado, e per aqui se acabou este Inventario por se não achar outra couza que seja da Jgreja =

Item mais se decrarou que servem na dita Jgreja quatro calis de prata com suas patenas em que entra hum dourado =

Item mais hũa cruz de prata =

Item mais hũa Custodia de prata =

Item mais hum thuribulo de prata.

E porque estas couzas são do Conselho que as pagão a elles as trazem per seu Inventario, e per seus pezos e estão de posse e costume de as guardarem, e tomarem cada anno conta disso e pelo mesmo modo ha hi hum Paleo de Damasco franjado com seus alperavazes do que outro si anda o Conselho de posse de o guardar as quaes couzas aqui decraradas servem nesta Jgreja;

e por verdade e certeza dello o dito Juiz e sobreditos o asignarão E Antonio Gomes Tabalião por El Reij Nosso Senhor nesta Villa de Goes que o Es/[fol. 7] o escrevi [sic] =

A qual prata atraz escrita foi pezada per Manoel Mendes Vereador perante mim Tabalião e pezou o que se segue peça e peça, scilicet, pezou hum calix doze onças e meia outava =

Item outro Calix pezou doze onças e hũa outava =

Item Item outro Calix pezou treze onças e meia =

Item outro Calix dourado pezou dois marcos e hũa onça e meia e hũa outava =

Item a Custodia, pezou quatro marcos e duas onças =

Item o thuribulo dois marcos e meia onça =

Item a Cruz pezou seis marcos e meio e trez onças;

e por verdade o assignou o dito Vereador

Item mais se decrarou que a Confraria do Santo Sacramento tem huns almarios com peças de Ornamentos e muita sera e Alampedas as quaes trazem os Mordomos por seu Inventario polo qual no vão aqui decraradas e por certeza dello Eu Antonio Gomes Tabalião que o Escrevi.

Titulo das Capellas

e Missas que por obrigação se ham de dizer

nesta Jgreja Matriz de Nossa Senhora em fateozim.

Item primeiramente há nesta Igreja huma Missa de Capella que se diz a cada dia per antiguidade polos Senhores deste Morgado, e os Senhores que herdão o Morgado as mandão dizer, e as / [fol. 7v.º] e as [sic] pagão =

Item hũa Catharina Gonçalves que foi morador nesta Villa fez hum testamento em que deixou que lhe dissessem vinte cinco missas pela maneira seguinte =

Item do seu casal do Cabo das vinhas que ora traz Antonio Nunes de Travancinha cada hum anno polo dito Casal dezaseis missas =

Item do seu serrado e Nogueiras que está ao Pombal junto do Curral do Conselho que ora traz Pero Duarte cada anno duas missas =

Item polo Souto do Ribeiro que está a sob a junça e pela vinha de Val Travasso que traz Izabel Gonçalves a Pinta cada anno cinco missas =

Item pelas Nogueiras da Confraria que deixou a Pero Gonçalves que ora traz o dito Pero Duarte cada anno duas missas =

Item hum Aniversario de Missa cantada todos os sabados que os raçoeiros são obrigados a dizer polos Senhores do Morgado por hum jantar que lhe derão conforme ao compromisso que disso há =

O Treslado do testamento de Catharina Gonçalves defunta, per que se mandão dizer as ditas vinte cinco missas está na Arca da Igreja =

Item Lopo Gonçalves morador que foi nesta Villa já defunto deixou por seu testamento que cada anno lhe digão nesta Igreja dezanove missas pela maneira seguinte =

Item polo Olival do Tra/ [fol. 8] do Tralhão [sic] e pelo Cham pequeno que está a Igreja que deixou a Breatriz Correa com duas Nogueiras que ora traz o Padre Manoel Luiz cada anno cinco missas =

Item polo chão que está a páo salgado que deixou a Jorge Rodrigues Çapateiro de que anda de posse cada anno cinco missas =

Item pela Vinha d'Albergaria e pela sereigeira da Portella que deixou Affonso Pires Çapateiro cada anno cinco missas o qual ora trazem os filhos e mulher do dito Affonso Pires =

Item por a metade das suas cazas e quintal que estão nesta Villa que partem com as que forão de Branca Pires, e com as de Ruy Nunes que deixou a Catharina sua creada cada anno quatro missas =

O Treslado do dito testamento tem-no Jorge Rodrigues o qual testamento com os ditos encargos foi feito per mim Antonio Gomes Tabalião em as minhas Notas =

Item Joanna Annes da Luzenda traz hum chão que está no fundo do prado que se chama o chão da Capella que lhe vendeo Antonio Nunes de Torrozel do qual está per costume antigo se dizer cada anno doze missas nesta Igreja, e desto nom há titulo nem Escritura =

Item Jorge Alvares de Bordeiro ficou por her/ [fol. 8v.º] herdeiro [sic] de Leonor Fernandes sua Tia já defunta, e seu Testamenteiro, a qual foi morador no Esporão, e lhe deixou a dita fazenda com encargo de vinte missas em vinte annos =

Item Catharina Annes de Cortecega deixou huma Courella de vinha a João Alvares de Bordeiro pela qual he obrigado em hũa missa cada anno =

Item João Coelho he obrigado a mandar dizer huma missa cada anno pela alma de Catharina Alvares por hum Castanheiro que lhe leixou e huma Nogueira que está em Papa lampreia no serrado que elle João Coelho traz =

Aos quatorze dias do mez de Janeiro de mil e quinhentos e quarenta e oito annos em o Passo do Conselho desta Villa de Goes estando hi João Coelho Juiz fazendo publica Audiencia perante elle appareceo Manoel Luiz Beneficiado na Igreja desta Villa dizendo que havia na Igreja hum modo de Capella em que se dizião huns responsos por Sibião Domingues defunto de que se davão certas bebidas por sua alma e que já muitas pessoas o conloiarão e se perdeo e já gora nom dava mais as ditas bebidas senão Anna Affonso defunta que ficára seu herdeiro Juzarte Galvão Tabalião, e / [fol. 9] e [sic] Ruy Nunes, e Francisco Fernandes que pedia a elle Juiz que mandasse aos sobreditos que deccrassem donde pagavão e se querião pagar como sempre pagarão, e mandasse todo pôr por Tombo;

e sendo todos os sobreditos Juzarte Galvão e Ruy Nunes, e Francisco Fernandes presentes o Juiz lhe fez pergunta se tinham a isso Embargos, disserão que era verdade que pagão as ditas bebidas que se chama O, e o Juiz lhe mandou a cada hum que deccrassem de que pagavão o dito O, e elles o deccrarão pela maneira seguinte =

Item Juzarte Galvão deccrou que do chão da Vinha grande que está á Corredoura se pagava por Natal de O trez dias vinho e fruta scilicet meio almude de Vinho, e outro meio de fruta, ou hum almude de Vinho por cada dia estes trez dias começarão depois de Ruy Nunes, e Affonso Pires e Francisco Fernandes =

Item Ruy Nunes disse que pagava do chão da Corredoura scilicet d'a metade delle á vespera de Nossa Senhora do O hum almude de vinho polo modo asima dito =

Item Affonso Pires Ferreiro que presente estava disse que pagava ao dia de Nossa Senhora do O hum almude de vinho polo modo asima / [fol. 9v.º] asima [sic] dito da Vinha da Corredoura per obrigação =

Item Francisco Fernandes Alfaiate disse que pagava do chão que tem ao longo da Azinhaga do prado hum almude de Vinho polo modo sobredito, e esto ao dia depois de Nossa Senhora =

E os sobreditos deccrarão que esto pagavão pola alma de Sibião Domingues de que forão as ditas propriedades que mandou e leixou que se fizesse por memoria e por certeza o asignarão Eu Antonio Gomes Tabalião que o Escrevi.

E de tudo isto nom há Titulo nenhum sómente se paga per antiguidade =

Item se deccrou mais per o dito Manoel Luiz que na Igreja da dita Villa havia hum Priol e quatro Beneficiados scilicet o Bacharel João Pires morador em Oliveira do Conde Priol e elle dito Manoel Luiz e Gaspar Fernandes d'Ordens Sacras e Pero Tavares e Fernão Gomes d'Ordens menores Beneficiados =

Item deccrou mais o dito Manoel Luiz que depois deste Inventario feito falecera João Vellozo morador que foi nesta Villa e leixára que lhe dissessem cinco Missas pera sempre em cada hum anno por sua fazenda que leixou a Maria de Morais sua filha mulher de Marcos Fernandes =

Item disse mais que depois / [fol. 10] depois [sic] se fazerão duas Almaticas de Damasco branco com savastro de Veludo Azul com seus cordoens e franjadas novas e perfeitas =

Item mais um saio de Nossa Senhora que deo a Senhora Dona Maria de raso amarelo com suas quartapizas broslado d'ouro =

Item deccrou o Padre Domingos Fernandes Econimo e Cura na dita Igreja que Maria Nunes já defunta morador que foi nesta Villa leixara á hora da sua morte a elle dito Domingos Fernandes hum chão ao Sereijal com suas Nogueiras que em elle estão com encargo de duas missas em cada hum anno, scilicet, huma por alma de seu Paij e Maij, e huma sua Jrmaã, e outra por sua alma e esto ficára de fora do testamento de que elle era herdeiro



e por verdade o assignou per sua mão perante os Padres Manoel Luiz e João de Goes aos doze dias do mez de Setembro de mil e quinhentos e cincoenta e dois annos Eu Juzarte Galvão Tabalião que o Escrevi - ,,

Em os vinte e dois dias do mez d'Abril do Anno de mil e quinhentos e sessenta annos em a Villa de Goes e pouzadas de mim Juzarte Galvão Tabalião pareceo o Reverendo Padre Christovão Mo/ [fol. 10v.º] Moreira [sic] Vigario da Jgreja da dita Villa, e per elle foi dito a mim Tabalião que neste Tombo escrevesse as couzas seguintes que pertencem a dita Jgreja pera guarda della =

Item huma Vestimenta de Damasco branco perfeita que deo a Senhora Dona Filippa de Vilhena mulher do Senhor Luiz Alvares de Tavora =

Item outra Vestimenta de Chamalote vermelho perfeita =

Item dois livros de canto novos =

Item dois castiças de ponta novos d'arame =

Item huma cruz de páo dourada =

Item huma Capa de Damasco branco com franja d'ouro =

Item hũa cortina de rede com os martijrios da Paixão =

Item hum lavatorio de Latão que está na Sachristia =

Item hum frontal de rede do Altar mor =

Item outro fontal dos Altares de baixo, outrosi de chamalote vermelho =

Item hum Instrumento publico do Tombo das terras obrigatorias ás cinco missas que leixou Lopo Gonçalves e huma que leixou Jorge Rodrigues defuntos moradores que forão nesta Villa =

Item outro Estromento do Tombo das propriedades que são obrigatorias, em quatro missas que leixou Catharina Gonçalves que traz Pero Du/ [fol. 11] Duarte [sic], e seu genro Manoel Rodrigues =

Item outro Estromento do Tombo de huma Vinha que traz João Alvarez de Bordeiro que he obrigatoria a hũa missa pera sempre que leixou Catharina Fernandes morador que foi em Cortecega por sua alma =

Item disse o dito Christovão Moreira Vigario que das peças conteudas neste Inventario atraz se gastarão as couzas seguintes =

Item os livros do canto do coro =

Item quatro Vestimentas que levarão os Padres, scilicet João Vellozo, Roque Affonso, Bastião Fernandes, Heijtor Fernandes =

Item as joias da Nossa Senhora =

Item hum fio de Coraes com extremos de prata =

Item hum frontal de Veludo Velho que se desfez em pedaços para concertar a gaiola =

Item hum pano de Veludo, e borcado que servia de traz da Nossa Senhora de que se tirarão panos pera as Estantes =

Item hũa Cortina do Altar mor que se desfez pera toalha da Jgreja e pera Selaviza, e pera forrar dois frontaes =

Item huma Vestimenta de fustão que levarão ao Cadafaz =

Item huma arca de castanho pequena que foi pera o Columial =

Item hum frontal Velho que tinha a imagem de São Francisco que foi pera o Cadafaz =

Item / [fol. 11v.º] Item [sic] hum frontal do Altar de São Braz de seda branca e amarela com que concertarão a Vestimenta branca =

Item hum pano pintado da Índia que se gastou na Tribuna dos Orgãos antes que se fizessem as cortinas =

Item huma cortina da Índia Velha que se gastou foi um pedaço pera o Cadafaz, e outra está á medida =

Item huma Vestimenta que levou Simão Fernandes =

Item mais disse o dito Vigario que havia hi huma Sentença que se houve contra os freguezes sobre os Dizimos =

Item hum Estromento de concerto sobre os mesmos Dizimos cujo Treslado jaz na Arca do Conselho =

Item hum prossesso que está sentenciado que se tratou com Jorge Rodrigues sobre o Solo da Jgreja, o qual está em poder de Antonio Gomes Tabalião desta Villa =

As quaes addiçoens atraz escritas Eu Juzarte Galvão Tabalião aqui escrevi neste livro de Tombo a requerimento do dito Vigario em o dito dia mez e anno atraz escrito

e por passar na verdade o dito Christovão Moreira Vigario o asignou

Juzarte Galvão Tabalião que o Escrevi, e asignei de meu razo acostumado que tal he =

Galvão Tabalião =

Christovão Moreira. =

An/ [fol. 12] Anno [sic] do Nascimento de Nosso Senhor JESVS Christo de mil e quinhentos e sessenta e dois annos aos trez dias do mez de Janeiro do dito Anno em a Villa de Goes e na Jgreja de Nossa Senhora Matriz da dita Villa estando hij presentes os Reverendos Padres Christovão Moreira Vigario na dita Jgreja, e Manoel Luiz, e Luiz Alvarez Beneficiados em ella e Fernão Vaz Economo e Thesoureiro na dita Jgreja em prezença dos sobreditos e de mim Tabalião pareceo Diogo Alvarez Cavalleiro morador na dita Villa e por parte do muito Jllustre Senhor Dom Diogo da Silveira Guarda mor d'El Reij Nosso Senhor e Senhor na dita Villa como seu Procurador apresentou ao dito Vigario e Beneficiados hum publico Estromento de Estatuto e Compromisso das Missas e Anniversarios que o dito Vigario Beneficiados e Capellaens erão obrigados dizer na dita Jgreja pelas almas dos Senhores antepassados que forão Senhores da dita Villa e Morgado, e asi polos que polo tempo forem Senhores da dita Villa e Morgado,

e lhes requereo que o que fala acerca do dito Anniversario e Missas mandassem aqui tresladar pera se saber da maneir/ [fol. 12v.º] da maneira [sic] que se os ditos Anniversarios e Missas hão de dizer

o que visto per os ditos Vigario e Beneficiados requererão a mim Tabalião que a Verba do dito Compromissio do que sómente toca aos ditos Anniversarios e Missas se tresladasse neste Tombo da Jgreja da qual verba o Treslado de Verbo a Verbo he o que se segue =

E logo o dito Estevão Vasques Senhor de Goes pera acrescentar mais o serviço de Deos e da Virgen Gloriosa Nossa Senhora Santa Maria sua Madre em que dizia que havia graã devoçom, e por honra, digo devoçom, e verdadeira esperança, e outrosi em prol e honra da dita Jgreja disse que elle e qualquer que fosse Senhor do dito Loguo de Goes havião, e hão d'haver na dita Jgreja trez Comeduras trez dias do anno com todas suas gentes, e que esto havião de natureza de sempre se as duas Comeduras havião d'haver dos raçoeiros e a huma do Priol da dita Jgreja, e os ditos raçoeiros disserom que assi era verdade e o dito Estevão Vasques acrescentando o que dito he por si e por as almas de seu Padre e daquelles que forão e forem ao diante Senhores de Goes daqui em diante pe-/ [fol. 13] pera [sic] sempre por si e por todos seus sucessores que depóz elles descenderem que forem Senhores do dito Loguo de Goes quitou, houve por quites aos ditos raçoeiros que ora são e daqui em diante forem da dita Jgreja as ditas duas Comeduras que os ditos raçoeiros havião de dar como dito he

e demais outorgou que os ditos raçoeiros e os que depóz elles vierem e os Capellaens que na dita Jgreja houver hajão daqui em diante pera sempre da Caza de Goes pera si, e pera os que ajudarem por hum Anniversario que hão de fazer como se adiante segue,

huma marraã e dois carneiros e dois cabritos e duas galinhas e quatro alqueires de farinha de trigo pela medida do Celeiro, e dois almudes de Vinho,

e que os ditos raçoeiros e todos seus sucessores que depóz elles vierem daqui em diante pera sempre digão em cada hum sabado huma missa bem officiada na dita Jgreja á honra da Virgem Santa Maria em que elle dito Estevão Vasques ha devassão, como suso dito he,

e saião sobre os Senhores de Goes que jazem e jouverem na dita Jgreja e Cimiterio della com cruces e agua benta bem honradamente como devem,

e que outrosi os ditos raçoeiros que são e forem ao diante como dito he e Capellaens e Clerigos da dita Jgreja de Go/ [fol. 13v.º] Goes [sic] digão em cada hum anno pera sempre em dia de Apparitio Domini hum Anniversario com totalas horas dos passados rezadas por as almas do dito Estevão Vasques, e do seu devido e saião sobre elles honradamente como dito he

e hajão por ellos as ditas marrans e Galinhas e Cabritos no dito dia d'Apparitio Domini,

e os ditos raçoeiros por si e por todos seus sucessores que depóz elles vierem e raçoeiros da dita Jgreja disserão que lhes aprazia e Louvarão e outorgarão deste dia pera todo sempre =

A qual Verba Eu Juzarte Galvão Tabalião do publico e Judicial por El Reij Nosso Senhor da propria aqui tresladei bem e fielmente e a concertei com os ditos Diogo Alvares e Vigario e Beneficiados que em testemunho de Verdade o asignarão

e Eu Tabalião o asignei com elles de meu raro acostumado que tal he,

e nom seja duvida nos riscados que dizião, Nossa Senhora, que os, os ditos raçoeiros, porque Eu Tabalião o fiz por tudo hir na verdade =

Galvão Tabalião =

Diogo Alvares, =

Luiz Alvares -,¹⁶⁵



¹⁶⁵ No verso da última folha do segundo caderno (fol. 15v.º):
Copias de Monumentos antigos pertencentes á Jgreja da Villa de Góes ---

CERTIDÃO DA ARTILHARIA DAS FORTALEZAS DO ESTADO DA ÍNDIA (1553)

Transcrição de Roger Lee de Jesus

Doutorando em Altos Estudos em História – Época Moderna na Universidade de
Coimbra

CHSC – UC

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

e

Tiago Machado de Castro

Doutorando em História na Universidade Nova de Lisboa; Bolseiro de investigação
do CLUL

CHAM – FCSH/NOVA – UAç

Resumo

1553, Goa, Novembro, 1

Cópia dos inícios do século XVII (1608) dum rol da artilharia das fortalezas do Estado da Índia durante o vice-reinado de D. Afonso de Noronha (1550-1554).

Abstract

Copy of the early seventeenth century (1608) of a list of the artillery of the State of India strongholds during the viceroyalty of Afonso de Noronha (1550-1554).

Lisboa, Biblioteca da Ajuda, Códice 51-VI-54, fól. 39r-43v.

¹⁶⁶ Documento

[fól. 39]

Certidão de toda a artilharia da Índia, segunda via

Maluquo almoxarife Augusto Ferreira

Anno de 1552

- ¶ Hũa espera de metal – I peça
- ¶ Tres meyas esperas de metal – III peças
- ¶ Seys camellos de metal – bi peças
- ¶ Dous camellos de fero – II peças
- ¶ Dous tiros de metal – II peças
- ¶ Dous cães de metal – II peças
- ¶ Oito falcões de metal – bIII peças
- ¶ Hũa bombardarda pequena de metal – I peça
- ¶ Secenta e oito berços de metal – LX bIII peças
- ¶ Nove meynos bercos de metal – IX peças
- ¶ Hum berco de fero – I peça

Malaca almoxarife Giraldo Cão os anos de 1550-551-552

Mais Malaca

- ¶ Tres esperas de metal – III peças
- ¶ Hũa salvagem de metal – I peça
- ¶ Duas meas esperas de metal – II peças
- ¶ Hũa aguia de metal – I peça
- ¶ Hum camello de metal de marca mayor – I peça
- ¶ Dezanove candetes de metal – XIX peças

¹⁶⁶ Os critérios de transcrição adoptados seguem as propostas por Avelino de Jesus da Costa (*Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, Coimbra: FLUC/IPD, 3ª ed., 1993). Entre outros: desdobraram-se as abreviaturas sem assinalar as letras que lhes correspondem; actualizou-se o uso de maiúsculas e minúsculas, do *i* e do *j*, do *u* e do *v*, conforme eram vogais ou consoantes; ignoraram-se alguns sinais de pontuação colocados no texto, e inseriram-se outros para tornar o documento mais compreensível; os acentos foram introduzidos apenas para evitar erros de pronúncia ou interpretação; separaram-se as palavras incorrectamente juntas e uniram-se os elementos dispersos da mesma palavra; mantiveram-se as consoantes e vogais duplas insertas no meio do vocábulo, reduzindo-as a uma só quando no início da palavra; as palavras proclíticas e aglutinadas foram separadas por apóstrofo.

- ¶ De camellos de fero tres – III peças
- ¶ Tres camelletes de fero – III peças
- ¶ Sete falcões de metal – bII peças
- ¶ Hum cão de metal – I peça
- ¶ Hum falcão de fero – I peça
- [fól. 39v.º] ¶ Trinta e hum bercos de metal – XXXI peças
- ¶ Dous bercos de metal mouriscos – II peças
- ¶ Vinte e tres meynos bercos de metal – XXIII peças
- ¶ Tres meynos bercos mouriscos – III peças
- ¶ Hũa bombardada roqueira de fero – I peça
- ¶ Dous bercos de fero mouriscos – II peças
- ¶ Dous meynos bercos de fero – II peças

Mocambique Fernão Rodriguez de Carvalho

Anno de 552

- ¶ Quatro camelletes de metal – IIII peças
- ¶ Hum camello de metal de marca mayor – I peça
- ¶ Dezasete falcões de metal – XbII peças
- ¶ Cinquenta e dous bercos de metal – LII peças
- ¶ Hum meyo berco de metal – I peça
- ¶ Quatro meynos bercos de fero mouriscos – IIII peças
- ¶ Hũa roqueira de fero mourisca – I peça

Sofalla feitor Gaspar Gonçalvez Ribeiro

Anno de 551

- ¶ Hũa espera de metal – I peça
- ¶ Hum camelete de metal – I peça
- ¶ Dous falcões de metal – II peças
- ¶ Hum berco de fero – I peça

[fól. 40] Ormus Almoxarife Pero de Tovar

Anno de 1551

- ¶ Nove esperas de metal – IX peças
- ¶ Tres meyas esperas de metal – III peças



- ¶ Hũa aguea de metal – I peça
- ¶ Duas serpes de metal – II peças
- ¶ Quimze camellos de metal de marca maior – Xb peças
- ¶ Quatorze camelos de metal – XIIIl peças
- ¶ Seys leoes de metal – bl peças
- ¶ Hum camelete de metal mourisco – I peça
- ¶ Sete camellos de fero – bII peças
- ¶ Dous camelletes de fero – II peças
- ¶ Tres cachoros de metal – III peças
- ¶ Trinta e dous falcões de metal - XXXII peças
- ¶ Hum falcão de fero chumbeiro – I peça
- ¶ Cinquenta e oito bercos de metal – LbIII peças
- ¶ Hũa roqueira grande de metal mourisco – I peça
- ¶ Quinze meynos bercos de metal – Xb peças

Mais Ormus

- ¶ Seis bercos de fero – bl peças
- ¶ Tres meynos bercos de fero – IIIl peças
- ¶ Nove roqueiras de fero mouriscas – IX peças
- ¶ Hum espingardão de fero – I peça
- ¶ Oitenta e oito espinguardas feitas na India com as quinas del Rey nosso senhor – LXXXbIIIl peças

[fól. 40v.º] Dio almoxarife Allonso Carrilho

Anno de 1552

- ¶ Dous bassaliscos de metal – II peças
- ¶ Onze esperas de metal – XI peças
- ¶ Tres meyas esperas de metal – IIIl peças
- ¶ Hum reimão de metal – I peça
- ¶ Hũa aguia de metal – I peça
- ¶ Duas serpes de metal – II peças
- ¶ Hũa salvagem de metal – I peça
- ¶ Tres leões de metal – IIIl peças
- ¶ Mays hũa espera de metal – I peça

Mais Diu

- ¶ Oito camellos de metal de marca mayor – bIII peças
- ¶ Dezanove cameletes de metal - XIX peças
- ¶ Dous bassaliscos de fero – II peças
- ¶ Duas salvagens de fero – II peças
- ¶ Hum espalhafato de fero – I peça
- ¶ Dous passamuros de fero – II peça
- ¶ Seys cães de fero – bl peças
- ¶ Seys falcões de metal – bl peças
- ¶ Trinta bercos de metal – XXX peças
- ¶ Hum berco de fero – I peça
- ¶ Quarenta e sete espinguardas – RbII peças
- ¶ Dezasete archabuzes – XbII peças

[fól. 41] Baçaim Almoxarife Fernão Ribeiro

Anno de 552

- ¶ Tres esperas de metal – III peças
- ¶ Hũa serpe de metal – I peça
- ¶ Hũa salvagem de metal – I peça

Mais Baçaym

- ¶ Dous leões de metal – II peças
- ¶ Oito camellos de metal – bIII peças
- ¶ Dez cameletes de metal – X peças
- ¶ Dezasete falcões de metal – XbII peças
- ¶ Trinta e seys bercos de metal – XXXbl peças
- ¶ Quatorze meynos bercos de metal – XIIIl peças
- ¶ Duas bombardas roqueiras de fero – II peças

Chaul Almoxarife Antonio da Costa

Anno de 551

- ¶ Tres esperas de metal – III peças
- ¶ Duas salvagens de metal – II peças



- ¶ Hum leão de metal – I peças
- ¶ Quatro meyas esperas de metal – IIII peças
- ¶ Tres camellos de metal de marca mayor – III peças
- ¶ Dez cameletes de metal – X peças
- ¶ Nove camellos de fero de marca maior – IX peças

[fól. 41v.^o] Mais Chaul

- ¶ Hum camelete de fero – I peça
- ¶ Cinquo bombardas roqueiras de fero – b peças
- ¶ Dous cães de metal – II peças
- ¶ Dous caes de fero – II peças
- ¶ Hum falcão de fero – I peça
- ¶ Doze bercos de metal – XII peças
- ¶ Dezoyto meynos bercos de metal – XbIII peças
- ¶ Dous bercos de fero – II peças
- ¶ Cinquo meynos bercos de fero mouriscos – b peças
- ¶ Hum espinguardão de fero – I peça

Cananor Alexandre Aleixos Pirez

Anno de 554

- ¶ Hũa espera de metal – I peça
- ¶ Hũa salvagem de metal – I peça
- ¶ Dous camellos de metal – II peças
- ¶ Hum camelete de metal – I peça

Mais Cananor

- ¶ Tres camellos de fero – III peças
- ¶ Hũa serpe de fero – I peça
- ¶ Hum camellete de fero – I peça
- ¶ Tres bombardas roqueiras de fero – III peças
- ¶ Dous falcões de metal – II peças
- ¶ Hũa bombardas mourisca – I peça
- ¶ Vinte e quatro bercos de metal – XXIII peças

¶ Tres meynos bercos de metal – III peças

[fól. 42] ¶ Tres bercos de fero – III peças

¶ Hum berco de fero mourisco – I peça

¶ Vinte e quatro bombardinhas de ferro mourisco – XXVIII peças

Chale Capitam Dom Bernardin

Anno de –

¶ Duas salvagens de metal – II peças

¶ Hum leão de metal – I peça

¶ Duas meas esperas de metal – II peças

¶ Dous camellos de metal de marca mayor – II peças

Mais Chale

¶ Quatro camelletes de metal – IIII peças

¶ Hum camelete de fero – I peça

¶ Quatro falcões de metal – IIII peças

¶ Dez bercos de metal – X peças

¶ Duas roqueiras de fero – II peças

Cochim Almoxarife Vicente Rebello

Anno de –

¶ Hũa espera de metal – I peça

¶ Oyto meas esperas de metal – bIII peças

¶ Hũa serpe – I peça

¶ Hũa aguea – I peça

¶ Dous camellos de metal de marca mayor – II peças

¶ Dezanove camelletes de metal – XIX peças

¶ Hum camello de fero – I peça

¶ Quarenta e nove falcões de metal – RIX peças

[fól. 42v.º] ¶ Secenta e dous falcões de metal –LXII peças

¶ Quarenta e nove meynos bercos de metal – RIX peças

¶ Hum falcão de fero – I peça

¶ Treze bercos de fero – XIII peças

¶ Hum meyo berco de fero – I peça



Coulão Capitão e feitor Bernardo d'Afonsequa

Anno de 553

- ¶ Hum camello de metal de marca mayor – I peça
- ¶ Dous falcões pedreiros de metal – II peças
- ¶ Tres falcões chumbeiros de metal – III peças
- ¶ Dous cameletes de metal – II peças
- ¶ Dous camellos de fero de marca mayor – II peças
- ¶ Hũa meya espera de fero – I peça
- ¶ Doze bercos de metal – XII peças
- ¶ Hum berco de fero – I peça
- ¶ Dous meyoys bercos de metal – II peças
- ¶ Duas bombardas roqueiras de fero – II peças

Goa Almoxarife António Fernandez Toscano

Anno de 553

- ¶ Tres bazaliscos – III peças
- ¶ Hum espalhafato de Cambaya – I peça
- ¶ Hum espalhafato mays de fero – I peças
- ¶ Seys leões – VI peças
- ¶ Tres serpez – III peças
- ¶ Duas aguias – II peças
- ¶ Seys salvagens – VI peças
- ¶ Trinta camellos de marca mayor – XXX peças

[fól. 43] Mais Goa

- ¶ Cento e onze cameletes – Cento XI peças
- ¶ Dez esperas – X peças
- ¶ Dous cameletes pequenos – II peças
- ¶ Mays hum camelleto pequeno mourisco – II peças
- ¶ Secenta e tres falcões pedreiros – LXIII peças
- ¶ Dezoito cães do Regno – XVIII peças
- ¶ Quarenta e dous cães mais que vierão e Baroque em q entrão algũas bombardas roqueiras – RII peças



- ¶ Cento e oito falcões chumbeiros – Cento bII peças
- ¶ Quatrocentos trinta e oito berços de metal-III^c XXX bIII
- ¶ Quinze meas esperas de Cambaya em que entrão duas peças portuguezas de metal – Xb peças
- ¶ Cento e cinquenta e quatro meyo berços – Cento LIII peças

Antonio Nunes contador del rey nosso senhor nestas partes da India que ora sirvo de provedor dos contos das ditas partes por provisão do viso rey dom Affonso de Noronha etc. faco saber aos que esta certidão virem como eu com Tristão de Novoa contador do dito senhor concertamos esta artilheria contheuda nestas seys meas folhas de papell de marca mayor com as contas dos Almoxerifes e officiaes donde foi tirada em cada addição per sy nas quaes monta ao todo esta artilheria abaixo declarada que estaa e serve em todas as fortallezas destas partes da India scilicet quarenta e quatro esperas de metal; quarenta meas esperas de metal; oitenta e oito camellos de metal; duzentos e seys camelletes de metal; quatorze salvagens de metal; dezanove leoes de metal; dez serpes de metal; seys agueas de metal; cinco basiliscos de metal; hum reimão de metal; <dous>¹⁶⁷ tiros grandes de metal; [fól. 43v.º] secenta e cinco caes de metal; trezentos e vinte falcoes de metal; hũa bombardarda de metal; oitocentos quarenta e dous bercos de metal; duzentos e oitenta e oito meyo bercos de metal; tres cachoros de metal; vinte camellos de fero; oito camelletes de fero; quatro falcões de fero; quinze bercos de fero; dezoito meyo bercos de fero; dous basiliscos de fero; duas salvagens de fero; tres espalhafatos de fero; dous passamuros de fero; hũa mea espera de fero; oyto cães de fero; quinze bercos de fero mouriscos; dous bercos de metal mouriscos; cento e trinta e cinco espinguardas; dous espinguardões; dezasete archabuzes. A qual artilheria foi aqui tirada das contas dos ditos almoxerifes e officiães per mandado do senhor viso rey Dom Affonso de Noronha pera inviar ao reyno a sua alteza o que tudo foi feito por Tristão da Novoa contador do dito senhor e concertado comigo <Antonio>¹⁶⁸ Nunes provedor desta dita caza dos contos e deste theor foi passada outra per outra via pellas quaes per hũa soamente se fara obra; o que assy certificamos. Pero Varella escrivão dos contos a fez em Goa ao primeiro de Novembro de mil quinhentos e cinquenta e três, Antonio Nunes, Tristão da Novoa consertada com a própria oje 8 de Novembro de 608

[assinatura] Antonio Viles de Çima



¹⁶⁷ Riscado “tres”.

¹⁶⁸ Riscado “Ambrozio”.

TOMBO DE CAPELAS INSTITUÍDAS NA VILA DE CASTELO BRANCO E SEU TERMO (S.D.)

Transcrição de José Jorge Gonçalves
CHAM – FCSH/NOVA-UAç / CEH – NOVA

Resumo

s.d., s.l.¹⁶⁸

Tombo de capelas instituídas na Vila de Castelo Branco e seu termo.

Abstract

Registration of chapels established in Castelo Branco and in its limits.

Lisboa, Centro de Estudos Históricos, Coleção Casa do Marquês de Abrantes, s.n.

© *Fragmenta Historica* 2 (2014), (139-150). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

¹⁶⁹ O documento encontra-se truncado e só tem o primeiro caderno, em papel, composto por cinco bifólios. A data ou o local de constituição do documento não se encontra na parte conservada, mas ele é, provavelmente, de finais do século XVII ou princípio do XVIII.

¹⁷⁰ Documento

[fol. 1] **Titulo da fazenda da Cappella E morgado *que* instituiu *Catarina de Sotto* Maior mulher *que* foi de Gonçalo da Silua Castel Branco.**¹⁷¹

Hũa tapada *que* está a porta de Sanctiago *que* parte de hum cabo com chão *que* he foreiro a *Misericordia* desta *Villa*, E da outra com entrada do Conçelho.

Hum oliual *que* esta caminho de Ligem por sima da porta de sanctiago *que* parte de hum cabo com caminho do Conçelho E da outra com *Bartolomeu fernandez Carneiro* E com Luis da Cunha da Fonseca , E tambem parte com *Francisco de Mesquita*.

Hum oliual á fonte do tostão *que* parte de hum cabo com os herdeiros de *Francisco Rodriguez* Tras do lugar de Monforte E da outra com Jzabel mulher do sargento maior *Manuel de Araujo* E com Gaspar Mouzinho Magro

Hum chão á fonte do Almunheiro *que* parte de hum cabo com oliual da Cappella do *padre Pedro Vilella*, E da outra com Briattis Pais mulher de *Francisco Freire que* Deos tem.

Hũa terra *que* está ao quinteiro *que* parte de hũa banda com tapada dos herdeiros de João Sanches E da outra com terra dos herdeiros de Fernão *Rodriguez Picapeixe*.

Hũa terra *que* está na folha da Liria por baixo da ponte,¹⁷² /

[fol. 1v.⁹] **Titulo da Cappella de Joanna Soares freira professa no conuento de S. Vicente da Beira com quatro Missas.**¹⁷³

Hũas terras na coutadinha de Cafede *que* partem de hũ cabo E do outro com outras do Morgado de Miguel Carlos de Tauora Conde de S. Viçente.

Hũa courela de terra na mesma coutadinha *que* parte com terra de *Francisco de Mesquita* E da outra com quem deua E aia de partir

¹⁷⁰ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

¹⁷¹ À margem esquerda: "Titulo".

¹⁷² Acrescentado posteriormente: "esta se tirou no jnuentario hũa terra *que* está na folha de Bartholameu aonde chamão o Poço de Pedro Vicente *que* parte de [hũa ban]da com terra de Pedro Nunez frade e da outra com terra da fazenda Leuará = 5 alqueires de Sameadura.

¹⁷³ À margem esquerda: "Titulo".



Hũa terra ao poço a *Pedro Viçente que parte* de hũa banda com terra dos herdeiros de Fernão Rodriguez Picapeixe E da outra com terra da fazenda¹⁷⁴

Titulo da capella que instituiu Anna Villella com Des missas¹⁷⁵

Hũa terra *que está* na folha da liria aonde chamão a figeira [*sic*] de Lombas *que parte* de hũa banda com terra do *Padre Marcos Gil E da outra com terra dos herdeiros de Bernardo da Silua Castel Branco*¹⁷⁶

Hũa terra ao poço de *Pedro Viçente que parte* de hũa banda com terra da *Misericordia* desta *Villa E da outra com terra da fazenda*.¹⁷⁷ /

[fol. 2] **Titulo da fazenda que instituiu Lianor Vas Villella Em obrigação de uinte missas cada hum anno**.¹⁷⁸

Hũa terra *que está* na folha de N. Senhora de Mercores aonde chamão a lagem das Canelas *que parte* de hũa banda com terras da Comenda E da outra com terras dos herdeiros de D. Fernando de Menezes.

Hũa terra *que está* na folha de S. Bartolomeu aonde chamão carualhinho *que parte* de hũa banda com terra dos herdeiros de Fernão Rodriguez Picapeixe E da outra com terra de Simão Folgado¹⁷⁹

Titulo da Fazenda de Cappella que instituiu o Padre Joze Simão Villella com obrigação de setenta Missas¹⁸⁰

Hũas cazas na rua dos ferreiros com suas [*sic*] quintais E Cazas de palheiro *que partem* de hũa banda com o *Doutor Simão da Costa Estaço E da Outra com cazas terreas da mesma cappella*.

Hum chão tapado <detraz de S. Antonio>¹⁸¹ com seu oliual e figeiras [*sic*] E poço *que tem dentro que parte* de hũa banda com chão de *Pedro de Figueiredo E da outra com caminho do Conçelho*. /

¹⁷⁴ Acrescentado posteriormente: "Leuará trinta alqueires de semente aualiada em trinta mil reis".

¹⁷⁵ À margem esquerda: "Titulo".

¹⁷⁶ Acrescentado posteriormente e depois riscado: "Leuará sinco quarteiros de semente aualiada em setenta e sinco mil reis-----75R".

¹⁷⁷ Acrescentado posteriormente: "leuará sinco quarteiros de semente aualiada em setenta e sinco mil reis ----- 75R0".

¹⁷⁸ À margem esquerda: "Titulo".

¹⁷⁹ Acrescentado posteriormente: "leuará dous moyos de semente aualiada em 450R000 reis". Na margem esquerda: "esta terra he a da fonte de arrenego de judas".

¹⁸⁰ À margem esquerda: "titulo".

¹⁸¹ Acrescentado posteriormente.



[fol. 2v.⁹] # Hum oliual *que* está aonde chamão a gafaria *que* parte de hũa banda com o *Licenciado* Manuel Nunes Bulhão, E da outra com herdeiros de Pantalhão de teiue *que* uem a ser hũa uinha.¹⁸²

A metade de hũa tapada *que* está no pereiro com o *que* lhe cabe de uinha E oliueiras *que* tem dentro *que* parte de hũa banda com tapada E uinha dos frades de N. Senhora da Graça desta *Villa* E da outra com *Catarina Magra filha* de Anna Rodriguez Veuua de Pedro Magro

A metade de hum oliual *que* está no pereiro *que* parte de hũa banda com tapada e uinhas da mesma fazenda E da outra¹⁸³ com oliual de Bartolomeu Rodriguez Espingardeiro E com Simão Caldeira Castel Branco.

Hum oliual *que* está por baixo de S. Andre Caminho dos Moinhos *que* parte com estrada uelha do Conçelho, E da outra com oliual da Cappella do Padre Pedro Villella.

Hũa orta *que* está no Ribeiro *que* parte com herdeiros de Manuel da Fonseca Coutinho E da outra com Diogo Gonçalues Barreto com seu chão por sima tapado de ualado pertencente á mesma orta. /

[fol. 3] # Hũa terra *que* está na folha de N. Senhora de Mercores aonde chamão os currais de Simão Mendes *que* parte de hũa banda com os herdeiros de Bernardo da Silua, E da Outra com terras da Comenda.¹⁸⁴

Hũa terra *que* está ao Barregão na folha da Liria ao Ribeiro da uelha *que* parte de hũa banda com terras do monte de sanctos *Fernandez*, E da outra com terra de Rodrigo Magalhans.¹⁸⁵

Hũa terra *que* está ao Ribeiro de Pedro Tinhozo *que* parte de hũa banda com terra do Padre Fernão Ramos, E da Outra com terra de Manuel Rodriguez Frade.¹⁸⁶

Hũa terra *que* está na Serra da Cardoza com suas oliueiras E parte della está tapada, E de hũa banda parte com fazenda de Luis de Souza Brandão E da outra com o Vaquinhas a qual está aforada em fatoizim por tres tostones em cada hum anno pagoz por dia de S. Miguel E este foro paga Antonio Rodriguez Moledo.¹⁸⁷

¹⁸² À margem esquerda: "este oliual he o *que* chamão manga da Raynha".

¹⁸³ Riscado: "com *Catarina Magra filha* de Anna Rodriguez Veuua de Pedro Magro digo".

¹⁸⁴ À margem esquerda: "Titulo".

¹⁸⁵ À margem esquerda: "Titulo".

¹⁸⁶ À margem esquerda: "Titulo".

¹⁸⁷ À margem esquerda: "Titulo".



Hũa terra na folha de S. Bartolomeu *que* está ao barrocal de S. João *que* parte de hũa banda com herdeiros de Manuel Mendes do adro E da outra com terras da Misericordia desta Villa ¹⁸⁸ /

[fol. 3v.^o] # Hũa terra *que* está no limite dos Escallos de Sima E Alcains aonde chamão o Mourão na folha dos Barrochais *que* parte de hũa banda com terras da Cappella de Thomas Fernando de Azeuedo, E da outra com tapada de Gonçallo Fernandez Porrito dos Escallos de Sima ¹⁸⁹

Hũa terra *que* está a S. Giraldo *que* fica no Limite das freiras de S. Viçente *que* parte de hũa banda com barro do Padre Pedro Antunes da Louza, E da Outra banda com barro da barata dos Escallos de Sima

Hũa terra *que* está á Lagem do pajo a grande E rosadouros na folha dos gralhais Limite da Louza E escallos de Sima *que* parte de hũa banda, E outra com terras do Inquizidor.

Huns cabeceiros de terra *que* ficão iunto da terra de sima aonde chamão o ual de asna *que* he terra pequena do pajo no limite da Louza e folha dos garalhais, *que* parte de hũa banda com Domingos fernandez uelido dos Escallos de sima E da Outra com terras do Inquizidor.

Hũa terra *que* está no limite da Louza na folha dos garalhais aonde chamão o ual do lobo *que* parte de hũa banda com terras do Doutor Simão da Costa de Castello Branco. /

[fol. 4] # Hũa terra *que* está no limite da Louza na folha dos Carualhais aonde chamão a Nauancha *que* parte de hũa banda com terra do Doutor Manuel Vaz, E da outra com terra dos herdeiros de João Vaz genrro do branco.

Hũa terra de Vargea *que* está no limite de S. Miguel d acha na folha da caniça, *que* parte de hũa banda com terra de Antonio Pereira dos Escallos de Sima, E da Outra com herdeiros de Jgnaçio Antunes dos ditos Escallos de Sima.

Hũa terra no mesmo sitio da Caniça *que* parte de hũa banda com terra de Domingos Vaz Nunes do Lugar da Louza, E da Outra com terra de Manuel Fernandez Pretto do Lugar de S. Miguel d acha.

Hũa terra no mesmo Sitio *que* parte de hũa banda com terra de Gonçalo Vaz, E da Outra com terra de Manuel fernandez Pretto ambos de S. Miguel d acha.

¹⁸⁸ Acrescentado posteriormente: "leuara hum quartoeiro * de Sameadura aualiada em 15R000" (*riscado: "alqueires"; a palavra "quarteiro" foi emendada). À margem esquerda: "Titulo"; riscado: "Cappela dos".

¹⁸⁹ À margem esquerda: "Titulo".

Hum muro de Colmeas *que* está em ualongo com seu tiro de besta ao redor *que* parte com os herdeiros de Manuel Mendes do adro.

Hum barro no limite da Louza na folha dos garalhais aonde chamão o Sachão *que* parte com barro de Manuel Martjnz Escalhão do dito lugar, E da outra com terra dos herdeiros de Pedro Affonso do / [fol. 4v.º] do [sic] dito Lugar da Louza.

Hũas cazas terreas com seu sileiro de trás E sobrado *que* estão na rua dos peLiteiros *que* parte de hũa banda com cazas de Martim Marquez carpinteiro, E da outra com cazas terreas do Doutor Luis de Valladares sotto maior.¹⁹⁰

Hum moinho na ribeira da Ocreza limite de Alcains por baixo de S. Domingos¹⁹¹

Hum olival *que* está na penacha tapado *que* parte de hũa banda com Gaspar Mouzinho, E da Outra com orta da mesma Cappella.¹⁹²

Hũas cazas terreas com seu sobrado detras *que* estão na rua dos ferreiros *que* parte de hũa banda com cazas da mesma cappella E da Outra com cazas de Gaspar Antunes.

Huas cazas de ginela na rua dos ferreiros *que* tem somente alto E baixo *que* partem de hũa banda com Domingos gonçalves Nereo, E da outra com cazas de Manuel Francisco Alfaiate¹⁹³

Hum barro na folha de N. Senhora de Mercores aonde chamão a piçarra do Alcaide *que* parte de hũa banda com Simão Caldeira / [fol. 5] E da outra com Pedro de Figueiredo ambos desta Villa

Hũa uinha com suas tapadas E hũ pedaço de terra fora *que* estão no limite desta Villa ao fundo do ual do Cabreiro *que* partem de hũa banda com uinha e tapada de Sebastião Gomes galego E da Outra com terra dos herdeiros de Manuel de Valladares sotto maior.¹⁹⁴

Hũas oliueiras *que* estão no limite desta Villa aonde chamão a Cardoza *que* partem de hũa banda com oliual da Cappella do Padre Pedro Villella, E com herdeiros de Antonio Gil machieiro.

Huns barros na folha de N. Senhora aonde chamão a Caparrota *que* partem de hũa banda com terras de Simão Caldeira, E da outra com terras de Gaspar Mouzinho Magro.

¹⁹⁰ À margem esquerda: "Título".

¹⁹¹ À margem esquerda: "Título".

¹⁹² À margem esquerda: "Título".

¹⁹³ À margem esquerda: "Título".

¹⁹⁴ À margem esquerda: "Título".

Hũa terra *que* está alem da ribeira de pensul a *que* chamão a corga do longo, *que* parte de hũa banda com granja do uedigal E da outra com *Francisco* marquez escriuão das sisas.

Titulo dos prazos em uidas.

Huas cazas terreas *que* estão nesta *Villa* na rua dos ferreiros *que* partem de hũa banda com cazas de João Nunes mercador, E da outra com cazas do Almeida o Cardador as quais cazas são foreiras a *Misericordia* desta *Villa* em quinhentos reis /

[fol. 5v.9] # Hũas cazas terreas *que* estão na rua dos peleteiros desta *Villa* *que* partem de hũa banda com cazas de Domingos *Fernandez*, E da outra com cazas da Cappella *que* instituiu o *padre* Joze Simão Villella. as quais cazas são foreiras a *Misericordia* desta *Villa* em quatrocentos reis cada hum anno.

Titulo da fazenda *que* instituiu o *Licenciado* Joanne Mendes de Pajua.¹⁹⁵

Hũa terra *que* está na folha da liria aonde chamão os Aluarinhos *que* parte de hũa banda com estrada do Conçelho *que* uai *pera* o lugar de Alcains, E da outra com a ribeira da liria

Hũa terra *que* está no limite dos Escallos de Sima na folha dos barrochais aonde chamão o eruideiro *que* parte de hũa banda com terra de *Francisco* Diaz ofitos do lugar de Alcains, E da outra com terra de *Francisco gonçalvez* o Canga de Alcains.

¹⁹⁶E suposto *que* o instituidor nomeou *tambem pera* esta cappella a terra *que* está na folha de N. Senhora de Mercorés á Lagem das canelas *que* parte de hũa banda com terras da Comenda desta *Villa*, E da outra com terras dos herdeiros de D. Fernando de Menezes se não assentou neste titulo *porquanto* nella não podia o dito / [fol. 6] instituidor encargo algum em rezão de estar *primeiro* posta em outra cappella *que* instituiu Lianor Vaz Villella maj do dito instituidor, E não se poder fazer cappella sobre cappella.

Titulo da fazenda da Cappella *que* instituiu o *Padre* Pedro Villella com obrigação de seis mezes missa cotidiana, E os outros seis mezes domingos E dias sanctos.

Hũas cazas de ginela com seu quintal *que* estão na rua dos peleteiros *que* partem de hũa banda com cazas de Manuel Pereira da Silueira E da outra com cazas do Capitão maior Simão Caldeira Castel Branco.

¹⁹⁵ À margem esquerda: “*Titulo*”.

¹⁹⁶ Escrito nas margens esquerda e direita: “Por esta se derão nas garalhas 2. terras a saber hũa terra *que* está na folha do Liria aonde chamão a fonte da Barroca *que* parte com terras da *Misericordia* e da outra banda parte com terra de fernão Tudella leuaria 7. quarteiros”; “contra terra no limite da mata na folha do val da falga aonde chamão o ribeiro do Rassim a orta velha”.

Hum lagar de azeite *que* esta á porta de Relogio da *parte* de dentro *que parte* de hũa banda com cazas de João de Aguiar, E da outra com rua do relógio.

Hũa caza terre [*sic*] com seu sobrado detrás *que* está na rua dos peleteiros *que parte* de hũa banda e outra com cazas do Capitão maior Simão Caldeira Castel Branco.

Hum Monte *que* chamão de alcoba *que* está iunto a malpica *que parte* de hũa banda com monte de boa idade, E da outra com caminho *que* uai *pera* Ferreira. /

[fol. 6v.^o] # Hũa uargea ao Ribeiro da torre *que parte* de hũa banda com o mesmo ribeiro, E da outra com terra da mesma cappella.

Hum barro *que* está ao mesmo ribeiro da torre *que parte* com a uargea da dita cappella E com terras da Misericordia E com oliual do Doutor Simão da Costa Estaço.

Hũa terra *que* está a Cruz de Montaluão mistica com serra de Manuel Sanches *que parte* de hũa banda com tapada dos herdeiros de Fernão Rodriguez Picapeixe, E da outra com terra da Misericordia desta Villa

Hũa terra *que* está alem da ribeira de ponsul *que parte* de hũa banda E outra com monte de Francisco Marques escrição das sizas a qual terra chamão os balicocos.

Hũa terra *que* está no limite da louza na folha dos carualhais aonde chamão o ribeiro dos simons *que parte* de hũa banda com terra dos herdeiros de Joze simão de Alcains, E da outra com terra de Domingos Fernandez uelido.

Hũa terra *que* esta no limite dos Escallos de Sima aonde chamão a lameira do Dão *que parte* de hũa banda com terra da cappella dos Aragens de S. Vicente, E da outra com Manuel Gomes rato dos Escallos de Sima.

Hũa terra nos Escallos de Sima na folha da Lameira do Dão aonde chamão a de maria neta *que parte* de hũa banda com terra da Confraria do Senhor dos Escallos de Sima E da outra / [fol. 7] com terra de Gonçalo Fernandez Porrito do dito Lugar dos Escallos de Sima.

Hũa terra *que* está no limite dos Escallos de Sima na folha do uerdelhão entre as tapadas das panascozas *que parte* de hũa banda com uinha de Gonçalo Fernandez Toucinheiro dos Escallos de Sima, E da outra com tapada de Antonio gonçalvez dos Escallos de Sima

Hũa propriedade de Vinha E oliual *que* está dentro da dita uinha no limite desta *Villa* aonde chamão a Cardoza *que* parte de hũa banda com uinha de *Domingos Rodriguez* genro do pedro homem, E da Outra com uinha de *Manuel Fernandez Aguilar*, E com oliual da mesma Cappella.

Hum oliual no mesmo sitio de Cardoza *que* parte de hũa banda com uinha da dita cappella E da outra com caminho *que* vai pera o ual da Cardoza, E com uinha de gaspar da Fonseca serieiro.

Hum oliual *que* está a fonte noua *que* parte de hũa banda com Diogo da Fonseca Achioli, E da outra com ¹⁹⁷ herdeiros de *Bernardo da Silua*

Hum oliual *que* está a fonte noua *que* parte de hũa banda com oliual de *Rodrigo* de Magalhans, E da outra com oliual da Cappella *que* apresentou *Thomas Fernando* de Azeuedo, E com caminho *que* uai pera o ribeiro /

[fol. 7v.º] # Hum oliual *que* está alegria *que* parte de hũa banda com estrada publica *que* uai pera Alcains

Hum oliual *que* está caminho dos moinhos *que* parte com o dito caminho E com lianor Vaz irmã delle *Pedro Villella*

Hum oliual ao almunheiro *que* parte com caminho *que* uai pera o ual de Cardoza E com chão da Cappella de *Catarina* de sotto maior E com *Manuel Martinz* picapeixe surgião E dentro do dito chão estão tambem duas oliueiras iunto á uinha de *simão* de oliueira *que* são do mesmo oliual.

Hum oliual pequeno no montezinho por sima da Orta de *Jzabel d eiras* *que* parte de hũa banda com os herdeiros de *Bernardo da silua*, E mais da outra.

Hũa oliueiras a porta da treição *que* parte [sic] de hũa banda com *Fernão dias* cazado com a mulher *que* ficou de thome *Aluares de Moura*.

Titulo de Fazenda de Cappella *que* instituiu *Catarina* <de souza> de sotto maior com des Missas

Hũa cazas de ginela com seus quintais *que* estão na rua de *Sancta Maria* *que* partem / [fol. 8] de hũa banda com cazas do licenciado *Manuel* de Mattos, E da outra com cazas de *Pedro Rodriguez* sapateiro

Titulo da Cappella *que* instituiu *Jllena* de queiros com duas missas

¹⁹⁷ Riscado: "An".

Hũa orta *que* está ao cançado com sua tapadinha *que* parte de hũa banda com tapada *que* foi de João de Almeida, E agora he do licenciado Manuel de Mattos Barriga, E da Outra com Luis da Cunha da Fonseca E com caminho *que* uai pera N. Senhora de Marcores.

Titulo da Cappella *que* instituiu Manuel de Sotto maior com duas missas

Hũa terra *que* está aos currais de Simão Mendes *que* parte de hũa banda com [...] ¹⁹⁸

Titulo da Cappella de João de Valladares com duas missas

Hũa terra *que* está nos escallos de baixo *que* parte de hũa banda com ¹⁹⁹ / [fol. 8v.º]

Titulo da Cappella *que* instituiu perpetua de Sotto maior

Hũa orta *que* está per baixo de S. Gens *que* chamão a de Jsabel d eiras *que* parte de hũa banda com oliual do Padre Fernão Ramos Gabriel E da Outra com orta de João Telles E com orta dos frades de N. Senhora da Graça

Titulo da Fazenda Liure

Hũa terra *que* esta na folha de Nossa Senhora de Mercores aonde chamão o ual do Cabreiro *que* parte de hũa banda com terra de Pedro de figueiredo desta Villa, E da Outra com tapada da Cappella do Padre Joze Simão Villella Leuará dous moios de sameadura aualiada em cento e sincoenta mil reis. -----
----- 150R000

Hũa terra *que* está na folha de Nossa Senhora de Mercores *que* está iunto ao ribeiro das perdizes *que* parte de hũa banda com terra dos herdeiros de Manuel da Fonseca desta Villa, E da outra com terra da Comenda, Leuará dous moios de sameadura aualiada em cento e sincoenta mil reis -----
----- 150R000 /

[fol. 9] # Hũa terra de barro *que* está a São Martinho *que* parte de hũa banda com terra dos herdeiros de Sebastião da Cunha E da outra com terra do Padre Miguel Pinto desta Villa, Leuará hum moio de sameadura, aualiado em quarenta mil reis ----- 40R000

¹⁹⁸ Documento interrompido.

¹⁹⁹ Documento interrompido.



²⁰⁰Hũa terra *que* está na folha de São Bertholameu aonde chamão o poço de *Pedro* Viçente *que* parte de hũa banda com terra de *Pedro* Nunes frade desta *Villa*, E da outra com terra da Fazenda, Leuará trinta E sinco alqueires de Sameadura aualiada em trinta E sinco mil reis ----- 35R000

²⁰¹Hũa terra *que* está na folha de S. Bertholameu aonde chamão a pedra da Legoa *que* parte de hũa banda com terra dos herdeiros de *Bernardo* da Silua E da outra com terra da *Misericordia* desta *Villa* Leuará quarenta alqueires de sameadura aualiada em quarenta mil reis ----- 40R000

Hũa terra na folha de S. Bertholameu aonde chamão a lagem de *Maria* Ramos, *que* parte de hũa banda com terra de *Manuel* Sanches desta *Villa*, E da outra com terra da *Misericordia* desta *Villa* Leuará uinte e sinco alqueires de sameadura, aualiada em uinte e sinco mil reis ----- 25R000 /

[fol. 9v.º] # ²⁰²Hũa terra *que* está na folha de São Bertholameu aonde chamão o oliual de *Pedro* Soeiro *que* parte de hũa banda com os herdeiros de *Sebastião* da Cunha, E da outra com tapada de *Diogo* da Fonseca Achioli, Leuará trinta alqueires de sameadura, aualiada em uinte e sinco mil reis ----- 25R000

²⁰³Hũa terra *que* está na folha de São Bertholameu ao oliual de *Pedro* soeiro, *que* parte de hũa banda com *Martinho* de oliueira, E da outra com terra da *Misericordia* Leuará de sameadura treze alqueires de sameadura, aualiada em treze mil reis ----- 13R000

Hũa terra *que* está na folha de São Bertholameu aonde chamão a Cançela simeira, *que* parte de hũa banda com terra da *Misericordia* desta *Villa* E da outra com terra de *Luis* de Souza Brandão, Leuará dez quarteiros de Sameadura, aualiada em cento e sincoenta mil reis ----- 150R000

Hũa terra *que* está na folha de S. Bertolameu aonde chamão a golaram E cabeço das estercadas, *que* parte de hũa banda com terra de D. *Fernando* de Menezes, E da outra com terra de *Domingos* Vaz Rato de Alcains, Leuará dez quarteiros de sameadura aualiada em cento e sincoenta mil reis ----- 150R000 /

[fol. 10] # ²⁰⁴Hũa terra *que* está na folha da Liria aonde chamão a fonte da Barroca *que* parte de hũa banda com terra do *Doutor* *Fernando* Tudella de Castilho, E da outra com terra da *Misericordia* desta *Villa* Leuará sete quarteiros de Sameadura aualiada em cento e sinco mil reis ----- 105R000

Hũa terra *que* está na folha da Liria aonde chamão o ribeiro d ega, *que* parte de hũa banda com herdeiros de *Sebastião* da Cunha, E da outra com cappella *que* nomea *Thomas* *Fernando* de Azeuedo

²⁰⁰ À margem esquerda: “dada a Cappella *que* Instituiu *Catarina* de sotto maior molher de Gonçalo da silua”.

²⁰¹ À margem esquerda: “patrimonio de *Sebastião* de Valladares”.

²⁰² À margem esquerda: “Patrimonio de *Jozeph* da silua”.

²⁰³ À margem esquerda: “Patrimonio de *Joseph* da Silua”.

²⁰⁴ À margem esquerda: “Dada a Cappella *que* instituiu o licenciado *João* Mendez de Payua”.



desta *Villa*, Leuará seis quarteiros de Sameadura, aualiada em oitenta mil reis -----
----- 80R000

Hũa terra *que* está na folha da Liria aonde chamão agua da Figeira [*sic*] das Lombas, *que parte* de hũa banda com terra dos herdeiros de *Bernardo* da Silua E da outra com terra da *Misericórdia* desta *Villa* Leuará noue alqueires de Sameadura, aualiada em oito mil reis -----
---- 8R000

Hũa terra *que* está no limite de Alcains aonde chamão o penedo do bicás, *que parte* de hũa banda com terra de *Pedro* Duarte E da outra com terra de *Pedro* Duarte da fonte aualiada em doze mil reis ----
----- 12R000 /

[fol. 10v.º] # Hũa terra *que* está no limite de Alcains aonde chamão a pontinha, *que parte* de hũa banda com terra de *Manuel* Simão Cappitão, E da Outra com terra dos herdeiros de D. *Fernando* de Menezes aualiada em trinta mil reis ----- 30R000

Hũa terra *que* está no ual das escutas limite de Alcains *que parte* de hũa banda com terra de *Francisco* Borquilha, E da outra com terra de *Domingos* Vaz burefa ambos moradores no dito Lugar, aualiada em doze mil reis ----- 12R000

²⁰⁵ Hũa terra *que* está no limite dos escallos de baixo na folha do ual da silueira aonde chamão a lameira do boto *que parte* de hũa banda com terra dos herdeiros de D. *Carlos*, E da outra tambem com terra do mesmo D. *Carlos*, aualiada em sinco mil reis ----- 5R000

²⁰⁶ Hũa terra *que* está no limite dos escallos de baixo na folha do ual da Silueira no simo desta, *que parte* de hũa banda com terra de *Manuel* Vaz Burefa de Alcains, E da outra com terra de *Manuel* Marquez da Louza, aualiada em dez mil reis ----- 10R000

²⁰⁷ Hũa terra *que* está no limite dos Escallos de baixo na folha dos Barrochais aonde chamão o penedo encaualeirado, *que parte* de hũa banda com terra dos herdeiros de *Agostinho Rodriguez* dos Escallos de baixo, E da [...] /²⁰⁸



²⁰⁵ À margem esquerda: “dada a Luis de Valladares na legitima de seu pay”.

²⁰⁶ À margem esquerda: “dada a Luis de Valladares na legitima de seu pay”.

²⁰⁷ À margem esquerda: “dada a Luis de Valladares na legitima de seu pay”.

²⁰⁸ Falta o resto do documento.

TESTAMENTO DE BARTOLOMEU GINORI, HOMEM DE NEGÓCIOS EM LISBOA E PROVEDOR DA IRMANDADE DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO DE LISBOA (1723)

Transcrição de Nunziatella Alessandrini

CHAM – FCSH/NOVA-UAç

Resumo

1723, Lisboa, Novembro, 24-25

Declarações de natureza testamentária de Bartolomeo Ginori, homem de negócios em Lisboa, e Provedor da Irmandade da Igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa.

Abstract

Statement of a testamentary nature made by Bartolomeu Ginori, businessman in Lisbon and Purveyor of the Brotherhood of the Church of Our Lady of Loreto in Lisbon.

Lisboa, Arquivo da Igreja de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa, Caixa IX, Doc. 8



Testamento di Bartolomeo Ginori

Nelle hũas declarações de Dinheiros que deixarão em poder dos Passos e hũa demanda contra o Fisco de Evora em poder do *Procurador* Diogo Francisco Loureiro, pertencentes a João Francisco Ginori, Socio e devedor nas Companhias de Barduche, e estes devedores a *Igreja* Com impedimento para se não entregarem a Ginori, sem que a *Igreja* fosse paga.

Nota²¹⁰

Este testamento e Codicillo foram feitos a 24 e 25 de Novembro de 1723, e o seo fim é declarar as dividas e os Creditos do seu auctor, e segurar as dividas que elle e seos socios João Francisco Ginori, seo irmão, e Alberto Barducci, Homens de negocio em Lisboa deviam á *Igreja* do Loreto, por onde aquelles não poderiam levantar dinheiro nenhum de seos bens sem liquidarem e pagarem tudo a dita *Igreja* / [fól.2]

Jn Nomine Domini Amen Saibão quantos este Instrumento publico de Declaração Virem em como no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de Mil setteCentos e Vinte Trez, aos Vinte e quatro dias do mes de Nouembro, nas pousadas da habitação do *senhor* Bartolameo Ginori solteiro e natural da cidade de Florencia á Biqua Pequena àonde <chamão> Terreirinho de *Santo Antonio* Freguesia *Santa Catharina* do Monte Sinay desta Cidade de Lixboa Occidental aonde eu publico Nottario Apostolico Infrascripto foi chamado pello ditto *Senhor* Bartolameo Ginori que se acha enfermo de cama, o qual em presenca de Bernardo Francisco Leitão Ferreira²¹¹ Parocho da *Igreja* de Nossa Senhora do Loreto Disse estando em seu juizo perfeito que elle ditto *Senhor* Bartolameo Ginori achando sse enfermo sacramentado, e não sabendo o que Deos Nosso Senhor disporia da sua Vida, queria, e era sua ultima Vontade fazer por este publico Instrumento algumas declarações do que queria se disposesse de seus Bens se Nosso Senhor fosse seruido chama llo à sy, às quais declarações não são por modo de testamento, nem Codicilio, mas quer que sejam Valiosas, as quais Declarações, deixa por este publico Instrumento encarregadas aos *SSenhores* Paulo Hieronimo de Medicis e Esteuão Oliuieri ambos de nação florentina, e homens de negocio nesta Cidade de Lixboa Occidental, para que por sua bondade e Caridade, as queirão aceitar e dar á sua deuida execução, as quais Declarações, e appontamentos são do theor seguinte

Jtem declarou o ditto Bartolameo Ginori que elle tem humas Contas largas com o *Senhor* Senador Nicolao Ginori, *Senhor* João Francisco Ginori, seus Jrmãos moradores em Florencia, e tambem

²⁰⁹ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987

²¹⁰ De outra mão.

²¹¹ Riscado: "Disse".



com os filhos do *Senhor Dom* Lourenço Ginori já deffunto os quais viuem em Florencia, das quais Contas lhes remetteu Conta Corrente athe o anno de Mil setteCentos e dezasette segundo sua lembrança, e já lhe ficauão por ellas Deuedores de boa porção de dinheiro, e desde então athe o presente tem feito largas despesas nesta cidade de Lixboa nas dependencias / [fól. 2v.º] que nella tem os dittos *Senhores* nomeados, e à que elle declarante nomeado assiste, à Conta das quais declara que tem cobrado athe o presente a quantia de quatro Contos de reis com pouca differencia, dos quais quatro Contos de reis pertencem em particular Dous Contos de reis com pouca diferença ao *Senhor* João Francisco Ginori seu Jrmão e porque à Companhia do ditto *Senhor* João Francisco Ginori e Alberto Barducci quando tinham Casa de negocio nesta Cidade de Lixboa ficou deuedora de partida mui Considerauel à Igreja de Nossa Senhora do Loretto da nação Italiana da mesma Cidade, não tem o ditto *Senhor* João Francisco Ginori seu Jrmão que esperar nada na ditta quantia de Dous Contos de reis por se achar elle Deuedor na mesma Companhia da refferida somma à qual se hà de contrapor à sobredita Diuida liquidando sse às contas.

Item declarou que os outros Dous Contos de reis com pouca differença pertencem tambem à mesma Companhia do ditto *Senhor* Ginori, e Barducci, e que elle Declarante os Cobrara de hum Pleito que Vençeo da quantia de quatorze mil Cruzados, que corria com a *Santa* Inquisição desta Cidade, digo da Cidade de Euora, pello sequestro que esta fez nos bens de Manoel da Sena Soares homem de nação que sahio penitenciado nella, o qual era Deuedor à ditta Companhia e ainda falta que cobrar o resto, E do ditto Dinheiro já cobrado acima declarado abatidos os gastos que elle Declarante tem feito nesta Cidade, que constarão das suas Contas que tem dado áthe o anno de Mil setteCentos e Dezasette, por resto que ficar liquido se há de pagar tambem á ditta Igreja de Nossa Senhora do Loreto à Conta do que à ditta Companhia dos dittos *Senhores* João Francisco Ginori e Alberto Barducci ficou deuendo à ditta Igreja do Loreto.

Item Declarou que tambem Corre hum pleito entre os dittos Nicolao, e João Francisco Ginori digo entre os Herdeiros do *Senhor* Lourenço Ginori já deffunto e Nicolao Ginori Autores de huma parte, e da outra, Joseph Monteiro de Sousa / [fól. 3] Almoxarife do Paço da Madeira da quantia de quatorze mil, e tantos cruzados pouco mais, ou menos do qual pleito tiuerão os dittos Autores sentença à seu fauor, à qual foi Confirmada em cima na Rellação, e o ditto Reo veyo com embargos a ella à Chançellaria os quais embargos estão à final, e se não tem cobrado cousa alguma, e em se cobrando a ditta quantia abatidos os gastos que elle tem feito áthe o presente, o que ficar liquido se há de partir entre os dittos Entereados.

Item Declarou que elle *Senhor* Bartolameo Ginori há *Senhor* e legitimo Pussuidor de huma quinta no Distritto de Seuilha em lugar que se chama *São* João de Alfarache.

Item Declara que elle ditto *Senhor* Bartolameo Ginori hé Deuedor à Joseph Cagecernega morador na cidade de Aguilar do Campo em Castilha á Velha, e não sabe quanto seja à quantia da Diuida, mas que constará das Contas que estão em Seuilha com todos os papeis na mão de João Luís Paganelli homem de negocio da ditta Cidade.

Item Declarou ser Deuedor elle Declarante à *Dona* Joanna Hieronima Tosco Viuua, de quinhentas Patacas moeda de Hespanha de que lhe pagou os juros á seis por Cento, e esta paga delles athe o mes de Abril futuro do anno que Vem de Mil setteCentos e Vinte quatro.

Item Declara que tambem hé Deuedor à *Dona* Joanna Tosco Religiosa Hieronima, na mesma cidade de Seuilha aonde tambem hé moradora sua Jrmaã *Dona* Joanna Hieronima Tosco, da quantia de Dous mil Ducados moeda de Espanha de Vilhon, dos quais lhe paga juros de sinco por Cento, e está paga delles athe o fim do presente anno de Mil setteCentos e Vinte Tres, e declara que desta parçella não fez escripto, ou obrigação alguma à ditta Religiosa

Item declara que elle *Senhor* Bartolameo Ginori hé Deuedor / [fól. 3v.º] à Companhia de Cambij, e Spinelli que accabou em Madrid de Certa quantia de que ao presente se não lembra e que



para segurança e satisfação della, tem elle Declarante parte huma Perola grande de Vinte dous quilates na mão de Bernardo Recagno morador em Cadiz, à disposição dos dittos auredores, consistindo este Credito em huma fiança que elle Declarante fez por hum fulano de Santa Columna que se foi para as Indias de Espanha

Item Declarou que hé tambem Deuedor de quatro mil Patacas moeda de Espanha ao [sic] SSenhores Francisco, e Beneditto Tempi e Marques Folco Renuccini, Marques Francisco Ricardi, todos moradores na Cidade de Florencia, e que elle Declarante negociara em Seuilha com Cabedal dos sobreditos de que proçeedo esta Diuida, e porque houue perdas nos dittos negocios depois de ajustadas as Contas para recolher os effeitos não sabe se esta Diuida he totalmente Certa e os papeis que o podem declarar estão em Seuilha na mão de João Luis Paganelli, e faz esta Declaração com esta duuida por descargo da sua Consciencia por não ter podido athe àgora passar à Seuilha à liquidar as dittas Contas

Item Declarou que na mesma Cidade de Seuilha tem mais <tres> contas a saber com Maria Van Kessel natural de Amberes, e com Hieronymo Balthezar Rabasquero morador em Cadiz, e outra pessoa que lhe não lembra, as quais Contas constarão dos seus liuros, e papeis que tem em Seuilha na mão do ditto João Luis Paganelli

Item Declarou, e quer elle Declarante que se Deos Nosso Senhor dispuser alguma cousa delle que a ditta quinta que tem no Distritto da Cidade de Seuilha no sitio de São João de Alfarche se Venda para satisfação das suas Diuidas

Item Declarou que elle Declarante tem dado à guardar na mão do *Senhor* Manoel Domingues do Paço homem de negocio morador nesta Cidade de Lixboa no Terreirinho de *Santo* Antonio na Biqua Freguesia de *Santa* Catharina de Monte Sinay huma porção de dinheiro que constará de huma lembrança que elle Declarante tem em seu poder, e à quanthia que se achar por ella, serà para pagar tambem as Diuidas delle Declarante / [fól. 4]

Item Declara que a Jgreja de Nossa Senhora do Loreto da nação Italiana nesta Cidade de Lixboa Occidental hè Deuedora à elle Declarante de huma porção de dinheiro que por agora lhe não lembra, à qual constará dos seus papeis que elle Declarante, e que esta conthia, como quer que Alberto Barducci seja interessado nos dous Contos de reis com pouca differença que elle Declarante tem cobrado da Santa Inquisição de Euora, e seja tambem Deuedor à ditta Jgreja de Nossa Senhora do Loreto, alcançando ella sentença contra elle, à ditta quanthia se há de pagar à mesma Jgreja, por Conta que o ditto Barducci digo ditto Alberto Barducci lhe deuer, e feitas as dittas Declarações disse elle Declarante que por hora lhe não lembrava mais nada, que declarar em descargo de sua Consciencia, e que ratificava o que áqui tem declarado, e pedio à mim Publico Nottario Apostolico Infraescripto, que lhe tomasse estas declarações, e fizesse dellas este Publico Instrumento em modo que faça fee em Juizo, e fora delle, o que com effeito eu Publico Nottario Apostolico fiz, estando presente o ditto *Reuerendo* Bernardo Francisco Leitão Ferreira Parocho da Jgreja de Nossa Senhora do Loreto da nação Italiana que com o ditto *Senhor* Bartolameo Ginori Declarante ambos assignarão aqui comigo, sendo Testemunhas presentes o *Reuerendo* Padre Antonio de Alpoim, da Congregação do Oratorio desta Cidade de Lixboa, e seu Companheiro o Jrmão Bernardo da Costa, e eu Lourenço Maria Granara Publico Nottario Apostolico dos approuados na firma do sagrado Concilio Tridentino, e do Ordinario nesta Corte e Cidade de Lixboa Occidental e Oriental que assignei de meus signaes publico e raso de que uso, para que á este publico Instrumento se lhe dé inteira fee e Credito em Juizo, e fora delle, e tambem assignarão comigo as dittas Testemunhas acima nomeadas, eu Lourenço Maria / [fól. 4v.º] Granara o fiz, escreui, sobescreui, e o assignei.

[sinal]

a) Lourenço Maria Granara publico Nottario Apostolico

a) Bartolomeu Ginori

a) O Reuerendo Francisco Leitão Ferreira Paroco Capellão mor do Loreto

a) Como testemunha Antonio de Alpoim

a) per testemunha Bernardo Da Costa

Aos Vinte e sinco Dias do mes de Nouembro do ditto anno de Mil setteCentos e Vinte Tres na ditta morada do *Senhor* Bartolomeo Ginori, estando elle em seu perfeito Juizo, fui eu publico Nottario Apostolico, e o *Reuerendo* Bernardo Francisco Leitão Ferreira Cura da Igreja de Nossa senhora do Loreto chamados outra vez pello ditto *Senhor* Bartolameo Ginori, o qual disse que alem das declarações acima, lhe tinha occorrido fazer outras mais, de que queria lhe fizesse este publico Instrumento para terem Validade, as quais são as seguintes

Item Declarou elle *Senhor* Bartolameo Ginori que sem embargo de ter declarado acima, que tinha cobrado quatro Contos de reis dos quais pertencião em particular Dous Contos de reis com pouca differença a seu Jrmão o *Senhor* João Francisco Ginori, e que desses não tinha que esperar por se achar elle deuedor na Companhia com Alberto Barducci à Igreja de Nossa Senhora do Loreto desta Cidade, à qual Igreja se havião de pagar à Conta da ditta diuida agora declara, e especifica mais, que os dittos dous Contos de reis os cobrara elle Declarante de Thomas da Silua da Camara, que era deuedor delles ao ditto seu Jrmão o *Senhor* João Francisco Ginori, e que não teue lugar a disposição ou cessão que propter formam fez o ditto *Senhor* João Francisco Ginori seu Jrmão, a fauor de / [fól. 5] Simão da Bagnano de Florencia, porque não foi preciso Valer se elle Declarante da tal Disposição ou cessão, porquanto foi feita pello ditto *Senhor* seu Jrmão com medo de que el Rey que *Deus* guarde ²¹² lançasse mão de tal dinheiro e por esta razão fez a ditta Cessão ou trespasso à fauor do ditto da Bagnano, e que parece a elle Declarante que tem e se hà de achar entre os seus papeis Clareza bastante deste ponto

Item Declarou, que há muitos annos em Florencia fez elle *Senhor* Bartolameo Ginori Cessão de seu Patrimonio à fauor de seu Jrmão Senador O *Senhor* Lourenço Ginori já Deffunto, o qual ditto seu Jrmão se obrigou á dar lhe a titulo de alimentos todos os annos Duzentos Ducados daquella moeda Corrente de sette liuras cada Ducado, e confessa elle Declarante que esta pago, e satisfeito áthe o anno de mil setteCentos e Vinte dous proximo passado, e está por ser satisfeito deste anno de Mil setteCentos e Vinte Tres

Item Declarou que desde o tempo que veyo elle Declarante a Viuer na Casa onde presentemente está em Companhia de Henrique de Boch digo de Bock flamengo Casado com Donna Hieronima Espanhola, foi com condição de elle Declarante concorrer, e pagar á terceira parte dos gastos, assim do sustento, como dos allugueis das Casas, e mais gastos dellas, e tem satisfeito ao ditto Henrique de Bock e ajustado Contas athe todo o anno passado de Mil setteCentos e Vinte dous, e para os gastos deste anno presente tem dado ao ditto Henrique de Bock diuersas parçellas de dinheiro que

²¹² Riscado: “não”.



constarão dos papeis delle Declarante, e se lhe ajustará á sua Conta na forma do ditto ajuste, e papeis, e do que disser o ditto Henrique de Bock, e declarou mais *que* estes taes gastos que tem declarado se não hão de reputar pellos que them mereçido na assistencia das dependencias à que veyo à esta Cidade de Lixboa, porquanto quis sempre nella Viuer com parsimonia para poder de algum modo poupar dinheiro para satisfação das suas Diuidas

Item declara, e quer que ao ditto Henrique de Bock lhe sejam pagos todos os gastos que tem feito àthe o presente nesta enfermidade delle Declarante / [fól. 5v.⁹]

Item declarou que o *Senhor* Abbade Luis Barnabó que foi Auditor geral desta Nunciatura de Portugal esta muito bem enteirado das Dependencias que há entre elle Declarante, e seus Jrmãos

Item Declarou que Diogo Francisco Loureiro hé o Solicitador das Causas das dittas dependencias, o qual informará o estado dellas, e se lhe deue dos seus salarios somente Çinco meses àthe o dia de hoje à razão de tres mil reis por mes, e mais todos os gastos *que* se lhe deuem que tiuer feito depois das vltimas Contas àthe este dia que elle mostrará, e se fia da sua Verdade

Item Declarou que o seu Procurador na Cidade de Beja chamado João Valente da Franca que o hê para o Pleito que corre com à *Santa* Inquisição de Euora tem em seu poder treze moedas de ouro de quatro mil e outoCentos reis cada huma, que elle Declarante lhe entregou por Varias Vezes para gastos, como consta dos papeis que elle Declarante tem em seu poder, das quais treze moedas de ouro o sobredito Procurador deue dar conta

Item declarou, que se Deos for seruido leuar para sy à elle Declarante desta Infermidade, que queira à Irmandade de Nossa Senhora do Loreto da nação Italiana de que elle presentemente hê Prouedor enterra llo pello amor de Deos, e feitas estas dittas Declarações todas disse elle Declarante que não lhe occurria mais cousa alguma que declarar, e que as ratificaua todas, e pedio a mim ditto Notario Apostolico Infracripto que lhe tomasse de nouo as dittas Declarações, e fizesse dellas este publico Instrumento em modo que faça fee em Juizo, e fora delle, estando presentes o ditto Bernardo Francisco Leitão Ferreira Parocho da Jgreja de Nossa Senhora do Loreto da nação Italiana que com o ditto *Senhor* Bartolameo Ginori Declarante ambos assignarão aqui Comigo sendo Testemunhas presentes o *Reuerendissimo* Padre Antonio de Alpoim da Congregação do Oratorio da cidade de Lixboa, e o *Reuerendo* Padre Ignaçio Ferreira da mesma Congregação, e eu sobredito Lourenço Maria Granara publico Nottario Apostolico Infracripto / [fól. 6] dos approuados na forma do Sagrado Concilio Tridentino, e do Ordinario nesta Corte e Cidade de Lixboa Occidental et Oriental que assignei de meu signal raso somente, para que à este publico Instrumento se lhe dê inteira fee, e Credito em Juizo, e fora delle e tambem assignarão comigo as dittas Testemunhas ácima nomeadas, e eu Lourenço Maria Granara Publico Nottario o fiz, escreveu, e subescreuj

[sinal]

a) Lourenço Maria Granara publico Nottario Apostolico

E Depois de feitas as dittas Declarações, tornou á declarar, e especificar que aonde declara, e diz que a Companhia que tiuerão seu Jrmão João Francisco Ginori e Alberto Barducci nesta Cidade de Lixboa era Deuedora de partida Considerauel a Jgreja de Nossa Senhora do Loreto da Nação Italiana da mesma Cidade. Declara agora que a Companhia Deuedora não era esta, mas era à Companhia de Alberto, e Francisco Maria Barducci, à qual pello Balanço que se deu aos seus liuros e Contas, o qual



Ballanço, está em poder delle Declarante, se achou ser Deuedor seu Jrmão João Francisco Ginori da quanthia de Dous Contos de reis com pouca Diferença, como o ditto João Francisco Ginori tem ratificado por reço de ajuste de Contas, com Barducci, e Judici, e assim à ditta quanthia de dous Contos de reis com pouca diferença que tem ditto ter cobrado e pertenceram em particular ao ditto João Francisco Ginori que são os mesmos de que fez trespasso a Simão da Bagnano se hão de descontar para a Igreja de Nossa Senhora do Loreto, e hão de ser pagos na Conta do que lhe ficou deueno á ditta companhia de Alberto, e Francisco Maria Barducci e não declarou mais, Ditto dia, mes, e anno / [fól. 6v.º] ácima e eu sobredito Nottario o fiz, escreuj, Assignei em raso com as mesmas testemunhas e o Declarante.

[sinal]

a) Lourenço Maria Granara publico Nottario Apostolico

a) Bartolomeu Ginori

a) O Reuerendo Francisco Leitão Ferreira Paroco, e Capellão mor do Loreto

a) Como testemunha Antonio de Alpoim

a) Como testemunha Jgnacio Ferreyra



RELAÇÃO DO FORTE REAL DE SÃO FILIPE NA ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE (1750)

Transcrição de Tiago Machado de Castro

Doutorando em História na Universidade Nova de Lisboa

Bolseiro de investigação do CLUL

CHAM – FCSH/NOVA – UAç

Resumo

1750, Ribeira Grande, Ilha de Santiago de Cabo Verde, Abril, 1

Descrição da Fortaleza de São Filipe, outros baluartes, casas, artilharia, armamento e apetrechos existentes feita por ordem do provedor da fazenda real no âmbito da transição de almoxarife.

Abstract

Description of the fortress of São Filipe, its bulwarks, houses, artillery, weaponry and equipments, made by order of the purveyor of the Royal Treasury in the context of the replacement of the storekeeper.

Arquivo Nacional de Cabo Verde, Secretária-Geral do Governo, G.7, Diversos, Livro 0989, fól. [1] - [10]

Anno de 1750

(nº17)

Ao primeiro dia do mes de abril de mil setecentos e sincoenta annos nesta cidade da ribeira grande ilha de sanctiago de Cabo verde nas pouzadas do provedor da Real Fazenda o dezembargador Francisco Xavier de Araujo por mandado delle carrego eu escrivão em receita ao Almojarife feitor, e recebedor da fazenda real o Ajudante Tenente Henrique da Costa Alvarenga as fortalezas, belluartes, prezidio Artelharias, monçoens, e mays petrecho que recebeo do seu antecesor o Almojarife que foi da real fazenda o coronel Francisco Alves dAlmada, e os mays que receber e sobre elle Carregar, o que faço pella maneira seguinte, Eu Jorge Martinho Fragozo escrivão dos contos e almojarifado que asiney:

Fortalleza de São Phellipe

Carrego eu escrivão em receita ao dito almojarife por mandado do dito provedor a fortalleza de São Phillipe posto por terra, e a praça de fora redeficada, a Ermida com porta de traveça noua e a prençipal noua, seis cazas duas de tras abafadas e a outra com prençipio, e humas sem portall, e duas aruinadas, e com duas portas quebradas, e emcapazes, e duas

[1]v

E duas portas dentro das ditas cazas, humas com fechadura, e outra sem ella, a sisterna [com] porta quebrada, e com a artelharia seguinte, e a fortalleza com sua porta e fechadura e chave –

Nove pessas de ferro montadas em seus reparos novos, e duas pessas no cham com exo quebrado –

Pessas 9 e 2 no
cham

Mais quinze bocados de pau velhos –

bocados de pau
velhos 15

Hum sino com seu badallo em quatro pedaços –

1 Sino

Sete centas noventa, e sete ballas razas entrando duas quebradas, e trinta, e oito na alfandega velha –

Ballas 797

Vinte quatro ballas de pedra com seus defeitos, e quebradas –

Ballas de pedra 24

²¹³ Normas de transcrição utilizadas:

Foi respeitada a grafia do texto original e sua pontuação excepto: nos casos de nomes próprios e apelidos em que introduzida uma maiúscula inicial; na normalização do que aparenta ser um Z em final de palavra, introduzindo-se um S em substituição (ex. contoz por contos; trez por tres).

Quebras de linha foram eliminadas fornecendo texto corrido.

As abreviaturas foram resolvidas com a indicação dos elementos ausentes a itálico, tomando como indicar as formas extensas presentes no texto.

Conjecturas estão assinaladas entre parênteses rectos (ex. [nnn]); lacunas de suporte não resolvidas estão entre parênteses rectos com três pontos (ex. [...]).

Os fólhos do manuscrito não estão numerados pelo que a sua numeração foi feita pela contagem de fólhos a partir da capa, apresentando-se de forma conjecturada entre parênteses rectos. A numeração dos fólhos foi introduzida como quebra de página.

Mais dez pedaços de balas de pedra –	Pedaços 10
As portas do portão –	Portas do portão
Hum pau de bandeira –	Pau de bandeira

Balluarte de *Santo Antonio*

Quatro cazas de telha novas que tem huma intrada, e seis jenellas todas sem porta –	cazas 4 de telha nova
Quatro pessas de ferro desmontadas, huma foi para a fortalleza –	Pessas de ferro 4 desmontadas
Quatro carretas velhas, e quebradas, e com faltas de muitos paus – [2]r	Carretas Velhas 4
Duas ballas, e trinta, e seis na alfandega velha –	Ballas 38
Porta do portão chapeado de ferro, e com sua fechadura, e chave –	Portão

Belluarte dos Cavalleiros

O balluarte com os muros reparados de novo com seu portão, e fechadura –	
Dez pessas de artelharia, a saber sinco montadas em seus reparos novos por se ter consumido os velhos com o tempo mais sinco no cham entrando huma com a boca quebrada que ajusta a dita conta –	Pessas de artelharia 10
Mais tres com munhoins quebrados –	mais 3 comunhois quebrados
Dous paus mais que estão nas ditas pessas –	Paus 2

Belluarte de São Veriçimo

O balluarte com sua muralha, e portão, e chave, e fechadura com huma caza de polvora, e outra cazinha de cappitão com porta nova, e fechadura –	
Seis pessas de ferro montadas em seus reparos velhos, e emcapazes entrando hũa cravada – [2]v	Pessas [6]
Sete pessas de ferro com os munhoins quebrados que não serve para nada –	Pessas de ferro 7
Duzentas, e sincoenta, e quatro ballas razas –	Ballas 254
Dous canos de espingarda velhos, e tortos sem serventia –	Canos velhos 2
Hum varão de ferro que serve de pontalete na caza –	Varão 1
Duas alenternas velhas sem serventia –	Alenternas velhas 2
Hum perafuzo de pau com que se alevanta as pessas –	Perafuso de pau 1
Huma arondella –	Arondella 1

Hum moitão com sua polé –	Moitão 1
Huma tarimba na caza dos cappetains –	Tarimba 1
Mil, e quinhentas telhas entrando nesta conta muita quantidade quebrada, e varios pedaços –	Telhas, e a maior parte quebradas 1500

Belluarte de Sam Lourenço

O balluarte com suas cazas, huma com porta, e fechadura, e huma porta dentro de huma caza nova com fechadura, e chave –	
Quatro perras de ferro montadas em seus reparos, dous novos, dous velhos –	Perras de ferro 4
Dezassette ballas razas nalfandega velha –	Ballas razas 17
[3]r	
Hum portão novo com sua fechadura e chave –	Portão 1

Belluarte de São Braz, e deschapalimão

Ho belluarte com suas cazas portas e fechaduras, e seu portão da mesma forma –	
Trez perras de ferro montadas em seus reparos novos entrando huma dellas com a boca quebrada –	Perras de ferro 3
E nas cazas do balluarte com oficina e tenda de ferreiro com as suas ferramentas seguintes –	
Huns folles grandes com seus aviamentos novo [ingles] –	Folles 1
Huma bigorna grande –	Bigorna 1
Huma cortadeira de sepo com a ponta de baixo quebrada –	Cortadeira de sepo 1
Huma atanaz de volta –	Atanaz de volta 1
Duas craveiras, e hua dellas quebradas –	Craveiras 2
Hum martello piqueno de mão –	Martello piqueno de mão 1
Dous martellos, hum grande e outro piqueno –	Martello 2
Hum banco com dous tornos grandes –	2 tornos
Huma atanaz velha –	Atanaz [1]
[3]v	
Huma atarraxa com sinco perafusos –	Atarraxa 1
Duas limas grandes entrando huma com as pontas quebradas –	Limas grandes 2



Huma dita piquena –	Piquena 1
Trez limas medianas –	Limas medianas 3
Hum cinzello piqueno –	Sinzello 1
Duas talhadeiras –	Talhadeiras 2
E outro malho, ou martello de duas maos –	Malho 1
Huma broca velha sem ferro –	Broca velha sem ferro 1

Prezidio desta praça

A caza do prezidio aberta com varanda com sua coluna de pedra

Huma caza para os capitains, outra em comrespondência que serve de calaboço com suas portas, e fechaduras, e o calaboço com suas portas, e fechaduras, e o calaboço com sua jenella para fora com suas grades de ferro –

Hum tronco que serve de pés, e piscosso com duas aldrabas –	Tronco 1
Hum taboão que serve de menza que está na caza do cappitão –	Taboão 1
Outro taboão que serve para se emcostarem as espingardas para não chegarem ao cham –	Outro taboão 1
Com seu cabido na parede –	Cabido 1
Huma roqueira com sua carreta –	Roqueira 1
[4]r	
Hum taboão que serve nas carretas –	Taboão 1
Huma roqueira mais na alfandega, e a sua carreta no prezidio –	Roqueira 1

Plantaforma do prezidio

Sete pessas entre grandes e pequenas montadas em suas carretas novas–	Pessas 7
Huma tarimba grande com falta de hua taboa –	Tarimba 1
Hum muchaxo –	Muchaxo 1

Alfandega

Huma ballança grande com braço de ferro, e cadeas e as conchas de pau, e com seus pezos que portados são sette entre meudos e grossos –	Ballança Pezos 7
Trez folles de ferreiro –	Folles 3
Hum varão de ferro –	Varão 1
Tres mais ditos que servem nas carretas –	mais 3

Huma alavanca –	Alavanca 1
Duas camaras de roqueira –	camaras de roqueira [...]
Huma bigorna de cham –	bigorna 1
Dous ferros de exos de carretas que hé duas rodas –	2 ferros [de exos]
[4]v	
Huma ballança de pezar dinheiro com seus pezos com falta de duas outavas –	1 Ballança de pezar <i>dinheiro</i>
Hum varão de ferro de exo com douz pregos nas pontas –	Varão de ferro 1
Dous quintaiz, húa arroba, e vinte, e sinco livras de Asso –	Asso 2 <i>quintaiz</i> 1 <i>arroba</i> , e 25 <i>livras</i>
Seis quintais de ferro velho –	Ferro Velho 6 quintais
Huma ballança com conchas de pau quebrada, e braço de ferro –	Ballança 1
Dous sintos de ferro para prizão –	Cintos 2
Seis roqueiras sem camaras –	Roqueiras 6
Huma caldeira de cozer Alcatrão –	Caldeira 1
Huma corrente sem colar nem chaveta –	Corrente 1
Mais tres roqueiras, duas na caza da camera, e huma no prezidio –	Roqueiras 3
Tres ferros que servirão nas carretas com alguns pregos –	Ferros 3
Hum ferro de Roldana, e huma Argolla piquena –	Ferro de Roldana e húa argolla piquena

Ferramentas de Ferreiro, e Serralheiro

Sete limas grandes –	Limas Grandes 7
Duas atanazes huma nova, e outra velha sem serventia –	Atanazes 2]
Huma tizoura grande de cortar ferro –	Tizoura 1
Duas chigadeiras de forja –	Chigadeiras 2
Tres craveiras de fazer pregos –	Craveiras 3
[5]r	
Huma atarracha de perafusos com hum macho menos –	Atarracha [...]
Dous andadores de fazer perafusos –	Andadores 2
Quatro malhos, dous novos, dous velhos –	Malhos 4
Hum alicate –	Alicate 1

Huma pasta de chumbo que serve de picar limas –	Pasta de chumbo 1
Dous rebollos, hum novo, e outro velho, com hum veio de ferro –	Rebollos 2
Tres bigornas –	Bigornas 3
Hum riscador –	Riscador 1
Dous canos de folles com seus paus, e hum de assentar os paus, e dous curvetoins –	Canos de Folles 2

Ferramentas de Carpinteiro

Hum macete de pau, sem cabo –	Macete 1
Sinco machados velhos –	Machados Velhos 5
Douz ditos quebrados –	2 ditos quebrados
Hum olho de outro machado –	olho de machado 1
Vinte, e tres verrumas entre grandes e piquenas, e outras velhiçimas –	Verrumas 23
Duas folhas de serra –	Folhas de Serra 2
Quatro meios trados –	meios trados 4
Hum trado –	Trado mais 1
Dous martellos –	Martellos 2
Hum compasso de volta –	Compasso [de] volta [1]
[5]v	
Hum excoplo –	Excoplo 1
Oito argollas com suas pontas de pregar nas taboins –	Argollas 8
Huma folha de serra ja quebrada no serviço de ElRey –	Folha de serra 1

Ferramentas, e matreaais de Pedreiro

Sette colheres de pedreiro –	Colheres de pedreiro 7
Vinte, e nove picaretas todas quebradas, e sem serventia nenhuma –	Picaretas 29
Treze emchadas sem nenhuma serventia, todas quebradas –	Emchadas [13]
Mais huma emchada –	mais 1 emchada
Sinco olhos de emxadas sem nenhuma serventia –	olhos de emxadas 5
Vinte, e sete pas entrando nesta conta sinco quebradas –	Pas [27]
Tres cochos de acarretar pedras –	Cochos [3]
Huma siranda –	1 Siranda

As aduellas de huma barrica que teve cal –	Barrica [aduellas]
Huma caza na fortalleza real com hum garnel de tijolloz que a mayor parte estão quebrados –	Tijollos [...]

Armas de fogo e suas munições

Noventa, e oito Armas de fogo aparelhadas com muitas falltas, e todas chujas de ferruje –	Armas de fogo 98
[6]r	
Cento, e quatro armas de fogo velhiçimas com muito danno e quebradas sem serventia nenhuma –	Armas Velhiçimas 104
Vinte, e sinco Arcabuzes –	Arcabuzes 25
Vinte, e Sette Armas de fogo entrando nesta conta seis sem fechos que por emcapazes se estruhirão –	Armas Velhiçimas 27
Tres fechos de expingardas –	Fechos de expingarda 3
Cento vinte, e huma patronas com seus corrioins a mayor parte velhiçimos sem serventia –	Patronas 121
Quarenta, e quatro Ballas com alguns danos –	Ballas 44
Huma Bandoleira de garnadeiro –	Bandoleira 1
Settenta, e sinco cartuxeiras velhas, e outras emcapazes –	Cartuxeiras 75
Trezentos sessenta e seis frascos, entrando outros velhiçimos sem serventia –	Frascos 366
Cento trinta e huma bayonetas –	Bayonetas 131
E cressem do Numero de bayonetas oito baynhas –	Bainhas 8
Sessenta corrioins que estão nas mesmas espingardas referidas, e muitos com pedaços sem serventia –	Corrioins 60
Outo centtas sincoenta, e seis pedras de fogo –	Pedras de fogo 856
Quarenta e dous cunhetes de Ballas de chumbo que pello seu pezo antigo emporta em trinta , e seis quintais, e duas arrobas –	Cunhetes de ballas de chumbo 42 com 36 <i>quintais</i> , e 2 <i>arrobas</i>
Seis mil, e sete Ballaz razas ceparados os calibres no expardeeiro da Alfandega velha sem guarda, e ento	Ballas razas 6007
[6]v	
E entolhadas debaixo das pedras da mesma parede que arombou que se não poderão contar –	
Sincoenta, e quatro Ballas razas –	Ballas razas 54
Mais vinte, e tres Ballaz razas –	Ballas razas 23

Tres ameidades ditas asima –	<i>ditas</i> 3 ameidades
Duas ditas de pedra –	de Pedra 2
Dez ballas emcadeadas em que entrão duas com faltas nas pontas –	Ballas emcadeadas 10
Tres ballas de palanqueta –	<i>ditas</i> de palanqueta 3
Sinco sacatrapos para Artelharia –	Sacatrapos 5
Quatro soquetes –	Soquetes 4
Duas astias de lanada –	Astias de lanada 2
Quarenta, e oito Astias de lanada entrando outras nos sacatrapos e cucharas –	Astias de lanada 48
Noventa e oito espeques –	Espeques 98
E onze quintais, duas arrobas, e onze libras de Murrão que está na Alfandega se gastarão algumas arrobas mais capazes, e o mais que fica todo podre, e feito coaize com cinza que por esta rezão se não pezou –	Murrão [...]
Quatro pastas de cobre para cucharas –	Pastas de cobre 4
Duas lanadas mais –	Lanadas 2
Quatro alenternas velhíçimas, e emcapazes de serventia –	Alenternas 4
Huma pouca de polvora molhada em hum barril –	Hum barril de polvora molhada
[7]r	
Hum estandarte velhíçimo sem serventia –	[Estandarte] velhíçimo
Huma bocetinha com preguinhos de metal para lanada com quatro centos outenta, e quatro preguinhos –	Preguinhos de metal 484
Hum bottafogo piqueno –	Botafogo piqueno 1
Tres quintais, e huma arroba de ferros comvem a saber cavilhas, pregos, e tudo o mais das carretas em que entrão alguns novos que vierão do Prezidio para Alfandega –	Ferro 3 quintais, e 1 <i>arroba</i>
Huma fechadura feita a moirisca com sua chave velhíçima –	Fechadura a moirisca 1
Dez libras de pasta dos quais se tirarão dous a saber hum para a receita, e despeza deste Almoxarife, e outro para as moniçoins, e sómente deve dar conta de oito libras que recebeu –	Libras de pasta 8
Madeiras de toda a casta	
Huma polé com seu cabo podre –	Polé com seu cabo podre 1

Hum exo velho de Carreta –	Exo velho de carreta 1
Cem paus entrando pedaços bastantes, e outros podres –	Paus 100
Tres caixas de botica –	Caixas de Botica 3
Duas pipas velhas –	Pipas 2
Noventa, e oito polés ou motoins sem roda dentro outros –	Polés 98
Dous paus de mastro que estavam na fortaleza, estão no Belluarte dos cavaleiros –	Paus de mastro 2

[7]v

A caza dalfandega com sua porta e fechadura, e chave e os Armazeins na mesma forma todos com suas portas e fechaduras, e a cravoeira sem porta , os sobrados de sima com suas portas, e janellas, e tres sem chave, sinco cabidos novos, e doze velhos, e quebrados que servem de por as Armas –	A caza da Alfandega
--	---------------------

Cordoame

Cento, e vinte varas de Amaras velhas, e tudo podre que por estar emcapaz se não medio –	Amaras velhas 120 varas
Noventa, e sinco pedaços de cordas, e viradores, e ensarcas tudo cortado, e podre sem serventia nenhuma por estar todo podre se não medio –	Cordas 95 pedaços
Quatro arrobas, vinte, e tres libras de cabo embreado sem serventia nenhuma por estar todo podre se não medio –	Cabos 4 <i>arrobas</i> , e 23 libras
Dous cabos de cabrilha velha sem serventia nenhuma, e podres –	Cabos de cabrilha velhos 2
Quinze barras de ferro de Argolla com quatro quintais duas arrobas, e trinta, e huma libra –	Barras de Argollas 15 com 4 <i>quintais</i> 2 <i>arrobas</i> , e 31 libras
Hum copo de prata com duas onças, e meia que peza –	Copo de prata
Seis barris que se despejou pólvora –	Barris 6
Sinco quintais, e tres arrobas, e quatro libras de murrão todo podre, e emcapaz que por estar desta forma se não pezou –	Murrão podre
Quatro praxoins de pinho para rodas dos reparos das artilharias que estão no prezidio –	Praxoins 4

[8]r

Reparos, e madeiras com suas ferragens e pregarias neçeçarias para a fortaleza desta Praça, e da *Vila* da Praia, e são as seguintes



Dezoito reparos com seus aparelhos e ferraxens de vários calibres que se não sabe por se terem trocados com outros e asim mais seis rodas grandes que crecerão por se terem armado algumas carretas com outras cochas novas que havião –

Vinte, e quatro Pranxoins para soleiras que estão no Prezidio –

Sete caxoins para pregos –

Hum malho com seu cabo quebrado de pau –

Sinco cascos de barris que tiverão alcatrão –

Tres pinceis para alcatroar –

Tres baldes com arcos de ferro para alcatrão –

Hum varão de ferro –

Hum excoplo –

Hum compaço piqueno quebrado, e emcapaz –

Hum calibre de latão –

Duas picaretas –

E asim mais a capella que emtustuhio Manoel Correa de Salema, e sua mulher Joanna de Sancto Agostinho que consta das cousas seguintes

Humas cazas de sobrado na rua do [callaço] junto ao prezidio

[8]v

que são sala, e camara, e hum soto em baixo, e húa cozinha aruinada, e seis quintais providos de cazas que se aruinarão –

Duzentos mil reis para andarem a jurois quais se tomão do dinheiro das capellas que estutuhio Amaro da Serra no reverendo cabido por este dinheiro ter parado na mão e ter recebido o dito Amaro da Serra como testamenteiro que foi do estutuhidor e a dita sua mulher para que se passou precatoria a este juizo para o dito reverendo cabido no Anno de setecentos trinta, e sete em que foi posto cumprasse para se dar a sua execução e veyo esta capella a croa por falta de suceção dos chamados

para admenistração della, e não haver parente algum dos entustihidores que ouvecem de suceder nesta admenistração como se julgou por sentença afinal nos auctos que correrão nos juizos desta provedoria das capellas que estão no cartório do escrivão da correição, e das ditas capellas.

Consta mais esta capella de hua imagem de Nossa Senhora da Esperança que manda o estutuhidor esteja culucada na casa do capitollo do convento de São Francisco desta cidade com sua croa de prata, e o menino, e hum roزاریo de coral emgrazado em prata com sua cruz, e extremos de ouro, e hua borlazinha de sete pernas com tres Aljofres piquenos cada hum.

Reparos de artelharia com suas ferragens 18 mais 6 rodas grandes

Pranxoins 24

Caixoins 7

Malho 1

Cascos de barris de alcatrão 5

Pinceis 3

Baldes 3

Varão de ferro 1

escoplo 1

Compaço 1

Calibre de latão 1

Picaretas 2

Tem esta capella de penção oito mil reis para se fazer a festa a mesma senhora da esperança no dia dezoito do mes de Dezembro de cada ano com vesporas missa cantada, e sermão na mesma caza do capitollo do dito convento cuja festa pertence a fazella o dito reverendo cabido, e não

[9]r

requerendo la hir fazer que a possam fazer mesmo os religiosos pella dita esmolla ; e asim mais tem de penção em cada anno quarenta missas rezadas de esmolla de cem reis cada huma della a alma dos estutihidores; hesta capella se emcorporo nos corpos dos contos desta ilha por ordem de sua magestade; e se tomou posse della pello provedor e almoxarife que foi da real fazenda o coronel Antonio de Britto do Lago do dito anno de setecentos e trinta, e sete e por mandado do dito provedor foi aqui lançada neste livro a dita capella com as declaraçoins neceçarias como se achão no livro do seu anteceçor

para de hoje em diante continuarce a carga della aos Almoxarifes vimdoiros como, esta neste livro, e com as mesmas declaraçoins –

Hum pau de tracto afincado na rua da Baça –

Pau de trato 1

Cento, e vinte armas de fogo –

Armas de fogo 120

cento e vinte baunettas –

baunetas 120

Hum caixão em que vierão as armas de fogo com faltas de bastantes taboas –

caixão 1

Duas bandeiras, e hua dellas se serve com ella –

Bandeiras 2

Seis taboas de casquinha dobrado –

6 taboas de
casquinha dobrado

Nove arrobas de pregos de ripar, e de soalho, e de madeirar –

pregos 9 *arrobas*

Dous barris em que vierão os pregos –

Cascos de barris 2

Dous torninhos de mão –

Torninhos de mão 2

Dezasseis verrumas sortidas –

Verrumas 16

Huma travadeira piquena para serra –

Travadeira *piquena*
1

[9]v

Quatorze limas sorteadas –

Limas sorteadas 14

Duas limas redondas com seus cabos de pau com argollas de ferro, e nas mesmas duas travaduras para as serras do alto –

Limas redondas 2
com seus cabos de
pau

Dous malhos grandes de forja –

Malhos 2

Hum martello de forja –

Martello 1

Duas talhadeiras de sepo –	Talhadeiras de sepo 2
Duas ditas de vergueiro –	<i>ditas</i> de vergueiro 2
Duas atanazes de volta –	Atanazes de volta 2
Tres craveiras de fazer pregos –	Craveiras 3
Quatro cenzeis –	Cenzeis 4
Duas brocas de fazer chaves –	Brocas 2
Seis machados de carpinteiro –	Machados 6
Quatro inchós de carpinteiro –	Inchós 4
Huma tarraxa para fazer perafusos com tres machos –	Tarraxa de fazer perafusos 1
Tres serras de mão –	Serras de mão 3
Duas serras do alto com suas argollas e fuzis de ferro –	Serras do alto 2
Duas armasoins de madeira para ellas –	Armasoins de madeira para serras 2
Huma bigorna mais –	1 Bigorna
Huma padiolla –	Padiolla 1
Hum pranaxão mais dos estavão na fortelleza –	Pranaxão 1
[10]r	
Huma pá mais –	[...]
Huma craveira mais de fazer pregos –	Craveira 1
Seis expingardas mais velhiçimas, emcapazes sem servemtia –	Expingardas 6
Hum malho velho de pedreiro –	Malho de pedreiro 1
Hum casco velho de Barril em que tinha vindo breu –	Casco de barril que teve breu 1
Huma alavanca mais grande que tem hum boraco –	1 alavanca mais
Tres prancois mais que estão no prezidio –	Prancois 3
Cujas monições, Armas, fortificações, Artelharias petrechos, ferramentas, e matriais que consta neste livros atras e asima recebeu o Almoхарife feitor, e recebedor da Fazenda Real ajudante tenente Henrique da Costa Alvarenga, e de como recebeo asignou aqui com o dito Provedor da Real Fazenda, Eu Jorge Martinho Fragozo escrivão dos contos e almoxarifado que a escrevi:	





ÍNDICES

Por João Costa

ÍNDICE CRONOLÓGICO DOS DOCUMENTOS PUBLICADOS NESTE NÚMERO²¹⁴

[s/d], [s/l] – 139

1307 [E. 1345], Évora, Abril, 10 – 69

1312 [E. 1350], Évora, Fevereiro, 22 – 71

1336 [E. 1374], Frielas, Maio, 15 – 77

1346 [E. 1384], Évora, Janeiro, 28 – 81

1374 [E. 1412], Évora, Abril, 7 – 85

1375 [E. 1413], Beja, Fevereiro, 6 – 87

Inserere: 1375 [E. 1413], Vila Viçosa, Janeiro, 3

1375 [E. 1413], Redondo, Janeiro, 21

1376 [E. 1414], Évora, Junho, 21 – 73

Inserere: 1322 [E. 1360], Évora, Junho, 21

1383 [E. 1421], Évora, Abril, 19 – 91

1383 [E. 1421], [Évora], Junho, 6 – 93

1385 [E. 1423], Évora, Maio, 11 – 95

1390 [E. 1428], Lisboa, Janeiro, 1 – 97

1397 [E. 1435], Redondo, Agosto, 22 – 99

1405 [E. 1443], Lisboa, Dezembro, 1 – 101

1414 [E. 1452], Redondo, Agosto, 15 – 105

1423, Évora-Monte, Janeiro, 9 – 107

1438, Golegã, Novembro, 18 – 109

1552, Góis, Setembro, 16 – 117

1553, Goa, Novembro, 1 – 129

1723, Lisboa, Novembro, 24-25 – 151

1750, Ribeira, Ilha de Santiago de Cabo Verde, Abril, 1 – 159

²¹⁴ Os números dizem respeito à numeração das páginas.

ÍNDICE ANTROPONÍMICO E TOPONÍMICO

A

Abrantes – 46, 48, 49, 59

Açacar (Rodrigo Aires de), cf. Rodrigo Aires de Açacar

Achioli (Diogo da Fonseca), cf. Diogo da Fonseca Achioli

Adro (Manuel Mendes do), cf. Manuel Mendes do Adro

Afonso (Ana), cf. Ana Afonso

Afonso (Bartolomeu), cf. Bartolomeu Afonso

Afonso (Catarina), cf. Catarina Afonso

Afonso (Constança), cf. Constança Afonso

Afonso (Diego), cf. Diego Afonso

Afonso (Domingos), cf. Domingos Afonso

Afonso (Fernando), cf. Fernando Afonso

Afonso (Gil), cf. Gil Afonso

Afonso (Inês), cf. Inês Afonso

Afonso (João), cf. João Afonso

Afonso (Lopo), cf. Lopo Afonso

Afonso (Maria), cf. Maria Afonso

Afonso (Martim), cf. Martim Afonso

Afonso (Mécia), cf. Mécia Afonso

Afonso (Nuno), cf. Nuno Afonso

Afonso (Rodrigo), cf. Rodrigo Afonso

Afonso (Roque), cf. Roque Afonso

Afonso (Vasco), cf. Vasco Afonso

Afonso Calombo – 100

Afonso Cu de Padeira (João), cf. João Afonso Cu de Padeira

Afonso de Figueiredo – 113

Afonso de Noronha (D.) – 129, 137

Afonso Domingues – 84, 96

Afonso Domingues Polinho – 111-113

Afonso Eanes – 90, 112

Afonso Eanes Calembó – 106

Afonso Eanes o Cego – 111-113

Afonso Esteves – 103

Afonso Galego – 98

Afonso IV (D.) – 77, 78

Afonso Martins – 96, 111

Afonso Martins Calvo – 90

Afonso Peres – 69, 82, 83

Afonso Pires – 119, 124, 125

Afonso Soares – 79

Afonso V (D.) – 109, 110

Afonso Vasques – 84

Agostinho Rodrigues – 150

Água da Figueira das Lombas (Castelo Branco) – 150

Aguar (Afonso de), cf. Afonso de Aguair

Aguilar (Manuel Fernandes), cf. Manuel Fernandes Aguilar

Aguilar (Pedro de), cf. Pedro de Aguilar

Aguilar do Campo (Castela-a-Velha) – 153

Aires de Açacar (Rodrigo), cf. Rodrigo Aires de Açacar

Albatonim (Gil Vicente), cf. Gil Vicente Albatonim

Albergaria dos Trigueiros (Évora) – 83

Alberto Barducci – 154-157

Alcáçova dos Freires (Évora) – 70, 72

Alcáçova dos Freires (rua da, Évora) – 70

Alcains (Castelo Branco) – 143-147, 149, 150

Alcoba (Castelo Branco) – 146

Alcobaça – 78

Alcochete – 8, 9

Alconchel (praça da porta de, Évora) – 74
 Alda – 83
 Alda Rodrigues – 75
 Aldeia Galega do Ribatejo – 9
 Aleixo Pires (Alexandre), cf. Alexandre Aleixo Pires
 Alexandre Aleixo Pires – 134
 Alfaiates – 45-47, 59
 Algarve – 47, 78, 88, 110
 Almada (Francisco Alves), cf. Francisco Alves Almada
 Almeida (indivíduo) – 145
 Alonso Carrilho – 132
 Alonso de Cervantes – 25, 26
 Alpoim (António de), cf. António de Alpoim
 Alvarenga (Henrique da Costa), cf. Henrique da Costa Alvarenga
 Álvares (Catarina), cf. Catarina Álvares
 Álvares (Diego), cf. Diego Álvares
 Álvares (Diogo), cf. Diogo Álvares
 Álvares (Luís), cf. Luís Álvares
 Álvares de Bordeiro (João), cf. João Álvares de Bordeiro
 Álvares de Bordeiro (Jorge), cf. Jorge Álvares de Bordeiro
 Álvares de Moura (Tomé), cf. Tomé Álvares de Moura
 Álvares de Távora (Luís), cf. Luís Álvares de Távora
 Alvarinhos (Castelo Branco) – 145
 Álvaro de Estunhiga – 26
 Álvaro Gonçalves – 88, 108
 Álvaro Nunes – 93
 Alves de Almada (Francisco), cf. Francisco Alves de Almada
 Amaro da Serra – 169

[Amavalda] (Giralda), cf. Giralda [Amavalda]
 Amberes (Antuérpia) – 154
 América do Sul – 137
 Ana Afonso – 125
 Ana Rodrigues – 142
 Ana Vilela – 141
 André Giraldes – 92
 Anes, cf. Eanes
 Anjou (Duque de), cf. Duque de Anjou
 Antoninho Lourenço – 75
 António da Costa – 133
 António de Alpoim – 154-157
 António de Brito do Lago – 170
 António Fernandes Toscano – 136
 António Gil Machieiro – 144
 António Gomes – 118, 120, 123-125, 127
 António Gonçalves – 146
 António Nunes – 137
 António Nunes de Torrozelo – 124
 António Nunes de Travancinha – 124
 António Pereira – 143
 António Rodrigues Moledo – 142
 António Viles de Cima – 137
 Antunes (Gaspar), cf. Gaspar Antunes
 Antunes (Inácio), cf. Inácio Antunes
 Antunes da Louza (Pedro), cf. Pedro Antunes da Louza
Apparitio Domini (dia de) – 128
 Aragens (apelido) – 146
 Araújo (Francisco de), cf. Francisco de Araújo
 Araújo (Francisco Xavier de), cf. Francisco Xavier de Araújo
 Araújo (Manuel de), cf. Manuel de Araújo
 Arcos – 46

Assentas – 47

Augusto Ferreira – 130

Aveiro (Casa de), cf. Casa de Aveiro

Aveloso – 46, 61

Avenças (Domingos Martins das), cf. Domingos Martins das Avenças

Avis (linhagem) – 41, 43

Azevedo (Tomás Fernando de), cf. Tomás Fernando de Azevedo

Azinal (Miguel do), cf. Miguel do Azinal

B

Baça (rua da, Santiago, Cabo Verde) – 170

Baçaim – 133

Bagnano (Simão de), cf. Simão de Bagnano

Balicocos (Castelo Branco) – 146

Baltasar Fernandes – 119

Baltasar Rabasquero (Jerónimo), cf. Jerónimo Baltasar Rabasquero

Barcos – 46

Barducci (Alberto), cf. Alberto Barducci

Barducci (Francisco Maria), cf. Francisco Maria Barducci

Barnabó (Luís), cf. Luís Barnabó (A.de)

Barreda (Violante), cf. Violante Barreda

Barregão (Castelo Branco) – 142

Barriga (Manuel de Matos), cf. Manuel de Matos Barriga (L.do)

Barros (João de), cf. João de Barros

Bartolomeu Afonso – 92

Bartolomeu Fernandes Carneiro – 140

Bartolomeu Ginori – 151-157

Bartolomeu Rodrigues – 142

Bastião Fernandes – 126

Basto (terra de) – 110-112

Beatriz Correia – 124

Beatriz de Meneses (D.) – 51, 52

Beatriz Pais – 140

Beira – 46, 49, 50, 52, 61

Beja – 47, 87, 90, 156

Beja (Duque de), cf. Duque de Beja

Beja-Viseu (Casa de), cf. Casa de Beja-Viseu

Belida (D.) – 72

Beneditto Tempi – 154

Benfica (Lisboa) – 98

Beringária Eanes – 85, 86 97, 101

Bernardes (Martim), cf. Martim Bernardes

Bernardim (D.) – 135

Bernardo da Costa – 154-155

Bernardo da Fonseca – 136

Bernardo da Silva – 142, 147, 149, 150

Bernardo da Silva Castelo Branco – 141

Bernardo Francisco Leitão Ferreira – 152, 154-157

Bernardo Recagno – 154

Bica Pequena (Lisboa) – 152, 154

Boa Idade (Castelo Branco) – 146

Bocarro (Vicente Eanes), cf. Vicente Eanes Bocarro

Bock (Henrique de), cf. Henrique de Bock

Bonhomini (João Pedro de), cf. João Pedro de Bonhomini

Bordeiro (João Álvares de), cf. João Álvares de Bordeiro

Bordeiro (Jorge Álvares de), cf. Jorge Álvares de Bordeiro

Borquilha (Francisco), cf. Francisco Borquilha

Boto (Castelo Branco) – 150

Boto (Rui), cf. Rui Boto

Bragança (Casa de), cf. Casa de Bragança
 Bragança (Duque de), cf. Duque de Bragança
 Bragança (Isabel de), cf. Isabel de Bragança (D.)
 Branca (D.) – 113
 Branca Domingues – 90
 Branca Pires – 124
 Branco (indivíduo) – 143
 Brandão (Luís de Sousa), cf. Luís de Sousa
 Brandão
 Brás Gonçalves – 119
 Brito do Lago (António de), cf. António de Brito do Lago
 Bueiro (Domingos), cf. Domingos Bueiro
 Bulhão (Manuel Nunes), cf. Manuel Nunes
 Bulhão (L.do)
 Burefa (Domingos Vasques), cf. Domingos Vasques Burefa
 Burefa (Manuel Vasques), cf. Manuel Vasques Burefa
 Burgos – 25

C

Cabo Verde – 159, 160
 Cabra (João de), cf. João de Cabra
 Cabreiro (João), cf. João Cabreiro
 Cádiz – 154
 Cafede (Castelo Branco) – 140
 Cagecernega (José), cf. José Cagecernega
 [Calaço] (rua do, Santiago, Cabo Verde) – 169
 Calça (Rodrigo Eanes), cf. Rodrigo Eanes Calça
 Caldeira Castelo Branco (Simão), cf. Simão
 Caldeira Castelo Branco
 Caldeireiro (rua do, Évora) – 92
 Caldelas (João Gonçalves), cf. João Gonçalves
 Caldelas

Calembo (Afonso Eanes), cf. Afonso Eanes
 Calembo
 Calhariz (Lisboa) – 97, 98, 101
 Calhariz (Porto de, Évora) – 102
 Calombo (Afonso), cf. Afonso Calombo
 Calvo (Afonso Martins), cf. Afonso Martins
 Calvo
 Câmara (Tomás da Silva da), cf. Tomás da Silva da Câmara
 Cambaia – 136, 137
 Cambi (apelido) – 153
 Campos (Hermão de), cf. Hermão de Campos
 Camposa (Rui), cf. Rui Camposa
 Cananor – 134
 Cancela (Castelo Branco) – 149
 Canelas (Castelo Branco) – 141, 145
 Cangalhas (Évora) – 96
 Caniça (Castelo Branco) – 143
 Cão (Giraldo), cf. Giraldo Cão
 Caparrota (Castelo Branco) – 144
 Cardoso (Castelo Branco) – 142, 144, 147
 Caria – 46, 61
 Carlos (D.) – 150
 Carlos de Távora (Miguel), cf. Miguel Carlos de Távora
 Carneiro (Bartolomeu Fernandes), cf. Bartolomeu Fernandes Carneiro
 Carrilho (Alonso), cf. Alonso Carrilho
 Carvalhinho (Castelo Branco) – 141
 Carvalho (Fernão Rodrigues de), cf. Fernão Rodrigues de Carvalho
 Carvalho (Fernão), cf. Fernão Carvalho
 Casa da Índia – 51
 Casa de Aveiro – 41
 Casa de Beja-Viseu – 43
 Casa de Bragança – 43, 46, 60

- Casa de Góis – 128
- Casa de Loulé – 45
- Casa de Marialva – 40, 41, 45, 50, 59, 60
- Casa de Vila Real – 43
- Casa Real – 55
- Casteirão – 46, 60
- Castela – 62
- Castela-a-Velha – 153
- Castelão (Domingos), cf. Domingos Castelão
- Castelo Bom – 45, 46
- Castelo Branco – 143
- Castelo Branco (Bernardo da Silva), cf. Bernardo da Silva Castelo Branco
- Castelo Branco (Gonçalo da Silva), cf. Gonçalo da Silva Castelo Branco
- Castelo Branco (Simão Caldeira), cf. Simão Caldeira Castelo Branco
- Castelo Rodrigo – 45, 46, 49, 61
- Castilho (Fernando Tudela de), cf. Fernando Tudela de Castilho (D.r)
- Catarina – 124
- Catarina (rainha, D.) – 43, 57
- Catarina Afonso – 74
- Catarina Álvares – 124
- Catarina de Sousa Sotomaior – 140, 147, 149
- Catarina Eanes – 107, 108
- Catarina Eanes de Cortecega – 124
- Catarina Fernandes – 126
- Catarina Furtada – 78, 79
- Catarina Gonçalves – 124, 126
- Catarina Magra – 142
- Catarina Martins – 107, 108
- Cavaleiros (baluarte dos, Santiago, Cabo Verde) – 161, 168
- Cazelhos (Fernando Eanes dos), cf. Fernando Eanes dos Cazelhos
- Cedovim – 46, 61
- Cego (Afonso Eanes), cf. Afonso Eanes Cego
- Celorico de Basto (julgado) – 112
- Cervantes (Alonso de), cf. Alonso de Cervantes
- César (João Eanes), cf. João Eanes César
- César (João), cf. João César
- Chacote (Gonçalo Domingos), cf. Gonçalo Domingos Chacote
- Chale – 135
- Champalimaud (baluarte, Santiago, Cabo Verde) – 162
- Chão da Capela (Góis) – 124
- Chão das Colmeias (Góis) – 119
- Chaul – 133
- Chavões – 46
- Cima (António Viles de), cf. António Viles de Cima
- Clara Eanes – 93
- Cochim – 135
- Coelho (João), cf. João Coelho
- Cogominho (Fernão Gonçalves), cf. Fernão Gonçalves
- Coimbra – 54, 59, 117, 118
- Colcheiro (Pai), cf. Pai Colcheiro
- Conde de Loulé – 46
- Conde de Marialva – 41-46, 56
- Conde de São Vicente – 128
- Conde de Tentúgal – 42
- Condessa de Loulé – 50, 51
- Congregação do Oratório (Lisboa) – 154, 156
- Constança Eanes – 73, 74
- Constança Peres – 92
- Constança Vasques – 69-71, 73
- Córdoba – 86
- Corga do Longo (Castelo Branco) – 145

Coroa de Portugal – 40-46, 49, 50, 52, 59, 62-64

Corredoura (Góis) – 125

Correia (Beatriz), cf. Beatriz Correia

Correia (João), cf. João Correia

Correia de Salema (Manuel), cf. Manuel Correia de Salema

Cortecega – 126

Cortecega (Catarina Eanes de), cf. Catarina Eanes de Cortecega

Costa (António da), cf. António da Costa

Costa (Bernardo da), cf. Bernardo da Costa

Costa (Isabel da), cf. Isabel da Costa

Costa Alvarenga (Henrique da), cf. Henrique da Costa Alvarenga

Costa Estaço (Simão da), cf. Simão da Costa Estaço (D.r)

Çoudo (Domingos), cf. Domingos Çoudo

Coulão – 136

Coutinho (Fernão da Cunha), cf. Fernão da Cunha Coutinho

Coutinho (Francisco), cf. Francisco Coutinho (D.)

Coutinho (Guiomar), cf. Guiomar Coutinho (D.)

Coutinho (Manuel da Fonseca), cf. Manuel da Fonseca Coutinho

Cristo (Jesus), cf. Jesus Cristo

Cristóvães (Estêvão), cf. Estêvão Cristóvães

Cristóvão Moreira – 118, 126, 127

Cromberger (Jacobo), cf. Jacobo Cromberger

Cruz de Montalvão (Castelo Branco) – 146

Cunha (Fernão Vasques da), cf. Fernão Vasques da Cunha

Cunha (Sebastião da), cf. Sebastião da Cunha

Cunha Coutinho (Fernão da), cf. Fernão da Cunha Coutinho

Cunha da Fonseca (Luís da), cf. Luís da Cunha da Fonseca

D

Dias (Fernão), cf. Fernão Dias

Dias (Francisco), cf. Francisco Dias

Diego Afonso – 110

Diego Álvares – 102, 103

Diego Domingues – 103

Diego Gil Ferreira – 114

Diego Martins – 110, 111

Dinis (D.) – 78, 79

Diogo (D.) – 119

Diogo Álvares – 100, 127, 128

Diogo da Fonseca Achioli – 147, 149

Diogo da Silveira (D.) – 127

Diogo Francisco Loureiro – 152, 156

Diogo Gonçalves – 72

Diogo Gonçalves Barreto – 142

Diu – 133

Domingo Eanes – 83

Domingos (João), cf. João Domingos

Domingos Afonso – 77, 78

Domingos Bueiro – 73, 74

Domingos Castelão – 79

Domingos Chacote (Gonçalo), cf. Gonçalo Domingos Chacote

Domingos Çoudo – 89

Domingos Esteves (Soeiro), cf. Soeiro Domingos Esteves

Domingos Fernandes – 125, 145

Domingos Fernandes Velido – 143, 146

Domingos Gonçalves Nereo – 144

Domingos Martins das Avenças – 84

Domingos Mendes – 78
 Domingos Peres – 74
 Domingos Rodrigues – 147
 Domingos Soeiro – 74
 Domingos Vasques Burefa – 150
 Domingos Vasques Nunes – 143
 Domingos Vasques Rato – 149
 Domingues (Afonso), cf. Afonso Domingues
 Domingues (Branca), cf. Branca Domingues
 Domingues (Diego), cf. Diego Domingues
 Domingues (Estêvão), cf. Estêvão Domingues
 Domingues (João), cf. João Domingues
 Domingues (Lourenço), cf. Lourenço Domingues
 Domingues (Martim), cf. Martim Domingues
 Domingues (Mem), cf. Mem Domingues
 Domingues (Mor), cf. Mor Domingues
 Domingues (Pero), cf. Pero Domingues
 Domingues (Sibião), cf. Sibião Domingues
 Domingues (Vasco), cf. Vasco Domingues
 Domingues (Vicente), cf. Vicente Domingues
 Domingues do Paço (Manuel), cf. Manuel Domingues do Paço
 Domingues Manhais (João), cf. João Domingues Manhais
 Domingues Polinho (Afonso), cf. Afonso Domingues Polinho
 Dórdia Martins – 69, 70
 Duarte (infante, D.) – 41, 46, 66
 Duarte (Pedro), cf. Pedro Duarte
 Duarte (Pero), cf. Pero Duarte
 Duarte da Fonte (Pedro), cf. Pedro Duarte da Fonte
 Ducado da Guarda – 39, 40, 46, 52, 56, 59, 63
 Ducado de Guimarães – 41, 46

Duque da Guarda – 47, 62
 Duque de Anjou – 58
 Duque de Beja – 58
 Duque de Bragança – 40
 Duque de Coimbra – 63
 Durães (João), cf. João Durães
 Durães (Vasco), cf. Vasco Durães
 Durão (Fr.) – 78-79
 Durão Martins – 70

E

Eanes (Afonso), cf. Afonso Eanes
 Eanes (Beringária), cf. Beringária Eanes
 Eanes (Catarina), cf. Catarina Eanes
 Eanes (Clara), cf. Clara Eanes
 Eanes (Constança), cf. Constança Eanes
 Eanes (Domingo), cf. Domingo Eanes
 Eanes (Esteve), cf. Esteve Eanes
 Eanes (Filipe), cf. Filipe Eanes
 Eanes (Francisco), cf. Francisco Eanes
 Eanes (Gonçalo), cf. Gonçalo Eanes
 Eanes (João), cf. João Eanes
 Eanes (Lourenço), cf. Lourenço Eanes
 Eanes (Maria), cf. Maria Eanes
 Eanes (Martim), cf. Martim Eanes
 Eanes (Pai), cf. Pai Eanes
 Eanes (Rodrigo), cf. Rodrigo Eanes
 Eanes (Vasco), cf. Vasco Eanes
 Eanes (Vicente), cf. Vicente Eanes
 Eanes Bocarro (Vicente), cf. Vicente Eanes Bocarro
 Eanes Calça (Rodrigo), cf. Rodrigo Eanes Calça

Eanes Calembó (Afonso), cf. Afonso Eanes Calembó

Eanes Cego (Afonso), cf. Afonso Eanes Cego

Eanes César (João), cf. João Eanes César

Eanes da Luzenda (Joana), cf. Joana Eanes da Luzenda

Eanes da Silveira (Gonçalo), cf. Gonçalo Eanes da Silveira

Eanes de Cortecega (Catarina), cf. Catarina Eanes de Cortecega

Eanes de Ribas (Vasco), cf. Vasco Eanes de Ribas

Eanes dos Cazelhos (Fernando), cf. Fernando Eanes dos Cazelhos

Eiras (Isabel de), cf. Isabel de Eiras

Entre-Douro-e-Minho (correição de) – 114

Entre-Tejo-e-Odiana (comarca de) – 47

Ervideiro (Castelo Branco) – 145

Escalhão (Manuel Martins), cf. Manuel Martins Escalhão

Escalos de Baixo (Castelo Branco) – 148, 150

Escalos de Cima (Castelo Branco) – 143, 145, 146

Espanha – 153, 154

Espanhola (Jerónima), cf. Jerónima Espanhola (D.)

Esparto Peres – 72

Estaça Eanes – 86

Estaço (Simão da Costa), cf. Simão da Costa Estaço (D.r)

Estevainha Esteves – 108

Estêvão Cristóvãos – 97, 98

Estêvão Domingues – 79, 96, 100

Estêvão Martins – 70, 93, 96, 98

Estêvão Olivieri – 152

Estêvão Vasques – 88-90, 93, 128

Estêvão Vasques de Góis – 88, 89, 128

Estêvão Vicente – 75

Esteve Eanes – 74, 78

Esteves (Afonso), cf. Afonso Esteves

Esteves (Estevainha), cf. Estevainha Esteves

Esteves (Gavião Francisco), cf. Gavião Francisco Esteves

Esteves (Gil), cf. Gil Esteves

Esteves (João), cf. João Esteves

Esteves (Lourenço), cf. Lourenço Esteves

Esteves (Maria), cf. Maria Esteves

Esteves (Mor), cf. Mor Esteves

Esteves (Soeiro Domingos), cf. Soeiro Domingos Esteves

Esteves (Vasco), cf. Vasco Esteves

Estunhiga (Álvaro de), cf. Álvaro de Estunhiga

Eugénia (D.) – 42

Évora – 69-74, 81, 82, 84-86, 92, 95, 96, 100, 106-108, 153, 154, 156

Évora-Monte – 107, 108

F

Fagundes (Martim), cf. Martim Fagundes

Fernandes (Baltasar), cf. Baltasar Fernandes

Fernandes (Bastião), cf. Bastião Fernandes

Fernandes (Catarina), cf. Catarina Fernandes

Fernandes (Domingos), cf. Domingos Fernandes

Fernandes (Francisco), cf. Francisco Fernandes

Fernandes (Gaspar), cf. Gaspar Fernandes

Fernandes (Gil), cf. Gil Fernandes

Fernandes (Gonçalo), cf. Gonçalo Fernandes

Fernandes (Heitor), cf. Heitor Fernandes

Fernandes (Isabel), cf. Isabel Fernandes

Fernandes (Leonor), cf. Leonor Fernandes

Fernandes (Marcos), cf. Marcos Fernandes
 Fernandes (Martim), cf. Martim Fernandes
 Fernandes (Santos), cf. Santos Fernandes
 Fernandes (Simão), cf. Simão Fernandes
 Fernandes (Valentim), cf. Valentim Fernandes
 Fernandes Aguiar (Manuel), cf. Manuel Fernandes Aguiar
 Fernandes Carneiro (Bartolomeu), cf. Bartolomeu Fernandes Carneiro
 Fernandes Porrito (Gonçalo), cf. Gonçalo Fernandes Porrito
 Fernandes Preto (Manuel), cf. Manuel Fernandes Preto
 Fernandes Toscano (António), cf. António Fernandes Toscano
 Fernandes Velido (Domingos), cf. Domingos Fernandes Velido
 Fernando – 83, 123
 Fernando (D.) – 88, 108
 Fernando (Infante, D.) – 39-41, 43, 45, 49, 52-55, 58, 60-64
 Fernando Afonso – 73-75
 Fernando de Azevedo (Tomás), cf. Tomás Fernando de Azevedo
 Fernando de Meneses (D.) – 141, 145, 149, 150
 Fernando Eanes dos Cazelhos – 119
 Fernando Tudela de Castilho (D.r) – 149
 Fernão Carvalho – 118, 120
 Fernão Coutinho – 114, 115
 Fernão da Cunha Coutinho – 110
 Fernão de Oliveira – 36
 Fernão de Pina – 7, 8
 Fernão Dias – 147
 Fernão Gonçalves Cogominho – 78
 Fernão Peres – 90, 98
 Fernão Ramos Gabriel (P.e) – 142, 148

Fernão Ribeiro – 133
 Fernão Rodrigues de Carvalho – 131
 Fernão Rodrigues Pica-peixe – 140, 141, 146
 Fernão Tudela – 145
 Fernão Vasques – 116
 Fernão Vasques da Cunha – 109-111, 113
 Ferreira (Augusto), cf. Augusto Ferreira
 Ferreira (Bernardo Francisco Leitão), cf. Bernardo Francisco Leitão Ferreira
 Ferreira (Castelo Branco) – 146
 Ferreira (Diego Gil), cf. Diego Gil Ferreira
 Ferreira (Inácio), cf. Inácio Ferreira (P.e)
 Ferreirim – 61
 Ferreiros (rua dos, Castelo Branco) – 141, 144, 145
 Figueira de Castelo Rodrigo – 61
 Figueira de Lombas (Castelo Branco) – 141, 150
 Figueiredo (Afonso de), cf. Afonso de Figueiredo
 Figueiredo (João de), cf. João de Figueiredo
 Figueiredo (João), cf. João Figueiredo
 Figueiredo (Pedro de), cf. Pedro de Figueiredo
 Filipa de Vilhena (D.) – 126
 Filipe Eanes – 114
 Flandres – 122
 Florença – 152-155
 Folco Renuccini (Marques), cf. Marques Folco Renuccini
 Folgado (Simão), cf. Simão Folgado
 Fonseca (Bernardo da), cf. Bernardo da Fonseca
 Fonseca (Gaspar da), cf. Gaspar da Fonseca
 Fonseca (João), cf. João Fonseca
 Fonseca (Luís da Cunha da), cf. Luís da Cunha da Fonseca

Fonseca Achioli (Diogo da), cf. Diogo da Fonseca Achioli

Fonseca Coutinho (Manuel), cf. Manuel Fonseca Coutinho

Fonte (Pedro Duarte da), cf. Pedro Duarte da Fonte

Fonte Arcada – 46, 61

Fonte da Barroca (Castelo Branco) – 132, 136

Fonte do Almunheiro (Castelo Branco) – 128

Fonte Nova (Castelo Branco) – 134

Formoso (Pero), cf. Pero Formoso

Fragoso (Jorge Martinho), cf. Jorge Martinho Fragoso

França (João Valente da), cf. João Valente da França

Francisco (Manuel), cf. Manuel Francisco

Francisco (Ricardo José), cf. Ricardo José Francisco

Francisco Alves de Almada – 160

Francisco Borquilha – 150

Francisco Coutinho (D.) – 40, 45, 46, 49, 50, 60

Francisco de Araújo – 119

Francisco de Melo (conde, D.) – 46

Francisco de Mesquita – 140

Francisco Domingues – 74

Francisco Eanes – 78

Francisco Esteves (Gavião), cf. Gavião Francisco Esteves

Francisco Fernandes – 125

Francisco Freire – 140

Francisco Ginori (João), cf. João Francisco Ginori

Francisco Gonçalves – 145

Francisco Leitão Ferreira (Bernardo), cf. Bernardo Francisco Leitão Ferreira

Francisco Loureiro (Diogo), cf. Diogo Francisco Loureiro

Francisco Maria Barducci – 156, 157

Francisco Marques – 145, 146

Francisco Peres – 75

Francisco Ricardi (Marques), cf. Marques Francisco Ricardi

Francisco Rodrigues – 140

Francisco Tempí – 154

Francisco Xavier de Araújo – 160

Frausto (indivíduo) – 106

Freiria (comenda) – 93

Frielas – 77, 78

Freitas (Vasques de), cf. Vasques de Freitas (D.)

Furtada (Catarina), cf. Catarina Furtada

Furtado (Vasco), cf. Vasco Furtado

G

Gadanho (indivíduo) – 93

Galego (Afonso), cf. Afonso Galego

Galharde (Germão), cf. Germão Galharde

Galiza – 78

Galvão (Jusarte), cf. Jusarte Galvão

Gaspar Antunes – 144

Gaspar da Fonseca – 147

Gaspar Fernandes – 125

Gaspar Gonçalves Ribeiro – 131

Gaspar Mouzinho – 144

Gaspar Mouzinho Magro – 140, 144

Gavião Francisco Esteves – 72

Geraldo Martins – 85, 86, 102

Germão Galharde – 11, 22, 25-28, 30-32, 34-36

Gil (Marcos), cf. Marcos Gil (P.e)

Gil (Martim), cf. Martim Gil

Gil Afonso – 108

- Gil Esteves – 70
- Gil Fernandes – 119
- Gil Ferreira (Diego), cf. Diego Gil Ferreira
- Gil Machieiro (António), cf. António Gil Machieiro
- Gil Martins – 86
- Gil Nunes – 70
- Gil Vicente – 107, 108
- Gil Vicente Albatonim – 89
- Ginori (Bartolomeu), cf. Bartolomeu Ginori
- Ginori (João Francisco), cf. João Francisco Ginori
- Ginori (Lourenço), cf. Lourenço Ginori
- Ginori (Nicolau), cf. Nicolau Ginori
- Giralda [Amavalda] – 82
- Giraldes (André), cf. André Giraldes
- Giraldo Cão – 130
- Giraldo Martins de Lemos – 98
- Goa – 129, 136, 137
- Góis (Coimbra) – 118, 119, 123, 125-128
- Góis (Estêvão Vasques de), cf. Estêvão Vasques de Góis
- Góis (João de), cf. João de Góis
- Góis (Simão de), cf. Simão de Góis
- Góis (Simão Vasques de), cf. Simão Vasques de Góis
- Golegã – 105
- Gomes (Gonçalo), cf. Gonçalo Gomes
- Gomes (João), cf. João Gomes
- Gomes (Marcos), cf. Marcos Gomes
- Gomes (Rui), cf. Rui Gomes
- Gomes (Sebastião), cf. Sebastião Gomes
- Gomes Lourenço – 84, 100
- Gomes Rato (Manuel), cf. Manuel Gomes Rato
- Gonçalo da Silva Castelo Branco – 140, 149
- Gonçalo Domingos Chacote – 74-75
- Gonçalo Eanes – 74, 79, 92, 93, 96
- Gonçalo Eanes da Silveira – 99, 100
- Gonçalo Fernandes – 146
- Gonçalo Fernandes Porrito – 143, 146
- Gonçalo Gomes – 90
- Gonçalo Martins – 70, 78
- Gonçalo Peres – 86
- Gonçalo Vasques – 143
- Gonçalo Vasques da Silveira – 74
- Gonçalves (Álvaro), cf. Álvaro Gonçalves
- Gonçalves (António), cf. António Gonçalves
- Gonçalves (Brás) cf. Brás Gonçalves
- Gonçalves (Diogo), cf. Diogo Gonçalves
- Gonçalves (Francisco), cf. Francisco Gonçalves
- Gonçalves (Isabel), cf. Isabel Gonçalves
- Gonçalves (João), cf. João Gonçalves
- Gonçalves (Leonor), cf. Leonor Gonçalves
- Gonçalves (Lopo), cf. Lopo Gonçalves
- Gonçalves (Martim), cf. Martim Gonçalves
- Gonçalves (Mem), cf. Mem Gonçalves
- Gonçalves (Pero), cf. Pero Gonçalves
- Gonçalves (Rui), cf. Rui Gonçalves
- Gonçalves (Vasco), cf. Vasco Gonçalves
- Gonçalves Barreto (Diogo), cf. Diogo Gonçalves Barreto
- Gonçalves Caldelas (João), cf. João Gonçalves Caldelas
- Gonçalves Cogominho (Fernão), cf. Fernão Gonçalves Cogominho
- Gonçalves da Silveira (Leonor), cf. Leonor Gonçalves da Silveira
- Gonçalves Nereo (Domingos), cf. Domingos Gonçalves Nereo
- Gonçalves Ribeiro (Gaspar), cf. Gaspar Gonçalves Ribeiro

Gondra – 62
 Goujoim – 46
 Granara (Lourenço Maria), cf. Lourenço Maria Granara
 Granja – 46
 Guarda – 47-49, 59
 Guarda (Ducado da), cf. Ducado da Guarda
 Guimarães – 46, 109-111, 113, 114
 Guimarães (Ducado de), cf. Ducado de Guimarães
 Guiomar Coutinho (D.) – 40, 45, 46, 49, 51, 54, 56, 57, 62
 Guiomar de Noronha – 43
 Guterres (João), cf. João Guterres

H

Heitor Fernandes – 126
 Henrique da Costa Alvarenga – 160, 171
 Henrique de Bock – 155, 156
 Hermão de Campos – 11-14, 21-24
 Homem (Pedro), cf. Pedro Homem
 Horta – 46
 Horta (herdade da, Celorico de Basto) – 112, 113
 Hurtado (Lope), cf. Lope Hurtado

I

Inácio Antunes – 143
 Inácio Ferreira (P.e) – 156, 157
 Índia – 120-122, 127, 130, 132, 137
 Índias de Espanha, cf. América do Sul
 Inês Afonso – 98
 Inquisição, cf. Santo Ofício

Isabel – 140
 Isabel (imperatriz) – 51
 Isabel (rainha, D.) – 77, 78
 Isabel da Costa – 119
 Isabel de Bragança (D.) – 41, 46
 Isabel de Eiras – 147, 148
 Isabel Fernandes – 119
 Isabel Gonçalves – 119, 124

J

Jacobo Cromberger – 26
 Jaime (D.) – 41
 Jerónima Espanhola (D.) – 155
 Jerónima Tosco (Joana), cf. Joana Jerónima Tosco (D.)
 Jerónimo Baltasar Rabasquero – 154
 Jesus Cristo – 17, 121
 Joana de Santo Agostinho – 169
 Joana Eanes da Luzenda – 119, 124
 Joana Jerónima Tosco (D.) – 153
 Joana Soares – 140
 Joane – 74
 João (Mestre), cf. Mestre João
 João Afonso – 86, 90, 96
 João Afonso Cu de Padeira – 89
 João Álvares de Bordeiro – 124, 126
 João Cabreiro – 92, 93, 96
 João César – 73, 74
 João Coelho – 124, 125
 João Correia – 74
 João de Aguiar – 146
 João de Barros – 25
 João de Cabra – 99, 100

João de Figueiredo – 112
 João de Góis – 126
 João de Lencastre (D.) – 46
 João de Lisboa – 103, 114
 João de Roças – 110-113
 João de Valadares – 148
 João de Veiros – 108
 João Domingos – 101, 102
 João Domingues – 98, 102
 João Domingues Manhais – 103
 João Durães – 93
 João Eanes – 92, 101, 114
 João Eanes César – 69, 70
 João Esteves – 83, 110
 João Figueiredo – 110
 João Fonseca – 60
 João Francisco Ginori – 152, 153, 155-157
 João Franco – 106
 João Gomes – 93
 João Gonçalves – 78, 105, 106
 João Gonçalves Caldelas – 92
 João Guterres – 83
 João II (D.) – 7, 25
 João III (D.) – 40, 43, 46, 49, 63
 João Loução – 84
 João Lourenço – 74, 96
 João Luís Paganelli – 153, 154
 João Martins – 78
 João Martins Junqueiro – 100
 João Mendes de Paiva – 145, 149
 João Moreno – 100
 João Nunes – 145
 João [Pavia] – 100
 João Pedro de Bonhomini – 11-13, 15, 21, 31

João Peres – 113
 João Pires – 125
 João Rei – 100
 João Requerido – 100
 João Sanches – 140
 João Teles – 148
 João Tomé – 91-93
 João Torrado – 93
 João Valente da França – 156
 João Vasques – 143
 João Veloso – 119, 125, 126
 João Vicente – 78, 103, 104
 João Vicente da Torre – 100
 Jorge Álvares de Bordeiro – 124, 126
 Jorge de Lencastre (D.) – 63
 Jorge Manrique (D.) – 25
 Jorge Martinho Fragoso – 160, 171
 Jorge Rodrigues – 118-120, 124, 126, 127
 José Cagecernega – 153
 José da Silva – 149
 José Francisco (Ricardo), cf. Ricardo José Francisco
 José Monteiro de Sousa – 153
 José Simão – 146
 José Simão Vilela (P.e) – 141, 145, 148
 Judici (apelido) – 157
 Junqueiro (João Martins), cf. João Martins Junqueiro
 Jusarte Galvão – 125, 128
 Justiniano (Lourenço), cf. Lourenço Justiniano

K

Kessel (Maria van), cf. Maria van Kessel

L

Ladário (Celorico de Basto) – 112

Lago (António de Brito do Lago), cf. António de Brito do Lago

Lamego – 47-49, 59-61, 65

Lameira do Dão (Castelo Branco) – 146

Lameiros – 78

Lemos (Giraldo Martins de), cf. Giraldo Martins de Lemos

Lencastre (João de), cf. João de Lencastre (D.)

Lencastre (Jorge de), cf. Jorge de Lencastre (D.)

Leomil – 46

Leonor Fernandes – 124

Leonor Gonçalves – 75, 89, 93, 99, 100

Leonor Gonçalves da Silveira – 92, 96, 105, 106

Leonor Vasques Vilela – 141, 145, 147

Lisboa – 5, 9, 12-15, 17, 25-28, 30, 31, 34 78, 97, 98, 101-103, 114, 151-154, 156

Lisboa (João de), cf. João de Lisboa

Longa – 46

Lope Hurtado – 51

Lopo Afonso – 83, 84

Lopo Gonçalves – 124, 126

Lopo Rodrigues – 96

Lopo Soares – 90

Loução (João), cf. João Loução

Loulé – 45, 46, 61, 62

Loulé (Casa de), cf. Casa de Loulé

Loulé (Condessa de), cf. Condessa de Loulé

Louredo (Évora) – 96

Loureiro (Diogo Francisco), cf. Diogo Francisco Loureiro

Lourenço (Antoninho), cf. Antoninho Lourenço

Lourenço (Gomes), cf. Gomes Lourenço

Lourenço (João), cf. João Lourenço

Lourenço (Margarida), cf. Margarida Lourenço

Lourenço Domingues – 93

Lourenço Eanes – 106

Lourenço Esteves – 84, 96

Lourenço Ginori – 153, 155

Lourenço Justiniano – 14

Lourenço Maria Granara – 154-157

Lourenço Martins – 89, 96

Lourenço Testa (Vasco), cf. Vasco Lourenço Testa

Lourenço Vicente – 70, 74

Louza (Castelo Branco) – 143, 144, 146

Louza (Manuel Marques da), cf. Manuel Marques da Louza

Louza (Pedro Antunes da), cf. Pedro Antunes da Louza

Luís (infante, D.) – 40, 43, 49, 55, 58, 63, 64

Luís (Manuel), cf. Manuel Luís (P.e)

Luís Álvares – 127, 128

Luís Álvares de Távora – 126

Luís Barnabó (A.de) – 156

Luís da Cunha da Fonseca – 140, 148

Luís de Sousa Brandão – 142, 149

Luís de Valadares Sotomaior (D.r) – 144, 150

Luís Paganelli (João), cf. João Luís Paganelli

Luís Ribeiro – 51

Luís Rodrigues – 25, 28

Luzenda (Joana Eanes da), cf. Joana Eanes da Luzenda

M

Machieiro (António Gil), cf. António Gil Machieiro

Madrid – 153

Mafalda Rodrigues – 81-84

Magalhães (Rodrigo), cf. Rodrigo Magalhães

Magra (Catarina), cf. Catarina Magra

Magro (Gaspar Mouzinho), cf. Gaspar Mouzinho Magro

Magro (Pedro), cf. Pedro Magro

Magueija – 46

Malaca – 130

Malforo (rua de, Évora) – 92, 96

Malpica (Castelo Branco) – 146

[Maluco] – 130

Manga da Rainha (Castelo Branco) – 142

Manhais (João Domingues), cf. João Domingues Manhais

Manrique (Jorge), cf. Jorge Manrique (D.)

Manuel (D.) (duque de Beja) – 58

Manuel Correia de Salema – 169

Manuel da Fonseca Coutinho – 142, 148

Manuel da Sena Soares – 153

Manuel de Araújo – 140

Manuel de Matos Barriga (L.do) – 148

Manuel de Valadares Sotomaior – 144, 148

Manuel Domingues do Paço – 154

Manuel Fernandes Aguilar – 147

Manuel Fernandes Preto – 143

Manuel Francisco – 144

Manuel Gomes Rato – 146

Manuel I (D.) – 7, 40, 41

Manuel Luís (P.e) – 118, 119, 123-127

Manuel Marques da Louza – 150

Manuel Martins Escalhão – 144

Manuel Martins Pica-peixe – 147

Manuel Mendes – 123

Manuel Mendes do Adro – 143, 144

Manuel Nunes Bulhão (L.do) – 142

Manuel Pereira da Silveira – 145

Manuel Rodrigues – 126

Manuel Rodrigues (F.e) – 142

Manuel Rosado Varela – 118

Manuel Sanches – 146, 149

Manuel Simão – 150

Manuel Vasques – 143

Manuel Vasques Burefa – 150

Marcos Fernandes – 125

Marcos Gil (P.e) – 141

Marcos Gomes – 119

Marcos Rodrigues – 72

Margarida Lourenço – 105, 106

Margarida Seca – 96

Maria (D.) – 125

Maria (infanta, D.) – 57

Maria Afonso – 84, 92, 96

Maria Barducci (Francisco), cf. Francisco Maria Barducci

Maria de Morais – 125

Maria Eanes – 101, 111

Maria Esteves – 96

Maria Granara (Lourenço), cf. Lourenço Maria Granara

Maria Martins – 96

Maria Neta (Castelo Branco) – 146

Maria Pacheca – 96

Maria Ramos (Castelo Branco) – 149

Maria van Kessel – 154

Maria Vasques – 84, 112, 113

Marialva – 46, 47, 49, 61

Marialva (Casa de), cf. Casa de Marialva
 Marialva (Conde de), cf. Conde de Marialva
 Marialva (família) – 41, 46, 51
 Marisco (Vicente Martins), cf. Vicente Martins
 Marisco
 Marques (Francisco), cf. Francisco Marques
 Marques (Martim), cf. Martim Marques
 Marques da Louza (Manuel), cf. Manuel
 Marques da Louza
 Marquês de Torres Novas – 41, 46
 Marques Folco Renuccini – 154
 Marques Francisco Ricardi – 154
 Martim Afonso – 93, 96
 Martim Bernardes – 83
 Martim de Monsaraz – 106
 Martim Domingues – 111, 113
 Martim Eanes – 86, 90, 93
 Martim Fagundes – 89
 Martim Fernandes – 75
 Martim Gil – 74
 Martim Gonçalves – 77, 78
 Martim Marques – 144
 Martim Peres – 72
 Martim Rodrigues – 96
 Martim Vicente – 70
 Martinez (Sebastian), cf. Sebastian Martinez
 Martinho de Oliveira – 149
 Martinho Fragoso (Jorge), cf. Jorge Martinho
 Fragoso
 Martins (Afonso), cf. Afonso Martins
 Martins (Catarina), cf. Catarina Martins
 Martins (Diego), cf. Diego Martins
 Martins (Dórdia), cf. Dórdia Martins
 Martins (Durão), cf. Durão Martins
 Martins (Estêvão), cf. Estêvão Martins

Martins (Geraldo), cf. Geraldo Martins
 Martins (Gil), cf. Gil Martins
 Martins (Gonçalo), cf. Gonçalo Martins
 Martins (João), cf. João Martins
 Martins (Lourenço), cf. Lourenço Martins
 Martins (Maria), cf. Maria Martins
 Martins (Miguel), cf. Miguel Martins
 Martins (Vasco), cf. Vasco Martins
 Martins Calvo (Afonso), cf. Afonso Martins
 Calvo
 Martins das Avenças (Domingos), cf. Domingos
 Martins das Avenças
 Martins de Lemos (Giraldo), cf. Giraldo Martins
 de Lemos
 Martins Escalhão (Manuel), cf. Manuel Martins
 Escalhão
 Martins Junqueiro (João), cf. João Martins
 Junqueiro
 Martins Marisco (Vicente), cf. Vicente Martins
 Marisco
 Martins Pica-peixe (Manuel), cf. Manuel
 Martins Pica-peixe
 Martins Porrinha (Vasco), cf. Vasco Martins
 Porrinha
 Mata de Lobos – 61
 Matos Barriga (Manuel), cf. Manuel de Matos
 Barrica (L.do)
 Mécia Afonso – 84
 Meimão – 45, 46
 Melo (Francisco de), cf. Francisco de Melo
 (conde, D.)
 Mem Domingues – 78
 Mem Gonçalves – 90
 Mendes (Domingos), cf. Domingos Mendes
 Mendes (Manuel), cf. Manuel Mendes
 Mendes (Rui), cf. Rui Mendes
 Mendes (Simão), cf. Simão Mendes

Mendes de Paiva (João), cf. João Mendes de Paiva

Mendes do Adro (Manuel), cf. Manuel Mendes do Adro

Meneses (Beatriz de), cf. Beatriz de Meneses (D.)

Meneses (Fernando de), cf. Fernando de Meneses (D.)

Mesquita (Francisco de), cf. Francisco de Mesquita

Mestre João – 85, 86

Mestre Paio – 70

Miguel Carlos de Távora – 140

Miguel do Azinal – 70

Miguel Martins – 78

Miguel Pinto (P.e) – 148

Misericórdia de Castelo Branco – 140, 141, 143, 145, 146, 149, 150

Moçambique – 131

Moimenta da Beira – 46, 49

[Moinho] (Porto do, Góis) – 119

Moinhos (caminho dos, Castelo Branco) – 147

Moledo (António Rodrigues), cf. António Rodrigues Moledo

Mondim – 46, 61

Monforte – 140

Monsaraz – 87, 89, 106

Monsaraz (Martim de), cf. Martim de Monsaraz

Monteiro de Sousa (José), cf. José Monteiro de Sousa

Mor Domingues – 74

Mor Esteves – 99, 100

Mor Vasques – 84

Morais (Maria de), cf. Maria de Moraes

Moreira (Cristóvão), cf. Cristóvão Moreira

Moreno (João), cf. João Moreno

Morgado da Torre do Bispo – 45, 46

Motrovegias (Évora) – 92, 96

Moura – 88

Moura (Tomé Álvares de), cf. Tomé Álvares de Moura

Mourão – 88

Mourão (Castelo Branco) – 143

Mouzinho (Gaspar), cf. Gaspar Mouzinho

Mouzinho Magro (Gaspar), cf. Gaspar Mouzinho Magro

N

Nagosa – 46

Namorado (herdade do, Celorico de Basto) – 104

Natal (dia de) – 102, 125

Navancha (Castelo Branco) – 143

Nereo (Domingos Gonçalves), cf. Domingos Gonçalves Nereo

Nicolau Ginori – 152, 153

Nicolau Joanes – 95, 96

Nicolau V – 17

Noronha (Afonso de), cf. Afonso de Noronha (D.)

Noronha (Guiomar de), cf. Guiomar de Noronha

Nossa Senhora (Castelo Branco) – 144

Nossa Senhora da Esperança – 169, 170

Nossa Senhora da Graça (Castelo Branco) – 142, 148

Nossa Senhora de Góis (Coimbra) – 117, 118, 120, 122, 123, 127

Nossa Senhora de Mércules (Castelo Branco) – 141, 142, 144, 145, 148

Nossa Senhora do Loreto (Lisboa) – 151-157

Nóvoa (Tristão da), cf. Tristão da Nóvoa

Numão – 46, 48, 49

Nunes (António), cf. António Nunes

Nunes (Domingos Vasques), cf. Domingos Vasques Nunes

Nunes (Gil), cf. Gil Nunes

Nunes (João), cf. João Nunes

Nunes (Pedro), cf. Pedro Nunes (F.e)

Nunes (Rui), cf. Rui Nunes

Nunes Bulhão (Manuel), cf. Manuel Nunes Bulhão (L.do)

Nunes de Torrozelo (António), cf. António Nunes de Torrozelo

Nunes de Travancinha (António), cf. António Nunes de Travancinha

Nuno Afonso – 83, 84

O

Odivelas – 77-79

Oliveira (Fernão de), cf. Fernão de Oliveira

Oliveira (Martinho de), cf. Martinho de Oliveira

Oliveira (Simão de), cf. Simão de Oliveira

Oliveira do Conde – 125

Olivieiri (Estêvão), cf. Estêvão Olivieri

Ordem de Cister – 78

Ordem de Santiago – 26, 63

Ormuz – 131, 132

P

Pacheca (Maria), cf. Maria Pacheca

Paço (Manuel Domingues do), cf. Manuel Domingues do Paço

Paço (quinta de) – 111-114

Paço da Madeira – 153

Padeira (João Afonso Cu de), cf. João Afonso Cu de Padeira

Paganelli (João Luís), cf. João Luís Paganelli

Pai Colcheiro – 72

Pai Peixeiro – 70

Paio (Mestre), cf. Mestre Paio

Pais (Beatriz), cf. Beatriz Pais

Pais de Portel (Vicente), cf. Vicente Pais de Portel

Paiva (João Mendes de), cf. João Mendes de Paiva

Palmela – 7

Pantalião de Teive – 142

Papa Lampreia (Góis) – 124

Parada de Ester – 46

Paredes da Beira – 46

Paul de Trava – 47, 52, 53

[Pavia] (João), cf. João [Pavia]

Pedra Alçada (Monsaraz) – 87-89

Pedra da Légua (Castelo Branco) – 149

Pedro Antunes da Louza – 143

Pedro de Aguilar – 30

Pedro de Bonhomini (João), cf. João Pedro de Bonhomini

Pedro de Figueiredo – 141, 144, 148

Pedro Duarte – 124

Pedro Duarte da Fonte – 150

Pedro Homem – 147

Pedro Magro – 142

Pedro Nunes (F.e) – 140, 149

Pedro Soeiro – 149

Pedro Tinhoso – 142

Pedro Vicente – 140, 141, 149

Pedro Vilela (P.e) – 140, 142, 144, 145, 147

Peixeiro (Pai), cf. Pai Peixeiro

Peliteiros (rua dos, Castelo Branco) – 144-146
 Penedo do Bicas (Castelo Branco) – 150
 Penedo Encavaleirado (Castelo Branco) – 150
 Penedono – 46
 Penela – 46, 49
 Pereira (António), cf. António Pereira
 Pereira da Silveira (Manuel), cf. Manuel Pereira da Silveira
 Pereiro (Castelo Branco) – 142
 Peres (Afonso), cf. Afonso Peres
 Peres (Constança), cf. Constança Peres
 Peres (Domingos), cf. Domingos Peres
 Peres (Esparto), cf. Esparto Peres
 Peres (Fernão), cf. Fernão Peres
 Peres (Francisco), cf. Francisco Peres
 Peres (Gonçalo), cf. Gonçalo Peres
 Peres (João), cf. João Peres
 Peres (Martim), cf. Martim Peres
 Peres (Soeiro), cf. Soeiro Peres
 Peres (Vasco), cf. Vasco Peres
 Peres Prego (Vicente), cf. Vicente Peres Prego
 Pero de Paiva – 72
 Pero de Tovar – 131
 Pero Domingues – 72
 Pero Duarte – 124
 Pero Formoso – 93
 Pero Gonçalves – 124
 Pero Tavares – 125
 Pero Varela – 137
 Perpétua de Sotomaior – 148
 Pica-peixe (Fernão Rodrigues), cf. João Rodrigues Pica-peixe
 Pica-peixe (Manuel Martins), cf. Manuel Martins Pica-peixe
 Piçarra do Alcaide (Castelo Branco) – 144

Picastel (Redondo) – 100
 Pina (Fernão de), cf. Fernão de Pina
 Pinhel – 54
 Pinto (Miguel), cf. Miguel Pinto (P.e)
 Pires (Afonso), cf. Afonso Pires
 Pires (Alexandre Aleixo), cf. Alexandre Aleixo Pires
 Pires (Branca), cf. Branca Pires
 Pires (João), cf. João Pires
 Poço (Castelo Branco) – 141, 149
 Polinho (Afonso Domingues), cf. Afonso Domingues Polinho
 Porrinha (Vasco Martins), cf. Vasco Martins Porrinha
 Porrito (Gonçalo Fernandes), cf. Gonçalo Fernandes Porrito
 Portel (Vicente Pais de), cf. Vicente Pais de Portel
 Portela (Góis) – 124
 Porto – 59
 Portugal – 25, 26, 36, 40, 43, 156
 Póvoa da Beira – 46
 Praia (vila da, Santiago, Cabo Verde) – 168
 Prego (Vicente Peres), cf. Vicente Peres Prego
 Preto (Manuel Fernandes), cf. Manuel Fernandes Preto

Q

Quaresma – 121

R

Rabasquero (Jerónimo Baltasar), cf. Jerónimo Baltasar Rabasquero
 Ramos (Fernão), cf. Fernão Ramos

Rato (Domingos Vasques), cf. Domingos Vasques Rato

Rato (Manuel Gomes), cf. Manuel Gomes Rato

Rebelo (Vicente), cf. Vicente Rebelo

Recagno (Bernardo), cf. Bernardo Recagno

Redondo – 74, 87-89, 99, 100, 105-106

Rei (João), cf. João Rei

Relação – 113

Relógio (porta do, Castelo Branco) – 146

Relógio (rua do, Castelo Branco) – 146

Renuccini (Marques Folco), cf. Marques Folco Renuccini

Requerido (João), cf. João Requerido

Riba Côa – 49, 52, 61

Ribas (freguesia de) – 110, 111

Ribas (lugar de) – 110, 111, 114

Ribas (quinta de) – 109-112

Ribas (Vasco Eanes de), cf. Vasco Eanes de Ribas

Ribatejo – 7

Ribeira da Liria (Castelo Branco) – 145

Ribeira da Ocreza (Alcains, Castelo Branco) – 144

Ribeira de Figueira (Évora-Monte) – 108

Ribeira de Pensul (Castelo Branco) – 145

Ribeira Grande (Santiago, Cabo Verde) – 159, 160

Ribeiro (Fernão), cf. Fernão Ribeiro

Ribeiro (Gaspar Gonçalves), cf. Gaspar Gonçalves Ribeiro

Ribeiro (Luís), cf. Luís Ribeiro

Ribeiro da Torre (Castelo Branco) – 146

Ribeiro da Velha (Castelo Branco) – 142

Ribeiro das Perdizes (Castelo Branco) – 148

Ribeiro de Ega (Castelo Branco) – 149

Ribeiro do Rassim (Castelo Branco) – 145

Ribeiro dos Simons (Castelo Branco) – 146

Ricardi (Marques Francisco), cf. Marques Francisco Ricardi

Ricardo José Francisco – 118

Riodades – 46

Roças (João de), cf. João de Roças

Roças (quinta de) – 113

Rodrigo Afonso – 82, 84

Rodrigo Aires de Açacar – 84

Rodrigo Eanes – 78, 98

Rodrigo Eanes Calça – 93

Rodrigo Magalhães – 142, 147

Rodrigo Tenreiro – 74, 83

Rodrigues (Agostinho), cf. Agostinho Rodrigues

Rodrigues (Alda), cf. Alda Rodrigues

Rodrigues (Ana), cf. Ana Rodrigues

Rodrigues (Bartolomeu), cf. Bartolomeu Rodrigues

Rodrigues (Domingos), cf. Domingos Rodrigues

Rodrigues (Francisco), cf. Francisco Rodrigues

Rodrigues (Jorge), cf. Jorge Rodrigues

Rodrigues (Lopo), cf. Lopo Rodrigues

Rodrigues (Luís), cf. Luís Rodrigues

Rodrigues (Mafalda), cf. Mafalda Rodrigues

Rodrigues (Manuel), cf. Manuel Rodrigues

Rodrigues (Manuel), cf. Manuel Rodrigues (F.e)

Rodrigues (Martim), cf. Martim Rodrigues

Rodrigues de Carvalho (Fernão), cf. Fernão Rodrigues de Carvalho

Rodrigues Moledo (António), cf. António Rodrigues Moledo

Rodrigues Pica-peixe (Fernão), cf. Fernão Rodrigues Pica-Peixe

Roma – 34

Roque Afonso – 126

Rosado Varela (Manuel), cf. Manuel Rosado Varela

Rossio (Évora) – 86

Rui Boto – 7

Rui Camposa – 96

Rui Gomes – 87-90

Rui Gonçalves – 98

Rui Mendes – 83

Rui Nunes – 124, 125

Rui Vasques – 83

S

Sabugal – 45-48, 59, 61

Sacavém – 78

Sachão (Castelo Branco) – 144

Salema (Manuel Correia de), cf. Manuel Correia de Salema

Salvado (indivíduo) – 70

Sanches (João), cf. João Sanches

Sanches (Manuel), cf. Manuel Sanches

Sancho Peres – 73

Santa Catarina do Monte Sinai (Lisboa) – 152, 154

Santa Clara (Guarda) – 59

Santa Coluna – 154

Santa Cruz (altar, Évora) – 82

Santa Justa (Évora) – 85, 86

Santa Margarida – 120

Santa Maria – 17, 82, 120, 121, 125, 126, 128, 169 (128)

Santa Maria (Castelo Branco) – 147

Santa Maria (Guimarães) – 109, 110, 114

Santa Maria (Monsaraz) – 90

Santarém – 49

Santo Agostinho (Joana de), cf. Joana de Santo Agostinho

Santo André (Castelo Branco) – 142

Santo António (baluarte de, Santiago, Cabo Verde) – 161

Santo António (Castelo Branco) – 141

Santo Ofício (Évora) – 153, 154, 156

Santos Fernandes – 142

São António (Ferreirim) – 61

São Bartolomeu – 48

São Bartolomeu (Castelo Branco) – 141, 143

São Bento de Cástris (Évora) – 83

São Bernardo – 28

São Brás (baluarte de, Santiago, Cabo Verde) – 162

São Cosmado – 46

São Cremenço (Galiza?) – 112

São Dinis (Odivelas) – 79

São Domingos (Castelo Branco) – 144

São Domingos (Évora) – 82, 83

São Filipe – 14

São Filipe (forte real de, Santiago, Cabo Verde) – 159, 160

São Francisco – 120

São Francisco (convento de, Santiago, Cabo Verde) – 169

São Francisco (Évora) – 82, 83

São Gens (Castelo Branco) – 148

São Giraldo (Castelo Branco) – 143

São Gregório (Évora) – 84

São João (Castelo Branco) – 143

São João Baptista (dia de) – 75, 86

São João de Alfarache (Sevilha) – 153, 154

São Lourenço (baluarte, Santiago, Cabo Verde) – 162

São Mamede – 72

São Martinho (Castelo Branco) – 148
 São Martinho de Mouros – 46, 61
 São Miguel (dia) – 142
 São Miguel de Acha (Castelo Branco) – 143
 São Sebastião – 122
 São Tiago (Cabo Verde) – 159, 160
 São Tiago (Galiza) – 84
 São Tiago (porta de, Castelo Branco) – 140
 São Veríssimo (baluarte de, Santiago, Cabo Verde) – 161
 São Vicente (Castelo Branco) – 143, 146
 São Vicente (Góis) – 119
 São Vicente da Beira (convento) – 140
 Sé (Évora) – 82-83
 Sebastian Martinez – 25
 Sebastião da Cunha – 149
 Sebastião de Valadares – 149
 Sebastião Gomes – 144
 Seca (Margarida), cf. Margarida Seca
 Sena Soares (Manuel da), cf. Manuel da Sena Soares
 Sendim – 46, 61
 Senhor dos Escalos de Cima (confraria do, Castelo Branco) – 146
 Sernancelhe – 46, 49, 60, 61
 Serra (Amaro da), cf. Amaro da Serra
 Serra da Cardoso (Castelo Branco) – 142
 Sevilha – 24, 153, 154
 Sibião Domingues – 125
 Silva (Bernardo da), cf. Bernardo da Silva
 Silva (José da), cf. José da Silva
 Silva Castelo Branco (Bernardo da), cf. Bernardo da Silva Castelo Branco
 Silva Castelo Branco (Gonçalo da), cf. Gonçalo da Silva Castelo Branco

Silva da Câmara (Tomás da), cf. Tomás da Silva da Câmara
 Silveira (Diogo da), cf. Diogo da Silveira (D.)
 Silveira (Gonçalo Eanes da), cf. Gonçalo Eanes da Silveira
 Silveira (Gonçalo Vasques da), cf. Gonçalo Vasques da Silveira
 Silveira (Leonor Gonçalves da), cf. Leonor Gonçalves da Silveira
 Silveira (Manuel Pereira da), cf. Manuel Pereira da Silveira
 Simão (José), cf. José Simão
 Simão (Manuel), cf. Manuel Simão
 Simão Caldeira Castelo Branco – 142, 145, 146
 Simão da Bagnano – 155, 157
 Simão da Costa Estação (D.r) – 141, 146
 Simão de Góis – 119
 Simão de Oliveira – 147
 Simão Fernandes – 127
 Simão Folgado – 141
 Simão Mendes – 142, 148
 Simão Vasques de Góis – 88
 Simão Vilela (José), cf. José Simão Vilela (P.e)
 Soares (Afonso), cf. Afonso Soares
 Soares (Joana), cf. Joana Soares
 Soares (Lopo), cf. Lopo Soares
 Soares (Manuel da Sena), cf. Manuel da Sena Soares
 Soeiro (Domingos), cf. Domingos Soeiro
 Soeiro (Pedro), cf. Pedro Soeiro
 Soeiro Domingos Esteves – 79
 Soeiro Peres – 78
 Sofala – 131
 Sotomaior (Catarina de), cf. Catarina de Sotomaior

Sotomaior (Luís de Valadares), cf. Luís de Valadares Sotomaior (D.r)

Sotomaior (Manuel de Valadares), cf. Manuel de Valadares Sotomaior

Sotomaior (Perpétua de), cf. Perpétua de Sotomaior

Sousa (José Monteiro de), cf. José Monteiro de Sousa

Sousa Brandão (Luís de), cf. Luís de Sousa Brandão

Soutelinho (quinta de) – 111-114

Souto – 46

Soutosa – 46

Spinelli (apelido) – 153

T

Tabuaço – 46

Tavares – 46, 61

Tavares (Pero), cf. Pero Tavares

Távora (Luís Álvares de), cf. Luís Álvares de Távora

Távora (Miguel Carlos de), cf. Miguel Carlos de Távora

Teive (Pantalião de), cf. Pantalião de Teive

Tempi (Beneditto), cf. Beneditto Tempi

Tempi (Francisco), cf. Francisco Tempi

Tenreiro (Rodrigo), cf. Rodrigo Tenreiro

Tentúgal (Conde de), cf. Conde de Tentúgal

Teodósio (D.) – 46

Terra de Sever – 46, 61

Terreirinho de Santo António (Lisboa) – 152, 154

Testa (Vasco Lourenço), cf. Vasco Lourenço Testa

Tinhoso (Pedro), cf. Pedro Tinhoso

Tomás da Silva da Câmara – 155

Tomás Fernando de Azevedo – 143, 147, 149

Tomé Álvares de Moura – 147

Torre (João Vicente da), cf. João Vicente da Torre

Torre do Bispo (Morgado da), cf. Morgado da Torre do Bispo

Torres Novas (Marquês de), cf. Marquês de Torres Novas

Torrozelo (António Nunes de), cf. António Nunes de Torrozelo

Toscano (António Fernandes), cf. António Fernandes Toscano

Tosco (Joana Jerónima), cf. Joana Jerónima Tosco (D.)

Tovar (Pero de), cf. Pero de Tovar

Traição (porta da, Castelo Branco) – 147

Trancoso – 45-49, 59-61

Travancinha (António Nunes de), cf. António Nunes de Travancinha

Trento (concílio de) – 154

Trevões – 46, 61

Tristão de Nóvoa – 137

Tudela (Fernão), cf. Fernão Tudela

Tudela de Castilho (Fernando), cf. Fernando Tudela de Castilho (D.r)

V

Valadares (João de), cf. João de Valadares

Valadares (Sebastião de), cf. Sebastião de Valadares

Valadares Sotomaior (Luís de), cf. Luís de Valadares Sotomaior (D.r)

Valadares Sotomaior (Manuel de), cf. Manuel de Valadares Sotomaior

Vale Afonsinho – 61

Vale Covo (Évora) – 92, 96

- Vale da Cardosa (Castelo Branco) – 147
- Vale da Falga (Castelo Branco) – 145
- Vale da Silveira (Castelo Branco) – 150
- Vale de Asna (Castelo Branco) – 143
- Vale de Burro (Guimarães) – 110
- Vale do Cabreiro (Castelo Branco) – 144, 148
- Vale do Lobo (Castelo Branco) – 143
- Vale Freoso (herdade de, Celorico de Basto) – 110-114
- Vale Travasso (Góis) – 124
- Valente da França (João), cf. João Valente da França
- Valentim Fernandes – 11-14, 21, 26, 27, 31, 34
- Valladolid – 25
- Valongo (Castelo Branco) – 144
- Valverde (Évora) – 102
- Vaquinhas (indivíduo) – 142
- Varela (Manuel Rosado), cf. Manuel Rosado Varela
- Varela (Pero), cf. Pero Varela
- Vasco Afonso – 81, 82, 100
- Vasco Domingues – 88, 89
- Vasco Durães – 92, 93, 96
- Vasco Eanes – 110
- Vasco Eanes de Ribas – 110
- Vasco Esteves – 70, 108
- Vasco Furtado – 78, 79
- Vasco Gonçalves – 111
- Vasco Lourenço Testa – 90
- Vasco Martins – 92, 92
- Vasco Martins Porrinha – 84
- Vasco Peres – 71, 72, 75, 88-90
- Vasques (Afonso), cf. Afonso Vasques
- Vasques (Constança), cf. Constança Vasques
- Vasques (Estêvão), cf. Estêvão Vasques
- Vasques (Fernão), cf. Fernão Vasques
- Vasques (Gonçalo), cf. Gonçalo Vasques
- Vasques (João), cf. João Vasques
- Vasques (Leonor), cf. Leonor Vasques
- Vasques (Manuel), cf. Manuel Vasques
- Vasques (Maria), cf. Maria Vasques
- Vasques (Mor), cf. Mor Vasques
- Vasques (Rui), cf. Rui Vasques
- Vasques Burefa (Domingos), cf. Domingos Vasques Burefa
- Vasques Burefa (Manuel), cf. Manuel Vasques Burefa
- Vasques da Cunha (Fernão), cf. Fernão Vasques da Cunha
- Vasques da Silveira (Gonçalo), cf. Gonçalo Vasques da Silveira
- Vasques de Freitas (D.) – 88, 93
- Vasques de Góis (Estêvão), cf. Estêvão Vasques de Góis
- Vasques de Góis (Simão), cf. Simão Vasques de Góis
- Vasques Nunes (Domingos), cf. Domingos Vasques Nunes
- Vasques Rato (Domingos), cf. Domingos Vasques Rato
- Vasques Vilela (Leonor), cf. Leonor Vasques Vilela
- Veiros (João de), cf. João de Veiros
- Velido (Domingos Fernandes), cf. Domingos Fernandes Velido
- Veloso (João), cf. João Veloso
- Verdelhão (Castelo Branco) – 146
- Vespasiano – 5, 13, 34
- Vicente (Gil), cf. Gil Vicente
- Vicente (João), cf. João Vicente
- Vicente (Lourenço), cf. Lourenço Vicente
- Vicente (Martim), cf. Martim Vicente

Vicente (Pedro), cf. Pedro Vicente

Vicente Albatonim (Gil), cf. Gil Vicente Albatonim

Vicente da Torre (João), cf. João Vicente da Torre

Vicente Domingues – 83, 84, 89

Vicente Eanes – 74, 75, 90

Vicente Eanes Bocarro – 78

Vicente Martins Marisco – 79

Vicente Pais de Portel – 70

Vicente Peres Prego – 78

Vicente Rebelo – 135

Vidigal (indivíduo) – 145

Vila Nova (Évora) – 74

Vila Nova de Foz Côa – 46, 48, 61

Vila Real (Casa de), cf. Casa de Vila Real

Vila Viçosa – 31, 87, 88

Vilar de Amargo – 61

Vilela (Ana), cf. Ana Vilela

Vilela (José Simão), cf. José Simão Vilela (P.e)

Vilela (Leonor Vasques), cf. Leonor Vasques Vilela

Vilela (Pedro), cf. Pedro Vilela

Viles de Cima (António), cf. António Viles de Cima

Vilhena (Filipa de), cf. Filipa de Vilhena (D.)

Vinha da Fonte dos Sapos (herdade da, Celorico de Basto) – 112, 113

Violante Barreda – 122

X

Xarrama (Évora) – 69, 70

Xavier de Araújo (Francisco), cf. Francisco Xavier de Araújo



CENTRO DE
ESTUDOS
HISTÓRICOS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA